UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

SUENIA DE FATIMA SILVA GALVÃO

INTERFACES CULTURAL, POLÍTICA E ORGANIZACIONAL DO PROJETO "CAMINHOS DO FRIO – ROTA CULTURAL" NO CONTEXTO DA REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO NO BREJO PARAIBANO

NATAL
2012

SUENIA DE FATIMA SILVA GALVÃO

INTERFACES CULTURAL, POLÍTICA E ORGANIZACIONAL DO PROJETO "CAMINHOS DO FRIO – ROTA CULTURAL" NO CONTEXTO DA REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO NO BREJO PARAIBANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção de título de mestre em Turismo na área de turismo e desenvolvimento e gestão.

Orientador: Mauro L.Alexandre, Dr

NATAL

2012

Catalogação da Publicação na Fonte.
UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA

Galvão, Suenia de Fatima Silva.

Interfaces cultural, política organizacional do projeto “caminhos do frio – rota cultural” no contexto da regionalização do turismo no brejo paraibano/ Suenia de Fatima Silva Galvão. - Natal, RN, 2012.

213 f.

Orientador: Profº Dr. Mauro Lemuel Alexandre.

Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-graduação em Turismo.

1. Turismo cultural - Dissertação. 2. Regionalização - Dissertação. 3. Desenvolvimento turístico – Brejo paraibano – Dissertação. 4. Planejamento turístico – Dissertação. I. Alexandre, Mauro Lemuel. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BS/CCSA CDU 338.48-6:7/8

FOLHA DE APROVAÇÃO/ ATA

SUENIA DE FATIMA SILVA GALVÃO

INTERFACES CULTURAL, POLÍTICA E ORGANIZACIONAL DO PROJETO "CAMINHOS DO FRIO – ROTA CULTURAL" NO CONTEXTO DA REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO NO BREJO PARAIBANO

Dissertação submetida ao programa de pós-graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como pré-requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Turismo, na área de turismo, desenvolvimento e gestão.

Natal, 07 de maio de 2012

_____

Mauro L. Alexandre, Dr.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Presidente

_____

Maria Lúcia Bastos Alves, Drª
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinadora

_____

Severino Alves de Lucena Filho, PHD
Universidade Federal da Paraíba
Examinador

Dedico este trabalho a mim mesma, ainda que sabendo dos riscos de incorrer no pedantismo, credito a conclusão desta dissertação e consequentemente deste mestrado a mim, pelo fato de ter sido eu a maior sacrificada e dedicada em todo o processo, não deixando de reconhecer todos os envolvidos neste processo, os quais menciono nos agradecimentos, mas sim, reconhecendo que certas coisas em minha vida devem-se primordialmente a minha devoção à academia e às minhas metas de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **DEUS**, todo poderoso, quem me deu a dádiva de uma vida plena e perfeita e proporcionou-me desenvolver todas as minhas faculdades biológicas, mentais, sociais e emocionais em plenitude, possibilitando assim desenvolver este trabalho científico de grande valor a minha pessoa.

Também agradeço à minha mãe **Josefa** (in memoriam), que apesar de não estar presente fisicamente em minha vida, mora em meu coração e guia-me com seus sábios ensinamentos. Obrigada mãe por investir tanto em mim, trabalho na esperança de ter respondido, pelo menos em parte, aos seus anseios.

Agradeço, sobretudo, a meu filho **Tales Henry**, que tanto foi sacrificado de meus cuidados e atenções como mãe, enquanto eu permanecia em outro estado a cursar o mestrado e que teve que aprender a ser independente tão precocemente. Espero que um dia possamos conversar sobre tudo isso que passamos e ter boas lembranças, pois saberemos a necessidade e os resultados advindos desta experiência.

À minha irmã **Sheylla**, que tanto me incentivou e apoiou nesta jornada, sabendo ela das desventuras e sacrifícios que são necessários neste processo, principalmente por estar longe de casa e dos familiares. Agradeço a você por tudo e até mesmo pelas fortes palavras de cobrança e "reclamações" pela ausência em meu lar, pois elas certamente surtiram efeito em minhas atitudes durante este processo acadêmico, que só você sabe da importância para nós, indo além do resultado profissional.

Aos meus **amigos**, que torceram por mim, compreenderam minha ausência e me auxiliaram muito durante estes 2 anos que estive ausente. A vocês gostaria de agradecer por toda a força que me deram e desculpar-me por minha chatice, falta de tempo, etc. Prometo tentar recompensar-lhes, rs.

Um especial agradecimento às pessoas que foram cruciais nas minhas idas e vindas de João Pessoa a Natal, cuidando de mim ao adoecer, incentivando-me a continuar quando minhas forças eram poucas, até mesmo fazendo conserto em minha casa, aguentando desabafo de pileque em dia de estresse (rsrsrrsr) ou cuidando de meu bem mais preciso: meu filho, como **Gracenilda, Walderedo, Marina, Lindonjohnson, Sr. Amaro,** entre outros.

Agradeço de todo o coração à **Maria de Fátima Aureliano**, que foi peça-chave na possibilidade de cursar este mestrado e consequentemente a conclusão desta dissertação. Obrigada Fátima, nada que eu faça será suficiente para expressar meu enorme agradecimento a ti em cuidar de maneira tão devotada de mim e de meu bem mais precioso – meu filho Tales – para que eu pudesse dedicar-me integralmente aos estudos do mestrado.

Agradeço ao meu nobre orientador, **Mauro Lemuel Alexandre**, a quem admiro como pessoa e como profissional. Obrigada pelas suas prontas e devidas intervenções como orientador presente no processo de construção do projeto de dissertação e da dissertação em si, o que muito ajudou na qualidade obtida pelo trabalho. Nunca esquecerei as discussões que tivemos para incluir, excluir ou alterar algo enquanto nossas mentes flutuantes buscavam pela simetria e alinhamento perfeitos do trabalho, visando a produzir um conhecimento realmente científico. Agradeço, sobretudo pelos ensinamentos humanísticos, que me fez refletir sobre questões pontuais em minha vida, contribuindo também em relação ao maior aprendizado do mestrado: o crescimento humano. Um afetuoso muito obrigada da sua orientanda teimosa e brigona, mas dedicada e comprometida e que aprendeu com o senhor algumas lições que levará para vida, como a de escutar mais antes de argumentar e de que o maior aprendizado do mestrado não foi dado através do livros e sim da vivência com cada singular pessoa com quem convivi este tempo.

Aos **professores do PPGTUR**, que tiveram relevância em meu aprendizado ao optarem por além de transmitir conhecimento produzir um novo conhecimento e aos demais funcionários do programa e da UFRN em geral. Em especial, aos professores que compuseram a banca de qualificação e de defesa, que me ajudaram a enxergar questões pontuais para a melhoria deste trabalho.

Aos meus **colegas de turma -** por compartilharem comigo este saboroso crescimento profissional e humanístico que o mestrado representa - Marcelo, Marília, Artur, Jefferson, entre outros. Em especial à Sylvanna por ter me acolhido tão bem numa hora tão difícil que foi minha chegada a Natal e a Tinho (José Agostinho) por ter dividido comigo esta experiência de ser um "forasteiro" em Natal e ter desenvolvido excelentes trabalhos comigo durante o mestrado além de uma amizade para toda a vida. Espero que todos nós possamos manter nossa amizade e parceria acadêmica para além deste momento.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Para o desenvolvimento de uma pesquisa eficiente, há um pressuposto básico: o pesquisador deve iniciar suas atividades guiado pelo espírito científico, tendo assim como resultado a construção do saber científico. Foi este espírito que me guiou ao desenvolvimento deste trabalho, levando-me a orgulhar-me em reconhecer que eu fiz ciência.

E a cultura? Afinal qual a definição de cultura encontrada aqui? Para mim a cultura é algo intrínseco ao nosso ser, que nos define; se não como participante social, mas, sobretudo como ser humano. Assim, o turismo apresenta-se muito mais do que uma atividade econômica e sim como um mecanismo acelerador das transformações culturais que vivenciamos.

Suenia Galvão (2011)

GALVÃO, Suenia de Fatima Silva. **Interfaces cultural, política e organizacional do Projeto "Caminhos do Frio – Rota Cultural" no contexto da regionalização do turismo no Brejo Paraibano**. 2012. 213p. Dissertação (Programa de Pós-graduação em turismo-stricto sensu). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil, 2012.

RESUMO

O presente estudo consiste na análise das interfaces cultural, política e organizacional do projeto "Caminhos do Frio - Rota Cultural" no contexto da regionalização do turismo no Brejo Paraibano e apresenta a caracterização, roteirização e inventariamento dos 6 municípios componentes do projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural, a identificação dos elementos culturais de uso turístico utilizados na roteirização do Brejo, a investigação da articulação política e organizacional do projeto e a verificação da participação de cada agente produtor do turismo resultante no desenvolvimento do Brejo Paraibano. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, de caráter qualitativo, que utiliza-se do paradigma interpretativista para realizar uma análise do ambiente no qual ocorre a regionalização do turismo no Brejo da Paraíba e como os atores sociais participam do processo, de forma a buscar o desenvolvimento da região através da cultura e turismo, com a coleta in loco nos 6 municípios partícipes do Projeto coletadas através de entrevistas aos gestores, comunidade, órgãos públicos e trade turístico, além do uso da técnica da observação direta. Desta feita, com a análise dos dados pôde-se estabelecer a situação da produção cultural e turística e seu desenvolvimento na região do Brejo (PB), onde a cultura apresenta-se um instrumento desenvolvimentista dentro da atividade turística devido ao seu potencial de inovação. Foi possível ratificar a inquestionável vocação do turismo cultural da região em questão, já sendo desenvolvidos outros projetos com a utilização dos recursos culturais tendo uma forte influência nas políticas do turismo regional. Assim, como principal resultado vê-se que o desenvolvimento regional desencadeou um processo de refuncionalização/ reapropriação do espaço que acabou reconstruindo uma nova ordenação territorial através do desenvolvimento de uma autonomia regional de gestão, de uma capacidade de apropriação e uso coletivo do excedente econômico, de um processo espontâneo de inclusão social, assim como de conscientização e mobilização turística (mesmo que inicial e tímido), de uma valorização dos bens naturais e culturais por todos os agentes envolvidos e principalmente de uma identificação da população com sua região e sua cultura, pois para se atingir o desenvolvimento regional não basta apenas o incremento econômico, mas, sobretudo a promoção dos fatores sociais endógenos como a mudança nos valores sociais e culturais e a integração dos atores sociais neste processo. Por fim, levando-se em conta as definições de sustentabilidade, considera-se que não se pode afirmar que o modelo de desenvolvimento visto no Brejo Paraibano é sustentável, porém é um modelo de desenvolvimento regional baseado nas características singulares que cada município possui e que cria uma identidade regional e têm correspondido às expectativas/ resultados almejados e, portanto, a viabilidade da região ao desenvolvimento através do turismo cultural ficou comprovada.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo. Cultura. Regionalização. Brejo Paraibano. Caminhos do Frio – Rota Cultural.

GALVÃO, Suenia Fatima Silva. **Cultural, political and organizational interfaces of "Caminhos do Frio- Rota Cultural" Project in the context of tourism regionalization in Brejo Paraibano**. 2012. 213p. Master Dissertation (Post Graduation Program in Tourism - strict sense). Federal University of Rio Grande do Norte, Brazil, 2012.

ABSTRACT

This study is the analysis of cultural, political and organizational interfaces of "Caminhos do Frio – Rota Cultural" Project in the context of tourism regionalization in Brejo Paraibano and it presents the characterization, routing and inventory of six municipalities of the Project, as well as the identification of cultural elements used for tourist in the routing of the pond, the investigation of political and organizational articulation and the verification of participation of each producing agent in the development of tourism resulting from the swamp of Paraiba. This is a qualitative descriptive and exploratory study, which makes use of the interpretive paradigm to perform an analysis of the environment where occurs the regionalization of tourism in Brejo of Paraíba and the social actors involved in this process in order to pursue development of the region through culture and tourism, with the collection spot in the six counties of the Project participants collected through interviews with managers, community, government agencies and tourist trade, and the use of the technique of direct observation. This time, with the data analysis it was possible to establish the production situation and its cultural and tourist development in the region of Brejo (PB), where culture has become a developmental tool within the tourism industry due to its innovation potential. It was possible to ratify the undisputed vocation of cultural tourism in the region in question, since other projects being developed with the use of cultural resources with a strong influence on the policies of regional tourism. Thus, the main result was that was seen is that the regional development has triggered a refunctionalisation / reappropriation of space just rebuilding a new territorial organization through the development of a regional autonomy of management, a capacity of collective ownership and the use of economic surplus, a spontaneous process of social inclusion as well as awareness and mobilization tourist (even if initial and shy), an appreciation of natural and cultural assets for all stakeholders and especially identification of the population with its region and its culture, as to achieve regional development is not enough to increase the economic, but above all the promotion of endogenous social factors such as changes in social and cultural values and the integration of social actors in this process. Finally, taking into account the definitions of sustainability, it is considered that cannot be said that the development model seen in the swamp of Paraiba is sustainable, but it is a model of regional development based on the unique characteristics that each municipality has and create a regional identity and have correponded expectations / desired results and therefore the viability of the region through the development of cultural tourism was proven.

KEYWORDS: Tourism. Culture. Regionalization. Brejo. Caminhos do Frio - Rota Cultural.

GALVÃO, Suenia de Fatima Silva. **Interfaces cultural, política y organizacional del Proyecto "Caminos del Frío – Ruta Cultural" en el contexto de la regionalización del turismo en el Brejo Paraibano**. 2012. 213p. Tesis (Programa de Posgrados en turismo-stricto sensu). Universidad Federal de Rio Grande del Norte, Brasil, 2012.

RESUMEN

El presente estudio consiste en el análisis de las interfaces político, cultural y organizacional del proyecto "Caminos del Frío - Ruta Cultural" en el contexto de la regionalización del turismo en el Brejo Paraibano además, presenta la caracterización de los elementos culturales de uso turístico utilizados dentro de la ruta y el inventario de los 6 municipios que hacen parte del proyecto. De otra parte, también se realizó la investigación de la articulación política y organizacional del proyecto y la verificación de la participación de cada agente productor del turismo resultante en el desarrollo del Brejo Paraibano. Este estudio utiliza la metodología descriptiva-exploratoria de carácter cualitativo, que utiliza el paradigma interpretativista para realizar un análisis del ambiente en el cual se desenvuelve la regionalización del turismo en el Brejo Paraíbano, y como los actores sociales participan del proceso de tal forma que se fomente el desarrollo de la región a través de la cultura y turismo. Se colectaron datos a través de la aplicación de entrevistas a los gestores, la comunidad, los órganos públicos y el trade turístico de los 6 municipios, además del uso de la técnica de observación directa. Una vez realizado el análisis de los datos obtenidos se pudo establecer la situación de la producción cultural y turística y su desarrollo en la región del Brejo (PB), donde la cultura se presenta como un instrumento de desarrollo dentro de la actividad turística debido a su potencial de innovación. Por otro lado, fue posible ratificar la incuestionable vocación del turismo cultural de la región, ya siendo desarrollados otros proyectos con la utilización de los recursos culturales teniendo una fuerte influencia en las políticas de turismo regional. Así, se puede observar que el resultado principal es que se desencadenó un proceso de reapropiación del espacio, que acabó reformando el ordenamiento territorial a través del desarrollo de la gestión autónoma regional, que también repercute en la capacidad de asimilación y el uso colectivo del excedente económico y un proceso espontáneo de inclusión social, así como la concientización y movilización turística (todavía incipiente y tímida), de una valorización de los bienes naturales y culturales por todos los agentes involucrados y principalmente de una identificación de la población con su región y su cultura, pues para alcanzar este desarrollo regional no basta apenas con el incremento económico, y si, con el fomento de los factores sociales endógenos como la mudanza en los valores sociales y culturales y la integración de los actores sociales en este proceso. Finalmente, teniendo en cuenta las definiciones de sostenibilidad, se considera que no se puede afirmar que el modelo de desarrollo visto en el Brejo Paraibano es sostenible, pero es un modelo de desarrollo regional basado en las características singulares que cada municipio tiene creando una identidad regional que corresponde a los resultados esperados y por tanto, la viabilidad de la región al desarrollo a través del turismo cultural fue comprobada.

PALABRAS-CLAVE: Turismo. Cultura. Regionalización. Brejo Paraibano. Caminos del Frío – Ruta Cultural.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APLs – Arranjos Produtivos Locais

ATLAS – Associação de Educação em Turismo e Lazer

FRG - Festival Regional de Gastronomia

FRTSB/PB - Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano

GEOR – Gestão Estratégica Orientada para Resultados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ISTC – Confederação de Viagens Estudantis

MDHs – Meios de Hospedagem

MPEs – Micro e Pequenas Empresas.

MTur – Ministério do Turismo

PAC - Programa de Aceleração do Crescimento

PRT – Programa de Regionalização do Turismo

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UNESCO – Organização das Nações Unidas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Representação gráfica do conceito de cultura de Edward Tylor.....24
Figura 2: Agentes da gestão participativa na governança do turismo local/ regional..... 51
Figura 3: Mapa do Brejo Paraibano..... 60
Figura 4: Cidade de Areia – Patrimônio Histórico Nacional.....62
Figura 5: Bar do Chifre.....65
Figura 6: Cidade de Bananeiras 66
Figura 7: Antiga Estação Ferroviária de Bananeiras e Túnel.....69
Figura 8: Cachoeira do Roncador/ Bananeiras - PB.....70
Figura 9: Cidade de Alagoa Grande 71
Figura 10: Teatro Santa Ignez/ Alagoa Grande - PB.....72
Figura 11: Memorial Jackson do Pandeiro – Alagoa Grande - PB.....73
Figura 12: Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos – Alagoa Grande - PB..... 74
Figura 13: Cidade de Alagoa Nova..... 75
Figura 14: Engenho Serra Limpa – Alagoa Nova - PB..... 78
Figura 15: Cidade de Pilões 79
Figura 16: Cooperativa de Flores de Pilões/ Pilões- PB..... 82
Figura 17: Engenho Boa Fé/ Pilões - PB..... 83
Figura 18: Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus / Pilões - PB..... 83
Figura 19: Procissão Sexta-feira Santa/ Pilões - PB..... 84
Figura 20: Festival Regional de Gastronomia – Pilões/PB 85
Figura 21: Cachoeira Ouricuri– Pilões/PB..... 86
Figura 22: Serraria 86
Figura 23: Igreja Sagrado Coração de Jesus – Serraria- PB..... 88
Figura 24: Artesanato/ Serraria- PB..... 89
Figura 25: Engenho Baixa Verde/ Serraria - PB..... 90
Figura 26: Engenho e Pousada Laranjeiras/ Serraria-PB..... 91
Figura 27: Estabelecimento de A & B/ Serraria - PB..... 97
Figura 28: Meios de Hospedagem / Areia - PB..... 98
Figura 29: Engenho Martiniano / Serraria – PB.....102
Figura 30: Cachaça Volúpia/ Alagoa Grande - PB.....103
Figura 31: Tematização e atividades do Projeto Caminhos do Frio..... 109
Figura 32: Teatro Minerva/ Areia - PB..... 114

Figura 33: Apresentação de Banda Marcial/ Pilões - PB..... 116
Figura 34: Apresentação de Grupo Folclórico/ Serraria - PB..... 116
Figura 35: Literatura de Cordel / Pilões - PB..... 117
Figura 36: Apresentação do Grupo de Xaxado/ Serraria- PB..... 119
Figura 37: Crianças com vestimentas típicas/ Serraria – PB..... 120
Figura 38: Festival Regional de Gastronomia – 4ª edição (2011).....122
Figura 39: Peteca – prato típico de Bananeiras baseado em banana e mel de rapadura..... 123
Figura 40: Festival Regional de Gastronomia – Areia..... 125
Figura 41: Festival Regional de Gastronomia – Alagoa Grande..... 126
Figura 42: Festival Regional de Gastronomia – Alagoa Nova..... 127
Figura 43: Festival Regional de Gastronomia – Bananeiras..... 128
Figura 44: Festival Regional de Gastronomia – Pilões..... 129
Figura 45: Festival Regional de Gastronomia – Serraria..... 130
Figura 46: Restaurante Banguê – Cachaça Volúpia..... 131
Figura 47: Cachaças do Brejo Paraibano..... 133
Figura 48: Sorvete Triunfo..... 133
Figura 49: Salão do Artesão de Alagoa Grande – Mãos Jacksonianas..... 136
Figura 50: Artesanato Brejeiro – Alagoa Grande..... 136
Figura 51: Salão do Artesanato Maria Alice da Costa César – Alagoa Nova..... 138
Figura 52: Produtos Artesanais – Alagoa Nova..... 138
Figura 53: Casa do Turista – Bananeiras..... 139
Figura 54: Chaveiro da Cachaça Serra Preta..... 140
Figura 55: Lembrança de Jackson do Pandeiro..... 140
Figura 56: Shows culturais..... 142
Figura 57: Oficinas de Música..... 143
Figura 58: Oficinas de Arte..... 143

Quadro 1: FRG AREIA..... 124
Quadro 2: FRG ALAGOA GRANDE..... 125
Quadro 3: FRG ALAGOA NOVA..... 127
Quadro 4: FRG BANANEIRAS..... 128
Quadro 5: FRG PILÕES..... 129
Quadro 6: FRG SERRARIA..... 130
Quadro 7: Agentes Produtores do Turismo do Brejo Paraibano..... 149
Quadro 8: confronto de visões pesquisadora X turista no roteiro Caminhos do Frio..... 152

Tabela 1: Tabela de equipamentos turísticos do Brejo Paraibano..... 102

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 16

2 TURISMO E SUAS INTERFACES NA BUSCA DA REGIONALIZAÇÃO 23

2.1 CULTURA E TURISMO..... 23

2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS DE TURISMO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL 32

2.3 PROCESSO DE REGIONALIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DOS AGENTES PRODUTORES DO TURISMO..... 37

2.4 PLANEJAMENTO E GERENCIAMENTO DE PROJETOS TURÍSTICO CULTURAIS..... 47

3 METODOLOGIA 54

4 O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO BREJO PARAIBANO ATRAVÉS DO PROJETO CAMINHOS DO FRIO – ROTA CULTURAL.. ... .60

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO E DOS MUNICÍPIOS PARTÍCIPES DO PROJETO 60

4.2 INVENTÁRIO E ANÁLISE DA INFRAESTRUTURA DA REGIÃO 92

4.2.1 **Infraestrutura Básica** 92

4.2.2 **Estrutura de Apoio**..... 95

4.2.3 **Equipamentos Turísticos**..... ... 96

4.3 ROTEIRIZAÇÃO DA REGIÃO 108

4.3.1 **Elementos culturais de uso turístico utilizados na roteirização do Brejo**..... .. 109

4.4 ASPECTOS POLÍTICOS E ORGANIZACIONAIS: ARTICULAÇÃO POLÍTICA E GOVERNANÇA DO PROJETO 141

4.5 PARTICIPAÇÃO DOS AGENTES PRODUTORES DO TURISMO NO BREJO PARAIBANO 148

4.6 VISÕES DIVERSAS DA PESQUISA 152

4.7 POTENCIALIDADES E VOCAÇÕES/ FRAGILIDADES E PROBLEMAS DO PROJETO..... 154

4.8 RESULTADOS E RECOMENDAÇÕES 158
4.9 RELAÇÃO TEORIA E RESULTADOS ALCANÇADOS 163

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 166
REFERÊNCIAS
APÊNDICES
ANEXOS

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMÁTICA

Em meados de 1958, no governo do então presidente Juscelino Kubitschek, o Brasil começa a investir em programas de turismo de acordo com um modelo desenvolvimentista basicamente econômico, voltado para o que era feito no exterior. Desta forma, as políticas públicas de turismo surgem à margem da política de turismo. Entretanto, a partir da crise econômica no início dos anos 1980, o Brasil foi palco de uma mudança estrutural fundamental para a constituição da organização socioeconômica e política atual, tendo a economia brasileira sofrido um momento de recessão e de grande instabilidade em decorrência da crise do modelo fordista que se instalou no país.

Neste contexto, como solução para a dinamização da economia do país, novos segmentos produtivos foram instalados, sendo a década marcada pelo início de uma articulação entre turismo e novas formas de desenvolvimento da atividade. Devido à percepção por parte do governo acerca do enorme potencial que a atividade apresentava, esta passou a ser foco de uma política de turismo que visa a geração de emprego e renda, sendo indicada como uma possível alternativa de desenvolvimento de regiões em todo o país, em especial, a região nordeste.

Em resposta ao movimento internacional da década de 1990, no qual se discutia sobre o desenvolvimento sustentável, diversos agentes sociais começaram a articularem-se de forma mais consistente, influenciados pela tendência internacional de prerrogativa de inserção nos parâmetros do mundo ocidental, que enfrentava uma crise econômica global localizada na esfera produtiva e assim procurava por alternativas para o desenvolvimento. Isto resultou numa série de debates por parte da sociedade civil, sobretudo das organizações não governamentais que tiveram papel preponderante neste debate, a exemplo da ECO-92, que tinha a intenção de introduzir a ideia do desenvolvimento sustentável através de um modelo de crescimento econômico menos consumista e mais desenvolvimentista.

Um importante evento que representa um marco para a mudança no modelo do desenvolvimento do turismo foi a Conferência Mundial de Turismo, ocorrida nas Filipinas em 1990. Nesta conferência recomendou-se a adoção de modelos mais coerentes com as tendências de desenvolvimento mundial, pregando a observação às questões ambientais e o respeito às diferenças sociais e culturais dos povos e nações, assim como a criação de novos

produtos segmentados e diferenciados e a integração da comunidade local no processo de desenvolvimento da atividade turística.

Além disto, foi nesta época, governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, que ocorre uma aproximação da academia com os órgãos municipais, estaduais e federais do turismo como o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) e assim são possibilitadas discussões sobre a Política Nacional de Turismo, principalmente visando alargar a visão sobre a multidimensionalidade do fenômeno turístico.

Essa tendência trouxe para o Brasil novas perspectivas acerca da formação estrutural, tendo como fundamental as ideias de participação política, econômica e sociocultural, que colocou a esfera produtiva num constante processo de mutação e reestruturação e visualizou no setor de bens e serviços a resposta a inclusão nas tendências globais. Diante de tais perspectivas, a atividade turística passa a ser encarada como uma alternativa econômica capaz de erguer a economia brasileira, através de seu potencial de alavancar o desenvolvimento de uma região.

E, com a chegada dos resultados, veio também a constatação de que além de econômicos, a atividade trazia benefícios sociais e culturais ao país. Assim, percebeu-se que para desenvolver-se de uma forma completa, a atividade teria que abranger todas as faces de seu entrelaçamento na sociedade para atingir o êxito, levando a uma nova concepção de totalidade abrangente e, dessa maneira, o foco cultural passa a apresentar-se como ferramenta desenvolvimentista que abrange as várias faces do homem enquanto cidadão (face econômica, política, social, cultural), implicando políticas valorizadoras de ações culturais para atingir o desenvolvimento de uma região.

A cultura, neste caso, passa a ser utilizada como recurso para a atividade turística e como indutora no processo de desenvolvimento, tendo que contemplar sua possibilidade de transformação social no modelo desenvolvimentista que o país precisa, requisitado e discutido pelo setor público, o setor privado e os representantes da sociedade. Conforme a Organização Mundial de Turismo (1998) este modelo deve refletir num plano de desenvolvimento turístico que integre todos os aspectos, sejam eles recursos humanos, econômicos, ambientais e socioculturais, possibilitando uma gestão nacional que evite o desenvolvimento desequilibrado.

Portanto, pode-se perceber que a relação cultura e turismo apresenta-se como instrumento desenvolvimentista e que cada vez mais são necessários projetos que materializem-se em políticas públicas de cultura sintonizadas com a dinâmica cultural de cada região, respeitando a identidade cultural e a inclusão social dos agentes envolvidos no

processo de desenvolvimento, para que o fenômeno turístico releve-se como alternativa para o desenvolvimento socioeconômico da nação e como forma de diminuir ou amenizar as disparidades econômicas e sociais existentes na sociedade.

Para isso, a formulação das políticas públicas de turismo deve pressupor a identificação dos diferentes atores e interesses participantes no desenvolvimento turístico, traçando o conjunto de princípios, diretrizes e objetivos que irão delinear a atuação na área, de forma democrática e participativa. Portanto, deve-se considerar as diferenças regionais, a diversidade cultural, a vontade política dos gestores públicos, a capacidade de envolvimento de recursos humanos do setor, os recursos financeiros, materiais e os equipamentos disponíveis coerentes com a capacidade individual e coletiva que cada região apresenta.

Consonante com esse movimento e juntamente com a evolução da atividade turística em todo o mundo, o princípio norteador deste trabalho é o entendimento de que o Turismo desenvolve-se, em meio a esta tendência, como instrumento de relevante significância para alcançar o desenvolvimento do país. Para isso o governo, em âmbito nacional, estadual e municipal, vem apresentando, através de propostas governamentais, uma preocupação em como o turismo pode contribuir com a solução dos problemas do país, incluindo a cultura, de modo a promover um processo desenvolvimentista, e mostrando que é possível um turismo cultural garantidor da sustentabilidade de uma região, não restringindo-se apenas a aspectos econômicos, mas respeitando os cidadãos e as comunidades locais na identificação ou valorização da identidade cultural.

A partir daí, faz-se necessário construir uma intervenção conciliatória das propostas traçadas inicialmente com a realidade socioeconômica da região a ser incluída no processo de turistificação criando uma identidade única e um gerenciamento bem planejado da mesma. Essa revelação sobre como o turismo faz parte do processo de construção da identidade da região visa, além de servir como base para o desenvolvimento do turismo regional, também revelar os elementos a serem trabalhados para alcançar este desenvolvimento, pautados no modelo de regionalização trabalhado pelo Ministério do Turismo no Programa de Regionalização do Turismo (PRT).

Neste contexto, o presente estudo examina como estas questões podem ser trabalhadas na região turística do Brejo Paraibano, que vem desenvolvendo a atividade turística pautada nos aspectos regionais, levando em consideração sua identidade cultural e seu foco preservacionista ao pensar ações de cunho turístico na região. Mostra a compreensão de elementos voltados ao uso da política, da cultura e do gerenciamento turístico, fomentando o desenvolvimento do turismo na região do Brejo Paraibano através do PRT.

Para isto, faz-se importante a definição da visão a qual os termos trabalhados neste estudo se apresentam, iniciando por INTERFACE como um elemento que proporciona uma ligação física ou lógica entre dois sistemas ou partes de um sistema que não poderiam ser conectados diretamente, em que ocorre uma integração, uma ligação intrínseca que é trabalhada neste estudo através da relação político-cultural com o turismo. Também tem-se CULTURA como cabedal de conhecimentos de uma pessoa ou grupo social, que é visto no projeto através do conjunto de comportamentos, crenças, conhecimentos, costumes que são apresentadas no complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas, entre outras, na região. Seguido de POLÍTICO que é relativo ou pertencente à política, aos negócios públicos, ao governo, ocupando-se de assuntos públicos para o interesse comum da cidadania e que revela-se neste estudo como uma das formas que o projeto é analisado. ORGANIZACIONAL para fins deste trabalho refere-se ao ato ou efeito de organizar (-se) através de uma estrutura regular, ligada à realização de ações de interesse social, político através de uma instituição, órgão, organismo, ou sociedade. O termo PROJETO também recebe atenção neste estudo, sendo visto como a descrição escrita e detalhada de um plano a ser realizado, com delineamento desde o planejamento, passando pela execução e continuando no gerenciamento do mesmo. CONTEXTO é outra palavra definida aqui para maior compreensão do leitor, a qual trata-se do ambiente que será investigado pelo estudo e sua inter-relação com as circunstâncias que acompanham as ações lá ocorrida que são advindas do circuito. Fechando esta etapa de definição trabalha-se o termo REGIONALIZAÇÃO, que refere-se à organização por regiões, conferindo a um espaço maior autonomia (política, econômica, administrativa) em relação ao poder central devido às suas características comuns como aspectos regionais, localização geográfica, entre outras, que sugerem um agrupamento exitoso e que no caso deste estudo pauta-se no Programa de Regionalização do Turismo do Ministério do Turismo como base para na análise do processo na região do Brejo Paraibano[1].

Através da análise do Projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural, mostra-se neste estudo a ação dos municípios partícipes do projeto (Areia, Bananeiras, Alagoa Nova, Alagoa Grande, Serraria e Pilões), em desenvolverem uma estratégia em torno dos bens culturais em comuns, refletindo as atuais políticas públicas de turismo, fazendo surgir a seguinte pergunta-problema: De que forma as interfaces cultural, política e organizacional do Projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural levou ao processo de regionalização do turismo no Brejo Paraibano?

[1] A definição destes termos advém de uma lógica semântica e não conceitual, partindo do Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0

1.2 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Estudos sobre cultura e políticas públicas culturais no Brasil não são raros, pois o assunto desperta interesse internacional, a exemplo da UNESCO[2], que tem a cultura como pauta desde meados dos anos 1980. Desde então, vem evoluindo seu pensamento, assume que a mesma agrega conceituações que interagem diretamente com a palavra desenvolvimento e entende que não é mais possível haver desenvolvimento sem a compreensão do processo cultural no mesmo.

A partir desta premissa, é importante que os estudiosos do turismo preocupem-se cada vez mais com o fenômeno turístico como principal ferramenta para o desenvolvimento econômico e social de uma nação e para tanto eles precisam assegurar que a população local participe dos benefícios que o turismo possa oferecer, já que este pode possibilitar e estimular a preservação da identidade do país, criando condições para a valorização da arte, do artesanato, das manifestações culturais, tradições, costumes locais, entre outras ações de preservação do patrimônio cultural.

Estudos sobre o planejamento turístico mostram menção a variadas formas de desenvolver turisticamente um espaço, dentre eles teorias como o Modelo de Viagem Recreativa e Excursionista de Campbell (1976), o Modelo de Desenvolvimento Turístico de Miossec (1976), a Teoria da Representação Básica do Sistema Turístico de Leiper (1981) e o Modelo de Sistema Turístico baseado na Relação Oferta-Demanda de Boullón (2002), tendo este último influenciado a política pública do turismo em toda a América Latina, em especial o Brasil, através da EMBRATUR e do Ministério do Turismo (MTur), que desenvolveu vários de seus programas e planos pautados no modelo de regionalização do autor, a exemplo do Projeto de Regionalização do Turismo.

Este trabalho sugere então, através da valorização da produção cultural da Paraíba, conhecer o processo de desenvolvimento turístico da região do Brejo, em especial, analisando-se a construção e o gerenciamento do projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural, que vem desenvolvendo o turismo através da sua elevada potencialidade cultural, fomentando a atividade no Estado, desde 2006, utilizando-se do interesse na produção e conservação das características culturais regionais como ferramenta primordial para o seu desenvolvimento, unindo-se a isso a aplicação da roteirização sugerida pelo MTur pautada na regionalização.

[2] A sigla UNESCO significa *United Nation for Educational, Scientific and Cultural Organization* (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas), organismo integrado na Organização das Nações Unidas (ONU), criado, em 1946, a fim de promover a paz mundial, através da cultura, educação, comunicação, as ciências naturais e as ciências sociais.

O roteiro cultural Caminhos do Frio – Rota Cultural reuni 6 (seis) cidades do Brejo Paraibano e está inserido no roteiro "Civilização do Açúcar", que compreende os Estados da Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Esse roteiro tem seu ápice nos meses de julho e agosto, na estação do inverno, e tem como principal característica a baixa temperatura tornando a região mais atraente e agradável unindo-se a herança cultural encontrada na região.

Além de trazer eventos relacionados à cultura e a realização de feiras, cursos, oficinas e palestras, compreendidos entre os meses supracitados, trazem para a região um significante fluxo de turistas que estão em busca de lazer, descanso e de relacionar-se com a comunidade local e suas características peculiares. Mais que isso, aquece a economia da região e divulga a localidade, que entra em um dos roteiros mais procurados da Paraíba, apresentando relevantes dados para região, com uma movimentação na economia dos municípios, apresentada por um incremento de aproximadamente cento e vinte mil reais (R$ 120.000,00) por município e um total de setecentos e vinte mil (R$ 720.000,00) para toda a região. (GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA, 2007).

A inexistência de abordagens regionais sobre o turismo na Paraíba, bem como estudos sobre o desdobramento de políticas para a atividade (especialmente regional) constituíram fatores motivacionais para a realização deste estudo, sendo este então, relevante por oferecer subsídios à academia, aos órgãos públicos, ao setor privado e à sociedade em geral, sobre como desenvolver-se através das potencialidades da sua região. A justificativa deste trabalho, portanto, permeia o entendimento da urgência de ações voltadas para o estudo e aprofundamento na temática, que respondam com competência aos desafios do setor turístico face à sua contribuição sociocultural e econômica ao país, através do oferecimento de diversos elementos com um olhar crítico, analítico, teórico e metodológico, que condiz com a realidade turística nacional, regional e local.

Justifica-se ainda pela relação pessoal da pesquisadora com a temática, desempenhando esta, dois papéis neste sentido, o de "participante" tendo feito parte de movimentos culturais (grupo para-folclórico) no estado, e o de "pesquisadora", estando ela incluída no âmbito acadêmico e desenvolvendo trabalhos na área cultural desde o início de sal trajetória acadêmica, mostrando conhecimento empírico com o tema abordado. Assim, a realização deste trabalho, pautada nos aspectos de planejamento e gestão dos municípios na região do Brejo Paraibano, faz-se crucial para promover o turismo regional, o que necessitará o conhecimento da dimensão da realidade a se intervir, além de uma análise aprofundada no projeto.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar as interfaces cultural, política e organizacional do projeto "Caminhos do Frio - Rota Cultural" no contexto da regionalização do turismo no Brejo Paraibano.

1.3.2 Objetivos Específicos

a) Caracterizar os municípios componentes do projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural;
b) Inventariar e analisar a infraestrutura básica, turística e de apoio dos municípios incluídos no projeto;
c) Mostrar a roteirização turística dos municípios partícipes do Projeto;
d) Identificar os elementos culturais de uso turístico utilizados na roteirização do Brejo;
e) Investigar a articulação política e os aspectos organizacionais (concepção, finalidade, objetivos, execução) no gerenciamento do projeto;
f) Verificar a participação de cada agente produtor do turismo do Brejo Paraibano;
g) Levantar os resultados e impasses/ problemas encontrados no projeto.

2 TURISMO E A INTERFACE CULTURAL E POLÍTICA NA BUSCA DA REGIONALIZAÇÃO

2.1 CULTURA E TURISMO

O turismo cultural como um dos segmentos que mais tem crescido no setor turístico tem desempenhado importante papel econômico, social e cultural em vários países. Keller (1999) coloca que a contribuição que o turismo pode trazer varia de acordo com o nível de desenvolvimento de cada país, tendendo a ser mais importante nos países emergentes. No caso do Brasil, corroborar-se com a ideia de Jenkins (1980) que em países em desenvolvimento o turismo é uma atividade econômica com consequências sociais e, assim, o turismo pode interferir no nível de desenvolvimento do país ao definir o tipo de turismo, de turistas e de investimento introduzidos.

Diante das tendências mundiais da demanda quanto à diversificação da oferta turística, o mercado brasileiro teve uma expansão considerável nas últimas décadas, fazendo surgir inúmeros novos segmentos e consolidando os já conhecidos no país. Como o Brasil é um país de diversidade e características que atraem os diversos tipos de turista, apresentando recursos singulares que possibilitam o desenvolvimento de diferentes experiências turísticas, principalmente no que tange a seu potencial natural e cultural, acabou tornando-se um país exótico e extremamente atrativo no mercado mundial.

> O turismo no Brasil contemplará as diversidades regionais, configurando-se pela geração de produtos marcados pela brasilidade, proporcionando a expansão do mercado interno e a inserção efetiva do País no cenário turístico mundial. A geração de emprego, ocupação e renda, a redução das desigualdades sociais e regionais e o equilíbrio da balança de pagamentos sinalizam o horizonte a ser alçado pelas ações estratégicas indicadas. (BRASIL, 2003, p.21)

Quanto a seu potencial cultural, este vem despertando interesse nos diversos setores ao investimento forte, levando o país a valorizar sua identidade, principalmente no que se refere à diferenciação cultural que cada região apresenta. Com o lançamento do Programa de Regionalização – Roteiros do Brasil em 2004, o Ministério do Turismo (MTur) elaborou alguns documentos técnicos que orientam e oferecem subsídios aos gestores no desenvolvimento de uma região através do turismo. Assim como a elaboração dos módulos operacionais do Programa de Regionalização do Turismo (PRT), o MTur também apresentou o documento “Turismo Cultural – Orientações Básicas” visando estimular o desenvolvimento turístico, através da diversificação cultural das regiões.

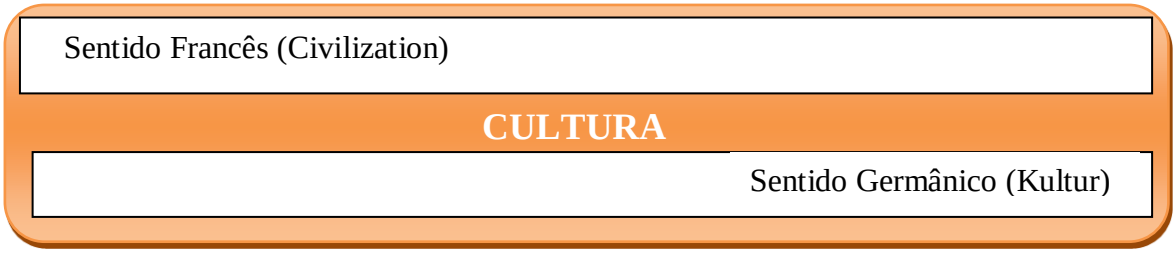
A partir de programas e documentos, como os anteriormente citados, as regiões vem criando ou fazendo surgir circuitos ou roteiros integrados, que unem a vocação das mesmas, de forma a atrair turistas nacionais e internacionais, não só fazendo crescer o turismo nas localidades, mas também resgatando a cultura e desenvolvendo demais aspectos da região, principalmente em torno do turismo cultural.

Mas antes de se falar sobre turismo cultural é necessário fazer algumas observações sobre a cultura, já que a mesma permeia toda a sociedade humana, com traços diferenciais distintos que a definem e que no caso do nosso país, por sua multiculturalidade, acaba se destacando como um diferencial turístico em todo o mundo. Para tanto, faz-se necessário compreender a amplitude da conceituação da cultura, que manifesta-se em todos os campos do cotidiano, seja em relações sociais, políticas, econômicas, religiosas, entre outros. Em âmbito geral ela representa a identidade de um povo, expressa por sua língua, práticas diárias e significados.

Segundo Laraia (1997, p.31) a cultura é tida como algo complexo de ser conceituada e a primeira definição de cultura no sentido antropológico pertence a Edward Tylor "todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". Laraia sugeriu que Tylor sintetizou os termos *kultur*e (germânico) e *civilization (*francês) no vocábulo inglês e chamou de *culture* e ainda afirmou que estas expressões representariam sentidos diferentes, pois enquanto o sentido francês se referia principalmente às realizações materiais de um povo, o sentido germânico era utilizado para simbolizar os aspectos espirituais de uma comunidade. Estas expressões representariam os conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Ratificando esta ideia, pode-se representar graficamente o pensamento de Tylor, mostrando que o conceito de cultura, tal qual conhecemos hoje, é uma amálgama da vertente francesa com a germânica.

Figura 1: Representação gráfica do conceito de cultura de Edward Tylor



Fonte: Dados da Pesquisa (2012)

Sobre a identidade da cultura, Ortiz (1985, p. 8) considera primeiramente que "toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença". Para tanto, os modo diferenciados de cultivar as ações em comum, dentro de uma determinada comunidade, faz surgir as diferentes culturas. Corroborando com isso, Martins (2003, p.43) coloca que:

> Identidade seria, em linhas gerais, esse sentido de pertencer quer as pessoas trazem enquanto seres simbólicos que são. Esse ser de algum lugar, sente afinidade com algo que lhe resgata algo se [...] nada mais é que a consequência de pertencer a um grupo ou comunidade culturalmente homogênea e socialmente definida.

Neste sentido é que a cultura diferencia uma comunidade, proporcionando singularidade a um povo, formando uma identidade que é atrativa aos turistas. Uma identidade representada através da música, das danças, dos folguedos, das brincadeiras, da gastronomia, da religiosidade, da literatura, da linguagem, do folclore, das lendas, dos hábitos, dos costumes e de outras manifestações das comunidades, que caracterizam o patrimônio cultural de um povo, que pode ser utilizado pelo turismo como atrativo autêntico e não manipulado ao consumo capitalista. "Considerando esta utilização-relação entre cultura e turismo faz-se necessário entender como o turismo se apropria da cultura, transformando-a, muitas vezes, em produtos para o consumo" (ÁVILA, 2009, p.20)

Cuche (2002) fala que desde os anos 60 o consumo da cultura ganhou popularidade e enfatiza o modo de produção desta cultura, principalmente com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa incluindo a cultura como mercadoria a ser vendida. Coelho (1996) afirma que a indústria cultural fabrica produtos cuja finalidade é a de serem trocados por moedas, promovendo a deturpação e a degradação do gosto popular, simplificando seus produtos para atingir o consumidor dirigindo a cultura ao consumo ao invés de colocar a cultura existente ao acesso do consumidor. Ávila (2009, p.19) acrescenta que "O turismo, inserido no contexto capitalista, na sociedade de consumo e na indústria cultural, pode mercantilizar culturas, tornando-as objeto de consumo dos visitantes, provocando, desta forma, danos que podem ser irreversíveis".

Por isso deve-se atentar ao uso da cultura para que não se torne uma simples mercadoria a ser vendida aos turistas e nesse sentido o turismo cultural deve ser trabalhado não apenas como uma atividade de lazer e sim como uma vivência da multiculturalidade de uma sociedade e não da homogeneização que a sociedade globalizada por vezes impõe. Deve ser um instrumento de conhecimento cultural e de percepção social, com um intercâmbio que enriquece o ser humano e o faz desenvolver-se social e culturalmente.

Autores como Canclini (1999), não entendem a cultura como simples dominação da mídia massiva e dominante sobre as culturas menos poderosas, e sim como um processo de troca a partir das identidades presentes nesse mercado, contendo sempre um processo conflituoso, mas que também é parte na composição de uma cultura. Vale salientar que para esse autor existe a necessidade de uma maior interação das culturas latinas sobre as demais, pois o processo que se presencia hoje ainda circunde uma maioria de consumo referenciada em valores externos ao nosso continente.

Santos (1994, p.45) diz que a cultura e suas manifestações são:

> [...] uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social [...] um produto coletivo da vida humana [...] Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade.

Tendo um sentido tão amplo, o interesse pela cultura acentuou-se neste último século, remetendo-nos às informações dos fatos e eventos que fazem parte da existência do ser humano e sua sociedade. O resgate dessas informações culturais, bem como históricas, leva-nos a entender o presente; a origem torna-se fundamental para o aprofundamento do significado dos fatos atuais. Ela interage diretamente com o grau de desenvolvimento de uma nação ou região.

No nosso atual momento de desenvolvimento, torna-se essencial uma abordagem integrada entre cultura e turismo, na medida em que as relações advindas através destes trazem significativas alterações sociais, culturais, ambientais e econômicas. A cultura apresenta-se como fenômeno mutável e em processo evolutivo que é capaz de escrever a história de um grupo e por isso a cultura é particular e contingente (LEVI-STRAUSS, 1949) [3], pois cada povo a desenvolve de uma maneira diferente, manifesta de maneira singular de acordo com os códigos de cada grupo.

As definições atuais de cultura parecem oscilar entre duas aproximações: a primeira, considerada estreita, consiste em limitar a aplicação dessa noção a tudo o que seja criação artística ou intelectual (desenho, pintura, escultura, etc) e a segunda, considerada extensa, inclui a pratica social na cultura (o esporte, o trabalho, a arte culinária, etc) (PONTIER; BOURDON, 1996).

[3] LEVI-STRAUSS, Claude. **Les structures elémentares de la parenté**. Paris: PUF, 1949.

Pozenato, Giron e Lebreton (2009, p. 143) apresentam ainda outras formas de se definir cultura. Sob o prisma político pode ser vista como um bem universal acessível a todos; sob o olhar sociológico pode ser entendida como um conjunto de temas, instituições e modelos de um povo; sob a visão artística, pode ser reprodutora de sentimentos e emoções. "Essa diversidade de visões sobre a cultura provoca uma diversidade cultural que constitui a base do patrimônio de cada grupo social, o qual se manifesta por meio de suas obras, que pode ser arquitetônicas, literárias, artísticas, políticas, filosóficas, religiosas, etc".

A partir da amplitude do que se pode considerar cultura, o turismo acaba ganhando uma nova variação, passando a ser vista não só como um mero deslocamento, mas, sobretudo como uma expressão cultural ou como produto da cultura, já que um está entroncado no outro de forma que a atividade turística não pode ser analisada sem a profundidade cultural. Deste modo, ao refletir sobre a relação que a cultura apresenta com o turismo e com o desenvolvimento acaba-se deparando com a conceituação dada pelo MTur e pela Conferência do México, conforme seguem abaixo, e pode-se concluir o quão imo estão estes três termos.

De acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2006, p.13) "as formas de expressão, os modos de vida e todo conjunto da produção do fazer humano são considerados cultura". A produção desta cultura pode ser tanto de caráter ou bem material, exemplificado nos aspectos físicos da produção humana, como o artesanato, ferramentas e monumentos; ou caráter imaterial, expresso nos princípios, valores, comportamentos, crenças, práticas, tradições, tabus, rituais, cerimônias e símbolos sociais (BRASIL, 2006).

Considerando na contemporaneidade a dominação do sistema econômico capitalista, dentro de um pensamento de crítica a excessiva valorização da economia e do desenvolvimento material, Debord (2009) aponta que o desenvolvimento econômico libertou a sociedade da busca pela sobrevivência imediata, mas nos aprisionou em um mundo de busca constante ao acúmulo de capitais, em que a cultura do desenvolvimento econômico sufoca a cultura do desenvolvimento filosófico ocidental. O mesmo autor ainda aponta em seu livro, lançado em 1967, que há uma tendência que o consumo da cultura e do turismo em massa se torne o principal motor da economia global no início do século XXI, proposição essa que se confirmou, devido à necessidade da sociedade de consumir produtos teatralizados e que destorcem a realidade conforme interesses puramente econômicos.

Benjamin (1971/1983) fala que apesar do capitalismo utilizar-se da cultura como um bem de consumo, muitas vezes de massa, o contato com as massas, não é necessariamente negativo, já que esse contato oferece espaços de liberdade, que são cruciais a renovação das estruturas socioculturais. Apesar de apresentar um posicionamento critico sobre o uso da cultura como um mero bem de consumo e assim sendo ocorrendo uma desvaloriza da mesma, o autor não se mostrou contra a utilização da cultura no entretenimento, e sim apresentou questões que fizeram-nos refletir mais profundamente sobre a relação que a cultura poderia ter com o turismo transcendendo um caráter meramente consumista, visualizado no abuso e deturpação às manifestações culturais advindas da indústria do entretenimento.

Sob essa perspectiva, vê-se o turismo como um dos fenômenos contemporâneos que mais geram renda econômica e como ferramenta de satisfação da necessidade e/ou curiosidade humana de conhecer o seu próprio patrimônio histórico e cultural. E diante disto percebe-se, como citado por Barreto (2003, p.43), que "a cultura constitui elemento vital não apenas para alicerçar alternativas econômicas e sociais, mas, especialmente, para a manutenção da memória de um povo".

A Conferencia Mundial do México definiu os conceitos de cultura e desenvolvimento de forma tal que percebe-se a intimidade de ambos, em que cultura aparece como "conjunto de características espirituais e materiais, intelectuais e emocionais que definem um grupo social" e desenvolvimento, apresenta-se como "processo complexo, holístico e multidimensional, que vai além do crescimento econômico e integra todas as energias da comunidade". (CONFERENCIA MUNDIAL DO MÉXICO, 1982 apud UNESCO, 2003). Assim pode-se perceber a íntima relação entre os termos, que permeiam este trabalho.

De acordo com Yúdice (2004, p. 31), a cultura tem a capacidade de promover a coesão social em questões divergentes e, desde que é um setor de trabalho intenso, ela ajuda na redução do desemprego. A cultura "pode gerar renda através do turismo, do artesanato, e outros empreendimentos culturais".

Vê-se então que a relação do turismo com a cultura vem mudando ao longo dos anos. Desde 1960, estudos acerca desta relação foram iniciados por antropólogos e o turismo passou a ser apontados como alternativa para o desenvolvimento de diversos países, dentre eles o Brasil, que implantou a atividade no país. Mas, em muitos lugares revelou-se danoso ao patrimônio cultural ou ineficaz como estratégia de promoção, quer pela falta de recursos

humanos especializados, pela visitação acima do limite de capacidade de carga[4] do lugar, pelo desrespeito em relação à identidade cultural local, pela imposição de novos padrões culturais, especialmente em pequenas comunidades, quer pelo despreparo do próprio turista para a experiência turística cultural. Entretanto, segundo Mendes (2007) aponta: "o turismo cultural poderá constituir-se como facilitador da compreensão mútua através da imersão, ainda que temporária, na cultura do Outro" e assim a relação passa a ser vista como benéfica.

Isto tudo demanda a necessidade de planejamento da atividade no país, no qual ações conjuntas, planejadas e geridas sejam implementadas entre as áreas de turismo e de cultura, e de se contemplar o respeito à identidade cultural e à memória das comunidades na atividade turística.

O MTur (BRASIL, 2008) cita que a relação cultura e turismo é fundamentada em dois pilares: um referente a existência de pessoas motivadas em conhecer culturas diversas e outro referente a possibilidade do turismo como instrumento de valorização cultural, de preservação e conservação do patrimônio e promoção econômica através dos bens culturais. Assim, foi possível perceber com as primeiras iniciativas, ainda bastante precárias e que trouxeram alguns problemas, que a opção pelo desenvolvimento turístico deve conciliar-se aos objetivos de manutenção do patrimônio, do uso cotidiano dos bens culturais e da valorização das identidades culturais locais. O uso turístico deve sempre atuar no sentido do fortalecimento das culturas.

É então notória a relevante contribuição da cultura para o desenvolvimento do turismo e para o desenvolvimento da própria população, já que trata-se de sua história, seus costumes, seu progresso, e sabendo-se do grande interesse dos turistas por este conhecimento e vivência de uma cultura diferente - interesse esse que, conforme as estatísticas internacionais, cresce espantosamente a cada ano – cada vez mais incentiva-se a relação do turismo com a cultura.

> O turismo cultural tem sido, nos últimos tempos, considerado o setor de maior crescimento no turismo global e, cada vez mais, tem sido tomado pelos destinos turísticos que estão em busca de diversificação como o maior setor de desenvolvimento de produto. O desejo pelo "turismo de qualidade", a necessidade de encontrar recursos para apoiar a cultura e a pronta disponibilidade de recursos culturais tornam o turismo cultural uma opção atrativa, tanto em áreas urbanas, quanto rurais. A despeito disso, há ainda pouca compreensão sobre o que seja o turismo cultural, bem como pouca informação sobre o mercado desse tipo de turismo. (RICHARDS, 2009, p. 25)

[4] Em seu conceito original de Carrying Capacity é a quantidade suportável pelo meio físico para a realização de atividades recreativas.

Levando em consideração esta relação e chegando ao Turismo Cultural, a discussão sobre tal apresenta-se ainda mais recente e intrigante em diversas áreas acadêmicas do que a abordada anteriormente, devido à complexidade na conceituação indefinida do que seja cultura e também do que seja turismo. Desta forma, diante da abrangência dos termos cultura e turismo, o MTur (2006), em outra palavras, definiu o turismo cultural como aquele que compreende as atividade turísticas relacionadas com os elementos do patrimônio histórico e cultural, valorizando a cultura. Ou seja, pintura, escultura, teatro, dança, música, gastronomia, artesanato, literatura, arquitetura, história, festas, folclore, costumes diários, linguagem, entre outros, formam uma combinação que permite a vivência da diversidade cultural brasileira. Para Dias (2005, p.71) "o turismo cultural é uma das modalidades de turismo alternativo que apresentam uma das maiores possibilidades de crescimento, dada a diversidade de conteúdos que podem ser explorados, tornando-se excelente complemento a qualquer outra forma de turismo".

Myanaki et al. (2007) apresenta 4 questões essenciais no turismo cultural que são: "1- preservação, conservação e originalidade; 2- desenvolvimento com base local (inclusão social e satisfação dos visitados); 3- qualidade da experiência do turista (satisfação dos visitantes); 4- parcerias bem sucedida entre agentes do turismo e gestores dos espaços culturais." Estas questões devem estar contempladas no desenvolvimento de roteiros culturais, de modo que atrai os turistas a usufruir dos elementos culturais como: sítios arqueológicos, edificações especiais, obras de arte, espaços culturais como museus e centro de cultura, festas e celebrações locais, gastronomia típica, artesanato e produtos típicos, música, dança, teatro, cinema, feiras e mercado tradicionais, saberes e fazeres locais, realizações artísticas e ateliês, eventos programados como festivais regionais e roteiros com a temática cultural.

Isaac (2008) questiona o que realmente vem a ser considerado como turismo cultural, já que apesar de parecer uma questão simples de responder, pelo contrário, sua resposta esbarra numa enorme quantidade e variação de definições do termo. O autor coloca que não há uma definição clara de turismo cultural em toda a literatura específica, partindo ou mesclando por turismo étnico[5], turismo cultural[6], turismo histórico[7], turismo arqueológico,

[5] Ver King, B. Current Issues: What is ethnic tourism: an Australian perspective. Tourism Management: Research, Policies, Planning. 1994

[6] Ver Silberberg, T. Cultural tourism and business opportunity for museums heritage sites. Tourism Managemente. 1995. Ver Walle, A. Cultural tourism: a strategic focus. Boulder: West View Press. 1998

[7] Ver Ashworth, G. J. Tourism in the communication of senses: places displacement in New Mexico. Tourism Culture and Communications. 1999. Ver Smith, S. L. Tourism Analysis: a handbook. Harlow: Longman. 1989.

turismo de patrimônio[8], entre outros, o que causa confusão ou indistinção de características que pudessem clarificar o termo a ponto de optar-se por uma ou outra definição.

Entretanto, Isaac (2008, p. 19-20) cita 3 versões para a definição de turismo cultural que complementam-se, sendo uma conceitual, uma técnica e uma experiencial, apresentadas abaixo:

> Conceptual definition: the movement of people to cultural attractions away from their normal place of residence, with the invention to gather new information and experiences to satisfy their cultural needs. (EUROPEAN ASSOCIATION FOR TOURISM AND LEISURE EDUCATION - ATLAS)
> Technical definition: all movement of people to specific cultural attractions, such as heritage sites, artistic and cultural manifestations, arts and drama outside their normal places of residence. (RICHARDS, 1996)
> Experiential definition: motivation done thought does not seem to summarize the full range of cultural tourism. Culture tourism is also as experiential activity with many people feeling it also includes an aspiration element. As a minimum, cultural tourism involves experiencing or having contact of unfamiliar or incompatible intensity with the unique social fabric, heritage and special character of places. (BLACKWELL, 1997; SCHWEITZER, 1999; TC, 1991)

Como o turismo cultural envolve uma série de atividades inter-relacionadas, como assistir a espetáculos, apresentações culturais e manifestações folclóricas, visitar sítios e monumentos históricos ou arqueológicos, peregrinações religiosas, conhecer e compreender hábitos, costumes e tradições de comunidades, entre muitas outras, percebe-se que o termo turismo cultural tornou-se uma espécie de "termo sombrinha" que abriga uma série de atividades relacionadas com turismo histórico, turismo de patrimônio, turismo de artes, turismo de museus ou turismo de interesse específico, que partilham conjuntos de recursos, características, questões de planejamento e gestão em comum que acabam por confundir-se ou mesclar-se um com o outro.

Estas atividades - ao contrario da visão tradicional tida de que o turismo cultural é feito por pessoas mais velhas – atraem os jovens, sendo este público sua principal audiência, com um grupo entre 20 e 29 anos que corresponde a quase 40% da demanda por este tipo de turismo (pesquisa conduzida pelas ATLAS e pela ISTC[9]), que para eles indica o descobrimento de outras culturas, uma das principais motivações dos jovens viajantes (RICHARDS, 2009, p. 30).

---

[8] Ver Ashworth (ibidem); Ver Light, D; Prentice, R.C. Market based development in heritage tourism. Tourism Management. 1994. Ver Nuryante, W. Heritage and post-modern toursim. Annals of Tourism Research. 1996. Ver Pechlander, H. Cultural heritage and destination management in the Mediterranean. Thunderbird International Business Review. 2000.

[9] ATLAS – Association for Tourism and Leisure Education; ISTC – Student Travel Confederation.

Portanto, como se constata, a cultura e seus diversos desdobramentos constituem insumos básicos para o turismo, especialmente se a intenção for alcançar o desenvolvimento através dele. Isto não significa que o turismo não exerce nenhuma influência negativa na sociedade, mas sim pensar na questão como um todo, complexo como é, alguns problemas tidos como advindos do turismo podem não ser decorrentes deles e sim do processo de desenvolvimento, que por si só, traz mudanças estruturais na sociedade que às vezes são negativas.

Inegavelmente, há certa apreensão quando as mudanças trazidas pelo desenvolvimento se apresentam, contudo o desenvolvimento não pode ser contido, pode ser refletido e planejado para evitar ou amenizar os problemas advindos dele e neste contexto as políticas públicas tem papel fundamental no processo desenvolvimentista de qualquer ordem, mesmo que o este tenha sido iniciado pela atividade turística. É nesta linha que este trabalho transcorre, pautado no pensamento de que o desenvolvimento atual pode ser trabalhado de forma a tornar o processo dirigido a alcançar as metas propostas respeitando a sustentabilidade e considerando cuidadosamente as consequências às quais incorre.

2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS DE TURISMO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Uma das formas de trabalhar a cultura turisticamente vem sendo fomentada com bastante êxito pelo MTur, ao orientar o desenvolvimento de produtos turísticos, utilizando a tematização, a roteirização e a segmentação como estratégias, por entender serem imprescindíveis ações que permitem o fortalecimento do capital social e a consequente e concomitante promoção e preservação da cultura brasileira, como atrativo turístico e como patrimônio. Assim, as políticas públicas estão entrando cada vez mais em consonância como que vem sendo idealizado pelas regiões e é através delas que são distribuídos os bens e serviços públicos, minimizando as diferenças econômicas e socializando os direitos sociais. A formulação destas políticas "pressupõe perceber e identificar os diferentes atores e os diferentes interesses que estão subjacentes na disputa pela inclusão de determinado conjunto de princípios, diretrizes e objetivos que irão viabilizar a atuação do poder publico em turismo" (MAIA, 2004, p.14)

Cruz (2000) coloca a política pública de turismo como um conjunto de diretrizes e estratégias estabelecidas, no âmbito do poder público, em virtude do objetivo geral de alcançar ou continuar com desenvolvimento da atividade turística numa dada região. Esta

atividade depende diretamente e totalmente das políticas urbanas e regionais implantadas nas localidades que se turistificam.

Conforme Moore (1972) a política é frequentemente divergente quanto aos fins e aos meios, entretanto ela deve partir de um planejamento consistente e focado no seu principal objetivo, que é o desenvolvimento. Neste caso, o desenvolvimento regional deve ser o alvo das políticas, partindo de um planejamento que envolva todos os agentes participantes do processo turístico, inclusive a população local que deve ser beneficiada direta e indiretamente pelo turismo.

Ruschmann (1997, p.29) comenta que:

> [...] qualquer que seja o sistema econômico, social ou ideológico, e independentemente do seu grau de desenvolvimento, a população tem o direito de favorecer-se de todos os benefícios e vantagens proporcionadas pelo turismo. Por isso, o Estado deve cumprir uma série de obrigações a favor de um desenvolvimento ordenado dessa atividade. Ele deve conceder ao turismo o lugar e a prioridade que merece no conjunto das atividades econômicas, sociais e, além de promulgar leis, deve elaborar previsões para as estruturas locais, regionais e nacionais de turismo, facilitando um desenvolvimento ordenado.

Como não existe uma receita para as políticas publicas faz-se necessário

> [...] levar em consideração as diferenças regionais, a diversidade cultural, a vontade política dos gestores públicos, a capacidade de envolvimento de recursos humanos do setor, os recursos financeiros, materiais e os equipamentos disponíveis e a capacidade do gestor em coordenar as ações, em quês saber-fazer implica um fazer político pedagógico coerente com a construção da cidadania individual e coletiva. (MAIA, 2004, p.16)

O autor fala que diante da relevância que o nordeste tem no quadro turístico nacional coloca-se como condição significativa o aproveitamento de alternativas com base na cultura da localidade, o planejamento a médio e longo prazo e a visualização do turismo como possibilidade de relações humanas e não apenas relações monetárias. (Ibidem)

Como sugere o Mtur, as regiões que buscam a atividade turística como fator de desenvolvimento precisam de definições amplas coordenadas de sua política com a realidade nacional, tanto na gestão pública quanto na privada e também de garantias físico-territoriais para existir e para manter sua qualidade, o que também tem sido percebido pela gestão do Brejo.

Assim, para que o turismo desenvolva-se a partir de uma abordagem regional conforme sugerido pelo Mtur, o mesmo está sendo estimulado como fator de desenvolvimento e este desenvolvimento é um "conceito que se amolda a interesses muito diversos e a todas as intenções, como é evidenciado historicamente." (FISHER, 2004, p. 05)

Mas ao falar sobre desenvolvimento, uma polêmica discussão apresenta diferentes vertentes conflitantes na tentativa de dimensionar sua abrangência ou de conceituar ou defini-lo, firmando-se como um dos conceitos fundamentais das ciências sociais contemporâneas.

Segundo Oliveira (2002), debates sobre a ideia de desenvolvimento econômico acirraram-se a partir do pós Segunda Guerra, entendendo desenvolvimento como crescimento econômico e só a partir de 1940 que começa a dar uma dimensão ampliada do conceito sendo visto como um conceito qualitativo. Esta abordagem hegemônica do pensamento econômico liberal relaciona desenvolvimento ao processo de crescimento econômico, não havendo distinção entre crescimento e desenvolvimento. Esta definição estava intrinsecamente associada ao crescimento apenas econômico, deixando claro que o aumento da riqueza era o principal objetivo e que esta prosperidade material levaria ao bem-estar de todos, o que seria considerado como desenvolvimento.

Porém, essa perspectiva mostrou-se equivocada ao ocorrer o aumento da renda per capita em alguns países sem que viesse acompanhado da distribuição de riqueza e melhoria de vida das pessoas. Devido a isto, o desenvolvimento, a partir dos anos 1970, passa a aceitar que o crescimento econômico é uma condição necessária ao desenvolvimento, mas não é a única, sendo levado em consideração também o aspecto social.

Nesta perspectiva social, Sen (2000) argumenta que o crescimento econômico é necessário, mas não suficiente para resultar em desenvolvimento, mostrando que uma concepção adequada de desenvolvimento deve ir muito além da acumulação de capital e do crescimento do Produto Nacional Bruto e de outras variáveis relacionadas à renda. Ele define desenvolvimento como "liberdade positiva", incorporando na sua definição todos os direitos e capacidades que dão ao indivíduo a possibilidade de realização existencial e de busca da felicidade. Nesse sentido, promover o desenvolvimento é eliminar as restrições à liberdade e então o desenvolvimento como liberdade defende que além do aumento da renda dos indivíduos e da melhoria das condições sociais, o desenvolvimento deve ampliar os espaços de sociabilidade e participação, reconhecer e valorizar a dimensão simbólica da existência e preservar para as gerações futuras o meio físico e os patrimônios material e imaterial.

Em concordância com Sen e não desconsiderando a importância do crescimento econômico, é preciso enxergar muito além dele, considerando como desenvolvimento a relação, sobretudo, com a melhoria da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Neste sentido, é prudente pensar em um desenvolvimento que dinamize o crescimento econômico aliado com outros fatores como o crescimento do capital humano, social, e natural.

Assim, ainda não existe uma definição globalmente aceita sobre o desenvolvimento. Durante muito tempo, a corrente tradicional de pensadores defendia a ideia de que o termo desenvolvimento era considerado sinônimo de crescimento econômico. Entretanto, esse modelo é considerado ultrapassado e defendido por outra corrente que julga que o crescimento econômico é visto como uma simples variação quantitativa do produto, diferente do desenvolvimento que implica em mudanças de estruturas econômicas, sociais, políticas e institucionais, com melhoria da produtividade e da renda média dos agentes envolvidos no processo produtivo.

> O desenvolvimento deve ser encarado como um processo complexo de mudanças e transformações de ordem econômica, política e, principalmente humana e social. Desenvolvimento nada mais é que o crescimento (incrementos positivos no produto e na renda) transformado para satisfazer as mais diversificadas necessidades do ser humano, tais como: saúde, educação, habitação, transporte, alimentação, lazer, dentre outras. (OLIVEIRA, 2002, p.40)

Assim, diante de tal complexidade do conceito a UNESCO, em meados de 1970, define desenvolvimento como "processo total, multirrelacional e que inclui todos os aspectos da vida coletiva, de suas relações e com o resto do mundo e de sua própria consciência." (FISHER, 2004, p. 07)

Esta definição é importante no processo de compreensão da relação que o turismo apresenta com o desenvolvimento. Egler e Rio (2004) identificam que "a relação entre turismo e desenvolvimento pode ser analisada em diferentes níveis, compreendendo fluxos internacionais, efeitos no tecido social e produtivo, impactos ambientais, funcionalização de regiões e lugares, distorções na cultura local." Neste contexto de desenvolvimento através do turismo, enquanto se promove um sistema global, interdependente e interconectado também se fortalece as relações nacionais, regionais e locais, surgindo novas formas de organização social, política e econômica e adotando a regionalização ou o desenvolvimento regional como alternativa que envolve todos os aspectos necessários.

Esta formatação – Desenvolvimento Regional – tem sido uma das mais desenvolvidas nas ultimas décadas, o que é confirmado por Dallabrida (2000) que vê na regionalização uma das principais tendências mundiais que, fortalecida pela globalização, é tida como sujeito do desenvolvimento.

> Para o ego específico das atividades turísticas, a política desenvolvimentista deve divorciar-se dos padrões internacionais e ter como referência as maravilhas naturais e morfológicas do patrimônio regional e nacional que de fato constituem um incomensurável potencial turístico, ainda muito negligenciado. (AGUIAR, 2007, p.108)

De acordo com Coriolano é (2005, p. 140), o desenvolvimento regional é "entendido como forma de melhoria dos lugares significa uma transformação política pelos e para os seus habitantes, como espaço coletivo produzido por exigência da qualidade de vida dos residentes e não apenas em função das empresas". Ao falar de desenvolvimento regional Acerenza (2002, p.177) argumenta que este "deve ser considerado e avaliado como diversas opções possíveis, em função dos recursos naturais e culturais na zona que é objeto de estudo, das facilidades de exploração dos mesmos, assim como dos recursos econômicos exigidos por esta exploração".

A zona como objeto de estudo tratada por Acerenza, é vista por outros autores como Smith (apud SILVEIRA, 2001) como região e as mesmas foram criadas visando objetivos como: a exploração do potencial regional como infraestrutura e centros de férias ou pólos turísticos; a ampliação do mercado nacional e internacional; a promoção turística de locais de uma determinada região e o planejamento e desenvolvimento regional relacionado ao turismo.

Como cada região tem suas diferenças culturais, ambientais e valores, os padrões de desenvolvimento regional devem ser compreendidos como um processo singular, com um modelo específico de acordo com sua singularidade e seu diferencial, que é melhor trabalhado pela regionalização. (BOFF, 2007). Assim, encontrou-se na regionalização um movimento que enfatizou o uso consciente dos recursos naturais e culturais como alternativa de diferencial no mercado globalizado, levando ao desenvolvimento de toda uma região.

A regionalização se apresenta como um processo que reforça as identidades culturais, compartilhando os espaços e trabalhando seu potencial de maneira a alcançar os objetivos em conjunto. Entretanto, propor o desenvolvimento regional pautado apenas em recursos naturais e culturais sem a intervenção de um planejamento coerente com a região não resultará no desenvolvimento esperado, pois conforme o Mtur (BRASIL, 2007a) para que o turismo seja elemento importante de incentivo e estímulo ao desenvolvimento regional, para gerar um desenvolvimento equilibrado em termos de justiça social, viabilidade, eficiência econômica e sustentabilidade ambiental, precisa contar com um planejamento integrado e participativo.

Segundo Lima & Oliveira (2003, p.03), "pensar em desenvolvimento regional é, antes de qualquer coisa, pensar na participação da sociedade local no planejamento contínuo da ocupação do espaço e na distribuição dos frutos do processo de crescimento." Portanto, o processo de desenvolvimento exige a participação da população residente, pois os maiores beneficiários do desenvolvimento regional são as pessoas que ali residem.

Paula (2001) afirma que para obter esse nível de participação da comunidade local, é preciso adotar estratégias de planejamento e gestão compartilhada do processo de desenvolvimento. Sendo assim, qualquer localidade e/ou região que busca fazer o desenvolvimento acontecer, precisa ter a parceria do poder público para controlar os recursos de forma correta, substituindo assim, os vínculos de dependência pelo vínculo de integração, o que tem sido visto na citada região em estudo. Só assim o desenvolvimento regional se torna um processo de mudança social, culminando no progresso da região, da comunidade, do indivíduo. (BOISIER, 1996 apud DALLABRIDA, 2000)

Zaghenia (2004) coloca que para obtenção dos resultados esperados ao longo da cadeia produtiva do turismo que atinja todos os agentes produtores, torna-se necessário o sustento de ações dinâmicas para que seus elos sejam traçados envolvendo todos no processo de turistificação do espaço em questão – a região, de forma complementar e interdependente, no intuito de manter a eficiência econômica (custos mínimos) e o nível de qualidade esperado pelos consumidores do produto turístico (benefícios máximos).

Diante do que foi exposto e para efeito deste estudo, admite-se que o processo de desenvolvimento abrange a participação de todos os níveis sociais: os protagonistas locais (comunidade local), a iniciativa privada e o os órgãos governamentais. É necessário que haja a participação de todos os envolvidos para que o desenvolvimento e os benefícios proporcionados estejam garantidos. Utiliza-se então um conceito amplo, plural e totalizado do termo, no qual as dimensões ambiental, econômica, social, política e cultural sejam integradas e interdependentes, tendo impacto umas sobre as outras, mesmo que operando em níveis diferenciados.

2.3 PROCESSO DE REGIONALIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DOS AGENTES PRODUTORES DO TURISMO

“Propor o desenvolvimento com base local significa em boa medida contrariar a realidade econômica hegemônica vigente, que confunde desenvolvimento econômico com desenvolvimento sustentável [...]” (MAMEDE, 2003, p. 36).

O desenvolvimento com base local/regional, através de projetos construídos com a comunidade deve primar então pela sustentabilidade ambiental, cultural, social e econômica da região, mantendo a relação entre as partes formadoras do turismo. Assim, justifica-se a criação de novos roteiros turísticos com um olhar que dê ênfase a qualidade de vida de seus cidadãos, pois o turismo regional promove o potencial turístico de uma região suscitando a aproximação de interesses em comum, fortalecendo os empreendimentos existentes e despertando o surgimento de novos e oportunizando a criação de novas opções de roteiros, organizando o espaço de maneira integrada, compondo um produto completo e diferencial no mercado turístico.

Todos esses fatores acabam por produzir uma concepção de desenvolvimento que realça o papel decisivo das regiões, onde as pessoas e coletividades poderão concretizar seus anseios de melhores condições de habitar e viver. As regiões transformam-se em atores estratégicos e passam a competir por investimentos e por participação no mercado global do turismo, trazendo melhoria na qualidade de vida em todos os sentidos.

> As políticas de desenvolvimento regional devem contemplar e beneficiar democraticamente as comunidades locais, pois, mesmo com programas de integração e desenvolvimento regional, prevalecem as ações de desenvolvimento local, focadas e embasadas na realidade de cada município ou comunidade. (BENI, 2007, p.138)

Portanto, todo projeto de desenvolvimento regional desencadeia um processo de reconstrução do espaço e esse processo implica numa nova ordenação, que precisa de um planejamento e gerenciamento ideais à realidade vivenciada e aos interesses coletivos da comunidade e da região, a trazer efeitos positivos de acordo com a capacidade de interação e criatividade de cada agente envolvido na construção de ambientes inovadores e com novas maneiras de produção a partir do relevante papel de cada grupo na sociedade, levando a um novo padrão de desenvolvimento.

> Na atualidade, um verdadeiro desenvolvimento do turismo exige, no tocante à dimensão dos projetos, iniciar por um processo de conceituação fenomenológica e sistêmica do mesmo, no qual os aspectos econômicos, financeiros e industriais fazem parte de uma realidade muitíssimo ampla, profunda e dinâmica, e ainda que em tal realidade não constituam elementos que condicionam as decisões em relação a qualquer situação, tampouco são deixados num segundo plano, de modo que possam ameaçar a permanência e o desenvolvimento dos investimentos. (MOLINA, 2005, p.82-83)

Assim, para se compreender a refuncionalização de um espaço, dentro do processo de regionalização, é necessário conhecer as principais teorias e modelos de estudos do espaço turísticos, como Leiper (representação clássica do fenômeno, com interposição das áreas receptoras e emissoras a partir das linhas de deslocamento), Campbell (Modelo de Viagem Recreativa e Excursionista, que analisa a representação espacial das viagens através da combinação da viagem do tipo recreativa e da viagem do tipo excursionista), Miossec (Modelo de Desenvolvimento Turístico, que tem como fundamento o estudo das articulações econômicas e espaciais existentes entre as áreas emissoras e as áreas receptoras de visitantes, Miossec analisa o processo evolutivo dos destinos turísticos demonstrando a evolução nas estruturas das regiões turísticas no tempo e no espaço) e Boullón (Modelo de Sistema Turístico baseado na Relação Oferta-Demanda).

Ao falar da produção do espaço turístico, parte-se do conceito de Remy Knafou (1996), no qual "o termo **turistificação** vem sendo adotado entre os estudiosos do turismo para designar o processo de apropriação de trechos do espaço pelos agentes do turismo para a implantação da atividade turística, pela inclusão de novos fixos e/ou da refuncionalização de outros já existentes e de novos fluxos e relações que caracterizam o turismo como fenômeno sócio espacial contemporâneo". O autor descreve como ocorreu a turistificação intencional e ordenada de trechos do espaço a partir do final da Segunda Guerra Mundial, quando dirigentes de diversos países (especialmente europeus) perceberam a oportunidade de melhorarem suas balanças de pagamento proporcionada pela entrada de divisas estrangeiras e começaram a desenvolver projetos urbanísticos de grandes proporções, preparando determinadas áreas para exercer a função de centros turísticos (infra-estrutura urbana, hoteleira e de entretenimento).

De acordo com este conceito, os espaços são apropriados pelos agentes sociais que consomem alguns espaços privilegiados, gerando uma atividade econômica dinâmica. Esta apropriação tanto pode ser simbólica, partindo de olhares diferenciados social, cultural ou politicamente, ou pode ser um processo de dominação pelos agentes econômicos e os agentes de governo. (FRATUCCI, 2008).

Quanto à teoria de Boullón (2002), faz-se necessário dar um maior espaço a mesma neste trabalho, devido sua aplicação em larga escala na América Latina, inclusive orientando a EMBRATUR no desenvolvimento de projetos e planos nacionais. O mesmo propôs um modelo de sistema turístico baseado na relação oferta-demanda, claramente direcionado pela perspectiva do mercado.

De acordo com tal modelo, os destinos turísticos estruturam-se pelo conjunto de atrativos turísticos, equipamentos e serviços turísticos e infraestrutura de apoio, gerenciado pela superestrutura do sistema, tendo a questão da acessibilidade física como ponto essencial para definição e análise. Considera que a distribuição dos atrativos pelo espaço é aleatória e que o espaço turístico é descontinuo. Vê a região como uma área com propriedades similares que lhe confere uma identidade, dando-lhe certa homogeneidade. Na sua análise utiliza o conceito de região empregado nos sistemas de planejamento de governos, em que a superfície territorial do país ou estado. Propõe a utilização de um método empírico para a definição do espaço turístico e organiza as concentrações de forma sistemática e estruturalista, classificando-as em componentes numa escala descendente, quais são: zona turística, área turística, complexo turístico, centro turístico, unidade turística, núcleo turístico, conjunto turístico e corredor turístico.

Assim, tendo como referencia a teoria dos pólos regionais de desenvolvimento, Boullón estabelece uma complexa rede de relacionamentos entre os componentes do espaço turístico. De acordo com tal proposta, o espaço turístico pode ser delimitado com bastante precisão, deixando de fora das intervenções de ordenamento sugeridas. Permite a visualização e compreensão dos espaços apropriados pelo turismo, sendo possível a realização de um diagnóstico da situação atual e o estabelecimento de propostas de intervenção.

Sua teoria também foi guia dos planos nacionais de turismo de 2003-2007 e 2007-2010 e é claramente observável o uso dessa mesma metodologia no Programa de Regionalização do Turismo (PRT), programa este empregado no objeto deste estudo – no Brejo Paraibano. Essa utilização permite que se perceba um paradoxo na atual política de gestão do turismo brasileiro, pois a teoria de Boullón vai contra a existência de regiões turísticas e o uso das técnicas de regionalização, enquanto o PRT propõe a definição de uma série de regiões turísticas para ordenar os investimentos e as ações do governo no setor turístico nacional.

Para a compreensão do que é região, faz-se necessário conhecer alguns antecedentes do conceito. A palavra deriva do latim, dá uma ideia de regência e refere-se a uma unidade político-territorial em que se dividia o Império Romano. Uma designação dada a uma porção do espaço terrestre conhecida como diferente de outra e associada à noção de diferenciação de área. Assim percebe-se que o conceito de região vem do campo de discussão política da administração do Estado, estando relacionado às projeções no espaço das noções de autonomia, soberania e direitos, tendo a geografia se beneficiado deste conceito tentando produzir uma reflexão sistemática sobre o tema.

Boullón (2002) fala que para definir o espaço turístico tem-se que somar o patrimônio aos empreendimentos e à sua infraestrutura. A partir disto se considera como região turística uma área com densidade de equipamentos e serviços turísticos, com uma imagem/identidade que a caracterize de demais destinos (YÁZIGI, 2001). A turistificação que ocorrer neste espaço terá sua atratividade a partir de seus atributos endógenos e exógenos, ou seja, seus atributos diferenciais com poder de atração em uma destinação.

O processo de turistificação do espaço que abrange ambas as dimensões é um processo que valoriza os destinos turísticos, dando-lhes novas funções, incorporando novos fixos e refuncionalizando outros já existentes, havendo uma interação entre o global e o local e resultando em uma nova dinâmica entre ambos. De acordo com as necessidades de cada agente social que faz acontecer a atividade turística, podemos verificar processo de territorialização, nos quais as relações de proximidade e pertencimento enfatizam a força do local como contraponto da lógica global, mas também verificamos processos de territorialização interligados pela lógica globalizada dos mercados. É necessário debruçar-se sobre as questões de territorialidade, pois como há de se supor, existem na região diversas redes que se sobrepõem e que por isso podem ocorrer conflitos de interesses, o que poderia dificultar o desenvolvimento do turismo.

Haesbaert (2004 apud FRATUCCI, 2008, p. 119) fala da lógica de territorialização, citando que "Cada um dos agentes sociais responsáveis pela produção dos territórios descontínuos, sazonais e flexíveis do turismo age segundo lógicas de territorialização próprias, que variam em diferentes combinações entre a lógica zonal e a lógica reticular". A combinação dessas diferentes lógicas dos agentes sociais produtores do turismo, apontam para a constituição de um espaço do turismo ora contínuo (zonal) ora entrecortado (reticular), constituindo-se em território-rede, trazendo assim implicações distintas para as políticas de planejamento e ordenamento de turismo. Esta combinação traz uma perspectiva integradora, nos leva a assumir, o território do turismo e os processos de territorialização dos seus diversos agentes.

Em relação aos agentes produtores do turismo e sua apropriação do espaço, este representa o fator capaz de produzir um efeito sobre determinado fato ou atividade, sendo assim os agentes sociais produtores do turismo compostos por pessoas, grupos sociais, empresas/ firmas e instituições com poder de gerar um efeito sobre o fenômeno e/ ou sobre a atividade turística, ou seja, com capacidade de intervir, modificar ou influenciar o seu curso, encontrando-se 4 agentes produtores do espaço turístico, que são: os turistas, os agentes do mercado, o Estado e a comunidade receptora. (FRATUCCI, 2008).

Os poucos estudos epistemológicos envolvendo o fenômeno turístico, em sua quase totalidade, fundamentam-se na corrente estruturalista empírico-positivista, na qual a teoria dos sistemas aparece como principal ferramenta metodológica. Tal fato faz com que a construção de uma teoria do turismo (turismologia, como chamam os mais radicais) não consiga criar as bases que lhe permita definir com clareza qual é o seu campo de estudo.

Afastando-se deste paradigma estruturalista pode-se encontrar outra possibilidade para a compreensão da lógica territorial do turismo contemporâneo: "o turismo visto como um conjunto de agentes inter-relacionados no tempo e no espaço, que compõem redes territoriais e de relacionamentos, sazonais, flexíveis e fluídas, onde ocorrem os encontros de alteridades distintas (do turista, do trabalhador, do anfitrião, do poder público e do capital), apoiadas tanto na lógica da produção como do consumo". (FRATUCCI, 2008, p.75)

Estes agentes desempenham papel crucial no processo de turistificação de uma localidade ou região, determinando o tipo de turismo, o público a receber e a forma como se desenvolverá a atividade, sendo sua presença um incentivador e regulador da mesma e sua ausência um fator de desequilíbrio ou fator desestruturante a uma atividade exitosa. As diferentes lógicas dos agentes sociais apontam para uma refuncionalização do espaço, trazendo implicações as políticas de planejamento turístico para que as mesmas integrem as diversas dimensões sociais que a atividade abarca.

Diante disso, cada região turística deve buscar o planejamento e gestão de seus atrativos, de forma participativa e integrada, visando responder as demandas globais e locais ao mesmo tempo. Para Hall (2001) as "regiões de turismo" estão sendo delineadas não apenas em função da demanda dos turistas, mas também como estratégia de competitividade no contexto da globalização. Assim, tem-se no planejamento regionalizado do turismo significante atenção, principalmente nas últimas décadas, por parte do poder público em função da própria evolução da atividade turística, tornando-se o mesmo um importante instrumento de políticas setoriais trabalhando as regiões turísticas a partir da formação de conjuntos de municípios de interesse turístico em comum e unidos por uma infra-estrutura comum.

Partindo de um planejamento que envolva o governo, o setor privado, e principalmente a sociedade civil organizada, o turismo poderá viabilizar um desenvolvimento, que ampliará o ciclo de vida das destinações, promovendo a preservação e conservação de recursos turísticos. Portanto, o planejamento é de extrema importância para todos os envolvidos na atividade.

O envolvimento dos agentes produtores do turismo e o planejamento destinado a destinação é que determinará o comprometimento e cumplicidade entre os participantes, a fim de alcançar os objetivos propostos e as mudanças desejadas. A participação ativa de todos os segmentos sociais, empresariais e governamentais comprometidos com os objetivos do projeto é fundamental para a integração efetiva dos agentes. (BRASIL, 2007)

Direcionando à regionalização como método para gerenciamento dos processos de turistificação dos espaços, esta é comumente usada para definir a dimensão espacial do turismo e assume um papel fundamental nas políticas púbicas do turismo. Na medida em que o turismo passou a ser tratado como uma alternativa eficaz de desenvolvimento econômico nos planos de governo de alguns países, começaram a surgir os planos setoriais de turismo, e mais especificamente, os planos regionais de desenvolvimento para áreas e zonas geográficas específicas consideradas potencialmente turísticas.

Dentro desta abordagem de desenvolvimento regional gerenciado pelo turismo, o PRT é inserido como parte do Plano Nacional de Turismo, que é visualizado pelo Governo Nacional como um instrumento de orientação das ações necessárias para a consolidação do desenvolvimento do setor e apresenta-se como uma importante política que norteia os rumos do planejamento no turismo brasileiro.

O Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil – do Ministério do Turismo surge em 2004 com os objetivos de: promover a cooperação/ parceria dos segmentos envolvidos, organizações da sociedade, instâncias de governos, empresários, trabalhadores, instituições de ensino e outros, visando dar qualidade ao produto turístico, buscando ainda diversificar a oferta turística, estruturar os destinos, ampliar e qualificar o mercado de trabalho.

Segundo as diretrizes políticas, "o programa é um modelo de gestão de política pública descentralizada, coordenada e integrada" cujos princípios são "a flexibilidade, articulação, mobilização, cooperação intersetorial e interinstitucional e sinergia de decisões", compreendendo regionalização como "a organização de um espaço geográfico em regiões para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização integrada e compartilhada da atividade turística". (BENI, 2007, p. 127)

A proposta de regionalização do turismo do Governo Federal como ferramenta que tenta envolver vários municípios através de um planejamento sistematizado e participativo, é de ser manejada pelos agentes locais de modo a gerar resultados efetivos que contribuam para a qualidade do destino turístico e isso também é verificado no Brejo Paraibano. Todo este cuidado com o planejamento é para evitar que os benefícios

concentrem-se nas mãos de uns poucos, pois na maior parte das vezes são as instituições privadas quem organizam as rotas turísticas e estas ações isoladas de estruturação não representam uma política estruturada em nível municipal, regional, estadual e nacional que englobe todos os envolvidos no processo turístico e assim não tem continuidade e consistência suficientes para o incremento do turismo de forma sustentável.

> A estratégia da regionalização, nas bases de sua proposta atual, sugere a otimização de esforços, o aumento da competitividade dos produtos e roteiros turísticos, e a dinamização das redes de comercialização. Ao final, os objetivos são os de promover o aumento dos fluxos de turistas, tanto para a capital, quanto para o interior, através do incremento do tempo de permanência e do gasto médio direto e indireto com o turismo, uma vez que se diversifica e se qualifica em excelência a oferta de produtos, assegurando, com isso, o aumento dos níveis de competitividade no mercado. (LIMA, 2004, p.55)

Portanto, pensando-se a regionalização do modelo de gestão de política pública descentralizada e integrada, pode-se entender, conforme coloca o MTur (2004, p.11) que "regionalizar é transformar a ação centrada na unidade municipal em uma política pública mobilizadora, capaz de provocar mudanças, sistematizar o planejamento e coordenar o processo de desenvolvimento local e regional, estadual e nacional de forma articulada e compartilhada". É uma estratégia de desenvolvimento turístico que agrega as potencialidades de uma região, levando aos resultados traçados a um elevado nível de competitividade global.

Porter (1990) fala do desenvolvimento e da necessidade de integração das instituições públicas e privadas e as comunidade em torno de um projeto em comum, cada qual com o seu papel bem definido para que o processo ocorra de forma harmoniosa e que para que as regiões sejam competitivas dentre deste contexto precisam de um sistema econômico bem estruturado, como um fórum de desenvolvimento, para articular os projetos regionais.

Regionalizar não é apenas o ato de agrupar municípios que tem proximidade física e fatores em comum, sejam eles culturais, naturais ou de outro aspecto. A regionalização visa à construção de um ambiente democrático e participativo entre a comunidade, o poder público, o privado e o terceiro setor, promovendo a integração. (BRASIL, 2007a). O princípio da regionalização incorpora como estratégia o ordenamento dos Arranjos Produtivos Locais (APLs), visando o desenvolvimento integrado e sustentável dos destinos e das relações entre visitantes e comunidade.

> A formação de um agrupamento só é obtido com o empenho de todas as pessoas, que, de forma direta ou indireta, obtêm benefícios advindos do turismo. Esse empenho pode ser alcançado se houver uma conscientização geral do grau de importância do turismo como relevante instrumento de desenvolvimento local e regional. Desse modo, todos os participantes, com o mesmo objetivo e atuação ativa têm a capacidade de dar vida a um agrupamento e, assim, fortalecer sua região. (SANTOS; BASSANESI, 2010, p. 30)

Os APLs - por sua própria natureza similar a dos clusters que compartilham uma cultura em comum e interagem como um grupo - sugerem uma proximidade entre os pequenos empreendimentos que atuam no mesmo setor, criando condições para uma integração cooperativa, que é fundamental ao processo de governança local que vise o desenvolvimento regional. (SEBRAE, 2004).

Neste sentido o PRT tem o intuito de promover o desenvolvimento das regiões turísticas do Brasil e entende a regionalização como uma proposta de política pública que projeta resultados além dos municípios, ampliando os benefícios às regiões, aliando uma visão internacional que une recursos financeiros, técnicos e humanos para o planejamento, gestão, promoção e comercialização integrados e compartilhados e visando criar oportunidades e condições de revelar e estruturar novos destinos turísticos.

Desta forma, "o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil promove a delimitação geográfica em regiões turísticas, para fins de planejamento, definição de estratégias e gestão, gerando a integração, articulação intersetorial e cooperação entre os vários participantes da cadeia produtiva regional". (BRASIL, 2007a, p. 20).

Duas das principais diretrizes operacionais traçadas pelo programa é o envolvimento dos representantes de todas as instâncias – poder público, empresários, sociedade civil, instituições de ensino e terceiro setor – em abrir espaço para que todos contribuam com as ações do Programa na região; e também levar em consideração o conhecimento local, as habilidades, as vocações, a cultura local e as experiências, para o seu aproveitamento e inclusão no processo de regionalização.

O programa sugere a roteirização como forma de planejamento e gestão para atingir os objetivos propostos.

> A roteirização trata-se de uma importante estratégia de planejamento e gestão para integrar atrativos, estabelecer parcerias e cooperação, e agregar atratividade a partir da segmentação turística. Desta forma, preserva-se a identidade e diversifica-se a oferta turística. (BRASIL, 2007b, p.45)

Portanto, conforme coloca o MTur (Ibidem, p.13) “pode-se entender roteiro turístico como um itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística das localidades que formam o roteiro.” Partindo-se desta definição percebe-se que a roteirização turística é um processo que propõe aos diversos atores envolvidos com o turismo orientações para a constituição dos roteiros turísticos.

A roteirização turística mostra-se então como elemento-chave no planejamento turístico que vise à regionalização, pois ela organiza e integra a oferta turística a partir da participação, flexibilização e sustentabilidade, criando condições de promover a inclusão social e auxiliando na redução das desigualdades sociais e regionais, resultantes do incremento da atividade turística de forma integradora e do aumento da demanda turística.

É importante colocar que a roteirização deve focar na construção de parcerias de modo a gerar oportunidades para toda a região e a elaboração dos roteiros deve ter como base o reconhecimento da situação atual da região turística, levando-se em consideração o potencial que cada município integrador do roteiro. O roteiro definido como produto turístico deve ser formatado de forma a evitar a exclusão da comunidade local, pois como conjunto de atrativos turísticos comercializados pelos agentes empresariais ou institucionais não pode representar apenas a comercialização e sim deve conceber o desenvolvimento de toda a região conforme rege a regionalização. (BENI, 2007).

No caso deste estudo, o projeto chama-se de Rota Cultural ou invés de Roteiro, o que é diferenciado pelo MTur (BRASIL, 2007, p. 29), já que “a rota é um itinerário com contexto de história [...] existe uma sequência na ordem dos destinos a serem visitados e há sempre um ponto inicial e um ponto final.” Desta forma, o “Caminhos do Frio” recebe a denominação de rota, pois apresenta delimitado seu período e ordem da visitação, baseado na historia e cultura regional. Esta roteirização exige um planejamento contínuo e detalhado conforme sugerido pelas diretrizes do PRT.

As diretrizes apresentam três estratégias para alcançar a regionalização: a gestão continuada (com a busca pela formação de parcerias com vista ao compartilhamento de propostas, responsabilidades e ações), o planejamento integrado e participativo (com a viabilização de planos estratégicos de forma participativa, democratizada a partir de espaços e mecanismos de representação da sociedade civil), e a promoção e apoio à comercialização (com o estabelecimento de relações com os agentes de mercado, proporcionando um ambiente adequado as mudanças exigidas pela competitividade do mercado).

Portanto, através da observação destas três estratégias, é possível a implementação do programa de regionalização do turismo, significando a promoção da cooperação e da parceria entre os diferentes segmentos sociais, políticos e econômicos. (BRASIL, 2007, p.30)

Para concretização destas diretrizes é importante saber que como processo, planejamento tem um sentido de intangibilidade e deve ser diferenciado do plano - que é o documento no qual constam as decisões determinadas para cada área - e assim planejamento governamental é a realização da administração pública das ações necessárias ao direcionamento da gestão, e deve vir de acordo com o intuito local. (CRUZ; SANSOLO, 2003)

Esse planejamento focado no desenvolvimento da região, conhecido como Planejamento Regional do Turismo, definido Beni (1999, p. 80) "é um conjunto de pólos de desenvolvimento turístico hierarquizados, unidos por uma infraestrutura comum que, em sua totalidade, contribuem para dinamizar o desenvolvimento econômico e social de extensas partes do território nacional".

Assim, é possível perceber a importância da interface que a cultura e as políticas públicas apresentam no tocante ao desenvolvimento através do turismo. As políticas orientadas especificamente para a gestão permanente da cultura devem propiciar um melhor aproveitamento dos recursos e uma melhor distribuição dos benefícios aos diversos atores envolvidos no processo turístico.

2.4 PLANEJAMENTO E GERENCIAMENTO DE PROJETOS TURÍSTICO-CULTURAIS

Contata-se empiricamente que a inexistência de um direcionamento e embasamento – histórico, filosófico e epistemológico - para a atividade turística pode acarretar prejuízos ao desenvolvimento da mesma e é apenas com uma conceituação e políticas bem delineadas que será possível o desenvolvimento da atividade com maior probabilidade de êxito, já que o planejamento englobará todos os aspectos a serem considerados no processo de regionalização. Sendo assim, ao desenvolver o turismo de forma regionalizada se diversifica a oferta turística, amplia-se a atratividade e consequentemente atrai-se mais turistas, mas que isso só é possível se incorporar novas posturas e estratégias na gestão das políticas públicas e na participação da comunidade no processo desenvolvimentista.

Contudo, o planejamento turístico exige - além de diretrizes, regulamentação e sistematização - sistemas de gerenciamento adequados por todas as partes envolvidas no processo de planejamento. Neste momento, faz-se importante a presença de uma Instância de Governança Regional para conhecer com profundidade e exatidão e a partir daí tomar as decisões cabíveis à realidade e ao mercado regional, evitando efeitos contrários ao esperado, atingindo a atratividade da localidade. Esta governança regional ficará responsável não só pelo planejamento, mas também pelo gerenciamento do processo de regionalização e sua institucionalização[10] pode ser através de associações, conselhos, fóruns, comitês, consórcios entre outros.

Desta forma, o planejamento passa a representar, conforme afirmam Ruschmann e Widmer (2000, p.67) "um processo que tem como finalidade ordenar as ações humanas sobre uma localidade turística, bem como direcionar a construção de equipamentos e facilidades, de forma adequada, evitando efeitos negativos nos recursos que apossam destruir ou afetar sua atratividade."

O gerenciamento de projetos constitui-se como uma prática que geralmente pode ser aplicada em qualquer projeto, visto que com as indicações do PMBOK[11] os conjuntos de processo de gerenciamento podem ser adaptados ao que se deseja gerenciar. No entanto o gerenciamento de projetos, até alguns anos atrás, se restringia a projetos relacionados à engenharia e à informática sendo que, nos dias atuais, começa a se perceber um interesse maior dos profissionais relacionados a outros serviços, tendo sido procurada também pelos gestores do turismo.

O processo de gerenciamento de projetos em turismo não se constitui em uma difícil tarefa e sim em uma necessária sistematização e direcionamento aos objetivos e resultados esperados pelos projetos. "[...] Na realidade, o gerenciamento de projetos não propõe nada revolucionário e novo. Sua proposta é estabelecer um processo estruturado e lógico para lidar com eventos que se caracterizam pela novidade, complexidade e dinâmica ambiental." (VARGAS, 2009, p.4).

[10] Institucionalizar é o mesmo que estabelecer, portanto, institucionalização é o mesmo que estabelecimento. Instâncias são as diferentes formas de organização gestoras do Programa em uma região turística. Governança diz respeito ao ato de governar, conduzir, reger. Portanto, a expressão Institucionalização das Instâncias de Governança Regionais significa estabelecer uma organização para decidir e conduzir o desenvolvimento turístico de uma região. (BRASIL, 2007c, p.14)

[11] O PMBOK é um guia de Melhores Práticas em Gerenciamento de Projetos do Instituo de Gerenciamento de Projetos (PMI) e engloba todas as áreas do conhecimento e respectivos processos do gerenciamento de projetos.

Então, tem-se o gerenciamento de projetos como um conjunto de ferramentas que permitem que se desenvolvam habilidades, conhecimentos e capacidades destinadas ao controle de determinado projeto e que apresenta inúmeras vantagens sobre as demais formas de gerenciamento, sendo a principal delas o fato de poder ser aplicado tanto em pequenos projetos como em projetos complexo e gigantescos que necessitam ser repensados, reavaliados e muitas vezes adaptados, como no caso de projetos que envolvem destinações turísticas. (VARGAS, 2009).

No gerenciamento de projetos turísticos culturais que visem o desenvolvimento regional é necessário que os recursos sejam pensados de forma a serem valorizados pela comunidade e sentidos pelo visitante e desta forma, deve-se pensar em como este projeto deve ser desenvolvimento e qual a sua formatação, que tipo de turistas quer-se atrair, que postos serão criados e como os trabalhadores da comunidade irão beneficiar-se destes postos e se há possibilidade de acesso aos resultados igualmente por todos os atores do processo. Para isso é crucial uma gestão que tenha bem definido o papel de cada agente, administrando o processo de desenvolvimento do turismo de acordo com o idealizado por todos os componentes.

Umas das primeiras ações do gerenciamento diz respeito à definição da Instância de Governança do projeto, que pode ser pública, privada ou mista. Elas têm como atores: empresas, associações, agências locais e regionais de governo, centros tecnológicos, universidades, agências de desenvolvimento, ONGs, etc. Pode-se entender o termo como a capacidade de administrar ou a capacidade que os governos têm de criar condições e de responder às demandas da sociedade.

Hachuel (1999 *apud* FISHER 2004, p. 14) coloca que "o conceito perfeito para a gestão idealizada é o de governança, entendida como o poder compartilhado ou a ação coletiva gerenciada." Junto ao conceito de governança vem uma série de conceitos de boas práticas valorizadas pelas agências internacionais como parceria, participação social, aprendizagem coletiva, regulação, gerenciamento eficaz, orçamento participativo, entre outros.

O conceito de governança passa a ser estudado pela gestão contemporânea oportunamente, trazendo em sua concepção a premissa de que todos os envolvidos no processo de tomada de decisão e implementação do processo turístico são responsáveis e que os benefícios advindo são resultados da parceria e estrutura organizacional, que deve ser participativa e descentralizada.

Conforme Bento (2003) a governança diz respeito aos pré-requisitos institucionais para a otimização do desempenho administrativo, isto é, o conjunto de instrumentos técnicos de gestão que asseguram a eficiência e a democratização das políticas públicas determinadas a uma região. O termo envolve a capacidade de implementação de mecanismos e de consecução de metas coletivas e refere-se ao conjunto de mecanismos e procedimentos para lidar com a dimensão participativa e plural da sociedade, o que implica expandir e aperfeiçoar os meios de interlocução e de administração de jogo de interesses.

De acordo com o PRT "A Instância de Governança Regional é uma organização com participação do poder público e dos atores privados dos municípios componentes das regiões turísticas, com o papel de coordenar o Programa em âmbito regional." (BRASIL, 2007c, p. 16)

> Ao considerar as diretrizes e princípios de integração, gestão coordenada, participação e descentralização do Programa, as Instâncias de Governança Regionais passam a ser responsáveis pela definição de prioridades, pela coordenação das decisões a serem tomadas, pelo planejamento e execução do processo de desenvolvimento do turismo na região turística. Devem participar, também, nas decisões políticas, econômicas e sociais no âmbito regional. (Ibidem, p.16)

A governança nas aglomerações produtivas envolve um intenso processo de negociação entre os atores produtores, institucionais e comunitários, podendo seguir três modelos (MESSNER; NEYER-STAMER, 2006):

a) a hierárquica: que modela-se segundo os tradicionais instrumentos como dinheiro, poder e lei;
b) de mercado: com a coordenação baseada na mão invisível;
c) networks: desenvolvida por meio da negociação, reciprocidade e interdependência entre as partes envolvidas.

Esta terceira opção dada por Messner e Neyer-Stamer enquadra-se na concepção almejada pelo modelo brasileiro, no qual espera-se a participação de todos os envolvidos através de uma negociação aberta e interdependente. Seria uma governança democrática, que conforme Zapata (2008) torna-se fator de competitividade porque é uma gestão de conflitos visando à construção de consensos, facilitando a cultura empreendedora, de sujeitos proativos com ideias inovadoras para através de projetos coletivos chegar-se a mudança pactuada. Este tipo de gestão reduz os problemas com má distribuição de recursos entre os municípios, pois a decisão de toda movimentação e compartilhada.

Para Camargo (2003) a busca da governança introduz no cotidiano a prioridade ao fortalecimento do poder local e aos processos de descentralização, acompanhados de valorização dos movimentos, especialmente, o empoderamento dos principais atores, por meio da capacitação, do desenvolvimento institucional e da democracia em rede. A autora esclarece que o termo governança não possui relação com o termo governo, havendo em certos casos governanças sem governos e governos sem governança, já que governo sugere uma autoridade formal dotada de poder, enquanto a governança trata-se das atividades apoiadas em objetivos comuns abrangendo tanto instituições governamentais quanto mecanismos informais não governamentais dos demais agentes do processo, sendo a governança então mais ampla do que o governo.

Para entender melhor o que seria esta governança como gestão participativa, primeiramente tem-se de identificar os agentes participantes deste processo, que é composto pelos líderes formais (prefeitos, vereadores, representantes da igreja, professores, juízes, etc) e os líderes informais (aqueles que exercem influência sobre a comunidade e a opinião pública), conforme apresento a seguir:

Figura 2: Agentes da gestão participativa na governança do turismo local/ regional

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012).

Vários aspectos relativos ao planejamento e gerenciamento do projeto dependerão substancialmente da governança, isto é, da gestão política e institucional, do envolvimento de lideranças e, sobretudo, do consenso gerado por eles e entre eles. A gestão do projeto deve estar condicionada aos acordos e as predisposições de empresários e lideranças, de forma tal que o gestor não pode planejar e executar o planejado, sem o envolvimento e concordância de todos.

> Um projeto de turismo sustentável em base local com o objetivo de planejar e manejar os sistemas e recursos, levando em consideração aspectos histórico-culturais e tradicionais, além de conflitos de usos e interesses, para que ocorra de forma socialmente justa, é necessário que haja a participação da população durante todo o processo, garantindo assim, que as decisões tomadas estejam de acordo com as aspirações da comunidade e que sua implantação em tais bases seja efetivada. Para tanto, é necessário que os indivíduos estejam devidamente informados para analisar coincidentemente as consequências dessa reorientação de uso e ocupação da paisagem, dos valores culturais e nos padrões familiares locais e o impacto sobre os ecossistemas locais, que são físicos e simbólicos. (MAMEDE, 2003, p. 37)

Portanto, o planejamento turístico que visa o desenvolvimento regional requer necessariamente o gerenciamento eficaz para a implementação de seus planos, programas e projetos através de uma governança organizada que se encarrega da coordenação, acompanhamento e gestão das ações planejadas. Especificamente no PRT, as diretrizes operacionais propõem que cada região conte com sua Instância de Governança definida e atuante para que as ações tenham sucesso. A estrutura, o formato e o caráter jurídico dessa Instância ficarão a cargo dos atores municipais envolvidos (poder público, empresários, sociedade civil, instituições de ensino, outros), podendo ser um fórum, um conselho, uma associação, um comitê ou outro tipo de colegiado.

A criação da governança definirá a dinâmica pela qual o processo de roteirização ocorrerá de modo a beneficiar todos os agentes ligados a atividade, desde que ocorra de uma neira participativa e compartilhada, definindo papéis e interações, valorizando as estruturas descentralizadas. Como tem caráter participativo, a roteirização deve estimular a integração e o compromisso de todos os protagonistas desse processo, não deixando de desempenhar seu papel de instrumento de inclusão social, resgate e preservação dos valores culturais e ambientais existentes.

Diante disso, é esperado que cada região turística planeje e decida seu próprio futuro, de forma participativa e respeitando os princípios da sustentabilidade econômica, ambiental, sociocultural e político-institucional. O que é buscado com o Programa de Regionalização do Turismo é subsidiar a estruturação e qualificação dessas regiões para que elas possam assumir a responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento, possibilitando a consolidação de novos roteiros como produtos turísticos rentáveis e com competitividade nos mercados nacional e internacional.

Para tanto é necessário perceber o turismo como atividade econômica capaz de gerar postos de trabalho, riquezas, promover uma melhor distribuição de renda e a inclusão social. O processo de planejamento de ações governamentais e não governamentais no domínio em que se encontram cultura e desenvolvimento regional sempre colocará aos agentes envolvidos o desafio de estabelecer um plano de desenvolvimento fundado na cultura regional ou de formular um plano de cultura orientado para o desenvolvimento regional.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO E NATUREZA DO ESTUDO

Devido à complexidade dos estudos sobre turismo há uma necessidade de recorrer-se à interdisciplinaridade ou à multidisciplinaridade para buscar definições e explicações relacionadas a este fenômeno. Já que o turismo não dispõe de ordenamento disciplinado nem de metodologia própria, o que ratifica a necessidade de uma ampla análise, observando-se métodos e critérios específicos de um complexo teórico metodológico decorrente de ciências diversas (LAGE; MILONE, 2000), faz-se crucial utilizar a diversidade de áreas do conhecimento científico, diferentes discussões e fundamentações nos campos da economia, da sociologia, da psicologia, da geografia, da antropologia, da história, da ecologia, da administração dentre outras. E, necessita-se ainda, integrarem-se os aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais, científicos, tecnológicos, legais e éticos.

Desta forma, no intuito de contemplar uma análise mais ampla sobre o objeto em estudo, o presente trabalho é do tipo descritivo-exploratório, pretendendo observar os fenômenos decorrentes da implementação do "projeto Caminhos do Frio- Rota Cultural". Esta metodologia descritiva encaixa-se bem com o intuito deste estudo, já que, segundo Rudio (1999, p. 71) a pesquisa descritiva "está interessada em descobrir e observar fenômenos procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los".

Este estudo caracteriza-se metodologicamente por ser de cunho qualitativo, que conforme explicam Lage & Milone (2000, p. 304) não se detém a enumerações e medições, de dados através de meios de análise estatísticas e sim, preocupa-se com a profundidade dos resultados obtidos, pois "à medida que o trabalho vai sendo realizado, novos enfoques vão sendo adotados, especialmente contando com o envolvimento do pesquisador e outras pessoas, lugares, situações que incluem o próprio ambiente natural dos agentes".

Além disto, ele apresenta uma abordagem interpretativista que de acordo com Bortoni-Ricardo (2008, p. 32).

> Para o paradigma interpretativista, surgido como uma alternativa ao positivismo, não há como observar o mundo independente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo.

Conforme o paradigma interpretativista, a pesquisa qualitativa procura entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto no qual o pesquisador está interessado no processo que ocorreu no ambiente e como os atores sociais estão envolvidos neste processo. Assim, este estudo analisa o ambiente no qual ocorre a regionalização do turismo no Brejo da Paraíba e como os atores sociais participam do processo, de forma a buscar o desenvolvimento da região através da cultura e turismo.

O trabalho caracteriza-se ainda por ser longitudinal, traçando um recorte temporal para a verificação empírica da realidade encontrada na localidade estudada, que conforme Jung (2003, p. 141-142) "o pesquisador coleta os dados do experimento em dois ou mais momentos, havendo um acompanhamento ao longo do tempo do fenômeno em estudo [...] é mais suscetível a variáveis espúrias e avalia toda a dinâmica do processo".

Com o intuito de analisar o desenvolvimento turístico da região do Brejo Paraibano, realizou-se, quanto aos fins, um levantamento inicial de dados através de pesquisas bibliográfica, em inforvias e documental (com fontes primárias e secundárias nos documentos do MTur, com a análise do Programa de Regionalização do Turismo através do estudo de seus 13 (treze) cadernos, assim como sobre os documentos do próprio Projeto Caminhos do Frio, cedidos pelos gestores dos municípios em estudo). Sobre a pesquisa bibliográfica, Lakatos e Marconi (2005, p.185) referem-se a todo estudo, reforçando que "a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras".

Construído todo panorama teórico, a abordagem da pesquisa de campo exploratória revelou-se como instrumento necessário à verificação da temática do estudo. Tripod (1975, apud LAKATOS, 2005, p.190) ainda ressalta que "a pesquisa objetiva visa à estruturação de problemas e sugestões, abordando os escopos de desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador [...] ou modificar e clarificar conceitos".

Portanto, quanto aos meios, realizou-se uma pesquisa de campo, pois as informações foram coletadas diretamente (*in loco*) nos 6 (seis) municípios partícipes do Projeto Caminhos do Frio. Vergara (1998, p. 45) caracteriza este tipo de pesquisa como "investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-los. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não". Nesta pesquisa fez-se uma caracterização da área estudada, o levantamento de dados referentes aos atrativos naturais e culturais, a infra-estrutura básica e de apoio e aos equipamentos e serviços turísticos existentes, contribuindo para a compreensão

da realidade local, assim como a aplicação dos demais instrumentos de observação direta e entrevistas.

3.2 ABRANGÊNCIA DO ESTUDO

O estudo tem como unidade de análise o turismo da região do Brejo Paraibano e abrange os seis (6) municípios partícipes do Projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural da região do Brejo Paraibano, que são: Areia, Bananeiras, Pilões, Serraria, Alagoa Grande e Alagoa Nova, sendo entrevistados os gestores do projeto em cada município, a seguir: Areia: Ney Vital (secretaria de turismo e eventos - gestão 2010), Janaina Azevedo (Secretaria de cultura) e Nielson Albuquerque (Secretaria de turismo - gestão 2011), Bananeiras: Ana Gondim (Secretaria de cultura e turismo), Serraria: Ricardo Duarte (Secretaria de turismo) e Chaline (Secretaria de educação), Pilões: José Guilhardo e Jacy Ramalho (Secretaria de ação social), Alagoa Nova: Vânia Galdino (Secretaria de planejamento, turismo e meio ambiente), Alagoa Grande: Severino Antonio (Bibiu) (Secretaria de cultura). Além da presidente do Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (instância regional de governança do projeto): Vânia Galdino.

Além disto, a comunidade, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE)/PB - que tem papel primordial no planejamento e a gestão do projeto, - e alguns agentes ligados ao setor turístico e de infra-estrutura básica também fizeram parte do estudo, seja por conversa informais ou consulta a registros e dados primários.

Devido à relevância de conhecer o estágio do projeto em cada município que apresenta diferenciados níveis de desenvolvimento e resultados já alcançados e também pela acessibilidade do pesquisador com a área de estudo e com os gestores, foi decidido realizar a pesquisa com agentes públicos e instituições diretamente ligadas ao planejamento e gerenciamento do projeto.

3.3 COLETA DOS DADOS

Baseado nos procedimentos técnicos de coleta de dados em ciências sociais e visando complementar a compreensão do fenômeno como um todo foram escolhidos os instrumentos de coletas de dados. A construção dos instrumentos baseou-se nos critérios oriundos das categorias de análise, focadas em responder as variáveis observadas pelos objetivos desta pesquisa.

A coleta dos dados bibliográficos e documentais deu-se através de pesquisa em livros e artigos científicos sobre a temática em questão - abordando os termos citados na introdução deste trabalho - e em documentos sobre o projeto caminhos do frio e o programa de regionalização do turismo, assim como documentos da Prefeitura de cada município e de órgãos como Corpo de Bombeiro entre outros.

Utilizou-se a técnica de observação direta intensiva, relacionada às variáveis em análise na localidade, sendo criado um modelo observacional (Apêndice A1) para aplicação *in loco*, adaptado do modelo de observação de cluster de Thomazi (2006). A utilização de modelo adaptado ao de Thomazi deu-se devido à similaridade encontrada na observação de um processo de regionalização ao de APLs, conforme apresentado neste estudo na página 43, na qual é possível identificar nas palavras do MTur a relação entre ambas as unidades de análise. Neste roteiro foram observadas questões referentes aos obstáculos políticos e organizacionais do projeto e dos municípios, assim como a infraestrutura básica, de apoio e turística dos mesmos, além da participação da comunidade.

Além disso, foram observadas as atrações encontradas, a promoção realizada, os equipamentos e serviços envolvidos e a mão-de-obra utilizada, assim como os planos governamentais e as mudanças nos costumes locais e datas de eventos advindos do desenvolvimento turístico da região.

Foi também elaborado para a observação direta, roteiros interacionais (Apêndice A2, A3 e A4) que incluísse as questões não contempladas pelo modelo A1. Este roteiro surgiu a partir das necessidades oriundas da pesquisa de campo (fase 1) realizada em julho e agosto de 2010 e contemplou aspectos relacionados as manifestações culturais, a programação e roteiros de passeios nas cidades, o envolvimento da comunidade no projeto, toda a infra-estrutura utilizada pelos turistas (seja ela básica, turística ou de apoio), o fluxo de turistas e divisas, a diferenciação da paisagem e os investimentos nas localidade a atrativos.

Além disto, foi aplicado um roteiro de entrevista semiestruturado qualitativo com questões abertas aos gestores do projeto nos municípios partícipes (Apêndice B), e a presidente do Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (Apêndice C), na perspectiva de uma obtenção de dados mais reais para uma análise aprofundada acerca dos aspectos regionais, como ferramenta de desenvolvimento do Turismo Paraibano. Foram inquiridas questões a respeito da concepção, finalidade, organização e implementação (execução) do projeto, a governança do mesmo em cada município e pela Instância geral de governança e os resultados obtidos por ele até então. Também através das entrevistas pôde-se conhecer o papel do SEBRAE no projeto.

A comunidade, agentes diretamente ligados ao turismo e a representante do SEBRAE/PB foram ouvidos através de conversas informais nas visitas in loco, seja no festival gastronômico, como nas oficinas e o setor privado através dos empresários do setor turístico.

O recorte temporal longitudinal, citado anteriormente, foi traçado visando dividir a execução da pesquisa em 2 fases: Fase 1 - fase exploratória ou de pré-pesquisa, para precisar a formulação do problema a avaliar os métodos a serem aplicados, realizada em julho e agosto de 2010, coincidindo com o período de realização do projeto (5ª edição) e a Fase 2 – julho e agosto de 2011 (6ª edição), observando a evolução e mudanças em um determinado espaço de tempo, suficiente para compreender o fenômeno. Foram feitos contatos prévios com cada gestor, por meio de telefone e e-mail, agendando um horário com cada um, em seu respectivo município, durante o circuito, o que possibilitou uma coleta concomitante com a observação direta, que deu-se durante todo o período do circuito (6 semanas em cada ano = 3 meses), sendo elas de 19 de julho a 29 de agosto de 2010 na fase I e de 25 de julho a 04 de setembro em 2011 na fase II.

O percurso realizado para a pesquisa de campo partiu da cidade de João Pessoa para as 6 cidades supracitadas e seus arredores, percorrendo um total de aproximadamente 3.800 km, realizados de carro de passeio, sem maiores problemas com acesso, exceto pelas condições das estradas, que nesta época de inverno apresentam problemas devido às chuvas.

Quanto às despesas gastas para a realização da pesquisa de campo, incluindo abastecimento de combustível, hospedagem, alimentação, guia local de turismo, realização de atividades e passeios e compra de artesanato, foram gastos R$ 1.350,00 (hum mil trezentos e cinquenta reais), o que equivale a um gasto de todas as despesas de R$ 225,00 (duzentos e vinte e cinco reais) por cidade, ou seja, um custo muito baixo para um circuito de tal dimensão. Isto deu-se pelo fato da receptividade nos municípios pelos gestores com apoio de hospedagem e/ou alimentação, passeios, etc, em alguns deles. Mesmo assim, naqueles em que costeei todos os gastos, por optar por acomodação simples e fazer alguns percursos por conta própria, sem o guia de turismo ou acompanhada de algum residente sem custo por isto, os gastos foram bem abaixo do esperado.

Os dados coletados nestas etapas são apresentados no capítulo 4, de forma a obter a compreensão da realidade apresentada por cada município incluído no roteiro, visando apresentar informações importantes concernentes com a realização do processo de regionalização.

3.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados coletados, o pesquisador precisa desenvolver uma atitude investigativa com um olhar preparado em relação a um corpo de conhecimento acumulado por outros estudiosos, pois quanto mais informado for o pesquisador, maior a riqueza de suas análises. Desta forma, após um aprofundamento sobre as técnicas mais adequadas a esta pesquisa, procurou-se confrontar com o ambiente onde esse mesmo saber poderia estar sendo desenvolvido e apontar possíveis caminhos para uma aplicação e assim, com a estruturação das situações-problema relevantes e necessidades do cenário observado, serão expostos os aspectos presentes no projeto, assim como identificando a influência do modelo de gerenciamento de projetos.

A análise dos dados recolhidos na investigação é a etapa crucial para atingir os objetivos previamente delineados, pois é neste momento que a capacidade de reflexão e análise crítica do investigador contribuem para uma percepção ampliada do objeto a ser investigado.

Para este trabalho foi realizada uma análise descritiva, crítica e interpretativa dos dados, refletindo sobre cada variável selecionada e apresentando os resultados encontrados na investigação das mesmas. Também é apresentado um quadro comparativo na visualização das variáveis com um olhar de pesquisadora e de turista, chegando-se a uma síntese mais imparcial sobre os fenômenos analisados.

Assim, a partir do material coletado na fase inicial de coleta (neste caso correspondente a fase I), categorias de análise (Apêndice D) foram traçadas para a interpretação e análise aprofundada do objeto de estudo, após sua coleta total, visando responder às vertentes visualizadas nesta pesquisa, sendo elas cultural política e organizacional.

A pretensão dos procedimentos metodológicos deste trabalho sugere uma riqueza da análise com precisão conceitual, ancorada na utilização de dados empíricos e descritivos, pautados no plano conceitual sistêmico, método amplamente difundido nas ciências sociais, em especial no Turismo, que vem norteando a maioria dos trabalhos e pesquisas na área, e baseada em uma elaboração teórico-conceitual que ampara os fatos empíricos que dão sentido a teoria apresentada.

4 O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO BREJO PARAIBANO ATRAVÉS DO PROJETO CAMINHOS DO FRIO – ROTA CULTURAL

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO E DOS MUNICÍPIOS PARTÍCIPES DO PROJETO

Figura 3: Mapa do Brejo Paraibano

Fonte: Home Page do Brejo Paraibano, 2010.

Levando-se em consideração o uso da cultura no desenvolvimento turístico, o Nordeste brasileiro destaca-se devido ao seu potencial, marcado por uma cultura singular. Vale mesmo salientar a vocação turística do estado da Paraíba enquanto à ênfase e aos investimentos que vem se fazendo nesta área. Nesse contexto insere-se a Região do Brejo Paraibano, de excepcionais peculiaridades no panorama sociocultural brasileiro.

Com uma área total de 56.439,8 km² e contando com 223 municípios, a Paraíba apresenta características distintas, interessantes e ao mesmo tempo exóticas devido a suas diferentes paisagens e seus valores histórico-culturais. Divide-se em 4 mesorregiões, que são Sertão, Borborema, Agreste e Mata Paraibana e em 23 microrregiões, em que insere-se o Brejo Paraibano, onde está sendo desenvolvido o projeto em estudo.

Localizado na mesorregião do Agreste Paraibano, o Brejo está dividido em 8 (oito) municípios: Alagoa Grande, Alagoa Nova, Areia, Bananeiras, Borborema, Pilões, Serraria e Solânea, conforme apresentado na figura 2. Por estarem situados na serra, estes municípios apresentam aspectos de relevo e clima que propiciam a atividade turística na estação do inverno, com os termômetros chegando a atingir 12 graus, transformando a paisagem local em esculturas naturais de rica beleza, paisagens estas que misturam-se aos arranjos produtivos socioeconômicos e culturais locais, representados nos engenhos, nas senzalas, nas plantações de cana, nas moradias dos trabalhadores, com também através das edificações relacionadas às atividades administrativas, religiosas e culturais de expressivo valor histórico, artístico, paisagístico, arqueológico, paleontológico e científico e nos costumes locais de produção de cachaça artesanal, da gastronomia típica e de outros aspectos que englobam a herança material e imaterial herdada.

De acordo com o último Censo realizado na Paraíba, a região do Brejo Paraibano apresenta área de 1.173 km^2 e ocupa cerca de 2% do território do Estado da Paraíba (IBGE, 2011). Entretanto mesmo com extensão relativamente pequena é uma região de grande importância para o Estado devido às suas condições de solo e clima que viabilizam a produção agrícola. Deste modo, pode-se dizer que a economia dos municípios que formam esta microrregião está baseada, em grande parte, em atividades rurais.

Porém, a atividade agrícola do Brejo sofreu um declínio devido a uma série de acontecimentos que resultaram em sérios problemas na economia da região, como por exemplo, o fechamento de engenhos e fábricas. Diante do problema estrutural advindo desta crise os habitantes tiveram que procurar outras formas de tirar seu sustento e viram no turismo uma alavanca para sair da crise. Inicia-se assim o processo de turistificação do Brejo Paraibano, tendo, inicialmente, no turismo rural o pontapé par o desenvolvimento da região.

Assim, com as belas paisagens, casarões antigos e sabores exóticos da culinária, o Brejo Paraibano conta a história da civilização do açúcar, onde os turistas podem visitar e usufruir da produção de rapadura e cachaça da região, além de receber um aporte histórico-cultural da época de mais destaque da região, que é a época açucareira e da escravatura no Brasil. Com a baixa temperatura dos meses de junho a agosto, pode-se visitar antigos engenhos, fazer trilhas ecológicas e conhecer a história da arquitetura secular que as cidades apresentam, integradas no roteiro Caminhos do Frio - Rota Cultural.

O roteiro é conhecido nacionalmente e sua divulgação internacional começa a despertar interesse, passando em 2011 a ser divulgado pelas mídias impressa e televisiva, assim como pelas mídias sociais. “Essa região é única: clima frio, áreas verdes preservadas [...] Vale a pena conhecer e andar pelas ruas de cidades como Areia e Bananeiras, que preservam o clima rural, bucólico, de culinária farta e iguarias regionais” (ROTEIROS DO BRASIL, 2011).

Segue abaixo, descrição sobre os 6 municípios partícipes do projeto Caminhos do FRIO- Rota Cultural:

- AREIA = Patrimônio Histórico Nacional

Figura 4: Cidade de Areia - Patrimônio Histórico Nacional

Fonte: Blogspot de Fábio Remy, 2012.

É um município brasileiro do estado da Paraíba, localizado na microrregião do Brejo Paraibano. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2006 sua população era estimada em 26.569 habitantes. A área territorial é de 269 km². Localiza-se a Leste do Estado e sua sede está a uma altitude de 618 metros, tem uma posição geográfica determinada pelos paralelos de 6° 57' 48'', de Latitude Sul, em sua intersecção com o meridiano 35° 41' 30'', de Longitude Oeste de Greenwich. Limita-se ao Norte, com os municípios de Arara e Serraria; ao Sul, com Alagoa Grande e Alagoa Nova; ao Leste, com Pilões e Alagoinha; ao Oeste, com Remígio, Esperança e Algodão de Jandaíra. A uma distância de 130 km da capital do Estado da Paraíba (João Pessoa), e de 53 km de Campina Grande, cidade com qual mantém maior relacionamento por ser a sede da 3ª região geo-administrativa do Estado ao qual pertence, Areia é servida pelas rodovias PB-79, que a faz comunicar-se com Remígio e Alagoa Grande, e PB-87, ligando-a a Pilões (IBGE, 2007).

Em relação à sua história, tem-se que em 1648, a expedição em busca de recursos minerais de Elias Herckmans, então governador holandês da Paraíba, percorreu a mando de Maurício de Nassau a região onde hoje se assenta a cidade de Areia sem, entretanto, nada encontrar. Pouco mais tarde, em meados do século XVII, desbravadores portugueses percorreram a região, tendo um deles, de nome Pedro, se fixado no local à margem do cruzamento de estradas que eram caminho obrigatório de boiadeiros e comboieiros dos sertões com destino à cidade de Mamanguape e à Capital. Dada a amizade que fez com os nativos (um povo indígena que habitava a área da Serra da Borborema de nome Bruxaxá), construiu um curral e uma hospedaria conhecida como "Pouso do Bruxaxá". A região recebeu então seu 1º nome Sertão de Bruxaxá e foi por muitos anos assim conhecida.

A partir dessa época, o povoado que se formou ali passou a ser um ponto estratégico para os boiadeiros e tropeiros que vinham do sertão mais adentro com destino ao litoral da então Capitania da Paraíba. Com o tempo, entretanto, devido a um riacho que possuía bancos de areia muito brancas, o povoado passou a ser chamado de Brejo d'Areia, já que o lugarejo fica na Microrregião do Brejo Paraibano, região da Paraíba não muito longe do litoral, que recebe os úmidos ventos alísios vindos do Atlântico. O povoado foi elevado à categoria de vila em 30 de agosto de 1818 e, em 18 de maio de 1846, tornou-se cidade.

Com o desenvolvimento da lavoura canavieira na Região do Brejo, no século XIX, a cidade de Areia tornou-se o maior município da região, mas tal proeminência econômica começou desde o século anterior, XVIII, com a precedente lavoura do algodão. A campanha abolicionista no município teve a liderança de Manuel da Silva e Rodolfo Pires, e a cidade libertou o último escravo pouco antes da Abolição da Escravatura em todo o país, no

dia 3 de maio de 1888. Participou ativamente das Revoluções do século XIX, tais como a Revolução Pernambucana, em 1817, a Confederação do Equador, em 1824 e a revolta do Quebra-Quilos, em 1873.

Tendo como base da sua economia o cultivo da cana-de-açúcar em larga escala, enfim se desenvolvera a expansão do canavial, em meio às terras férteis do Brejo, com norteamento para com as engenhocas, cujo fabrico era açúcar mascavo e consequentemente a rapadura, tornando esse à mola mestre do desenvolvimento de Areia e da Microrregião Brejeira. Desta forma, o município se destaca em um processo de modernização capitalista-exportador, entretanto em 1980 a atividade entra em declínio e ocorre a decadência de muitos engenhos e a atividade entra em colapso.

Assim, Areia procurou em outras atividades a sustentação de sua economia, conciliando com a cana-de-açúcar, a agricultura e a pecuária, além do setor terciário. De acordo com Nascimento (2007, p.44) "o município de Areia apesar de seus ciclos econômicos instáveis, ainda hoje obtém na cana-de-açúcar uma parcela significativa de contribuição, no que diz respeito ao setor agroindustrial, paralelamente ao setor do turismo rururbano".

O município de Areia constitui um verdadeiro centro de excelência para o desenvolvimento do turismo ecológico e rural, pois associa seu lado rústico através de atrativos naturais ao seu lado cultural, através dos engenhos, senzalas, plantações de cana-de-açúcar, edificações religiosas e históricas, relações e manifestações da comunidade, entre outros aspectos que diferencia de outras regiões. Tem destaque por ser a primeira cidade na Paraíba a ter a sua área totalmente protegida e preservada, obtendo do IPHAN o título de Patrimônio da Cultura Nacional, onde se destacam: o Teatro Minerva (o primeiro construído na Paraíba); a Casa Museu Pedro Américo, com inúmeras réplicas dos quadros deste que foi o mais célebre cidadão areiense, entre elas a famosa obra "O Grito do Ipiranga", encomendada a ele por Dom Pedro II, cujo original encontra-se no Museu do Ipiranga em São Paulo; a Igreja Rosário dos Negros e Museu da Rapadura (localizado dentro do campus da UFPB), que apresenta as várias etapas da fabricação dessa iguaria e dos outros derivados da cana-de-açúcar.

Os personagens históricos mais conhecidos de Areia são o pintor Pedro Américo (pintor do Segundo Império), José Américo de Almeida (ex-governador da Paraíba, escritor e importante político nacional), Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques (primeiro arcebispo da Paraíba), Abdon Felinto Milanês (músico erudito), Abdon Milanês (político da Primeira República e pai do compositor) além de Elpídio de Almeida (médico e ex-prefeito da cidade de Campina Grande), Álvaro Machado (fundador do Jornal A União), entre outros.

Tem também como atrativo, riquezas naturais no Parque Estadual Mata do Pau Ferro, com diversas fontes, cachoeiras e balneários aquáticos. Lá há trilhas onde são realizados caminhadas e passeios ciclísticos, além da pratica de esportes radicais como rapel.

No seu calendário de eventos culturais se destacam: Festival da Cachaça e Rapadura (antigo Bregareia), Festival de Música e Festival de Artes. Areia sempre tem uma programação com festivais de arte, apresentações teatrais, shows, exibição de filmes regionais e festivais gastronômicos. Além disto, em Areia é possível encontrar locais que são consagrados pela população local e não podem deixar de serem visitados pelos turistas, a exemplo do Bar do Chifre, que é a representação do folkturismo na cidade. Lá o turista pode se deleitar com a autêntica "cachaça de cabeça", o "pau dentro" ou mesmo uma "catuaba". Os tira-gostos são os mais variados da cidade: "jia", "cobra", "tripa de porco", "caldo de peixe", "peba", "tatu", um bagre de jaca, um pedaço de manga, laranja, carambola, jabuticaba ou pitomba que são frutas típicas da região. É obrigatório tocar "o sino" para entrar no Bar do Chifre e ouvir a permissão do dono (Sr. Basto) respondendo: "entra e escolhe o teu (chifre) porque o meu já está reservado".

Figura 5: Bar do Chifre- Areia/Pb

Fonte: Godela Beer, 2012

- BANANEIRAS

Figura 6: Cidade de Bananeiras

Fonte: Umas & Outras. Arte, Cultura, Informação & Humor, 2012.

O município de Bananeiras localiza-se na mesorregião do agreste e microrregião do Brejo Paraibano e da Borborema, parte integrante do piemonte da Borborema e nos contrafortes da Serra da Cupaóba. Fica a 570 km de altitude em relação ao nível do mar e distante 160 km de João Pessoa e 80 km de Campina Grande. Possui uma área de 273 km^2 e faz limite com os municípios de Tacima, Dona Inês, Solânea, Pirpirituba e Belém. A população é de 21.670 habitantes, os quais 70% encontram-se na zona rural, sendo a economia predominantemente baseada na agricultura (mandioca, feijão, milho, banana, entre outros) e na pecuária (leiteira e de corte), em um sistema de agricultura familiar. (IBGE, 2007).

O clima do município é agradável, com temperatura máxima de 29º e mínima de 16º aproximadamente, apresenta-se frio nas épocas chuvosas de modo que a temperatura fica em torno de 10º a 14º e, ao anoitecer, a cidade fica tomada por uma névoa branca.

A bacia hidrográfica é integrada pelos rios Curimataú e Goiamunduba, seguindo os riachos Canafístula, Goiamunduba e Bananeiras (que corta toda a cidade e é canalizado). Quanto ao revelo é formado pelas serras Roma, Cedro e Cupaóba e a vegetação é a floresta tropical. (REVISTA BANANEIRAS, 2002).

De acordo com Medeiros (1950 apud REVISTA BANANEIRAS, 2002) a colonização de Bananeiras deu-se no início do século XVII, numa área densa de floresta onde existia um bananal de espécie diferente, com frutos minúsculos que não serviam a alimentação, eram pacoveiras - uma bananeira rústica, que produzia frutos inadequados para o consumo humano. Nasce daí uma povoação, nas proximidades de uma lagoa no fundo do vale, a partir da construção de uma pequena capela em homenagem à Nossa Senhora do Livramento em 1861, que passa a denominar-se Bananeiras e em 1879 torna-se município.

Há também a lenda indígena que nos rituais de guerra ou religiosos, costumavam devorar os inimigos aprisionados. E este seria o fim de Gregório, se mãos hábeis não desatassem os cipós que o amarravam a uma estaca. Ele ia ser sacrificado na manhã seguinte. O misterioso salvador correu madrugada adentro, com Gregório às costas. Ao amanhecer, o caçador notou que seu anjo benfeitor era uma formosa índia, que o levara a salvo até a aldeia de Santo Antônio da Boa Vista (seria o território que hoje forma Borborema ou Pirpirituba). Satisfeita por haver salvo o homem que seria seu marido, a índia beijou-lhe as mãos e chorou de alegria. Gregório, que prometera a Nossa Senhora do Livramento erguer uma capela em sua homenagem, casou com a bela índia, que recebeu o nome de Maria do Livramento. Em 7 de abril de 1763, o tabelião Vicente Ferreira Serrano lavrou escritura de uma parte de terras doadas por Gregório, para a construção da Capela de Nossa Senhora do Livramento. Depois de seguidas reformas, a capelinha de taipa transformou-se na atual Matriz de Bananeiras, um templo de formas arquitetônicas interessantes, que desperta a curiosidade dos turistas. (REVISTA BANANEIRAS, 2002)

Bananeiras foi o maior produtor de café da Paraíba e o segundo do Nordeste. Em 1852, o café de Bananeiras rivalizava em qualidade e aceitação com o de São Paulo. Aqui, produzia-se um milhão de sacas ao ano. O transporte era precário, para fazer o produto chegar aos principais centros consumidores. O trem só chegaria 72 anos depois. As edificações do Período colonial (séc.18), neoclássico, ecléticos, art-decô e protomodernistas, que ainda existem na cidade, são o resultado da opulência vivida pela aristocracia rural. O dinheiro do

café permitia a construção de palacetes, com ladrilhos importados. O fausto do café acabou em 1923, com a praga *Cerococus paraibensis* que contaminou as plantações. A cana-de-açúcar, o fumo, o arroz e, posteriormente, o sisal, passaram a figurar como produtos estratégicos da economia regional.

A economia do município de Bananeiras é firmada na agricultura e na pequena pecuária. Nos dias atuais, Bananeiras vêm revelando sua vocação para o turismo. Nos limites da área urbana situa-se o Centro de Formação de Tecnólogos, órgão da Universidade Federal da Paraíba. Neste complexo universitário se destacam os cursos de Engenharia de Alimentos e de Ciências Agrárias. Professores do CFT extraem o óleo da citronela e da erva doce, utilizado por empresas do Sudeste do País na fabricação de cosméticos e repelentes. Um professor do CFT destacou-se ao ganhar prêmio internacional, nos EUA, por estudar o comportamento das abelhas. Outro técnico do órgão universitário acaba de criar um método de cultivo em mandalas, adequado para as agriculturas familiares, que está sendo implantado em assentamentos do município.

O município é rico em artesanato. Artesãos locais são peritos na manipulação da madeira, bambu, bonecas de pano, cabaças e derivados da Bananeira, Professoras de artesanato do CEFT, Diva e Rejane, trabalham magistralmente com a palha da bananeira, na produção de bolsas, escarcelas, pastas, caixas, cadernetas para anotações e bandejas, que já são vendidas no Sudeste do Brasil e no exterior. Os doces caseiros (de frutas variadas) são famosos na região, assim como o crochê, fuxico e bordados. O artesanato feito com cabaças tem sido o mais procurado pelos turistas, assim como os bonecos e santos confeccionados com a palha da banana. Também existe o artesanato do papel da Bananeira no Distrito de Vila Maia e o tear manual no Distrito do Tabuleiro.

A cidade de Bananeiras possui atrativos naturais (serras, reservas florestais e cachoeiras) e culturais (conjunto arquitetônico que reúne casarões antigos, engenhos, igrejas, colégios, monumentos históricos, entre outros) que compõem a oferta turística local. Alguns de seus atrativos culturais são: Casario do Centro de Bananeiras; Cruzeiro de Roma; Conjunto Arquitetônico Sagrado Coração de Jesus; Igreja Nossa Senhora do Livramento; Igreja São José; Centro Cultural Isabel Burity; Engenho Goiamunduba; Engenhos de Fogo Morto, entre outros. O patrimônio arquitetônico (casario) do Município é muito rico (mais de 80 edificações catalogadas pelo IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba) estarão tombados em 90 dias, sendo que a grande maioria desse patrimônio encontra-se em bom estado de conservação e em 2005 foi assinada uma carta de intenções

entre a Prefeitura Municipal e o IPHAEP, no intuito de desenvolver a recuperação, preservação e tombamento da cidade com patrimônio histórico Estadual.

Não se esquecendo também de falar do trem, um marco que chegou ao município em 22 de setembro de 1922 e após a construção do túnel da serra da viração. Hoje encontra-se desativado e funciona um museu, o hotel-pousada da Estação e um restaurante que atrai muitos turistas. Não houve modificação arquitetônica externa e o prédio foi construído pela Great Western of Brazil. O telhado da plataforma guarda o estilo arquitetônico anglo-francês, por se apoiar sobre vigas de ferro comumente chamadas "mãos francesas". Mesmo sendo inglesa, a Great Western of Brazil empregava operários franceses. O conjunto Arquitetônico da Antiga Estação também é tombado pelo IPHAEP. Logo ao lado da estação, pode-se adentrar ao túnel, com longo caminho escuro e de eco forte, que nos faz arrepiar.

Figura 7: Antiga Estação ferroviária de Bananeiras e Túnel.

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Outro grande atrativo do município, que chama atenção que traz visitantes de todas as partes do mundo para contemplação e prática de trilhas e esportes radicais, é a Cachoeira do Roncador, lençol d'água que desaba de uma altura de 45m, graças a uma depressão formada no curso médio (com mais de 10 pequenas quedas d'água nas pedras) do rio Bananeiras que nasce na mata da UFPB de Bananeiras. A flora nativa em redor da cachoeira mostra uma natureza exuberante, onde permanecem angelins, sucupiras, pau d'arcos, sapucaias e pirauás. O local é adequado para caminhadas ecológicas e a prática de camping selvagem. Tem um restaurante de comida regional bem próximo ao local, exatamente onde fica o estacionamento que dá acesso a Cachoeira. Fica situada exatamente no limite dos Municípios de Bananeiras e Borborema, no Sítio Angelim. Além de outros atrativos como: a ARIE (Área de Relevante interesse ecológico) de Goiamunduba, a Lagoa do Encanto, a Casa de Farinha, a Fonte da juventude, a Bica dos Cocos, as Canoas e Umarí – (sítios paleontológicos e arqueológicos em estudo), a Gruta dos Morcegos e a Pedra Preta – Turismo científico.

Figura 8: Cachoeira do Roncador/ Bananeiras-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

• ALAGOA GRANDE

Figura 9: Cidade de Alagoa Grande

Fonte: Umas & Outras. Arte, Cultura, Informação & Humor, 2012.

É um município com uma área de 320,558 km² e uma população de 28.482 habitantes (IBGE 2011). O nome da cidade é escrito numa forma arcaica de português, já que atualmente não se escreve mais a palavra lagoa com a aposição de "a" inicial (embora em Portugal ainda haja essa grafia para lagoa). Como cidade da Região do Brejo da Paraíba (isto é, uma região intermediária entre o Litoral e o Sertão, situada na encosta da Serra da Borborema que recebe os ventos alísios úmidos do Atlântico e tem uma cobertura vegetal de Mata Atlântica), era parte integrante do município de Areia até meados do século XIX, quando se tornou independente como cidade. O ano de 1864 é considerado como o ano de sua fundação, mas em 1847 já havia passado de povoado a distrito. Foi emancipada politicamente em 21 de Outubro de 1864, sendo instalada, como vila, em 26 de Julho de 1865. Aos 27 de Março de 1908, Alagoa Grande foi elevada à categoria de cidade. Por conta desta última data muitos acreditam que o município irá completar 1 século de emancipação no próximo ano (2008), quando na verdade já decorreram 143 anos deste fato histórico.

Região que cresceu muito no século XIX, através da agricultura baseada na cana-de-açúcar (que destruiu a Mata Atlântica do lugar, desfigurando a cobertura vegetal) que utilizava intensivamente a mão-de-obra escrava. Em seu centro ainda existem casarões que ainda hoje testemunham esse momento de grandeza econômica do município e foram construídos por escravos. Alguns desses casarões, que aparecem em frente à praça central e à matriz centenária da cidade, são cobertos por azulejos importados de Portugal no século XIX.

Embora a cidade tenha se estagnado economicamente ao longo da segunda metade do século XX (com a população ao invés de aumentar, diminui, principalmente por causa do êxodo para as grandes cidades). Alagoa Grande tem um grande potencial turístico que pode ser economicamente explorado, trazendo divisas para o município (tanto o turismo histórico, quanto o turismo rural e ecológico). Rica em construções históricas, com destaque para a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, construída em 1868 e o Teatro Santa Ignez, um dos mais antigos do Estado, inaugurado em 1905.

Figura 10: Teatro Santa Ignez/ Alagoa Grande-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Oferece ainda opções de turismo rural, através dos seus engenhos, cachoeiras e antigos quilombos. E além dos engenhos de cachaça e rapadura, que atraem muitos turistas, outro atrativo turístico de Alagoa Grande é o Memorial Jackson do Pandeiro, em homenagem ao maior ritmista do país, que e alagoense e marcou para sempre a história da música popular brasileira. Jackson do Pandeiro é considerado não só o artista de recursos vocais sofisticados, de jeito alegre e malandro, mas o maior ritmista do país. Junto com o pernambucano Luiz Gonzaga, cantou a realidade do povo pobre do Nordeste e foi, nas décadas de 50 e 60 do século passado, um ídolo nacional. A história da sua carreira artística reforça a herança da influência negra na música nordestina - via cocos originários de Alagoas - que lhe permitiu sempre com o auxílio de um pandeiro na mão se adaptar aos sincopados sambas cariocas e à música de carnaval em geral. Jackson do Pandeiro fez escola, influenciando artistas e movimentos. Entre os seus inúmeros devotos figuram artistas de épocas e estéticas as mais diversas, como Gilberto Gil e Alceu Valença, João Bosco e Zé Ramalho, Chico Buarque e Lenine, Raul Seixas e Gabriel, o pensador. Foram realizadas homenagens a este grande ídolo popular, em comemoração pelos 90 anos de seu nascimento como shows musicais, exposições de artes plásticas e artesanato, espetáculos de teatro, visitas ao memorial e oficinas são os principais eventos da programação.

Figura 11: Memorial Jackson do Pandeiro/ Alagoa Grande-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Neste município se localiza também a remanescente comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, herança dos negros que ajudaram no crescimento econômico e cultural da cidade. Seus instrumentos, músicas, danças e costumes ainda guardam um pouco de sua cultura e história. O coco-de-roda, dançado por cirandeiras, ainda é uma importante manifestação cultural do lugar. Embora esteja a apenas 122 km de João Pessoa, Caiana dos Crioulos ainda hoje permanece como um mundo à parte. O quilombo, que é um dos patrimônios da Paraíba, no passado chegou a ter por volta de dois mil habitantes, descendentes diretos de escravos que se instalaram por lá entre no século XVIII, supostamente vindos de Mamanguape, após uma rebelião ocorrida em um navio que aportou em Baía da Traição, na época.

Figura 12: Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos / Alagoa Grande-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

• ALAGOA NOVA

Figura 13: Cidade de Alagoa Nova

Fonte: Alagoanovafm.blogspot, 2012.

De acordo com IBGE (2011) tem uma área territorial de 122,25 km e uma População de 19.681 habitantes. Conhecida como Terra dos Índios Butins, Terra da Festa da Galinha e da Cachaça, as terras onde hoje são de Alagoa Nova pertenciam à (Campina Grande) e entrou em período de colonização no ano de 1718 sendo o motivo da mesma com a descoberta da lagoa que era utilizada pelos tropeiros como ponto de parada para descanso e para os tropeiros que faziam o transporte de algodão e de outras culturas para a Capital do estado.

A região era primitivamente habitada pelos índios bultrins, da nação cariri. Foi fundado um aldeamento, a Aldeia Velha, posteriormente chamada de Bultrin. Com a promulgação do Diretório dos Índios, em 1760 as terras indígenas do aldeamento extinto foram invadidas por fazendeiros, gerando um conflito com os indígenas, que resistiram à invasão. Os índios foram vencidos. Muitos foram escravizados. Remanescentes destes indígenas foram viver na missão do Pilar. Os portugueses estabeleceram então fazendas na região, que foram os núcleos de novos povoados. Em 1763 o governador Francisco Xavier de Miranda Henrique concedem as terras do Olho D'Água da Prata, vizinhas ao aldeamento Bultrin a Maria Tavares Leitão e seu filho, o alferes José Abreu Tranca. Utilizando mão de obra escrava, cultivaram agricultura de subsistência e criaram gado. Plantavam mandioca, milho, feijão, algodão, diversas fruteiras e criavam gado bovino, utilizando inicialmente a mão de obra indígena e depois a dos escravos, vindos da África. Fabricavam apenas a farinha de mandioca para o consumo interno e o excedente era vendido para o sertão.

Na época, praticava-se mais o escambo, por motivo de escassez de dinheiro, impedindo a expansão dos negócios. O excedente de farinha era vendido para o sertão, o que levou o historiador Epaminondas Câmara a denominar este período de "civilização da farinha". O distrito foi criado com a denominação de Alagoa Nova, pela lei provincial nº 6, de 22 de fevereiro de 1837 e instalado em 27 de fevereiro de 1851, subordinado ao município de Campina Grande. Foi elevado à categoria de vila com a denominação de Alagoa Nova, pela lei provincial nº 10, de 5 de setembro de 1850, desmembrado de Campina Grande, com sede no núcleo de Alagoa Nova. O município foi palco da Revolta do Quebra-Quilos, em 1874. Nesta ocasião, o arquivo da prefeitura foi incendiado, o que fez com que parte da história do município fosse perdida. O município foi criado desmembrando-se definitivamente de Campina Grande, através da lei nº 215 de 10/11/1904, mas a comemoração da emancipação politica, ainda hoje é feita no dia 05 de setembro data de criação da Vila inclusive utiliza-se a idade de criação da vila como idade de emancipação politica isso por conta da revolta de quebra quilos que ocasionou a queima da prefeitura e do cartório ficando assim a cidade sem documentação. (WIKIPEDIA, 2011)

A sua população difere da tendência do resto do país e eminentemente rural, sendo assim a cultura desse povo está intimamente ligado ás atividades campesinas. Existem nas comunidades grupos folclóricos. A arquitetura do município ainda apresenta exemplares de edificação do século XIX, como o prédio Manoel Tavares que abrigou a primeira Escola Unida, como também, as residências e engenhos da mesma época mostrando-se em perfeito estado de conservação. A beleza das serras, das matas ainda preservadas, cachoeiras, sítios

que praticam a agricultura orgânica, mostra-se como uma fonte de riqueza a ser explorada para o Turismo Contemplativo, de Aventura, de Lazer e Religioso. São enumeras as trilhas, que possuem diversos níveis de dificuldade, onde as pessoas de todas as faixas etárias e condições físicas podem fazer a pratica do trekking, e nas trilhas do Padre Ibiapina pode-se aproveitar o trecho dentro da cidade para realização de pequenas peregrinações. Há locais com potencialidade para a prática de rappel e paraglide, o município apresenta uma pista de MotoCross e suas estradas vicinais são perfeitas para a inclusão da cidade em circuitos regionais ou até nacionais de enduro e rally de jeeps e motos. Atualmente a natureza é fonte dos principais projetos elaborados pelo poder público onde a construção do Plano de desenvolvimento Sustentável do Município – Agenda 21 Local é uma das prioridades de governo, de acordo com a secretária de planejamento, turismo e meio ambiente do município – Vânia Galdino.

Enfim, esses são os fatores que contribuem para que Alagoa Nova torne-se um reduto para aqueles que procuram a tranquilidade de está perto da natureza, para enfim contemplá-la e tirar o máximo de proveito das atividades que possam ser realizadas, preservando e conservando, para que a cada dia tenhamos como atrativo esse verde tão peculiar a nosso povo.

Na área do Engenho Novo, nas ruínas poderá ser agregado um valor inestimável ao local já que retrata um momento da história da propriedade e quanto ao casarão ele poderá servir de acomodação alternativa rural sendo feito um trabalho de recuperação do projeto arquitetônico rural que ainda está visível e que para chegar a ser um empreendimento de hospedagem necessita adequar o tipo de hospedagem ao perfil do turista que irá procurar tal tipo de hospedagem alternativa, tendo em vista que Alagoa Nova está desprovida de hospedagem mesmo urbana. A capela de Santo Antônio e a Casa Grande estão bem para o momento de receptividade.

A recuperação da fonte existente na localidade também seria de um valor incalculável, pois em hotelaria por mais simples que seja necessitará de bastante água, além de conforto e segurança que implica em mesmo rústico deverá ser adequado. A imensa quantidade de fruteiras que existe hoje em volta do casarão pode ser novamente descoberta e transformar a área em um grande pomar para servir de atração aos turistas, ainda currais, cavalos, trilhas e um bom serviço de Camping poderá inovar ainda mais o Casarão que está solitário mais resistindo a todas as intempéries do tempo.

Também há trilhas de cunho histórico que caracterizam o valor da região, além da Cachoeira do Caldeirão e do Buraco da Nêga, com aspectos arqueológicos que existem com evidências concretas nesta cachoeira de tobogãs naturais, que no período de inverno, representa um atrativo natural de grande beleza nesta região dos caldeirões que, não são mais do que marmitas geológicas feitas pelo intemperismo físico, e também pela ação hidrológica durante milhares de anos anteriores, pois apresentam um pequeno painel de escrições rupestres da categoria Itacoatiara, este painel no passado representava mais de uma centena de litógrafos de seres que viveram próximo aos leitos dos rios onde segundo alguns pesquisadores falam do culto as águas, pois todos os escritos encontrados até agora no Nordeste do Brasil estão junto aos leitos dos rios, sendo assim possivelmente uma comunidade de seres que nos traçados de seus litógrafos trazem a mesma forma de escrições e comunicação existente na região dos caldeirões em Alagoa Nova. (PREFEITURA DE ALAGOA NOVA, 2011).

Além disto, Alagoa Nova tem um calendário de eventos (festas, feiras, exposições, corridas, ralis de motos, cavalgadas) que trazem à cidade um fluxo de visitantes constante, atraído não só pelo evento, mas também pela visitação aos locais de lazer da cidade, como o Engenho Serra Limpa, onde é possível fazer uma visitação acompanhada e seguida da degustação da cachaça pura e de exportação Serra Preta, podendo também comprar o produto no próprio local.

Figura 14: Engenho Serra Limpa/ Alagoa Nova-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

• PILÕES

Figura 15: Cidade de Pilões

Fonte: caminhosdofrio.com, 2012.

Com 64,4 km2 e 6.978 habitantes (IBGE, 2011) Pilões tem um relevo composto por vales profundos e estreitos dissecados e apresenta um conjunto de montanhas (altitude média de 400m acima do nível do mar). O município apresenta vários rios perenes, belas cachoeiras e pequenos córregos que compõem a bacia hidrográfica do Rio Mamanguape. Com vestígios remanescentes da Mata Atlântica, apresenta vegetação formada por Florestas Subcaducifólica e Caducifólica, próprias das áreas agrestes. Baseou sua economia, durante muito tempo, no plantio da cana-de-açúcar para a produção da rapadura e da cachaça. A produção da banana, do urucum, da castanha de caju, da mandioca, e a criação de rebanhos bovinos e caprinos são as atuais fontes da economia local. A produção de flores é o mais novo elemento da economia pilonense (PREFEITURA DE PILÕES, 2011).

O histórico de Pilões conta que com o domínio português, os habitantes de Mamanguape aumentaram seu domínio comercial e penetraram rumo oeste provocando o surgimento de novos núcleos populacionais. Pilões foi abrangida por essa área de influência. É de 1916 a doação de uma sesmaria de 9 léguas pelo Araçagi-Mirim, a começar de cachoeira, onde este faz barra no Araçagi Grande até se encontrar com o Curimataú. Um século depois, outra sesmaria confunde aquele rio com o Rio Pinturas, parecendo que as posses ainda são dispersas e obscuras, os topônimos e os limites da concessão. De acordo com a tradição os fundadores de Pilões parecem ter sido os Arouxas e os Abreus. Mais nenhum vestígio foi deixado pelas famílias citadas. Em 1815, com a criação do município de Areia, Pilões ficou lhe pertencendo, desmembrando-se de Mamanguape. Em 1818, registrou-se um desentendimento entre o Comandante do povoado de Pilões com o Capitão Mor de Areia, demonstrando com isso, o espírito de independência reinante no país. O terreno onde foi construída a capela que passou a ser matriz em 1876, graças a colaboração do Pe. Ibiapina, foi doado pelo Sr. João Cavalcante influente habitante da povoação. Uma escola para o sexo masculino, depois de várias paralizações, fixou-se definitivamente em 1884, sob a regência do seu bem feitor Padre Victor. (PREFEITURA DE PILÕES, 2011).

Ainda conforme dados da Prefeitura de Pilões (2011), vários ciclos distintos já se sobrepuseram, através da história, em Pilões, tendo a agricultura como a principal atividade econômica. O primeiro deles foi o da cana-de-açúcar no final do século XIX e quase totalidade do século XX. O ciclo do café - menos significativo - teve lugar na economia de Pilões nas primeiras décadas do século passado, época em que a região do Brejo foi importante produtor dessa cultura. Em meados do século XX o município passou a produzir sisal aproveitando o bom momento da cultura que alcançava bom preço na Europa e Estados Unidos. A produção dos canaviais fez desaparecer a atividade cafeeira e do sisal abrindo fronteiras agrícolas para o predomínio absoluto dos engenhos que fabricavam rapaduras, açúcar mascavo, cachaças e aguardentes. Até os anos de 1960, Pilões contava com 26 desses engenhos, época em que foram sendo gradativamente absorvidos pelo advento das grandes usinas, passando, seus proprietários, a meros fornecedores de matéria-prima para essa nova indústria sucro-alcoleira. A partir da década de 1980, a usina mergulhou em uma crise que culminou com o seu fechamento levando Pilões e sua população à pior fase de sua história. Os produtores rurais do município encontraram na cultura da bananeira e na criação de gado a saída possível para o problema, transformando-se, portanto, nos últimos anos, na sua principal atividade econômica, que também produz mandioca, urucum, castanha de caju e produtos cerâmicos em pequenas unidades industriais. (PREFEITURA DE PILÕES, 2011).

Outra atividade que se apresenta promissora é o plantio de flores. Pilões já cultiva diversas variedades, com destaque para Crisântemos, Margaridas, Gladíolos e Rosas. Cultura que traz fama e dinheiro para o município. Inclusive com uma cooperativa de floricultura (COFEP), que na época da Festa das Flores, principal festividade do município, enfeita toda a cidade com suas maravilhosas flores, que também são exportadas para todo o Brasil. A cooperativa fica a 240 quilômetros de Recife, com duas unidades de estufas, distantes três quilômetros uma da outra. São 38 estufas na unidade 1 e 20 na unidade 2, nas quais trabalham cerca de 7 mulheres, entre elas Dona Helena, presidente da cooperativa, que aparece na figura 16.

A cooperativa surgiu pelo fato das mulheres em Pilões não terem trabalho e com a situação de desemprego que os maridos ficaram devido à falência da Usina de Santa Maria, uma destas esposas – Helena – teve a ideia de fazer algo, fosse uma fábrica de doce ou de redes, ou de qualquer outra coisa e dai junto com outras mulheres do município, na mesma situação, pediram ajuda para o SEBRAE, e na reunião para descobrir o que as mulheres eram capazes de trabalhar, chegaram à conclusão que teria que ser algo ligado a terra, pois era a única coisa que elas tinham experiência e dai as flores foram a escolha para tal empreendimento, de onde resultou a cooperativa em 1999, mas só em 2003 conseguiram financiamento com o Cooperar.

Hoje, a cooperativa paga as despesas, gera um fundo de reserva desde sua primeira colheita datada de outubro de 2004 e divide o lucro entre as cooperadas, o que mudou significativamente a situação socioeconômica do município, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho. O município, que já tinha a fama de cidade das flores, agora ganhou nome, assim como diversos prêmios por suas flores e tem um projeto chamado Pilões Florido, pelo qual as casas estão sinalizadas com placas e flores em seus alpendres, varandas e sacadas.

A cooperativa é responsável pela decoração da cidade em sua maior festa, a Festa das Flores, que é um evento que já faz parte do Calendário de Eventos da Paraíba e integrante das festividades em homenagem a Emancipação do município, movimenta a cidade, aquece as vendas no comércio local e é de grande importância para a divulgação da imagem da cidade em todo o Brasil.

Figura 16: Cooperativa de Flores de Pilões/ Pilões- PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Falando de Turismo, Pilões apresenta muitos atrativos naturais, une-se à sua paisagem serrana, um clima agradável durante boa parte do ano, que são um convite aos turistas que gostam de um bom ambiente natural. Cortado por vários rios e belas cachoeiras (cachoeiras do Poço Escuro, do Ouricuri, da Manga), tem seu território pontilhado de montanhas eternamente verdes e vales estreitos e profundos onde várias trilhas ecológicas são exploradas por aventureiros de todo o Brasil. No passado, a região foi coberta por florestas típicas da Mata Atlântica, habitat do canário-da-terra, galo-da-Campina, sabiás, azulões, sanhaço, pintassilgo, sagui e de tantas outras espécies da fauna nordestina.

O Engenho Boa-Fé é um grande testemunho daquela bela época. A Pedra do Espinho, com seus mais de 150 metros de precipício, é muito procurada por amantes do rapel.

Figura 17: Engenho Boa Fé/ Pilões- PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

A parte histórica da cidade também é notável, com o casario rural. O município abrigou muitos engenhos de rapadura, onde a aristocracia rural do final do século XIX construiu belas casas que ainda podem ser vistas abaixo.

Figura 18: Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus e Casarios / Pilões-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Também são realizados diversos eventos durante o ano, como a festa de emancipação do município de Pilões com a encenação da Paixão de Cristo. O evento atrai a presença de mais de dez mil pessoas ao largo da Matriz, onde o Teatro Padre Mateus, com seus mais de cem atores e figurantes, faz uma apresentação com duração de duas horas.

Figura 19: Procissão da sexta- feira santa / Pilões-PB

Fonte: Site SeligaPiloes.net, 2012

Diversos clubes rurais e urbanos realizam um campeonato local muito disputado. Conhecidas pelo nome de Corrida das Argolinhas, as Cavalhadas são uma rica manifestação da cultura popular local. O São João e o São Pedro são uma tradição da região, com fogueiras, comidas de milho e queimagem de flores na zona rural.

O artesanato sobressai no cenário Paraibano, mesmo sem possuir uma associação, os artesões produzem excelentes peças. A matéria prima como a madeira bruta, torna-se lindas esculturas; a pintura em tela emociona com seus traços religiosos e com um simples fio nas mãos de pessoas como peças de crochê e rendas são confeccionadas.

E na culinária regional, podem ser encontrados doces, salgados de uma enorme variedades, comidas como buchada, picado, lasanha, arrumadinho todos com um toque regional a base de banana e derivados da cana-de-açúcar (Figura 18).

Figura 20: Festival Regional de Gastronomia / Pilões - PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

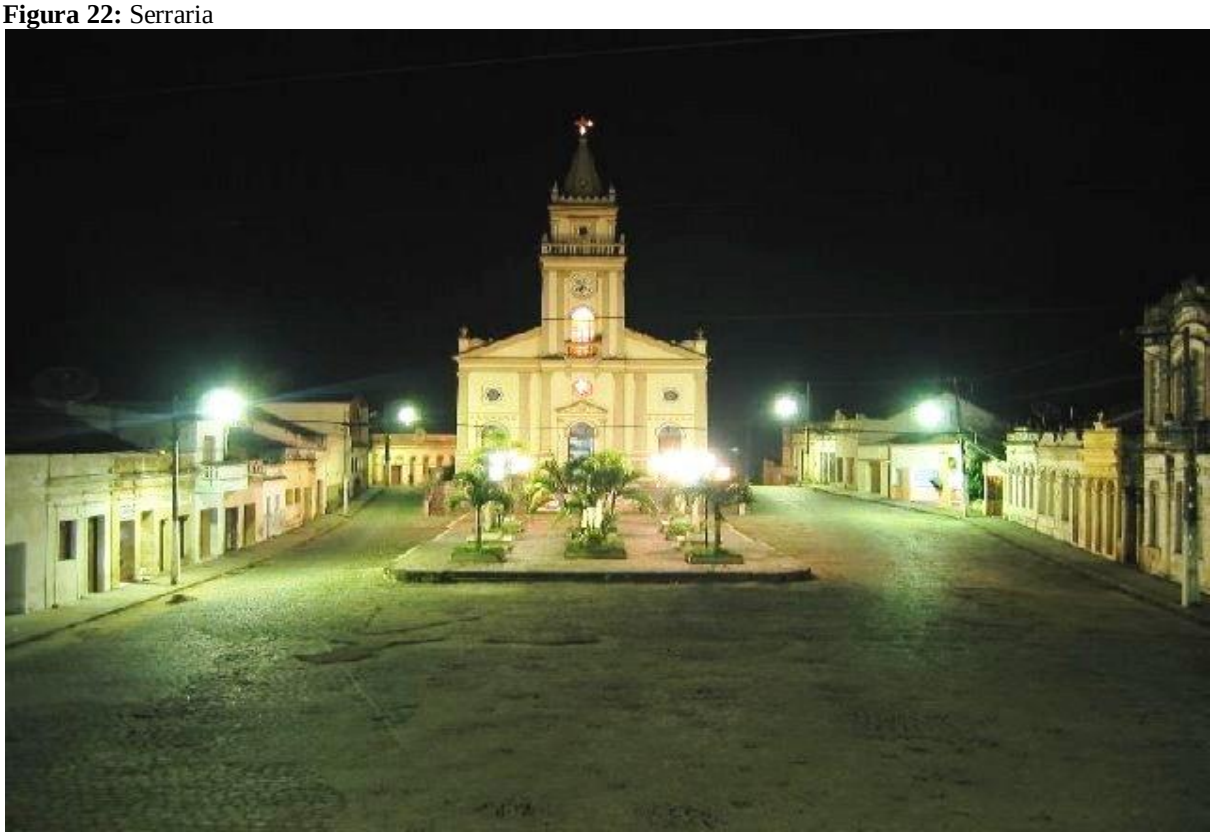
Referente às suas belezas naturais encontra-se a Cachoeira de Ouricuri, que fica dentro de uma floresta, resquício da exuberante Mata Atlântica, onde belas cascatas completam a obra esculpida pela natureza. A água do Rio Araçagi corre por entre árvores e rochedos, formando um conjunto de corredeiras de rara beleza. A força das águas produz outro atrativo interessante: as fendas nas rochas do leito do rio, por onde se pode mergulhar em um local e sair em outro.

Figura 21: Cachoeira de Ouricuri / Pilões - PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

•SERRARIA

Figura 22: Serraria



Fonte: O nordeste.com, 2012.

De acordo com o IBGE (2011) sua população é estimada em 6.238 habitantes e sua área territorial de 65,29 km². Serraria é famosa pela sua paisagem serrana e seu clima agradável. Antigamente, a região teve muitas florestas de palmeiras. Vales verdejantes adornam velhos engenhos onde se formou um tipo de aristocracia rural.

Segundo apontamentos de Coriolano de Medeiros, os primeiros colonos que se estabeleceram nos terrenos do atual município de Serraria vieram, desde Mamanguape para a formação da antiga Missão de Santo Antônio da Boa Vista, no começo do Século XVIII. Antes de ocuparem as terras de Serraria, esses colonos fundaram a Vila de Pilões, a qual recebeu o benefício da implantação de fazendas de gado e engenhos para a fabricação de rapaduras. Em 1851 - relata Coriolano de Medeiros, - tornou-se habitual a retirada de matas para a fabricação de tábuas e utensílios domésticos. No topo de uma serra instalou-se uma serraria, nos terrenos que pertenciam a um desbravador de nome Manoel Birindiba. Naquele local, longe da freguesia de Pilões teve início um povoado que ficou conhecido como Serraria. A primeira casa do lugar pertenceu a Faustino do Rosário e foi construída em 1860. Naquele tempo era intensa a exploração das matas para a obtenção de madeiras. Serraria, simples povoado, cresceu e superou a Vila de Pilões da qual transformou-se em sede, através da Lei nº 80 de 13 de Outubro de 1897 num decreto assinado pelo então presidente da Província da Paraíba, Antônio Alfredo da Gama e Meio. Assim, os primórdios da cidade estão relacionados com a instalação de uma antiguíssima tenda de ofícios de serraria no lugar que deu origem a um povoado e, posteriormente, a existência da vila que teve o nome de Serraria. O lugar é o mesmo onde está erguida a Igreja-Matriz do Sagrado Coração de Jesus. Antes de ser, propriamente, uma igreja, foi uma humilde capela no interior da qual existia um altar em louvor a Nossa Senhora da Boa Morte. A emancipação política do município ocorreu em 24 de dezembro de 1893. (FÉRIAS. TUR. BR, 2011)

Figura 23: Igreja Sagrado Coração de Jesus/ Serraria-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Em três ciclos distintos que se sobrepuseram através dos tempos, foi a agricultura a principal atividade econômica de Serraria. O primeiro ciclo foi o das fazendas de café e dos engenhos de cana de açúcar. A produção dos canaviais fez desaparecer a atividade cafeeira abrindo fronteiras agrícolas para o predomínio, quase absoluto, dos engenhos que fabricavam rapaduras, açúcar mascavo, aguardentes e caxixis. O município teve 47 dessas unidades de produção, todas elas contribuindo para que a população rural fosse maior que a dos moradores da zona urbana. Com o aparecimento das grandes usinas, os engenhos foram paralisando suas moendas. Seus proprietários transformaram-se em meros fornecedores de cana para a grande indústria sucro-alcoleira. Com a falência da Usina Santa Maria, de Areia, que era a principal compradora da cana, aconteceu a grande crise que abalou profundamente a economia agrícola de Serraria. Engenhos tradicionais como o Paulo Afonso, o Baixa Verde e o Laranjeiras apagaram o fogo dos seus bueiros e passaram a usar suas terras para o plantio intensivo de bananeiras e, também, para o criatório de gado. (FÉRIAS. TUR. BR, 2011)

A cultura da banana transformou-se, portanto, nos últimos anos, na principal atividade econômica de Serraria. O município não tem indústrias, mas pretende, pelas suas classes produtoras, transforma-se na sede de empreendimento agro-industrial para a fabricação de doces e farinha de banana, para exportação. As terras de Serraria são boas para a fruticultura. Pequenas áreas estão plantadas com laranjais. Outra atividade permanente na agricultura de Serraria é a produção da mandioca, quantidade suficiente para manter diversas Casas-de-farinha em constante operação.

O artesanato local tem grande destaque na região, com suas rendas e bordados, trançados e labirintos, pinturas e patchwork, entre outros.

Figura 24: Artesanato/Serraria-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

O Engenho Baixa Verde tem arquitetura imponente e guarda o seu aspecto original, com capela, casa curada, casa grande e portentoso gradis que guarnecem um pátio que servia, no passado, para a secagem do café. Uma visita ao Baixa Verde favorece a visão do grande engenho senhorial de antigamente. O local é propriedade privada da família Spínola. No ambiente do Engenho Baixa Verde foram realizadas as filmagens de época para um documentário sobre o histórico passado de Serraria.

Figura 25: Engenho Baixa Verde/Serraria-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Próximo ao Engenho Baixa Verde está uma floresta conhecida como Mata do Grilo. O local tem preservação ecológica e guarda uma atração especial: a Pedra da Furna, antiga residência de Índios. Para visitá-la o turista deve ter espírito aventureiro, pois as trilhas são precárias e faz-se necessária o acompanhamento de guias experientes.

No Engenho e Pousada Laranjeiras, instalado num ambiente caracteristicamente rural, os visitantes podem desfrutar dos confortos e serviços de um hotel turístico. A pousada oferece excelentes opções de cardápio, banhos de bica e piscina, passeios a cavalo e bons apartamentos.

Figura 26: Engenho e Pousada Laranjeiras/Serraria-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

4.2. INVENTÁRIO E ANÁLISE DA INFRAESTRUTURA DA REGIÃO

4.2.1 Infraestrutura Básica

O papel do setor público para o desenvolvimento do turismo de uma região não se restringe a essas ações, visto que, para o desenvolvimento da atividade turística uma região deve estar dotada de condições que garantam sustentabilidade, a exemplo de moradia, saneamento básico, abastecimento de água e rede de distribuição de energia elétrica, atendimento básico à saúde e educação, condições de segurança e policiamento, preservação ambiental dentre outros aspectos de relevância.

Esse conjunto que é resultado de ações desenvolvidas prioritariamente pelo setor público configura a infraestrutura básica e serviços essenciais destinados a atender às demandas da população local, mas que apresentam um efeito que alcança também as demandas geradas pelo mercado turístico.

Considerando que a infraestrutura básica e a disponibilidade de serviços de apoio são tão importantes quanto a infraestrutura turística para o desenvolvimento das atividades turísticas em uma região, procedeu-se um levantamento junto às prefeituras municipais, aos órgão municipais gestores da atividade turística, à comunidade e ao trade, através do modelo observacional e de coleta documental nos 06 municípios que integram o Projeto Caminhos do Frio - Rota Cultural.

Dentre os itens que compõem a infraestrutura básica de um município, as condições de acesso se constituem como elemento primordial visto que garantem o estabelecimento das relações entre pessoas, segmentos do comércio e dos serviços, além de se constituir como sendo a principal forma utilizada pelos turistas para alcançar uma determinada localidade.

Nesse aspecto, os dados da pesquisa revelaram que dos 6 municípios pesquisados apenas Alagoa Nova apresenta barro carroçável e as demais já são todas as asfalto. Para se chegar a Alagoa Nova utilizam-se trechos carroçáveis (barro) com alguns quilômetros em péssimo estado de conservação, além da ausência de sinalização durante todo o percurso que se estende da via asfaltada mais próxima até a sede. Ainda em relação a este item, os municípios que dispõem de acesso rodoviário asfaltado composto por BR’s que interligam diversos municípios do Estado da Paraíba e da própria região Nordeste, além de rodovias estaduais (PB’s), estes encontram-se em bom estado de conservação, o que facilita o tráfego em geral e o acesso de turistas à Região Turística do Brejo Paraibano.

A qualidade de vida da população está diretamente associada ao acesso de serviços básicos referentes ao abastecimento de água tratada, esgotamento sanitário e rede drenagem fluvial/pluvial. Esses serviços contribuem para reduzir a frequência de endemias provocadas pela proliferação de vírus e bactérias que tenham na água o seu habitat natural. Quanto à cobertura de abastecimento de água encanada, os municípios pesquisados apresentaram percentuais que varia entre 70 a 100%, já no que se refere à infraestrutura de rede de drenagem fluvial/pluvial, apresentam um percentual de cobertura acima de 50%.

O esgotamento sanitário é um serviço básico considerado de vital importância para a qualidade de vida dos habitantes de uma localidade, região ou país. O Brasil, apesar dos recentes investimentos relacionados a esta área, principalmente com recursos financeiros oriundos do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC, é um país que ainda convive com baixas taxas de cobertura de esgotamento sanitário, especialmente nos municípios de pequeno e médio porte localizados no interior dos Estados que compõem a Região Norte e Nordeste. A Paraíba é um Estado nordestino que não foge a esta regra, fato constatado através de informações levantadas na pesquisa de campo, que indicam que em nenhum município foi registrado percentual de cobertura de esgoto superior a 50%.

Outro indicador que além de demonstrar a qualidade de vida da população expressa também os diferentes níveis de desenvolvimento socioeconômico de uma região. Trata-se da distribuição de energia elétricas nas zonas urbana e rural e a cobertura de iluminação pública. No caso dos municípios que compõem o projeto em estudo, todos apresentaram expressivas taxas de cobertura, no referente a esses serviços variando, na zona urbana, de 95% a 100%. Já na zona rural esse percentual registra taxas que vão do intervalo entre 80% a 100%. Essa realidade reflete as ações realizadas pelo Programa do Governo Federal “Luz para Todos”, ligado ao Ministério de Minas e Energia.

No tocante a cobertura de iluminação pública, um serviço disponibilizado por convênios firmados entre as prefeituras locais e empresa distribuidora de energia, constatou-se que esse serviço atingiu um patamar mínimo de 70% no município de Serraria, 90% em Alagoa Grande e 100% nos outros 4 municípios. É válido destacar que esse serviço contribui diretamente para aumentar o nível de segurança e satisfação dos habitantes, visto que as vias públicas dos municípios tornam-se menos perigosas e mais agradáveis.

A coleta de lixo e destinação dos resíduos sólidos se constitui, atualmente, como uma preocupação de âmbito mundial. Os registros da Organização Mundial de Saúde indicam que quanto maior o grau de desenvolvimento econômico de um povo, maior também é quantidade de lixo e resíduos por ele gerado. Dessa forma, uma saída sustentável para a

destinação desse lixo passa, necessariamente, pela questão da reciclagem, educação ambiental e destinação segura dos resíduos sólidos e tóxicos. A coleta sistemática de lixo e resíduos sólidos bem como a limpeza urbana é realizada diariamente nos municípios inventariados, exceto em Pilões onde a mesma ocorre 3 vezes por semana. Em relação ao destino dado aos resíduos sólidos e ao lixo coletado, não é tratado de forma adequada, sendo depositado diretamente em terrenos baldios a céu aberto, os chamados "lixões" que comprometem a saúde da população por intensos processos de contaminação por via aérea e também do solo, podendo atingir até mesmo os lençóis freáticos, comprometendo assim a qualidade da água utilizada para o abastecimento dos municípios que fazem uso desta prática. É importante ressaltar que apenas no município de Areia o gestor municipal informou a existência de aterro sanitário para a destinação do lixo.

No tocante aos serviços de saúde, que se constituem num dos mais importantes serviços de atenção básica à população, os dados apontam que existe um total de 54 Postos de saúde, 5 Hospitais, 8 Clínicas Médicas e 10 Laboratórios de Análises Clínicas.

Não há registro de sistema de transporte urbano entre os bairros, apenas que ligam algumas cidades. Nas maiores cidades esta deficiência é contornada, em parte, pelos serviços de moto-taxi e veículos alternativos que fazem o transporte municipal e intermunicipal. A prática dessa modalidade de transporte não se apresenta de forma segura e eficiente para os usuários, além de não haver tarifas estabelecidas ou controladas por qualquer instância.

A Segurança Pública constitui-se num requisito indispensável para melhoria de qualidade de vida e desenvolvimento pleno das relações econômicas e sociais de uma determinada comunidade. O direito legítimo de ir e vir das pessoas com segurança é condição básica para o exercício das atividades humanas, de um modo geral, no qual se incluem as atividades de lazer, entretenimento e turismo. Por essa razão, nesta pesquisa, buscou-se levantar informações acerca do aparato policial/corpo de bombeiros disponibilizados na região em estudo: em Areia conta-se com 01 delegacia e um batalhão, em Pilões com 08 policiais e 1 delegado, em Serraria com 01 delegacia e 03 policiais, assim como em Bananeiras, em Alagoa Grande com 1 delegacia e 12 policias e em Alagoa Nova 02 delegacias. Apenas este último município conta com um corpo de bombeiros voluntário com 44 membros.

4.2.2 Infraestrutura de Apoio

Relativo à comunicação, constituiu-se num ponto importante a identificação dos veículos que formam a rede de comunicação em cada município, considerando que o turismo é uma atividade que necessita de divulgação. Nesse aspecto, a pesquisa constatou que todos os municípios dispõem de acesso à internet, telefonia fixa e móvel além de receber sinal de tv aberta. Outro veículo de comunicação que exerce um papel primordial, especialmente nos pequenos municípios é a radiodifusão, meio de comunicação encontrado em todos os municípios pesquisados. Essas emissoras possuem alcance local e regional, sendo algumas delas classificadas como rádios comunitárias, cobrindo um raio restrito de difusão.

Referente aos serviços bancários, a pesquisa mostra que existem 9 agências bancárias e igual número de caixas eletrônico, além de 14 correspondestes bancários. Essa quantidade de equipamentos demonstra que a região possui uma estrutura bancária compatível com o porte dos municípios que a compõem, configurando uma maior distribuição de estabelecimentos bancários nos municípios onde a economia se apresenta de forma mais dinâmica, notadamente no que diz respeito aos setores do comércio e serviços.

Concernente à divulgação do circuito, tem-se que a atividade turística lida com a comercialização de produtos intangíveis, tais como pacotes de viagem, roteiros turísticos, passeios, aspectos culturais dentre outros. Para gerar nos consumidores em potencial a necessidade de realizar viagens, faz-se necessária a divulgação desses produtos, ou seja, levar até o cliente os produtos turísticos de uma região ou país. Dessa forma, os meios de hospedagem devem fazer uso de um "*mix*" de comunicação capaz de divulgar os seus produtos, de diferentes formas, nas áreas emissoras de fluxo turístico, como também naqueles locais que se configuram ainda como áreas potenciais de emissão de turistas. Porém, na região estudada pode-se perceber que os estabelecimentos que fazem uso de meios de divulgação utilizam preferencialmente a mídia impressa para veicular informações acerca dos produtos oferecidos. Nessa análise consideram-se como mídia impressa os panfletos, cartões de visita, folders, publicação de anúncio em listas telefônicas, jornais e revistas.

O segundo meio mais utilizado para a divulgação dos produtos turísticos oferecidos pelos meios de hospedagem pesquisados foi o rádio, seguido pela internet. Segundo os gerentes/proprietários entrevistados, os estabelecimentos de hospedagem da região geralmente veiculam suas propagandas em rádios que possuem um raio de alcance local e regional.

Já no caso da divulgação realizada através da rede mundial de computadores, os estabelecimentos que utilizam a internet como meio de divulgação especificaram que fazem uso, para tanto, de sites. Apenas em 2011 adentrou-se ao uso da mídia televisiva com o conjunto de reportagens feitas pela TV Cabo branco, que cobriu todo o período do circuito com uma série de reportagens sobre os municípios, seus atrativos turísticos, entrevistas a importantes personalidades paraibanas e estudioso da área do turismo, realizadas tanto antes como durante o circuito, como por exemplo, o acompanhamento e sucessiva transmissão do Festival Regional Gastronômico em cada município envolvido.

4.2.3 Equipamentos Turísticos

Na análise do mercado turístico, a oferta de um conjunto de equipamentos que garantem aos turistas serviços que facilitam a sua permanência em uma determinada localidade é considerada elemento essencial para o desenvolvimento da atividade turística num contexto de mercado. Dentro desse conjunto estão incluídas empresas que oferecem serviço nas áreas de hospedagem, gastronomia e alimentação, entretenimento, cultura e lazer, transporte e turismo receptivo, agências de viagem, estabelecimentos que comercializam produtos artesanais dentre outros.

Existe na região pesquisada um expressivo número de estabelecimentos que oferecem serviços voltados para o segmento da alimentação e bebidas, porém, vale destacar que nesta pesquisa, foram levantados 27 restaurantes/cachaçarias, tomando-se como critério de seleção aqueles que apresentam condições estruturais e capacidade de atender demandas turísticas. Sendo o maior número de restaurantes com capacidade de atendimento ao segmento turístico na região está concentrado em bananeiras e areia.

Considerando a variedade de sabores e a riqueza cultural da Região Turística do Brejo Paraibano, o percentual de restaurantes que oferecem algum produto/serviços voltado especialmente para turistas revela-se ainda como sendo abaixo da potencialidade gastronômica dessa região. Neste sentido, pode-se inferir que os festivais gastronômicos atualmente desenvolvidos ainda representam o maior fato de divulgação/ comercialização da gastronomia regional e, como os mesmo ocorrem apenas no período do Caminhos do Frio, não conseguiram criar uma marca expressiva no turismo nacional. Esta realidade suscita a necessidade de ser trabalhada através de uma ação planejada pautada na organização e criatividade para que seja possível dinamizar este segmento turístico de forma que ele se transforme numa vertente econômica em uma conjuntura de curto prazo.

Figura 27: Estabelecimento de A & B em Serraria-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Os estabelecimentos de A & B da região utilizam-se de tematização para atrair os visitantes e turistas, além da realização de promoções e prática de desconto sobre os preços dos produtos comercializados. De acordo com dados obtidos através de pesquisa direta, constatou-se que 50% dos estabelecimentos pesquisados costumam lançar mão desses recursos como forma de conquistar um maior número de clientes. Desse percentual, cerca de 38% praticam descontos espaciais para grupos de turistas/excursionistas, o que se constitui num fator bastante positivo, visto que trata-se de uma ação direcionada, de forma planejada e direta, para atrair fluxos turísticos.

É importante frisar que a maioria dos restaurantes que oferecem descontos para grupos são também aqueles que oferecem algum tipo de serviços especiais para turistas, o que revela a visão de mercado desses proprietários/gerentes no contexto da atividade turística da Região do Brejo Paraibano.

Os dados da pesquisa revelaram também que a modalidade de pagamento mais aceita pelos restaurantes da região é o pagamento em espécie (dinheiro), sendo a opção de pagamento em cartão de crédito oferecida apenas pelos estabelecimentos de maior porte e que já se preparam, de alguma forma, para atender o segmento turístico. O pagamento em cheque é uma modalidade quase inexistente, até mesmo por que a utilização deste recurso vem perdendo espaço desde a institucionalização do cartão de crédito, que se constitui numa forma mais segura de pagamento tanto para o usuário como para o comerciante.

Com base nos dados da pesquisa direta, constatou-se que o gasto médio por turistas, no que diz respeito a esse item, alcança uma média de R$ 10,00 a 20,00 por refeição completo (prato principal, sobremesa e bebida). Este é um valor compatível com a realidade socioeconômica da região, variando de acordo com o porte dos estabelecimentos e também em relação aos municípios em que esses restaurantes estão localizados. Constata-se também que os gastos médios por refeição apresentam-se mais expressivos nos municípios de Bananeiras e Alagoa Grande, locais onde são encontrados restaurantes temáticos que incluem nas despesas a degustação da bebida típica da região - a aguardente (cachaça), cujas marcas são reconhecidas nacional e internacionalmente.

Quanto aos meios de hospedagem (MDHs), vale ressaltar que, em alguns deles, segundo relatos de gestores públicos municipais, são utilizados meios alternativos de hospedagem. Em domicílios particulares são oferecidos locais para acomodar os turistas que dispõem do trinômio "cama- café - rede", sendo uma modalidade muito utilizada no município de Alagoa Nova durante os três maiores eventos que ocorrem na cidade: o Festival da Cachaça e da Galinha, Festa da Padroeira e evento relacionado ao turismo rural e de aventura que apresenta como principal atividades as corridas de *motocross*. Dos 6 municípios os que se destacam oferta de MDHs são: Bananeiras com 5 equipamentos de hospedagem, 135 uh's e 491 leitos e Areia também com 5 equipamentos de hospedagem, 70 uh's e mais de 150 leitos.

Figura 28: Meios de Hospedagem / Areia-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

O período compreendido entre os anos de 2000 e 2010 foi o que apresentou o maior número de instalação de novos meios de hospedagem na região. Esse maior dinamismo na oferta de meios de hospedagem, se comparado às décadas anteriores, encontra explicação, dentre outros fatores, na execução do roteiro turístico "Caminhos do Frio" desenvolvido numa parceria que envolve as prefeituras municipais, o Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa – SEBRAE-PB, órgãos municipais gestores do turismo, o órgão gestor do Turismo no Estado da Paraíba, a Empresa Paraibana de Turismo – PBTUR e o Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (FRTSB/PB).

Por não existir uma concorrência acirrada entre os meios de hospedagem existentes na região, as tarifas praticadas por grande parte desses estabelecimentos fogem aos padrões tradicionais, ou seja, que é sempre determinado em termos de uma diária de 24 horas. Os dados da pesquisa mostram que em alguns municípios o preço da diária é sempre determinado como o preço por pessoa/hóspede (*per capita*), não praticando, de maneira convencional, a variação de preços por apartamentos duplos ou triplos. O que se observou foi que pessoas de um mesmo grupo ou até mesmo de grupos diferentes pagam individualmente, mesmo que se utilizem do mesmo apartamento (UH's). Isto eleva o preço das diárias praticadas.

Chama atenção o fato de que esta prática é utilizada por quase a totalidade dos meios de hospedagem existentes na região, o que não condiz com o perfil de uma região turística que há bastante tempo se configura como um destino turístico do interior Paraibano que é muito procurado. Essa modalidade de preços/tarifas acontece por conta da reduzida oferta de leitos, sendo agravada pelo fato de que existe uma concorrência insuficiente entre os meios de hospedagem, permitindo que as tarifas praticadas apresentem valores praticamente iguais entre os municípios. A modalidade de cobrança "por cabeça" é uma forma bastante utilizada em pequenos estabelecimentos, do tipo hospedarias, dormitórios e pensões, não sendo condizente a sua prática em alguns dos estabelecimentos existentes atualmente na região.

Já em alguns meios de hospedagem de maior porte e que oferecem melhor padrão de serviços, o que se observa é a tendência de se seguir a prática de preço convencional, ou seja, cobrando-se por diária e variando as tarifas de acordo com a natureza dos apartamentos (UH's) e dos serviços oferecidos, a exemplo do que se verifica no município de Bananeiras, onde, em alguns MDHs, os preços cobrados pelos apartamentos individuais, casal, duplo e triplo variam.

Apesar dos preços serem compatíveis à região, comparando-se com outras regiões turísticas de mesmo porte e nível de amadurecimento turístico, a precificação dos MDHs está abaixo da costumeira, ou seja, os preços são baixos, com a diária variando entre R$15,00 e 20,00 por pessoa, excetuando-se deste comentário os MDHs de grande porte encontrados em Areia e Bananeiras que podem chegar a R$ 130,00 no período de alta estação.

Ainda em referência as tarifas cobradas pelos meios de hospedagem da região, chama atenção o fato de que a maioria desses estabelecimentos não pratica preços promocionais nos diferentes períodos do ano. Esta é uma característica que não se adequa às condições naturais de mercado da própria atividade turística, visto que os descontos nas tarifas em períodos de baixa estação, como também para grupos e excursões, é um instrumento bastante utilizado para estimular demandas em períodos de menor fluxo turístico. Entretanto, referindo-se aos MDHs de pequeno porte, que já praticam uma tarifa baixa durante todo o ano, é compreensível tal posicionamento, pois este MDHs são, em maioria, de estabelecimento familiares, que tem nesta tarifa o sustento familiar básico, não havendo forma de redução de valores.

Apenas 2 estabelecimentos na região oferecem tarifas promocionais atualmente, e geralmente o fazem durante os dias de semana (segunda-feira a quinta-feira) ou em períodos de baixo fluxo, assim como descontos para grupos e excursões. Há também uma modalidade de promoção que atrela os preços cobrados ao direito dado ao turista de realizar duas ou três refeições nos próprios estabelecimentos de hospedagem, a exemplo do que acontece em hotéis e pousadas localizados no município de Bananeiras.

No que se refere às modalidades de pagamento aceitas pelos meios de hospedagem pesquisados, constatou-se que a maioria, cerca de 70% dos estabelecimentos, só aceita pagamento em espécie. Menos de 30% dos estabelecimentos oferecem também a opção de pagamento através de cartão de crédito e cheques.

Esses dados revelam que o mercado turístico dessa região, no que diz respeito à modalidade de pagamento de meios de hospedagem, se apresenta “na contramão” do mercado turístico, de um modo geral, em que os pagamentos efetuados através de cartão de crédito tem se constituído como sendo predominantes. Essa prática dificulta o crescimento desses estabelecimentos no contexto do mercado turístico atual, visto que o cartão de crédito é uma das formas mais seguras de pagamento tanto para o turista, que não precisa estar manuseando dinheiro em espécie, quanto para o estabelecimento, que tem uma forma garantida de recebimento.

Dentre o conjunto de outros equipamentos turísticos que são objeto desta análise estão incluídos também os equipamentos relacionados ao entretenimento e lazer, aspectos histórico-culturais tais como museus e memoriais, santuários religiosos, espaços de comercialização de produtos artesanais dentre outros, que seguem no capítulo 4.3.1.

Quantos aos equipamentos que oferecem atividades à modalidade do turismo rural, estes têm como finalidade proporcionar um maior contato entre o turista e os atrativos naturais de uma região, além de aproximá-lo da cultura e hábitos do meio rural, principalmente quando esses visitantes procuram meios de hospedagem que apresentem essas características, a exemplo dos hotéis-fazenda. Nesse aspecto, o turismo rural é uma das mais importantes vertentes da atividade turística praticada por grande parte dos 14 municípios que integram toda a Região Turística do Brejo Paraibano. Por essa razão, no presente trabalho, buscou-se levantar informações a respeito de dois tipos de equipamentos de lazer típicos da região e que são de extrema importância para a prática do turismo rural: os pesque-pague e os engenhos.

Os pesque-pague são equipamentos de lazer voltados para prática da pesca esportiva, o que a difere da pesca de subsistência. Os pescadores geralmente pegam os peixes em lagos artificiais, pagando apenas pela quantidade daqueles exemplares que foram pescados. Além do serviço de pesca, esses equipamentos podem oferecer serviços relacionados ao aluguel do material necessário para a prática da pesca, restaurante temático, espaços para eventos, churrasqueira ou fogão à lenha para que o próprio visitante possa preparar o peixe após a pesca dentre outras comodidades.

Segundo levantamento realizado pela pesquisa direta registra-se na Região Turística do Brejo Paraibano a existência de três equipamentos dessa natureza funcionando atualmente. São eles o pesque-pague Jardim, localizado no município de Bananeiras e os pesque-pague O Binão e São João, ambos localizados no município de Alagoa Nova.

O pesque-pague Jardim encontra-se em atividade desde o ano de 2002 e está localizado na zona rural da cidade de Bananeiras, no sítio Jardim Bananeira. Apresenta como períodos de maior fluxo as datas comemorativas do dia dos pais (2º domingo de agosto) e dia das mães (2º domingo de maio) respectivamente, visto ser esta uma opção de lazer em que geralmente os participantes comparecem em família. Outras ocasiões em que o estabelecimento recebe grande fluxo são nos finais de semana, geralmente aos domingos.

Os turistas que visitam o local são oriundos, em grande parte, dos municípios de João Pessoa e Natal. O pesque-pague já recebeu também a visita de turistas provenientes de outros países, tais como França e Espanha.

Os pesque-pague O Binão e São João localizam-se na zona rural do município de Alagoa Nova. Uma característica singular que esses dois estabelecimentos apresentam em relação aos do mesmo tipo na região é o fato de contarem com restaurantes temáticos que oferecem aos visitantes pratos típicos à base de peixe. Esses locais apresentam clima bucólico que atrai fluxos de turistas que, geralmente, chegam em pequenos grupos ou em família com vistas a aproveitar a tranquilidade da prática da pesca e as belezas naturais do município.

Em relação a outro tipo de equipamento de lazer na região que está ligado à prática do turismo rural – os engenhos – estima-se que, de acordo com dados do IBGE (2011), existam em funcionamento na Região do Brejo Paraibano creca de 52 engenhos. Desses, 25 unidades agroindustriais produzem apenas aguardente; 8 delas produzem apenas rapadura e 19 fabricam ambos os produtos de forma conjunta. Porém são poucos os engenhos que estão bem adaptados para desenvolver atividades turísticas. Dentre os engenhos da região, três se destacam como equipamentos turísticos: os engenhos Martiniano, Baixa Verde e Pousada-Engenho Laranjeiras em Serraria e os engenhos Beatriz, Serra Preta e Engenho Novo, todos localizados no município de Alagoa Nova.

Figura 29: Engenho Martiniano / Serraria-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Já em Alagoa Grande registra-se a existência do Engenho Lagoa Verde, local dotado de restaurante temático e em torno do qual são realizadas trilhas ecológicas ou passeios bucólicos. Ao final dessas atividades o turista pode saborear pratos típicos e regionais cujos ingredientes são produzidos no próprio engenho. Além da visitação ao engenho, o degustar da cachaça Volúpia e comer em seu restaurante típico, pode-se praticar o ecoturismo, com trilhas para caminhada e ciclismo.

Figura 30: Cachaça Volúpia / Alagoa Grande - PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Com relação à prática de trilhas e caminhadas ecológicas, três municípios se apresentam como os locais mais procurados para essa finalidade, considerando a existência de matas e reservas naturais em seus territórios: Areia, Bananeiras e Serraria. Nos dois primeiros encontram-se duas importantes reservas naturais da Região Turística do Brejo Paraibano: a Reserva do Pau-Ferro e a Mata de Goiamunduba, respectivamente. Esses dois municípios atraem fluxos provenientes dos maiores centros urbanos da Paraíba – João Pessoa e Campina Grande, turistas da própria região e de outros Estados do país, notadamente os Estados mais próximos: Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Em Pilões o Engenho Olho d'Água é um dos pontos de visitação incluídos no roteiro "Caminhos dos Engenhos". Nesse equipamento são produzidos mel, açúcar mascavo e cachaça que agradam aos mais exigentes paladares. Merece destaque também a rapadura produzida no local visto que esta iguaria acabou ganhando um toque singular com os sabores de chocolate, coco, castanha e também na forma tradicional.

Pela importância que historicamente os engenhos apresentam para a região, notadamente aqueles em que são desenvolvidas as atividades ligadas ao turismo, existem dois roteiros turísticos que anualmente são realizados na Região Turística do Brejo Paraibano: o roteiro "Caminho dos Engenhos" e o roteiro "Civilização do Açúcar".

O turismo histórico-cultural, que assume também uma vertente pedagógica, é desenvolvido, com maior intensidade, nos municípios de Areia e Alagoa Grande devido à riqueza de sua cultura material e imaterial e também pela beleza de seu patrimônio histórico-arquitetônico. Os atrativos religiosos e histórico-culturais da região juntamente com aos atrativos naturais, elencados acima, formam um inigualável vocacional turístico já encontrado.

As demandas voltadas para o turismo pedagógico são provenientes principalmente dos municípios de João Pessoa e de Campina Grande, de onde se originam viagens planejadas com roteiros programados por escolas através de agências de turismo nos períodos de férias escolares (junho e julho). Em termos quantitativos, apenas uma agência de João Pessoa conseguiu levar cerca de 500 estudantes para visitar os municípios de Areia e Alagoa Grande nesse período no corrente ano. Durante o período de desenvolvimento desta pesquisa, fui procurada por algumas professoras da rede estadual/ municipal para auxiliar no desenvolvimento de projetos pedagógico que incluísse pesquisas e visitas técnicas a esta região devido a seu reconhecimento potencial cultural, com grande possibilidade de ser trabalhado através do turismo pedagógico.

Assim, contemplamos como atrativos naturais que podem ser trabalhados no turismo pedagógico: Três rios, Cachoeira Vicuri, Cachoeira da Manga e Cachoeira do Poço Escuro em Pilões, Cavernas, Lajedos e trilhas ecológicas e a Pedra das Furnas em Serraria, Cachoeira da Manga e Mata do Pau do Ferro em Areia, Cachoeira do Roncador em Bananeiras, Cachoeira da Boa Vista, Cachoeira do Caldeirão 2, Pedra Itacoatiara, Mata da Boa Vista e serra da boa vista (destinado a voo livre) em Alagoa Nova. E como atrativos religiosos e histórico-culturais: o Casario rural (século XIX) e o Casario do século passado (XX) em Pilões, a Igreja do Rosário, o Casarão Solar José Rufino, o Museu Municipal, o Museu da Rapadura, o Teatro Minerva (o mais antigo da Paraíba) e a Casa Pedro Américo em

Areia, o Museu da Cidade, a Igreja Nossa Senhora do Livramento, o Cruzeiro de Roma e a Antiga Estação Rodoviária em Bananeiras, os Engenhos Baixa Verde e Laranjeiras em Serraria, o Museu Margarida Alves, o Salão do Artesanato, o Restaurante Volúpia, o Engenho Lagoa Verde, o Memorial Jackson do Pandeiro e o Teatro Santa Ignez em Alagoa Grande; e 05 engenhos de cachaça, rapadura e melado em Alagoa Nova.

De acordo com informações das agências de turismo, a maior demanda por esses roteiros ocorre no mês de agosto, fato que coincide não só com o período de realização do roteiro "Caminhos do Frio", mas que é também bastante procurado por turistas da terceira idade provenientes dos três Estados brasileiros anteriormente referidos.

O turismo de eventos se constitui na maior vertente turística da região, sendo desenvolvido com grande expressividade. Dos eventos populares, os de maior expressão são as Festas Juninas e as Festas dos Santos Padroeiros que recebem fluxos provenientes de várias regiões da Paraíba, da própria região e de municípios localizados em outros Estados, particularmente, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte.

As duas maiores festas juninas da região são aquelas realizadas nos municípios de Bananeiras e Solânea. A primeira tem como principal atração os trios de forro pé-de-serra da própria região. Esses conjuntos musicais são formados por zabumba, sanfona e triângulo e realizam as suas apresentações animando quadrilhas e shows que acontecem na principal praça da cidade.

Já em Solânea - cidade que apesar de não fazer parte do Projeto Caminhos do Frio, goza também de privilégios advindo do Caminhos do Frio devido à sua proximidade com Bananeiras e ao fato de ter muitas pousada e pensões na mesma, que acaba por hospedar parte dos visitantes e turistas que vão participar da programação do referido projeto - a festa de São João tradicionalmente oferece shows com bandas do chamado "forró eletrônico" ou do estilo "sertanejo universitário", atraindo verdadeiras multidões para a principal praça da cidade.

É importante ressaltar que os dois eventos guardam entre si certa sintonia: a festa de Bananeiras se estende até à meia-noite, momento em que se iniciam os shows na vizinha cidade de Solânea, o que permite aos turistas a participação efetiva nesses dois eventos.

O fluxo turístico desses municípios durante os eventos juninos é tão expressivo que toda a oferta hoteleira de ambos os municípios fica totalmente ocupada, necessitando, para tanto, da utilização de meios de hospedagem de cidades próximas, buscando a garantia de alojamento nas cidades de Arara, Pirpirituba e Guarabira.

Visando contornar o problema de inadequação entre a oferta de meios de hospedagem e a demanda provocada pelos fluxos turísticos nessa época, a Prefeitura Municipal de Bananeiras orienta um programa de cadastramento prévio dos proprietários de residências particulares que desejem locar seus imóveis para serem utilizados como meios alternativos de hospedagem, as chamadas "casas de temporada". Em Solânea esta prática também se verifica, toda via sem orientação de algum programa desenvolvido pela prefeitura municipal.

No que diz respeito a modalidade de turismo de eventos, o município de Areia ocupa lugar de destaque na região, visto que sedia dois importantes eventos de repercussão nacional: o Festival de Arte e Cultura e o Festival da Cachaça e Rapadura/Bregareia.

O Festival da Cachaça e Rapadura é realizado desde o ano de 1994. O evento é pontuado pela visita de produtores de aguardente, rapadura e melaço de cana, provenientes de diferentes Estados do país e tem como principais atrações ciclos de palestras e oficinas cujo principal tema é a produção e o beneficiamento da cana-de-açúcar.

A partir do ano de 1997, esse evento tomou uma conotação de festa popular, visto que a ele foram agregados shows musicais e festivais gastronômicos que se realizam em praças públicas e também em bares e restaurantes. O repertório desses shows é constituído de músicas do gênero denominado brega, daí a origem de seu nome – Bregareia. Esse evento, de repercussão nacional, atrai fluxos turísticos advindos de todas as regiões brasileiras, mas atrai principalmente grandes fluxos da própria região e do Estado da Paraíba, além dos vizinhos Estados do Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Outro evento de grande expressão a nível regional é a Festa da Galinha e da Cachaça, realizada na cidade de Alagoa Nova, durante terceira semana do mês de julho. Além dos shows realizados em praça pública no período da noite, a festa contempla em sua programação apresentações de forró pé-de-serra, encontros de quadrilhas, violeiros e repentistas, feira de artesanato, feira agroecológica e o festival de gastronomia com pratos regionais à base de carne de frango, tendo como acompanhamento principal a cachaça.

Avaliação Turística

O levantamento e análise da infraestrutura turística de uma região constituem-se em um dos objetivos principais deste trabalho. No contexto das relações que integram o Sistema de Turismo – SISTUR, a infraestrutura turística se apresenta como sendo o conjunto de equipamentos que garantem a realização plena das atividades turísticas, incluindo

elementos como meios de hospedagem, transporte, bares e restaurantes, estabelecimentos relacionados às atividades de entretenimento e lazer dentre outros.

Especificamente no que diz respeito à Região Turística do Brejo Paraibano, foram levantados itens relativos a cinco distintas categorias de equipamentos turísticos: meios de hospedagem (hotéis e pousadas), equipamentos ligados à gastronomia e alimentação (bares e restaurantes), transporte (receptivo e locadoras de veículo), entretenimento e lazer (casas de shows, parques de exposições e feiras) e lojas/mercado de artesanato. É importante ressaltar que os dados foram colhidos junto aos órgãos gestores de turismo vinculados às prefeituras dos municípios que compõem a região objeto deste estudo.

Por sua vez, segue abaixo tabela com informações a respeito dos equipamentos de turismo receptivo e transporte, locadoras de veículos, equipamentos relacionados à entretenimento e lazer (casas de shows e parques de exposições) e locais de comercialização da produção artesanal.

Tabela 1: Tabela de equipamentos turísticos do Brejo Paraibano

Municípios	Areia	Alagoa Grande	Alagoa Nova	Bananeiras	Pilões	Serraria	Total
Meios de Hospedagem	05	03	01	07	01	02	19
Restaurantes e Bares	20	14	16	17	13	10	90
Receptivos	0	0	01	01	0	0	02
Locadoras de veículos	0	0	0	0	0	0	0
Casas de show	0	02	01	01	0	0	04
Parques de exposições e feiras	0	02	01	0	0	0	03
Lojas, Mercados e Salões de artesanato	01	01	02	01	0	0	05

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

4.3 ROTEIRIZAÇÃO DA REGIÃO

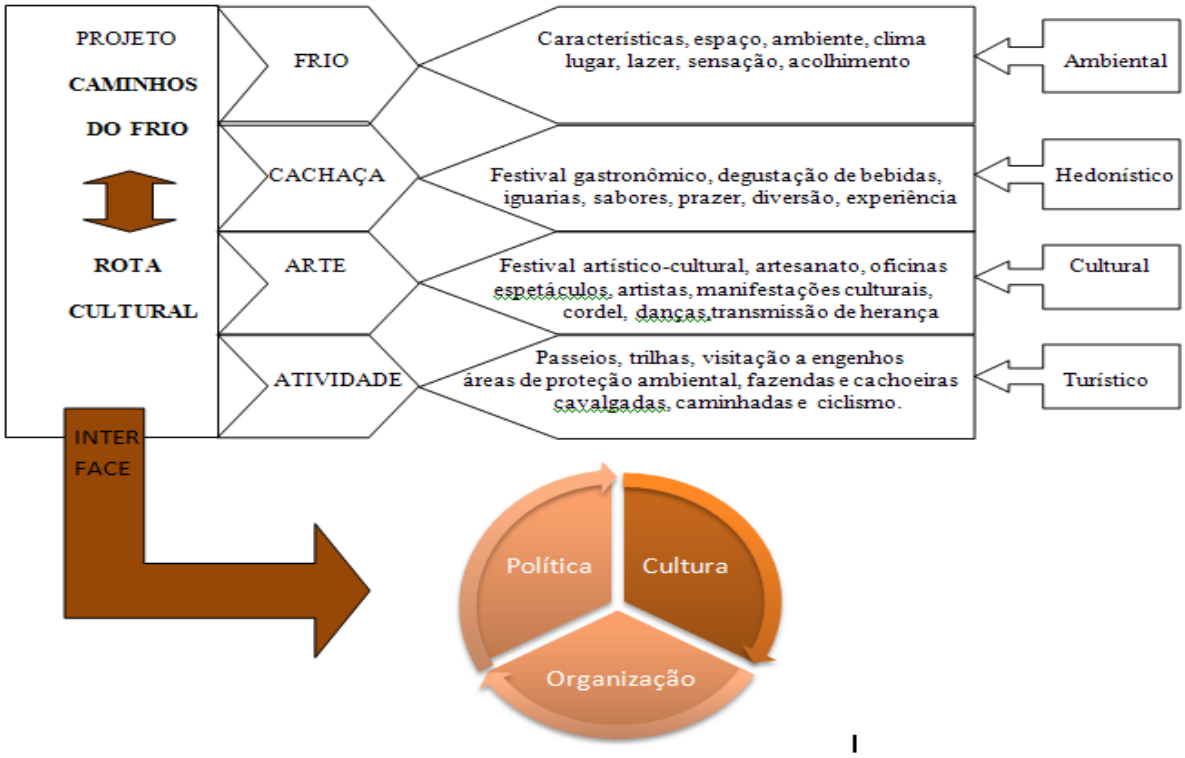
As ações do Estado direcionadas ao turismo da Paraíba vêm se organizando a partir de cinco pólos turísticos que abrangem quase todo o estado. Contudo, devido às características de cada município que compõe estes pólos o desenvolvimento não ocorre de forma igual para todos, havendo um desenvolvimento turístico diferenciado em cada região. Neste contexto insere-se o PRT, que consiste num facilitador, bem como indutor do turismo em todas as regiões do Estado, tendo em vista os objetivos que o norteiam, desenvolvendo ações articuladas de forma conjunta visando o desenvolvimento do turismo.

No processo de roteirização do Brejo Paraibano foram planejados roteiros com uma programação específica para cada município, integrando a oferta turística da região resultando nos projetos: Nos Caminhos do Padre Ibiapina, Caminhos dos Engenhos, Caminhos do Frio e o Roteiro Nacional Civilização do Açúcar que integra três roteiros do interior da Paraíba e dos estados de Pernambuco e Alagoas.

Cada roteiro tem sua peculiaridade e forma de gestão, todas baseadas no Programa de Regionalização conforme dito acima, centrando-se este trabalho no "Caminhos do Frio-Rota Cultural", que é o maior produto do Brejo e apresenta uma programação nos meses de Julho a Agosto, época mais fria da região, mostrando a diversidade cultural, arquitetônica e natural de seis municípios do Brejo: Bananeiras, com a história e a diversidade ambiental; Serraria com a musicalidade das serestas; Alagoa Nova com o festival gastronômico da galinha da capoeira; Alagoa Grande como festival de Jackson do Pandeiro, o rei do ritmo e Areia, com um conjunto histórico, urbanístico e paisagístico tombado como patrimônio nacional e seus museus que contam a historia de areenses ilustres como Pedro Américo e José Américo.

A programação do circuito inclui oficinas culturais, exposições, festival regional gastronômico, programação cultural, atividades turísticas e de contemplação, entre outras (Anexo E-Z). A mesma é definida por cada município e aprovada pelo Fórum Gestor, para que não fuja ao objetivo central de estímulo a cultura local e inclusão da comunidade local.

Figura 31: Tematização e atividades do Projeto Caminhos do Frio



Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

4.3.1 Elementos culturais de uso turístico utilizados na roteirização do Brejo

A cultura é a herança de um povo, resultante das relações profundas do homem com o meio e que traz uma sensação de pertencimento a um grupo e conforme colocado por Santos (1998) cada lugar é definido por sua cultura, ou seja, sua história e suas relações com o presente, levando o grupo ao desenvolvimento.

Myanaki et al. (2007) apresenta 4 questões essenciais no turismo cultural que são: "1- preservação, conservação e originalidade; 2- desenvolvimento com base local (inclusão social e satisfação dos visitados); 3- qualidade da experiência do turista (satisfação dos visitantes); 4- parcerias bem sucedida entre agentes do turismo e gestores dos espaços culturais." Estas questões devem estar contempladas no desenvolvimento de roteiros culturais, de modo que atrai os turistas a usufruir dos elementos culturais como: sítios arqueológicos, edificações especiais, obras de arte, espaços culturais como museus e centro de cultura, festas e celebrações locais, gastronomia típica, artesanato e produtos típicos, música, dança, teatro, cinema, feiras e mercado tradicionais, saberes e fazeres locais, realizações artísticas e ateliês, eventos programados como festivais regionais e roteiros com a temática cultural.

Apesar das críticas no meio acadêmico no tocante à utilização do legado cultural como bem de consumo[12], é através destes aspectos apresentados acima por Myanaki et al, que o turismo contribui com a recuperação da memória e da identidade local já que exige o resgate da história, na tentativa de manter a cultura local incorporando os aspectos contemporâneos. Assim, o turismo cultural constituindo-se em uma atividade que, apesar de utilizar-se dos bens culturais para o consumo, incorpora avanços positivos para a preservação e difusão da identidade local.

Assim como o exemplo exitoso do Festival de Inverno de Garanhuns/Pernambuco, citado por Melo Neto (2001) como referência pela sua atratividade devido à sua diversidade, incluindo diferenciadas atividades, o projeto Caminhos do Frio revela-se como projeto cultural que agrega várias facetas no desenvolvimento do turismo regional, compreendendo oficinas, palestras, exposições de fotos e pinturas, apresentações eruditas e populares, teatro de rua, apresentações circenses, danças folclóricas e danças contemporâneas e modernas (como street dance, entre outras), exposição de filmes, produção de artesanato, representações folclóricas de personagens, homenagens aos artistas e intelectuais locais, visita a engenhos, museus e sítios arqueológicos, a realização do festival regional de gastronomia, atividade turísticas com roteiros de aventuras, de natureza, histórico-cultural, etc. Além disto, pode-se contemplar ou vivenciar outros aspectos culturais como a regionalidade transmitida na linguagem local, nas vestimentas, na culinária, nos tipos de moradia e estilo de vida da comunidade, assim como em suas crenças e atitudes que revelam um sincretismo cultural e religioso muito interessante devido à miscigenação.

- **PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL**

Dentre os equipamentos turísticos que são objetos deste item estão incluídos equipamentos como museus e memoriais, santuários religiosos, dentre outros.

Os museus e memoriais são equipamentos que têm como função reunir um acervo de bens históricos, culturais, ambientais e artísticos representativos de uma determinada localidade. Em se tratando especificamente desse tipo de equipamento, na Região Turística do Brejo Paraibano, duas cidades se destacam: Areia e Alagoa Grande, visto que em ambas o turismo histórico-cultural apresenta-se como uma vertente de grande expressão.

[12] Ver Barreto (2000)

No município de Areia, de acordo com levantamento realizado através de pesquisa direta, existem 5 museus que atualmente recebem grandes fluxos de visitação: Solar José Rufino, Museu Regional de Areia-MURA, Museu Casa de Pedro Américo, o Museu Sacro e o Museu da Rapadura.

O Museu Solar José Rufino localiza-se no Centro da cidade de Areia e apresenta relevante papel histórico pelo fato de ser o primeiro grande casarão edificado na cidade. A origem do casarão onde atualmente funciona o museu data do ano de 1818. O prédio que abriga o museu passou por restauração no ano de 2007 e atualmente registra um fluxo de aproximadamente 200 pessoas por mês.

O museu funciona de segunda a sábado, abrindo para visitação esporadicamente aos domingos. Este equipamento oferece serviços como visitas orientadas por guias, registrando os seus maiores fluxos durante a realização do Festival Brasileiro da Cachaça e da Rapadura e também durante o período de execução do roteiro turístico-cultural "Caminhos do Frio", sendo o maior número de turistas provenientes dos municípios de João Pessoa, Campina Grande e Natal-RN.

Outros dois museus que reverenciam a memória de filhos ilustres da cidade de Areia são o Museu Regional de Areia - MURA e o Museu Casa de Pedro Américo. No acervo do Museu Regional encontra-se uma exposição em homenagem à vida e obra do Padre Ruy, figura ilustre do município. Nesse museu também estão expostas todas as obras literárias escritas por José Américo de Almeida, além de contar com alguns dos pertences pessoais do autor.

Este equipamento tem o seu principal fluxo de visitação formado por estudantes oriundos, em sua maior parte, dos dois maiores centros urbanos da Paraíba – João Pessoa e Campina Grande, tendo registrado no trimestre abril, maio e junho do corrente ano o seu período de maior fluxo de visitação, totalizando 1.526 pessoas, de acordo com o livro de registro do próprio estabelecimento. Pode-se inferir que este número deve ser ainda maior, considerando que, costumeiramente, alguns visitantes não assinam o livro de registro desse equipamento turístico-cultural.

Em área contígua ao Museu José Américo de Almeida está instalado o Museu Sacro da cidade Areia. Fundado no ano de 1972 pelo Monsenhor Ruy Bezerra Vieira, este equipamento apresenta em seu acervo a biblioteca da Diocese, peças sacras raras e imagens em estilo barroco. Considerando que esses o Museu Sacro e o MURA estão instalados em áreas localizadas num mesmo prédio, a visitação aos mesmos ocorre em paralelo, ou seja, os turistas, quase sempre, optam por visitar ambos os museus.

Já o Museu Casa de Pedro Américo iniciou as suas atividades na década de 1940. A sede do museu abriga a casa em que esse renomado artista nasceu e passou a sua infância. Através de apoio e mobilização popular, as peças de uso pessoal e mobiliário utilizado pelo pintor foram resgatadas e hoje formam o acervo do museu.

Após a morte do pintor, seus restos mortais foram transferidos e acondicionados em um mausoléu localizado na cidade de Areia. Por esta razão, o equipamento recebeu durante este o período próximo ao ocorrido, um maior número de pertences pessoais do pintor, além de tela original intitulada "Cristo Morto".

De acordo com informações coletadas no livro de registro do referido museu, o fluxo de visitantes, durante o último trimestre de 2010 (meses de junho, julho e agosto), foi de, aproximadamente, 2.560 visitantes, constituídos, em grande parte, por estudantes dos níveis fundamental e médio oriundos, em sua maioria, dos municípios de João Pessoa e Campina Grande.

O Museu Casa da Rapadura está localizado no campus da Universidade Federal da Paraíba-UFPB no município de Areia. O conjunto arquitetônico do museu é composto por dois prédios que compreendem a casa-grande e o engenho. Esses espaços reproduzem, de maneira aproximada, como a região se encontrava no período de construção desses prédios – o século XIX.

Essas edificações receberam obras de reparo e restauração nos anos de 1979 e 2010 abrigando, atualmente, exposições de objetos e documentos relacionados ao processo de ocupação da região, uso da terra e fabrico da rapadura. Além disso, o estabelecimento dispõe de uma biblioteca com obras especializadas em cana-de-açúcar, folclore e cultura regional, estando as suas seções abertas à visitação.

O maior fluxo de visitação registrado pelo Museu da Rapadura coincide com o período de realização do roteiro "Caminhos do Frio". Nos meses de julho e agosto o museu chega a receber um fluxo de, aproximadamente, 1.000 pessoas. Esse equipamento registra seu menor fluxo de visitação no mês de março, período do ano em que se verifica a ausência de eventos no calendário da cidade.

O Memorial Jackson do Pandeiro, localizado no Centro Histórico do município de Alagoa Grande é um espaço onde estão expostos os itens pessoais do cantor, além de contar com acervo composto por discos, letras de música, figurinos e demais peças utilizadas pelo "rei do ritmo" em seus shows, a exemplo de seus emblemáticos chapéus e pandeiros, objeto este que era o seu principal instrumento de trabalho.

O Memorial foi inaugurado 6 anos após o lançamento de sua pedra fundamental. Trata-se de um equipamento turístico cultural construído em parceria com os poderes municipal, estadual e federal como homenagem ao maior artista nascido nessa cidade, além de propiciar meios de atrair maiores fluxos turísticos ao município de Alagoa Grande. O Memorial também a função de tem constituir como um espaço aberto para visitação e pesquisa por parte dos moradores do município e visitantes oriundos de outras regiões da Paraíba e demais Estados do país.

A maior parcela de turistas que visitam este local é oriunda dos municípios de João Pessoa, Campina Grande, Recife e Natal, além de visitantes provenientes dos municípios próximos da própria região.

De acordo com informação dos responsáveis pelo local, é frequente a visita de grupos, especialmente de estudantes dos níveis fundamental e médio, acompanhados de seus professores, elemento que revela que as vertentes do turismo pedagógico e do turismo histórico-cultural exercem papel preponderante no que se refere às atividades turísticas do município. Levantamentos *in loco* revelam que, no primeiro semestre de 2010, cerca de 1.640 visitantes estiveram e registraram seus nomes no livro de assinaturas disponibilizado no Memorial. Esse número ainda não é mais expressivo por conta de que o equipamento encontra-se atualmente em reforma.

Também não pode esquecer-se de mencionar a importância dos sítios arqueológicos como parte do patrimônio histórico-cultural como enfatiza Morais (2001) que o uso do patrimônio arqueológico para fins turísticos se enquadra tanto no turismo de ambiente urbano como no turismo realizado no meio rural. No primeiro caso, incluem-se os acervos arqueológicos depositados em museus ou outros centros de memória onde em muitos casos estão carentes de conceito ou de normas científicas mínimas perdendo, então, muito em termos de informação ou ensino do modo de vida das populações do passado.

No meio rural o turismo pode se valer do expressivo potencial de visitação que o patrimônio arqueológico apresenta na forma de sítios. Os registros rupestres em grutas ou abrigos rochosos podem ser inseridos em trilhas de exploração do meio ambiente. A Fundação Museu do Homem Americano, em São Raimundo Nonato – PI, pode ser considerada uma iniciativa de sucesso, pois associa a pesquisa arqueológica a museu de sítio, museu ao ar livre, a produção de peças artesanais de cerâmica, às trilhas envolvendo mais de 400 sítios arqueológicos com pinturas rupestres encontrados no Parque Nacional da Serra da Capivara (MORAIS, 2001). Em Pilões, um sítio arqueológico foi encontrados há 3 anos em

terras que estava sendo realizada uma obra da ENERGIZA e que foi embargada e iniciada a construção de um museu no local, seguindo modelo da Fundação supracitada.

Estes sítios são projetados não apenas para turistas, mas principalmente para a comunidade poder conhecer sua história e assim divulgar a preservar seu patrimônio e isso é muito importante, pois conforme Barreto (2001) coloca "a ideia não é manter o patrimônio para lucrar com ele, mas lucrar com ele para conseguir mantê-lo". E assim, o registro e resgate da história, das festas, dos lugares, do cenário urbano, das edificações e atividades rurais, dos costumes, valorizam e ratificam a identidade local e o modo de vida das pessoas. Os olhares dos turistas modernos percorrem os lugares em busca de elementos da paisagem, dos espaços construídos e da cultura, seja da área urbana ou rural.

Dentre os municípios do projeto, Areia é considerado o de maior destaque neste sentido, seja pela quantidade ou qualidade dos equipamentos encontrados, ou pelo tombamento como Conjunto Histórico, Urbanístico e Paisagístico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Areia conta ainda com um dos primeiros teatros do Brasil e o primeiro da Paraíba: Teatro Minerva, herança do tempo colonial, datado de 1859.

Figura 32: Teatro Minerva/ Areia-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

- **PATRIMÔNIO IMATERIAL**

A cultura requer produção, assimilação e circulação, sendo mutável e incorporando novos aspectos a cada momento e isso só é possível mediante estímulos a produção de bens culturais e a promoção de eventos que proporcionem uma experiência autêntica para que seja bem sucedida. Para isto não se pode deixar de levar em consideração as danças, cantorias, repentes, a culinária, o vestuário, a música, o artesanato e a literatura popular como o cordel. Todos estes aspectos culturais encontrados e valorizados na rota do Brejo Paraibano são estimulados a comunidade local, porém, mesmo que não propositadamente, acabam por ser o maior diferencial aos olhos dos turistas, que procuram esta autenticidade encontrada a região.

Um aspecto cultural de significante interesse por parte dos turistas, que foi observado nesta pesquisa, refere-se às conversas com os moradores locais, no final da tarde em frente as suas casas, na padaria ou as reuniões dos artistas e intelectuais nas praças da cidade, principalmente no intuito de conhecer as estórias e crendices locais, assim como suas superstições e costumes cotidianos. Inclusive, alguns dos municípios do projeto já incluíram em seus trajetos de passeios, paradas para descanso e alimentação sentados debaixo de uma jaqueira ou mangueira ouvindo os moradores locais contando estórias sobre seu povo e seu folclore.

Pode-se dizer que os turistas que procuram o roteiro Caminhos do Frio são, em sua maioria, viajantes que querem o contato com a comunidade e não apenas visitar os monumentos históricos. Eles querem principalmente usufruir dos bens imateriais, procurando por benefícios ao seu lado pessoal, interação intercultural.

A cantoria, a literatura de cordel e as histórias da região resgatadas através do teatro e da dança, dão também contempladas no roteiro através das “contações de estória” nos sítios da região, onde as senhoras falam sobre a cultura e os costumes locais. Geralmente localizados no meio das trilhas ou próximos as atrações como as cachoeiras, este sítio são ponto de paradas, onde o visitante além de refrescar-se com agua, sucos tropicais feitos na hora com frutas da localidade, deleita-se (em baixo de uma mangueira ou jaqueira de sombra frondosa) da contação de causos da cultural popular local, mitos e lendas dos antigos povos que ali viviam. Uma legítima interação do visitante com a comunidade, que representa um autêntico ganho cultural para ambos os lados. Oportunidade também para os artistas da região apresentarem seus trabalhos e oficinas (forró, artesanato) nesta interatividade entre a comunidade local e os visitantes.

A partir de ações como esta, incluídas no roteiro, diversas outras formas iniciadas ou resgatadas, como por exemplo, as bandas marciais e a literatura de cordel. Atualmente forma abertas e reabertas as bandas marciais das escolas dos municípios estudados, as quais se apresentam durante todo o ano, tanto lá como em municípios circunvizinhos. Também os grupos folclóricos foram estimulados, para resgate das danças locais.

Figura 33: Apresentação de Banda Marcial/ Pilões - PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Figura 34: Apresentação de Grupo Folclórico/ Serraria - PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Nas escolas municipais, além das bandas foram instaladas outras ações como a escrita da literatura de cordel pelos alunos, através da interdisciplinaridade das disciplinas de português, artes e outras, Além de oficinas de flores, artesanato, material reciclado, pintura, bordado, etc.

Figura 35: Literatura de Cordel / Pilões - PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

* FOLCLORE

Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social e sendo parte integrante da cultura nacional, todas as manifestações folclóricas são equiparadas às demais formas de expressão cultural. (CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO, 2004). O folclore Paraibano é rico em tradições e costumes, sendo um atrativo ao turismo cultural. É uma ciência considerada indispensável ao conhecimento social e psicológico, sendo até mesmo mais antiga do que a historia, pois antes mesmo da ciência histórica existisse já existiam os estudos sobre os mitos, lendas e artesanato. Abrange um campo vasto sendo subdivido em sabedoria popular, artes folclóricas, manifestações de religiosidade, oficio e técnicas, alimentação, trajes, direção do lar e vida social. (MEGALE, 1999). No "Caminhos do Frio – Rota Cultural", estas dimensões foram contempladas.

Observando a programação de cada edição de cada município é possível verificar que são incluídas as diversas formas de folclore mencionadas e isso é decidido democraticamente, ano após ano, nas reuniões que definem a programação do evento.

De fato, os turistas que visitam a região, não apenas desejam ver os lugares lendários como também participar de festejos e conhecer o estilo do povo que lá vive, sua forma de pensar e agir, sua maneira de vestir, etc. Fica fácil de perceber neste projeto que o folclore estimula o turismo e o turismo estimula o folclore, fortalecendo ambas as bases. Esta relação resgata, representa r fortalece a identidade cultural da região.

* EVENTOS E ESPETÁCULOS

Os eventos e espetáculos são meios de revitalização e divulgação do patrimônio cultural. Os eventos possibilitam o acesso dos cidadãos à cultura, pois formam consumidores culturais. A visão de utilização dos eventos como elementos de revitalização do patrimônio histórico cultural, para a reflexão, para a contemplação e para a educação pela arte deve incluir entre suas ações cívicas de formação e aperfeiçoamento para jovens artistas, estímulo à criação de grupos culturais, encontros com artistas, exibições de filmes e vídeos históricos e educativos.

Melo Neto (2001) expõe que a indústria do entretenimento está interessada em realizar eventos do tipo festas, shows, festivais, espetáculos de teatro e dança, exposições sem quaisquer valores estéticos, princípios morais, condições religiosas, políticas e ideológicas, os quais o mercado, os patrocinadores e a mídia definem o tema, os artistas, o conteúdo, os objetivos e os valores do evento com critérios alheios à arte e à genuína qualidade do produto cultural e pelos quais privilegiam-se eventos associados a comemorações cívicas e festivas cujos objetivos são a diversão pura e simples, o consumo imediato e o deslocamento de multidões. Todavia, ao observar os eventos e espetáculos realizados no circuito percebe-se o cuidado com a escolha das atrações e festas, colocando-se os artistas locais/ regionais.

A programação (ver anexos E a Z) é definida em conjunto no Fórum de Gestão, sendo decididas por cada município suas atrações, mas passando por aprovação do Fórum, que inclusive tem o poder de vetar alguma atração ou excluir o município do roteiro, caso haja inclusão de alguma atração que não represente a cultura local, ou seja, uma tentativa de espetacularização ou atração de turistas. É bom que fique claro que o fórum não exclui decisões de marketing turístico do projeto, apenas salienta a importância da autenticidade das

atrações para não desvincular-se do objetivo principal do projeto de resgate e valorização da cultura local, que frisa-se mais uma vez, é focado na comunidade.

Na pesquisa realizada no ano de 2010 pode-se comprovar a atuação do fórum neste sentido, ao tachar uma atração escolhida por um dos municípios, tendo o mesmo que alterar sua programação na condição de permanência no projeto. Com o modelo interacional (anexo A2) aplicado em 2010 e 2011 notou-se bem a relação e importância que cada atração tem com os municípios.

Conforme teoria trazida por Debord (1997) e refletida na fundamentação teórica deste trabalho, a espetacularização existe, mesmo que sem intenção, pois a partir do momento que cria-se um evento, monta-se um palco, caracteriza-se os oradores para usarem roupas que em seu cotidiano não usa-se mais, já ocorre uma espetacularização. Entretanto, deve-se ficar atento no que classificamos como uma atração espetacularizada, pois o fato de representarem-se os costumes e tradições e trazer de volta, mesmo que apenas em eventos culturais, vestimentas e danças que atualmente não mais se pratica nesta contemporaneidade que vive-se não implica simplesmente em espetacularizar-se mas caracteriza a intenção pura do resgate da cultura. Assim, nota-se esta intenção no "Caminhos do Frio", que realiza eventos que recriem os hábitos e costumes atuais e antigos da região, não apenas com o intuito de atrair turistas a assistir estes eventos, mas sobretudo para despertar na comunidade a importância de reavivar sua memória cultural. Este processo contribui na conservação da identidade local ameaçada pelo avanço da cultura de consumo acelerada e globalizada em nossa sociedade.

Figura 36: Apresentação de Grupo de Xaxado / Serraria-PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Figura 37: Crianças com vestimentas típicas/ Serraria - PB

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Ao analisar esta figura, pode-se perceber uma espetacularização no sentido de encenação, de montagem de um momento para representação de algo que é verdadeiro, o que na realidade não poderíamos chamar de atração espetacularizada, pois esta é a autêntica representação dos costumes e tradições locais/regionais. Todos os anos os moradores montam pavilhões e as crianças usam vestimentas tradicionais, independente da realização do projeto.

- **GASTRONOMIA**

O termo gastronomia foi usado pela primeira vez em 1623 e ganhou popularidade em 1801, designando a boa mesa, ou seja, ao uso requintado dos alimentos[13]. Desde então seu conceito vem sendo ampliado e diversas novas colaborações vêm sendo agregadas ao assunto. A gastronomia é dinâmica, sofre constantes renovações, assimilando e adaptando-se aos recursos disponíveis, às novas tecnologias e aos equipamentos mais modernos, devendo, portanto, ser considerada no contexto turístico.

[13] Para maiores informações sobre o termo gastronomia ler: Henrique Carneiro em Comida e Sociedade: uma história de alimentação (2003); Joseph Berchoux em A gastronomia ou os prazeres da mesa (1842); Jean- Robert Pitte em Gastronomia francesa, história e geografia de uma paixão (1993).

O turismo gastronômico está diretamente ligado ao prazer e a sensação de saciedade adquiridos através de comida e da viagem, portanto está diretamente ligado para proporcionar prazer aos turistas. Ele é parte integrante do turismo cultural, pois é através da gastronomia que o turista pode experimentar e observar os aspectos culturais, econômicos e sociais dos mais variados povos e regiões do mundo, sendo esses aspectos os principais elementos de importância para o turismo. Assim, a gastronomia deve ser trabalhada como um forte elemento de agregação de valores para a atividade turística.

No caso do Projeto Caminhos do Frio, a gastronomia local apresenta-se com uma peculiar atratividade, que mexe com os sentidos do degustador. A criação de cada prato revela a capacidade inventiva e enriquecedora da região em saber combinar sua produção agrícola com o paladar refinado resultando em pratos singulares, exóticos e apetitosos. Desta forma, o visitante ou turista acabam por colecionar experiência sensorial.

A culinária do Brejo Paraibano, que pode ser degustada principalmente no período do circuito, apresenta-se como uma experiência sensorial que traz junto imagens e sensações relacionadas ao prazer[14], num misto de saciamento das necessidades básicas de alimentação com a realização de uma atividade atípica em nosso cotidiano, já que traz novos elementos aos quais não estamos acostumados em nosso dia-a-dia.

Baseada na banana, na cachaça e no mel de engenho, a culinária brejeira tem forte traço cultural que remete às comunidades afro e indígenas que ali viviam e mesmo com um toque requintado que hoje encontramos, toda sua base de receita é a original, daqueles que os ancestrais passaram de geração em geração.

Além do auxílio no gerenciamento do projeto como um todo e na realização de oficinas em todos os municípios partícipes do projeto, é no item gastronomia que a participação do SEBRAE tem papel singular. Com o intuito de contribuir com o desenvolvimento regional através do turismo, o SEBRAE atua junto aos micro e pequenos empresários desenvolvendo pratos únicos em cada município a cada edição, com seu chefe de cozinha e consultor Josimar Aurélio, vai de município em município descobrir as riquezas gastronômicas da região, com um excelente trabalho que resulta já citado Festival Regional de Gastronomia do Brejo Paraibano (FRG).

---

[14] Sobre a relação biológica e cultural da gastronomia, Marcel Proust em seu livro Em busca do tempo perdido (2009) ilustra bem como a gastronomia se torna uma experiência emocional capaz de trazer de volta lembranças e sensações prazerosas. Ver também Maria Henriqueta Gimenes em Cozinhando a tradição: festa cultura e turismo no litoral paranaense

Os pratos têm como base iguarias típicas como a banana, a tilápia e a cachaça. Todas as receitas são elaboradas pelos moradores da região, com a experiência do Chef Aurélio, especialmente para o evento, contando com novos pratos e temperos especiais que retratam o "gostinho" dos velhos engenhos do Brejo Paraibano.

Na pesquisa de campo foi possível perceber que tanto comerciantes como donas de casa participam do festival com suas receitas únicas e que trazem renda durante o ano todo, em especial no período do Caminhos do Frio, quando os pratos são expostos no Festival e assim tem uma procura ainda maior.

Figura 38: Festival Regional de Gastronomia – 4ª edição 2011

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Simples pratos são transformados em iguarias únicas e de sabor inigualável. Por fazer parte do objeto desta pesquisa, estive presente nas 3ª e 4ª edições do festival em todos os municípios, degustando de cada prato e comprovando a singularidade de cada um, apesar da base ser a mesma. O requinte que a preparação mais elaborada de cada prato traz é digno de louvor. Ao degustar os 84 diferentes pratos da 4ª edição (2011) fiquei completamente abismada com a criatividade empregada nos mesmos, pois todos se destacavam, inclusive experimentei um prato que levava canela - especiaria que eu não gosto - e mesmo assim achei delicioso.

Exemplo de prato típico que ganhou popularidade na Paraíba, a Peteca passou a ser o prato mais solicitado na região e presente me todas as edições na Cidade de Bananeiras, que inicialmente era uma receita feita para economia de comida, para que não se jogasse a banana já muito amadurecida ou não propícia para comercialização ou até mesma a casca dela fora, fez-se uma massa tipo massa de panqueca, que levada a fritura ficava como um bolinho e assim seu consumo além de saudável era econômico. Na época, a Peteca foi vista pela população local como um alimento para pessoas de baixa renda, tornando-se assim algo pouco valorizado pelos moradores da região, mas com o passar dos anos e um trabalho de resgate cultural os moradores incorporaram novamente esta receita em seus lanches vespertinos. Hoje, a culinarista Mariana Muniz a Peteca ganhou uma versão mais requintada, sendo feita com uma banana selecionada, bem madura e no bolinho resultante acrescenta-se uma bolo de sorvete e joga-se uma calda de mel de engenho por cima, o que seria um tipo "petit gateau" brejeiro/nordestino. Na época do evento Mariana chega a fazer de 500 a 600 unidades por noite e por apenas R$ 2,00 e os restaurantes locais também a produzem.

Figura 39: Peteca – prato típico de Bananeiras baseado em banana e mel de rapadura.

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Assim como em outros produtos, a transformação da Peteca em um prato de elevado valor turístico mostra bem a relação intrínseca do turismo com a gastronomia, na qual a imagem do produto foi alterada para fins turísticos e ganhou força em sua comercialização, conforme coloca Bignami (2002), a imagem é um dos fatores que determinam o processo de decisão de compra do consumidor.

Segue abaixo quadros com os 84 Pratos típicos do Festival Regional de Gastronomia (FRG) do Brejo Paraibano na 4ª edição (2011), degustados pela pesquisadora:

Quadro 1: FRG AREIA

PRATO	DESCRIÇÃO
GELÉIA LARANJEIRAS	Geléia de pimenta com maçã e melaço de Cana.
BANANA JAPARANDUBA	Strudel de banana cozida no mel de engenho com canela, cravo e cachaça.
SOBREMESA ARATICUM	Doce de banana cascão com melaço e requeijão de queijo.
SANDUÍCHE FREXEIRO	Pão sírio de azeitonas, pernil de cordeiro com ervas finas flambado na cachaça, mussarela, queijo coalho, tomate seco, molho rosé e alface e um toque de geléia de pimenta com melaço.
LAZANHA ALMÉGENA	Massa de lasanha com banana em melaço e queijo gorgonzola
TILÁPIA BOLANDEIRA	Tilápia em massa folhada, com banana e queijo provolone.
BOLO CAIANA	Massa de fécula de macaxeira e chantilly à base de mel de engenho.
CARTOLA MUFUMBO	Queijo e banana em melaço quente, farofa de fubá de milho com rapadura ralada e canela, amendoim e uma bola de sorvete de rapadura por cima.
CHOCOLATE DO QUEBRA	Barra de chocolate com melaço, banana e pé-de-moleque.
SORVETE PITOMBEIRA	Massa de sorvete de banana com mel de engenho.
TAPIOCA GITÓ	Dois fiscos de tapioca, recheados com banana caramelada apimentada e queijo coalho ralado.
CARNE DE SOL SABOEIRO	Carne de sol cozida e depois assada com têmpura de banana, molho de mel de engenho, tomate e goiaba.
MOUSSE VIRAÇÃO	Mousse de banana dois sabores: banana batida com leite condensado e sequilho, banana em melaço de cana-de-açúcar com cachaça.
BANANA TIBORNA	Doce de banana com abacaxi, suco de laranja, melaço e canela.
MEXIDO DE PORCO ESCONDIDO	Carne de porco frita em cubos, molho de melaço, banana com macaxeira frita, couve refogada e xerém de milho.
PIZZA RIACHÃO	Massa de pizza coberta com catupiry, frango, banana caramelada, molho de tomate e mussarela.
PASTEL IMPERIAL DO TIMBÓ	Massa de pastel recheado com charque, banana, queijo coalho e um toque de rapadura.
PIZZA IPUEIRINHA	Massa de pizza coberta com banana, açaí, melaço e granola.

Fonte: Pesquisa de Campo (GALVÃO, 2012)

Figura 40: Festival Regional de Gastronomia – Areia

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Quadro 2: FRG ALAGOA GRANDE

PRATO	DESCRIÇÃO
LINGUIÇA SERROTINHO	Linguiça marinada na cachaça com mel de engenho, recheada com fatia de banana e outra de bacon.
TORTA BAIXINHA	Massa enrolada de pão-de-ló com creme de banana e mel de engenho.
TILÁPIA CAPIVARA	Massa recheada com filet de tilápia temperado na cachaça e banana salteada ao bacon.
ABAFADO CAPOEIRA	Carne no bafo com um toque de cachaça, molho de melaço, manteiga do sertão e refogado de banana.
BRIOCHE BREJINHO	Massa de brioche com mel de engenho, recheado com creme de confeiteiro batido com banana.
TORTA BALANCINHO	Massa cremosa de banana, canela e cachaça.
CESTINHA DO MEIO	Massa de pastel assada, recheada com creme de frango, presunto e banana.
BANANA TABOCAS	Pamonha recheada com banana caramelada no melado.
TAPIOCA JORDÃO	Massa de tapioca, recheada com banana no melado, queijo coalho ralado e sorvete de rapadura.

PIZZA ZUMBI	Massa de pizza com cobertura de chocolate, banana e mel de engenho.
GALINHA LAGOA VRDE	Galinha de capoeira, flambada na cachaça com omelete de banana e coentro.
CREPE QUITÉRIA	Massa de crepe suíço, recheada com creme de frango e molho de mel de engenho e licor de canela.
CAIPIFRUTA PRIMAVERA	Sorvete de cajá com cachaça e rapadura.
FLAN RAPADOR	Sobremesa de mel de engenho com baunilha e menta.
PIZZA PIRAUÁ	Massa fechada com charque desfiada e banana.
SUCO SAPUCAIA	Suco de banana com açaí e mel de engenho.

Fonte: Pesquisa de Campo (GALVÃO, 2012)

Figura 41: Festival Regional de Gastronomia – Alagoa Grande

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Quadro 3: FRG ALAGOA NOVA

PRATO	DESCRIÇÃO
CABRITO CAJUEIRO	Carne marinada na cachaça e hortelã com banana salteada no alho e bacon.
QUIBEBE BOA VISTA	Guisadinho de carne flambado na cachaça, com cubos de jerimum e banana e rodelas.
TILÁPIA MACAIMBINHA	Tilápia inteira sem espinha, no molho de laranja com cachaça e mel de engenho.
SANDUÍCHE CUITÉ	Pão especial, recheado com filet de tilápia, banana e queijo cheddar.
LOMBO BURACO D'ÁGUA	Medalhão de lombo bovino na folha de couve, flambado na cachaça com jerimum e banana assada.
MILHO DA HORTA	Bolo em massa de milho verde, banana e rapadura.
ARRUMAÇÃO EM BACUPARI	Charque temperada na cachaça com vinagrete de Banana.
LAGISTITA SÃO TOMÉ	Bolinho de lagosta, bacalhau e cenoura flambados na cachaça com molho apimentado de mel de engenho.
GALINHA PAU D'ARCO	Folheado de refogado de galinha brejeira com um toque de rapadura.
PIZZA URUÇU	Massa de pizza coberta com presunto, banana, maçã e cobertura de calda de ovo, creme de leite e mel de engenho.
BREVIDADE SANTA RITA	Massa de polvilho doce com banana e mel de engenho.
BROWNIE GUARIBAS	Massa fina de chocolate com rapadura, banana e castanha de caju.
QUENTÃO SAPÉ	Cachaça, rapadura, gengibre, canela e cravo.
BOLO SERRA PRETA	Massa de claras em neve com rapadura e farofa de biscoito.
MINI-BOLO BONITO	Massa de biscoito com chocolate e cobertura de chantilly, ambas com me de engenho.
PANQUECA VITÓRIA	Massa de panqueca com cachaça, recheada com frango desfiado e banana.
QUEIRA DEUS	Bolo de sorvete de tapioca e chocolate, recheado com biscoito champagne, banana caramelada e cobertura de chantilly de mel de engenho.
GALINHA CAPIM AÇU	Fritada gratinada de galinha brejeira com banana e ovo de capoeira.

Fonte: Pesquisa de Campo (GALVÃO, 2012)

Figura 42: Festival Regional de Gastronomia – Alagoa Nova

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Quadro 4: FRG BANANEIRAS

PRATO	DESCRIÇÃO
TAPIOCA EM CAMARÁ	Cone de tapioca recheado com chapeado de banana, mel de engenho, queijo coalho e coco.
CALDO DE BARREIROS	Caldo espesso de carne de tilápia com batata inglesa e bacon.
PARMEGIANA DE ROMA	Filet de tilápia com cobertura de presunto, queijo, molho pomodoro, espaguettini ao manjericão e chips de banana.
CARNE DE SOL ANGICO	Medalhão de carne de sol com risoto de banana e calabresa, rolinhos de banana envolta no bacon e cubos de queijo coalho.
EMPADA JARDIM	Massa podre recheada com creme de tilápia.
BOBÓ JATOBÁ	Creme de macaxeira, leite de coco, carne de tilápia refogada no bacon e azeite de dendê.
PASTEL CUMATI	Massa de pastel recheada com tilápia, molho de gengibre, pimenta, shoyu e um toque de mel de engenho.
TORTA GOIAMUNDUBA	Massa de torta salgada, recheada com tilápia e banana.
TILÁPIA DA ESTIVAS	Empanado de filet de tilápia com molho de mel de engenho, cachaça e risoto de banana.
LOMBO MANITÚ	Medalhão de lombo suíno marinado na cachaça com maracujá e omelete de frutas salteadas no melaço.
TILÁPIA OITICICA	Filet de tilápia com crosta de biscoito, queijo, manjericão, purê de jerimum e banana frita.
MUFFIN ANGELIM	Bolinho de fubá de milho torrado, rapadura e banana.

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Figura 43: Festival Regional de Gastronomia – Bananeiras

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Quadro 5: FRG PILÕES

PRATO	DESCRIÇÃO
TORTINHA MANGA DO FRADE	Massa de biscoito com recheio de doce de banana caseiro e raspa de limão.
PAVÊ IPIRANGA	Camadas de massa de biscoito com rapadura e creme de catupiry.
PASTELÃO BOA FÉ	Massa arcada com banana e com recheio de frango.
PINTURA DE TROPEIRO	Feijão macaçar com bacon, banana, linguiça caseira e rapadura.
TILÁPIA RIO DO BRAZ	Peixe inteiro temperado na cachaça com recheio de farofa de banana apimentada.
CROSTATA CANTINHOS	Massa de biscoito champagne e treliças, recheio de geléia de banana caramelada, suco de laranja, maçã, rapadura e queijo coalho.
TORTA AVARZEADO	Massa de tapioca com biscoito raiva, banana caramelada em mel de engenho.
COXINHA TABOCAL	Recheio de frango, presunto e catupiry em massa de banana.
COCADA VENEZA	Cocada de banana, cachaça e mel de engenho.
POÇÕES DE MACAXEIRA	Bolo salgado de macaxeira com carne de sol, recheado com banana e frito.

Fonte: Pesquisa de Campo (GALVÃO, 2012)

Figura 44: Festival Regional de Gastronomia – Pilões

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Quadro 6: FRG SERRARIA

PRATO	DESCRIÇÃO
LICOR FECHADO	Infusão de casca de banana com mel de engenho.
SOBREMESA SABOEIRO	Uma camada de mousse de banana sobre uma camada de bolo baeta com mel de engenho.
ESCONDIDO SERRARIA	Gratinado de purê de macaxeira, banana frita, carne de sol flambada na cachaça e queijo de coalho ralado.
CUCA COITEZEIRA	Farofa de rapadura, recheio de banana com canela, massa líquida de leite, ovos e cachaça.
BOLO MARTINIANO	Massa trufada de pão-de-ló, creme de banana com cachaça e cobertura de chocolate com mel de engenho.
ENERGÉTICO LABIRINTO	Bebida à base de mel de engenho, banana, xarope de guaraná e fubá de milho torrado.
TORTA AVENCA	Massa de biscoito champagne e araruta, banana com casca e mel de engenho.
GUARIBA DE PICANHA	Tiras de picanha, banana em rodelas, ovo e couve refogada.
TORTILHA CAJAZEIRAS	Massa com cachaça, recheada com carne de sol desfiada, banana e creme de queijo de coalho.
PUDIM CAMPO VERDE	Pudim de banana com mel de engenho, leite de coco e queijo coalho ralado.

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Figura 45: Festival Regional de Gastronomia – Pilões

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Percebendo o nicho de turismo em expansão, os micro e pequenos empresários da região decidiram investir na tematização de seus estabelecimentos e criaram uma atmosfera típica, que traz à tona o clima dos engenhos e da ruralidade local, com música de Luiz Gonzaga, decoração rústica à luz candeeiro, funcionários vestidos com indumentárias a caráter, pratos que remontam suas origens, o que sofistica a experiência turística sem deturpar os traços culturais locais.

Figura 46: Restaurante Banguê – Cachaça Volúpia

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Portanto, como pode-se perceber, a cachaça, a banana e o mel de engenho são os ingredientes utilizados em abundância nos pratos do circuito, trabalhados de uma forma criativa e atraente aos visitantes, é economicamente viável aos comerciantes.

A importância social e econômica da cachaça é de grande relevância na manutenção e no desenvolvimento da região. Além da utilização da mesma nos pratos típicos, ela é produzida e exportada para todo o mundo. A cachaça é a bebida mais consumida no Brasil e a terceira no ranking mundial, conhecida como pinga ou branquinha, se destaca em relação às outras por sua forma de produção e por seu valor histórico, pois foi a escolhida de D. Pedro para brindar a Independência do Brasil.

No Brasil, o Brejo é a região de mais destaque de produção da cachaça, sendo Areia a cidade conhecida como terra dos engenhos, devido a seu grande número de engenhos, que a produzem de maneira artesanal, alguns ainda em funcionamento e outros que mantêm-se como museus. A produção da cachaça favorece o desenvolvimento de outras atividades produtivas, como por exemplo, o turismo rural, atividade promissora no interior do estado da Paraíba.

A degustação da cachaça atrai pessoas de todo mundo, não apenas pelo paladar, mas, sobretudo pela cultura, história e crenças que a mesma carrega, desde sua fabricação até a obtenção do produto final. A cachaça ganhou status depois que misturou-se com frutas tropicais, especiarias e outros destilados, ganhando nova coloração, requinte e novo publico, tornando-se produto nobre nas mesas da civilização do açúcar e estendendo-se dos botequins aos luxuosos restaurantes da *High Society*. Tendo formatos e formas de preparo sofisticados ou tradicionais, a cachaça brejeira é tão reconhecida que ganhou reconhecimento mundial e exportada valiosamente, inclusive estando sempre presente nas revistas de A & B.

Figura 47: Cachaças do Brejo Paraibano.

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Para agregar valor aos seus produtos, os engenhos criam novas formas de venda da cachaça como bombom de cachaça, copinhos de cachaça com a logomarca do engenho, entre outros, como no Engenho Triunfo, que em parceria com a Picogel lançou o sorvete Triunfo com sabor de frutas tropicais, chocolate e flocos, o qual é distribuído gratuitamente quando da visita a lojinha do engenho, no término da visitação ao mesmo.

Figura 48: Sorvete Triunfo

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Desta forma, percebe-se a maturidade que a região atingiu quanto ao desenvolvimento de pratos e produtos que atraem visitantes e geram renda para a região, além de envolver toda a comunidade e utilizar-se da cultura local, caracterizando um turismo com base sustentável. Ao degustar dos produtos gastronômicos do Brejo, o visitante atenta-se ao fato de que aquele ato não se trata só de consumo para sobrevivência e sim de um ato social e cultural[15], imbuído de um conjunto de fatores que representam uma simbologia, pois o que é consumido lá não pode ser considerado apenas um produto alimentício mas sobretudo uma manifestação cultural estabelecida através de relações culturais que refletem a carga simbólica e o valor que possui e isto é muito bem relevado no FRG.

[15] Ver Marcelo Alvarez em La cocina como patrimônio (in) tangible (2002).

O investimento na poderosa relação turismo e gastronomia, encontrada principalmente no FRG apresentou-se como uma estratégia de desenvolvimento e posicionamento do roteiro Caminhos do Frio, seja através da degustação dos pratos sofisticados no festival, seja no consumo em pequenas barracas e equipamentos de restauração locais, pois da maneira que a gastronomia é vivenciada na região, ela trata-se mais de uma experiência que remete a sensações, é como se o visitante fizesse parte daquele mundo que sabores e tradições singulares, aproximando-o do local visitado.

Assim, corrobora-se com a afirmação de Gimenes (2008, p. 501)

> A gastronomia pode constituir uma experiência turística, na medida em que oferece, a partir de sabores e técnicas culinária características, uma interação com o meio visitado. Ao se degustar uma iguaria, pode-se ter acesso a uma série de conteúdos simbólicos que terminam por revelar a história e a cultura de um determinado grupo humano.

- **DANÇA, TEATRO E MÚSICA**

O Caminhos do Frio traz a tona o trabalho de um ano todo de grupos folclóricos e escolas, servindo de palco para a dança regional paraibana, exibindo as suas cores vibrantes, ritmos contagiantes e músicas animadas. Os grupos de teatro e dança da região se apresentam diariamente com peças e danças que representa e contam a sua cultura e história através de um regionalismo que canta as dores e os odores do cotidiano daquele povo. Também acontecem manifestações populares típicas do Nordeste, como as cirandeiras de Caiana dos Crioulos, encontro de repente e o tradicional forró pé-de-serra para encerrar as noites em grande estilo. Também ocorrem consertos e demais apresentações eruditas das filarmônicas e sinfônicas regionais.

Citando apenas alguns trabalhos cito:

- Grupo de Teatro Luiza Avelina, que visa a valorização e a descobertas de artistas municipais, mais a criação de atrativos e atividades produtivas para a juventude e lazer para a população;
- Grupo de Danças Nordestinas Raízes da Terra, que visa a valorização o incentivo e formação em músicas da cultura nordestina como o Xaxado, Baião, Xote, Forro, Mulatinha, Frevo, Bumba meu Boi, Ciranda, Coco de Roda, mostrando as maravilhas de um nordeste rico em cultura e de uma juventude que gosta e que não perde as suas bases.

- **ARTESANATO**

O artesanato é uma atividade econômica tradicional cujas principais características são a produção manual realizada através de sistema familiar ou sistema de cooperativa. O artesão geralmente é o proprietário dos meios de produção e da matéria-prima utilizada, sendo o produto de seu trabalho comercializado em feiras, lojas e outros pontos de venda. A produção artesanal de uma localidade representa muito dos seus aspectos culturais, seja através da matéria-prima utilizada ou a partir do tipo de produto elaborado.

As atividades artesanais guardam traços da história, das crenças e dos costumes da região. Dentre os diversos tipos de artesanato como crochê, bordado, tricô, renda renascença, tecelagem, tapeçaria, cerâmica, brinquedos populares, retalho de tecido, sandálias e bolsas, tendo como matérias primas, o algodão, a argila, a bucha vegetal, a palha de milho, a madeira, o couro, dentre outros, encontram-se no Brejo trabalhos com trançado, em cerâmica, couro, madeira, tecelagem e palha da bananeira e coco. Bordado em ponto cheio-, boneco de pano, chita, bordado labirinto, artesanato em cerâmica, artes plásticas e tricô artístico.

Na Região Turística do Brejo a produção artesanal apresenta características singulares, além de contar com uma expressiva diversidade no que diz respeito à utilização de matérias-primas, compreendendo desde o tradicional tecido de chita, passando pela argila, gesso, madeira, linhas e até mesmo as fibras vegetais, a exemplo da folha e da própria palha da bananeira, um dos principais furtos cultivados na região.

É importante ressaltar que a produção artesanal da Região Turística do Brejo Paraibano ocorre em todos os municípios da região, sendo que em 4 deles essa atividade é desenvolvida de forma organizada através associações ou cooperativas, o que se observa em Alagoa Grande, Alagoa Nova, Araruna e Areia.

No município de Alagoa Grande a Associação de Artesão Mãos Jacksonianas iniciou as suas atividades em junho de 2009. Nesse local, dez artesãos produzem suas peças e as comercializam em um núcleo de produção artesanal localizado no Centro da cidade.

Figura 49: Salão do Artesão de Alagoa Grande – Mãos Jacksonianas

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

A produção é feita a partir da pintura em tecido, crochê, labirinto, peças produzidas em madeira, argila e folha de bananeira. A produção artesanal na área da gastronomia compreende a fabricação de licores, manteiga em garrafa e doces de diversos tipos, a exemplo de compotas, doce em barra e doce em pasta.

Figura 50: Artesanato Brejeiro – Alagoa Grande

Fonte: Pesquisa de Campo (GALVÃO, 2012)

De acordo com informações colhidas *in loco*, o maior volume de vendas ocorre nos períodos em que são realizados os principais eventos da cidade, a exemplo das festas juninas, "Caminhos do Frio" (junho, julho e agosto), Cavalgada (mês de agosto), vaquejada e semana da pátria (setembro), carnaval e Festa da Padroeira (Nossa Senhora da Boa Viagem), que ocorre em fevereiro.

Os turistas que visitam e adquirem produtos neste local são provenientes, em sua maioria, dos municípios de João Pessoa e Campina Grande que, em grande parcela, realizam o turismo pedagógico, além de visitantes oriundos de Pernambuco, cidades do interior do Rio Grande do Norte. Em períodos de férias, o local recebe também fluxos de turistas do Estado do Rio de Janeiro.

No vizinho município de Alagoa Nova está localizada uma das maiores e mais antigas associações de artesão da Paraíba. Trata-se da Associação de Artesão de Alagoa Nova – ASNOVA, cuja sede e espaço de comercialização está localizada na área central da cidade. Conforme dados colhidos no local, esta associação iniciou suas atividades no ano de 1956 e, nos dias atuais, comporta cerca de 250 pessoas que atuam na produção, comercialização e realização de oficinas e cursos na área de artesanato.

Os períodos de maiores vendas da associação coincidem com as datas comemorativas e eventos realizados na cidade, a exemplo da Festa da Galinha e da Cachaça (maio), Festival de Música e Gastronomia ("Caminhos do Frio" – julho e agosto) e Festa de Santana (julho). É importante ressaltar que além das vendas que são realizadas nesse período, verifica-se em Alagoa Nova fluxos permanentes de comerciantes que adquirirem os produtos artesanais a preços baixos e exportam para diversas partes do Brasil, os chamados atravessadores que, por conta dessa prática, conseguem alcançar altíssimos lucros em detrimento dos parcos ganhos repassados aos produtores das peças.

O maior destaque dentre as modalidades artesanais desenvolvidas na associação é a produção de tecelagem e bordados. Esses artesãos, em sua maioria do sexo feminino, produzem bolsas, embalagens para cachaça e bordados diversos que são exportados para vários Estados brasileiros, alcançando até mesmo demandas internacionais, a exemplo da cidade norte-americana de Nova Iorque, onde os bordados e aplicações são utilizados na Feira Internacional de Moda daquela cidade, um dos maiores eventos do mundo *fashion*.

Figura 51: Salão de Artesanato Maria Alice da Costa Cézar – Alagoa Nova

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Figura 52: Produtos Artesanais – Alagoa Nova

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Em Areia, município reconhecido pelo seu patrimônio histórico-arquitetônico e pela valorização do artesanato local, o centro de produção e comercialização "A Talha Artesanato" exerce suas atividades há cinco anos na região. As peças produzidas são fabricadas em linha e tecido, além do tricô, crochê e bonecas de pano. Outras matérias-primas utilizadas são a argila e a madeira.

Os períodos de maiores fluxos de venda são registrados durante a realização de eventos na cidade de Areia, a exemplo do roteiro turístico-cultural "Caminhos do Frio" e "Bregareia". A maioria dos turistas da região é proveniente das cidades paraibanas de João Pessoa e Campina Grande, além de fluxos de turistas oriundos do Estado do Rio de Janeiro e até mesmo de outros países, a exemplo da Argentina. É importante destacar que, de acordo com informações colhidas *in loco*, tanto nos períodos de maior como de menores fluxos de turistas há a visita de grupos formados apenas por pessoas que se encontram na faixa etária da terceira idade.

No município de Bananeiras, a Casa do Turista é um local onde acontecem exposições e comercialização de peças artesanais, a exemplo de quadros e demais artigos para casa e decoração, bolsas, produtos religiosos, peças em tecido elaboradas através da técnica do fuxico, artesanato feito com a palha da bananeira – matéria prima abundante na região, entre outros.

Figura 53: Casa do Turista – Bananeiras

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

A Casa do Turista funciona há cinco anos e tem como objetivo, além da comercialização dos produtos artesanais, oferecer os serviços de receptivo, tais como informações sobre meios de hospedagem, roteiros e fornecer as distâncias para os atrativos da zona rural aos visitantes que chegam à cidade. O maior fluxo de vendas dos produtos artesanais se dá durante as festas juninas, um dos eventos mais importantes do calendário da cidade. Segundo informações dos administradores do local, grande parte dos turistas é oriunda de João Pessoa, Campina Grande e do vizinho Estado do Rio Grande do Norte.

Pensemos no conceito de autenticidade simbólica[16], pelo qual atribui-se uma autenticidade a certos objetos, mesmo sabendo que os mesmos não são originais, mas reconhecendo que eles representam símbolos da autenticidade do local visitado como chaveiros ou camisetas. No Brejo há muitos destes símbolos, como seguem figuras abaixo:

Figura 54: Chaveiros da Cachaça Serra Preta.

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Figura 55: Lembrança de Jackson do Pandeiro.

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

[16] Sobre autenticidade simbólica ler Culler (1981 apud Reisinger e Steiner, 2006)

4.4 ASPECTOS POLÍTICOS E ORGANIZACIONAIS: ARTICULAÇÃO POLÍTICA E GOVERNANÇA DO PROJETO

O “Caminhos do Frio” atualmente apresenta organização e gerenciamento já institucionalizados, mas seu surgimento deu-se a partir da ideia de uma gestora pública local em unir as potencialidades de seu município aos dos demais das região, de forma a resgatar e valorizar a cultura local, estimulada através dos encontros e fóruns de discursões de fomento à cultura, realizados na Paraíba visando a aplicação e o investimento em ações culturais que dessem continuidade às ações da politica nacional de cultura, e direcionada pelas orientações do Ministério do Turismo quando a regionalização do turismo.

Assim, diante da conjuntura a qual estava inserida a produção cultural na Paraíba, principalmente nas últimas décadas e da necessidade de se promover ações que fomentem, fortaleçam e disseminem um fazer artístico-cultural comprometido com a cidadania e a inclusão social, envolvendo os mais variados segmentos culturais e artísticos, no sentido de buscar alternativas à indústria cultural que promove a mercantilização da arte e da cultura, aumentando progressivamente a distância entre os artistas e produtores culturais e o público em geral, o que consequentemente desemboca na legitimação da cultura de massa, Ana Maria Rodrigues Gondim, então secretária de cultura e turismo do município de Bananeiras, influenciada pelo case de sucesso do festival de inverno de Garanhuns e Gravatá/ PE, tem a ideia de criar um projeto, que agregasse valor turístico à riqueza dos elementos culturais da região. E assim, Ana submete o projeto ao Fundo de Incentivo à Cultura Augusto dos Anjos, do Governo do Estado da Paraíba, através da Secretaria de Educação e Cultura e realiza em 2005 o **“DIÁLOGOS DA CRIAÇÃO – FESTA DAS ARTES”,** em parceria com a UFPB/PRAC/COEX.

Neste sentido, o “Diálogos da Criação” não objetivava ser mais um “festival de arte”, mas pretendia, nas regiões onde vive e trabalha o seu público-alvo, criar um conjunto articulado de ações que resgatassem a identidade cultural e proporcionassem o acesso aos bens culturais para as camadas que se encontram mais afastadas das instâncias e dos centros produtores de arte e cultura. Propondo uma série de oficinas, minicursos, debates e mesas-redondas, exposições, espetáculos, concertos, shows culturais e outras atividades, o projeto objetivava criar um elo permanente entre artistas e comunidades. Além disso, o projeto visava o desenvolvimento sustentável do turismo, através da união com outros municípios da região.

Desta feita deu-se a 1ª versão do que no ano seguinte se tornaria o exitoso Caminhos do Frio – Rota Cultural. Foram desenvolvidas 20 oficinas com 1.091 pessoas, 05

peças teatrais com 3.020 pessoas, 14 apresentações cinema com 7.100 pessoas, 13 shows com 42.600 pessoas e 01 balet popular UFPB com 5.000 pessoas, totalizando a participação de 58.811 pessoas no evento.

Vários municípios da região foram convidados a participar do projeto com seus stands: Solânea, Guarabira, Bananeiras, Areia, Campina Grande, Cabaceiras, Monteiro, Gurjão, Capim de Mamanguape, Pilões, João Pessoa, Sousa, Pirpirituba, Sumé, Rio Tinto, Alagoa Nova, Remígio, Serraria, Alagoa Grande, Patos, Cajazeiras, Duas Estradas, entre outros.

Os resultados, até então não estipulados oficialmente, foram maiores do que os esperados e diversas ações foram obtidas como: criação e reativação de bandas marciais w filarmônicas, elaboração de projetos, trabalhos em camisas com desenhos em aerografias, obras de arte com o uso da botânica, reabertura de cinema, criação de uma difusora, reativação de grupos de teatro, criação de grupos de dança, e de condutores de turismo, montagem de jornal municipal, criação de site, entre outras.

Apesar do sucesso do evento, apenas 6 municípios firmaram acordo de investimento para a continuidade do projeto e assim, em 2006 realiza-se a primeira edição com a formatação com conhecemos hoje. Devido à dimensão e aos resultados do projeto, atualmente vários municípios pleiteiam a entrada no mesmo, entretanto o Fórum de gestão receia a entrada destes devido ao êxito do projeto coma formatação atual baseada em 6 semanas, período de frio da região, o que seria alterado com esta entrada.

Figura 56: Shows culturais

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Figura 57: Oficina de Música

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Figura 58: Oficinas de Artes

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Quanto ao gerenciamento do projeto foi investigado como ocorre em relação do projeto, seu planejamento, suas expectativas, suas ações e alterações em cada edição, para identificar o formato da gestão encontrada. Sabendo-se que a gestão turística é um instrumento imprescindível para o desenvolvimento de uma região, requerendo atenção aos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, através de ações coordenadas que contemplem todos os itens necessários a se alcançar o desenvolvimento, analisou-se as ações sendo desenvolvidas no Projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural, identificando claramente o papel realizado por cada agente envolvido no processo, atendendo as especificações do programa, cada um em nível diferenciado, contudo com sua relevância dentro do processo e que destaca-se a participação ativa da comunidade local e sendo o Estado (a nível local representado pelas prefeituras dos municípios partícipes que fica responsável por mobilizar os segmentos organizados para o debate e a indicação de propostas locais para a região, integrar os diversos setores locais em torno da proposta de regionalização e participar de debates e da formulação das estratégias locais para o desenvolvimento da região, a nível regional através da Instância de Governança Regional do Brejo Paraibano chamada de Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (FRTSB/PB).

O Fórum é responsável por planejar e coordenar as ações, em âmbito regional e local, articular, negociar e estabelecer parcerias, em âmbito regional e local, monitorar e avaliar as ações do Programa, em âmbito local e produzir e disseminar dados e informações e a nível estadual pelo Governo do Estado da Paraíba que elabora diretrizes e estratégias alinhadas às nacionais, planeja e coordena as ações do Programa, em âmbito estadual, articula, negocia e estabelece parcerias, em âmbito nacional e regional, monitora e avalia as ações do Programa, em âmbito estadual e regional e produz e dissemina dados e informações).

Como o fórum é um espaço que democratiza a comunicação, a reflexão, o debate, o intercâmbio, a articulação, a ajuda mútua na solução de dúvidas e problemas, a exposição de ideias, opiniões e sugestões sobre um tema específico, o FRTSB/PB prioriza a questão do desenvolvimento da região do Brejo através do turismo sustentável, sendo assim um espaço de articulação política dos agentes produtores envolvidos, em todo o planejamento e a organização do “Caminhos do Frio”.

A implementação do FRTSB/PB[17] deu-se em 2009, quando através de escolha democrática, foi eleita Vânia Galdino, como presidente do mesmo. Desde então, todos os gestores e participantes do projeto veem participando de reuniões sistematizadas para um melhor manejo do projeto e de seus resultados alcançados e esperados, de acordo com os objetivos propostos a cada ano, com a revisão e adequação do projeto a cada edição.

Percebe-se que a participação de todos os agentes no fórum é crucial para a governança deste projeto, pois a decisão de movimentação é compartilhada e então evita-se problemas com má distribuição de recursos entre os municípios. No gerenciamento dos recursos financeiros adquiridos para este projeto a divisão é feita igualitariamente. De acordo com Anna Gondim, até 2010, os R$ 30.000,00 arrecadados eram divididos para os 6 municípios com a mesma proporcionalidade, mesmo que alguns deles tenham uma arrecadação menor ao final do circuito. Não há priorização de recursos ou de voz na tomada de decisão por parte dos municípios com maior destaque, dando a todos a mesma oportunidade de investirem naquilo que acharem mais necessário para si. Portanto, o compartilhamento de responsabilidade, de propostas, de ações e dos resultados nesta região contribuem para o fortalecimento do circuito edição após edição, traduzindo-se em aumento da demanda, promoção da região, oportunidade de negócios, inclusão social e desenvolvimento turístico para toda a região.

Com o êxito e crescimento do projeto e seus benefícios para a região, principalmente quanto ao desenvolvimento regional, o Governo do Estado, através da Secretaria de Cultura, requisitou a seu representante a conhecer a realidade do projeto com maior profundidade e assim, em união com o FRTSB/PB investiu nesta 6ª edição (2011) um montante de R$ 180.000,00, o que, apesar de parecer uma pequena quantia diante da dimensão do projeto, já pode ser visualizado o incremento no mesmo.

[17] Maiores informações sobre como implementar um fórum de governança regional ver http://www.turismo.gov.br/turismo/conselhos/instancia_governanca/

METODOLOGIA DE GERENCIAMENTO DO PROJETO

Outra importante participação é a do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) que realizou uma oficina de elaboração do projeto Roteiros do Brejo Paraibano com a implantação da metodologia de gerenciamento de projetos chamada de Gestão Estratégica Orientada para Resultados (GEOR) e baseado nas diretrizes operacionais do programa de "Roteirização do Turismo – Roteiros do Brasil, analisando e assessorando os projetos em cada município, participando do Fórum e realizando a capacitação e qualificação da mão-de-obra empregada no roteiro, que auxilia na qualificação dos serviços oferecidos pela cadeia produtiva envolvida.

A metodologia GEOR tem sido uma tendência mundial já que é impulsionada pela competitividade e é focada nos resultados concretos a serem gerados e mensurados, traduzidos em benefícios diretos que tragam transformações efetivas às populações receptoras. Tem como finalidade a potencialização da geração de resultados finalísticos que tragam profundas transformações no processo de planejamento e gestão das instituições e dos projetos e como objetivo alavancar a capacidade do SEBRAE e de seus parceiros produzirem e medirem benefícios relevantes para a sociedade e para as MPEs – Micro e Pequenas Empresas. (SEBRAE, 2006)

> A abordagem preconizada é aproveitar e difundir boas práticas e competências internas para uma mudança de enfoque e de comportamento gerencial. Esta mudança inclui a realização de um conjunto de melhorias e de inovações incrementais nos sistemas e nas práticas de elaboração e gestão de projetos. (SEBRAE, 2006, p.8)

Através do Manual de Elaboração e Gestão de Projetos Orientados para Resultados (2006), o SEBRAE auxiliou no delineamento do Projeto Caminhos do Frio, sendo o mesmo estruturado em 5 etapas: o conhecimento dos fundamentos da gestão estratégica orientada para resultados, ou seja, o entendimento sobre a operacionalização por meio da elaboração e gestão de projetos através da GEOR; a estruturação e contratualização, tendo como escopo o planejamento e organização do projeto coma integração dos recursos e a formalização dos compromissos e resultados; o gerenciamento, transformando as intenções planejadas em ações e resultados reais; o monitoramento, com a coleta e interpretação das informações para eventuais correções ou medidas preventivas; e, a mensuração de resultados, avaliação e revisão do projeto, no intuito de verificar se os resultados finalísticos estão sendo alcançados e a geração de informações pra o aperfeiçoamento do projeto.

Como o ponto de partida para a definição do projeto é a definição do sue público-alvo, suas demandas e seus desafios, as etapas estão apoiadas em 4 atributos essenciais à esta metodologia (SEBRAE, 2006):

- Foco em um público-alvo definido;
- Orientação das ações e recursos para resultados finalísticos;
- Adensamento da visão estratégica; e
- Intensidade, prontidão e proximidade da ação gerencial.

Uma das diretrizes que o GEOR requisita é a interação efetiva do gestor do projeto com o publico, desde a etapa de planejamento até a execução do projeto e a avaliação dos resultados. Este requisito é atendido prontamente pelos gestores do projeto Caminhos do Frio em cada município, que são funcionários de órgãos públicos ligados ao turismo ou infraestrutura ou desenvolvimento, enfim pessoas que estão diretamente ligadas aos municípios e às necessidades que estes municípios apresentam, pensando tanto no público-alvo turista cultural como o público-alvo comunidade, já que o circuito é preparado visando atender a estes dois públicos.

Com a participação de todos os agentes envolvidos, cada um com seu papel (conforme visto no item 4.5 a seguir), foi possível traçar os pontos essenciais para o gerenciamento do projeto quais são: público-alvo, foco estratégico, objetivos, resultados finalísticos e intermediários desejados, premissas para o direcionamento dos resultados, marcos críticos, recursos, cronogramas físico e financeiro, estratégias de implementação e gerenciamento para o gerenciamento, planos de atuação, entre outros.

A partir disto, as duas principais diretrizes operacionais traçadas pelo Programa de Regionalização do Turismo, citadas na fundamentação deste trabalho, são seguidas a risca no processo de regionalização do Brejo Paraibano, que tem se consolidado como região turística com a prática do turismo rural agregado ao turismo urbano cultural, sendo seus principais atrativos turísticos baseados na historia, cultura e aspectos naturais, analisados a partir do ponto de vista dos diversos agentes produtores do turismo nas localidades partícipes do projeto, levando-se em consideração fatores ligados a produção econômica da região e fatores socioculturais de resgate da cultura local, ambos na tentativa de incluir e beneficiar todos os envolvidos no processo.

Aponta-se também que o Programa de Regionalização do Turismo apresenta-se como subsídio para a estruturação e qualificação, visando ao desenvolvimento das regiões e possibilitando a consolidação de novos roteiros como produtos turísticos rentáveis e com competitividade nos mercados nacional e internacional. No caso do brejo, o programa atingiu seu principal objetivo de promoção do aumento do fluxo turístico, da permanência e do gasto direito e indireto com o turismo, através de uma oferta diversificada e de qualidade de produtos encontrados no projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural. É possível dizer que o projeto alcança a meta 3 do PNT 2007/2010, assumindo a função de modelo indutor para o desenvolvimento turístico-regional, já que a partir do êxito obtido no mesmo, outros projetos estão se começando a desenvolver-se baseados neste modelo exitoso.

A consolidação de políticas públicas de turismo que tenham foco no aspecto regional, com a combinação da lógica democrática de produção e distribuição dos resultados entre os agentes produtores parece uma perspectiva viável ao desenvolvimento regional através do turismo, desde que haja o entendimento do turismo como um fenômeno de dimensões múltiplas, que compartilha com todos os agentes o espaço apropriado para sua produção e desta forma, utiliza-se deste espaço trazendo benefícios a todos. Faz-se necessário traçar políticas de regionalização que estimulem os atores ao entendimento deste processo e ao seu comprometimento com ele, responsabilizando-se pelos resultados, mas também pelos custos que o processo venha a trazer.

4.5 PARTICIPAÇÃO DOS AGENTES PRODUTORES DO TURISMO NO BREJO PARAIBANO

A partir da observação direta nos municípios componentes do projeto em análise possibilitou-se desenvolver o quadro 7 que sintetiza a participação dos agentes produtores do turismo no processo de desenvolvimento turístico da região. Na gestão do turismo é comum ver o processo de desenvolvimento turístico sendo iniciado ou fomentado pelo setor privado, com o investimento em grandes empreendimentos hoteleiros ou de restauração e lazer. Neste caso em análise, nota-se pelo quadro acima que o setor público deu o pontapé inicial, com uma relevante participação da comunidade. Até mesmo tratando-se do setor privado, poucos são os empreendimentos com investimento externo e mesmo estes empregam mão-de-obra local (mesmo sem qualificação), ou seja, a renda gerada com a atividade turística na região permanece na região.

Quadro 7: Agentes Produtores do Turismo do Brejo Paraibano

Agentes Produtores do Turismo	Expectativas e Tendências	Participação
Poder Público	Visualiza no projeto uma oportunidade de desenvolver a região, aumentar a arrecadação de impostos para a melhoria dos municípios, desenvolver o turismo e, sobretudo espera estimular e valorizar a cultura para a população local.	Fomenta todo o projeto, tanto financeiramente quanto gerencialmente. Iniciou o projeto e, através da Instancia de Governança continua com o desenvolvimento do mesmo.
SEBRAE	Tem como principal objetivo a qualificação da mão-de-obra empregada no turismo e o desenvolvimento de produtos em apoio ao micro e pequeno empresário.	Participa ativamente do projeto, desde sua concepção, planejamento, gerenciamento até sua execução e avaliação. Extrapola o objetivo inicial de apoio aos micro e pequenos empresários e auxilia até na infraestrutura improvisada para a realização do circuito nos municípios.
Agentes do Mercado (grandes empresas e cadeias, empresários locais, fornecedores de serviço e matéria-prima)	Aumento de oportunidades de acumulação e reprodução de capital ou de expansão de seu negócio e sua lucratividade.	A maior representação do empresariado é local, de micro e pequenos empresários, e até mesmo informais. Inicia-se o interesse por investimento de cadeias, com apenas 2 empreendimentos instalados, mas sem monopólio da atividade. Os fornecedores são locais. Atendem, em número, a necessidade da demanda, porém não em diversificação, ocorrendo a ausência de serviços e produtos turísticos demandados.
Trabalhadores diretos e indiretos (formais e informais)	Oportunidade de trabalho e renda seja direta ou indireta, e de participação social com o sucesso do projeto.	A mão-de-obra utilizada no projeto é advinda dos próprios municípios e regiões circunvizinhas. Participam dos cursos de qualificação oferecidos na busca de inclusão no projeto.
População Residente	Inicialmente não tinha expectativa quando ao desenvolvimento turístico da área, vendo o projeto como incentivo a cultura local. Com o passar de cada edição, o aumento do fluxo turístico, o incremento de divisas, investimentos na região e o desenvolvimento social advindo disto, quer participar mais ativamente do projeto.	A população residente vê o projeto, antes de qualquer coisa, como um projeto destinado à comunidade e depois destinado ao turista. Tenta participar das atividades propostas e quando não participa também não vê problemas com o fluxo gerado, já que o mesmo traz oportunidade de desenvolvimento local.
Turistas	Interessados pelo turismo cultural, procuram na autenticidade das atividades do projeto uma imersão com os costumes locais, mantendo contato com a comunidade local.	Permanecem nos municípios, utilizando dos serviços turísticos durante o circuito e expressando interesse em retornar em outro momento. Respondem positivamente às alterações em cada edição com o aumento crescente no fluxo a cada ano.

Fonte: Dados da Pesquisa (GALVÃO, 2012)

Com relação aos agentes de mercado do Brejo Paraibano encontra-se um perfil característico uniforme. São pequenas e micro empresas formais e informais, com característica de empresa familiar, o que os fazem empresários do tipo pioneiros. Entretanto os municípios de Bananeiras e Areia já despertam interesse pelo empresariado de cadeia, como o Serra Golf Apart Hotel em Bananeiras e a Pousada Villa Real em Areia. Não há representantes da cadeira internacional de hotéis nem de grandes operadoras em nenhum dos municípios. Operadoras de turismo da capital - João pessoa - fazem a venda do produto turístico dos mesmos.

Quanto ao poder publico, sua intervenção é tida como indutiva, que identificou os atrativos de seu território como gerador de fluxo e realizou investimentos preliminares para o desenvolvimento do projeto. Tem-se como principal agente indutor do processo turísticos da região, juntamente com a comunidade.

Referente aos trabalhadores diretos e indiretos, estes são guiados por suas necessidades, então apropriaram-se dos espaços na busca de obtenção de trabalho, renda e moradia, que são encontrados nos empreendimentos turísticos e de apoio. Este foi o pontapé para a formação de cooperativas, associações, entre outras ações coletivas dos moradores da região, de forma a serem agentes mais que ativos no processo de desenvolvimento turístico da região.

Na revisão do papel de cada agente produtor do turismo na apropriação do espaço, foi propiciada uma formatação a partir da instância do fórum de governança. Esta organização possibilita uma política mais especifica direcionada ao atendimento dos resultados propostos de acordo com a necessidade do setor turístico e dos agentes. O fórum possibilitou uma discussão e deliberação mais organizada e uma gestão equilibrada dos interesses e necessidade de cada agente, aumentando o ganho de produtividade e de competitividades dos destinos envolvidos a partir da melhor gestão do uso dos recursos comuns a todos. Foi sinalizado assim através desta pesquisa o quão crucial se apresentou o envolvimento de todos os agentes produtores do turismo para o estágio de desenvolvimento da atividade na região.

Dessa maneira, o desenvolvimento passa a ser entendido como resultado de fatores endógenos e isso inclui o envolvimento profundo dos agentes produtores do turismo, vinculados à concepção política e social. A preocupação com uma gestão das atividades de desenvolvimento do turismo na região tem sido constante através de ações conjuntas dos diversos agentes envolvidos no processo, para garantir a integração e mobilização de todos os agentes envolvidos.

Além disto, apesar do aumento do fluxo turístico e do envolvimento dos agentes locais em novos negócios e demandas que são geradas a partir daí para atender as novas necessidades dos novos turistas, o que induz à ampliação do espaço como destino turístico e passando então a ser um indutor, já que ampliando assim o desenvolvimento de toda a região do brejo, e desta forma, novos destinos são contemplados pelo interesse dos turistas e o investimento em novos produtos pelos agentes de mercado, percebe-se que o patamar encontrado no tocante aos problemas ou impactos negativos advindos da atividade turística apresenta-se positivo, pois mesmo que instintivamente ou não intencionalmente, certos problemas comuns esperados não forma encontrados e como isto não quer dizer-se radicalmente que não há influencia negativa do turismo na região, mas levar a enxergar que às vezes certos problemas podem ser evitados e às vezes alguns problemas do desenvolvimento local não são decorrentes do turismo.

É neste momento que o projeto caminhos do frio – rota cultural pode tornar-se um indutor ao desenvolvimento turístico regional, quando os destinos vizinhos possibilitam que estes turistas estendam-se às suas áreas, havendo uma articulação que extrapole os limites traçados inicialmente, ampliando a escala microrregional projetada a principio, criando uma nova escala, adotada pela identidade regional e não pela definição de território. A partir desta articulação pode surgir um complexo de relações regionais entre seus diversos agentes produtores interligando os destinos, levando ao desenvolvimento de toda região, paulatinamente.

Através desta abordagem de turismo como indutor do processo de desenvolvimento regional não se pode negar a transformação social advinda do fomento à atividade. Com o respeito e o estímulo às reais manifestações culturais locais foi possível desenvolver um turismo cultural autêntico, que visa antes de tudo, envolver a comunidade na preservação e valorização de seu legado cultural. Como demonstra o projeto, o desenvolvimento de uma região a partir do setor turístico como indutor do processo desenvolvimentista precisa incorporar esta noção de gestão compartilhada, incluindo todas as faces que o desenvolvimento envolve, ou seja, deve se atentar a uma gestão que priorize o social, o político, o cultural, tão quanto o econômico. A partir de ações e projetos, como este, que garantam a participação de todos os agentes sociais envolvidos pode-se caminhar a uma gestão democrática conforme a idealizada para as regiões que desenvolvem o turismo no Brasil.

4.6 VISÕES DIVERSAS DA PESQUISA

Urry (1996) fala que o viajante possui um olhar próprio chamado de "olhar do turista". Ao mesmo tempo em que, ao coletar os dados, dá-se um olhar mais científico no trabalho - um olhar de pesquisador -, também não se pode negar que aprecia-se e espera-se algumas ações diretamente relacionadas ao que é esperado por um turista, não fugindo à analise um olhar de turista, se assim podemos o chamar. Desta forma, apresento no quadro 8 um comparativo do que foi encontrado na realidade do circuito, visto com os dois olhares citados acima.

Quadro 8: Confronto de visões pesquisadora X turista quanto ao roteiro Caminhos do Frio.

VISÃO DE PESQUISADORA	VISÃO DE TURISTA
• HOSPEDAGEM: Os meios de hospedagem da região ainda não se apresentam como turisticamente adequados a um circuito de tal dimensão, entretanto correspondem à realidade local e ao nível de envolvimento da comunidade (que são os proprietários dos MDHs), já que o empresariado é composto em sua maioria pelos próprios moradores e apenas em 2 municípios há investimento externo na área de hotelaria, nos quais pode-se perceber a diferenciação destes Meios de Hospedagem (MDH's) para os demais. Além disto, como o circuito ocorre apenas em 1 semana ao ano em cada município, o elevado número de MDH's ocasionaria baixa ocupação nos demais períodos considerados de baixa temporada.	• HOSPEDAGEM: Reduzido número de MDHs e ausência da prestação de alguns serviços turísticos comuns em hotelaria como telefonia, alimentação, serviço de quarto e governança, etc. MDHs com gestão muito familiar e alguns com instalação precária, sobretudo aqueles com preços muito baixos. Nos estabelecimento de categoria turística há mais luxo e sofisticação conforme o esperado e ainda superando expectativas para a localidade, todavia apenas em 2 municípios há a ofertas destes.
• TRANSPORTE: As estradas que levam aos municípios da rota estão em situação precária, sem sinalização e acostamento. Algumas estradas entre as cidades são de barro, estreitas e apresentam buracos que na época do circuito, coincidentemente inverno, formam poças de águas e lama, provocando atolamento dos veículos. Não há transportes turísticos, exceto aqueles contratados em pacotes de agências de viagens e quanto ao transporte público, não há diferenciação de horários e aumento da frota no período do projeto, entretanto isto não parece ser um problema ao turista, que em sua maioria não chegam à região pelo transporte público.	• TRANSPORTE: Há partes da estrada que são mais difíceis de transitar, mas a rusticidade e a paisagem rural acabam por justificar aqueles percursos, que se tornam até uma aventura, algo diferente de sua rotina, algo a experimentar e liberar/sentir adrenalina. Há opção de contratação de guias com motos e jipes para o acompanhamento dos turistas aos atrativos.
• INFRAESTRUTURA BÁSICA: Até o presente momento não foram registrados problemas com abastecimento de água, energia, saneamento e coleta de resíduos ou demais problemas relacionados com o aumento do fluxo de pessoas nos municípios no período do circuito.	• INFRAESTRUTURA BÁSICA: Não houve qualquer tipo de inconveniente com falta de agua, luz ou problemas de telefonia, etc., ou seja, tudo parece funcionar perfeitamente no circuito.

• INFRAESTRUTURA DE APOIO: Os municípios apresentam uma infraestrutura de apoio condizente com a realidade da região. Ainda há falta de alguns serviços de apoio ao turista como câmbio, entretanto há outras facilitadoras financeiras. Há hospitais e Unidades de Pronto Atendimento na região em número reduzido e em casos mais sério a remoção é feita para os centros vizinhos (Guarabira, Campina Grande ou João Pessoa).	• INFRAESTRUTURA DE APOIO: Foram encontrados agentes bancários e demais serviços necessários ao atendimento ao turista. Quanto a hospitais de mais serviços, estes não foram utilizados pela mesma para uma efetiva avaliação.
• ASPECTOS CULTURAIS/ APRESENTAÇÕES: Não há espetacularização dos aspectos culturais visando ao encantamento dos turistas. Há uma utilização dos mesmos de forma mais organizada e valorizada por parte da comunidade. Diversas opções de entretenimento e enriquecimento culturais, tanto populares quanto eruditas. Ligação com a comunidade/ contato direto com o nativo que proporciona uma interação cultural.	• ASPECTOS CULTURAIS/ APRESENTAÇÕES: A diversidade de apresentações, oficinas e demais atividades do roteiro mostram-se como singulares e autênticos. Pode-se interagir com os moradores locais a todo tempo, o que nos traz um conhecimento da cultura local a todo tempo.
• ARTESANATO: Destaca-se o artesanato feito com a palha da banana, bordados, pinturas, etc e a utilização de símbolos de grande valor cultural como Jackson do Pandeiro, miniaturas das cachaças locais, etc. a produção e comercialização é feita pelos nativos ou associações às quais os mesmos participam. A renda fica na localidade.	• ARTESANATO: Em todos os municípios pode-se obter/ comprar facilmente souvenires que representem a cultura local. São produzidos pelos nativos e vendidos por eles mesmos. E o preço é considerado barato se comparado aos mesmos artesanatos em outras localidades.
• GASTRONOMIA: Tanto o festival gastronômico quanto os estabelecimentos de restauração oferecem pratos diversificados e de acordo com a culinária local, demonstrando o uso dos produtos locais no circuito, com um diferencial toque de criatividade e requinte, trazidos pelo chef de cozinha do SEBRAE.	• GASTRONOMIA: A quantidade de pratos encontrados e ao baixo custo atraem o turista a experimentar de tudo um pouco, fazendo exceder-se em sua quantidade de consumo diário e comprando alguns dos produtos para seus pares experimentarem, em parte, de tal experiência gastronômica.
• ROTEIROS E PASSEIOS: Não existem agência ou operadoras de turismo locais então os serviços de passeios são oferecidos por guias de turismo locais treinados pelo SEBRAE especificamente para atender a esta nova demanda e por operadores de turismo de João pessoa e Campina Grande.	• ROTEIROS E PASSEIOS: Muitas opções de passeios para conhecer as belezas naturais e culturais da região como cachoeiras, monumentos históricos, sítios arqueológicos, engenhos, etc. os preços são baixos e os roteiros podem ser feitos acertando diretamente na cidade com os guias/ mototaxistas.
• PRECIFICAÇÃO: Os preços praticados nos equipamentos turísticos da região não tem qualquer tipo de regularização. Na maioria dos municípios os preços são abaixo do mercado. Entretanto, nas ultimas edições percebe-se um crescente interesse por empresários de cadeia, que já praticam preços regularizados e conforme valores de mercado.	• PRECIFICAÇÃO: Os preços dos equipamentos e atrativos turísticos são baixos, excetuando-se os equipamentos de categoria luxo, em especial nas cidades de Areia e Bananeiras. Isto torna-se mais um atrativo à região, pois economiza-se e assim pode-se aproveitar mais atrativos e mais cidades.
SÍNTESE: Não há uma disparidade no que o turista tem acesso e no que é visto por um pesquisador. O circuito apresenta-se em evolução e isto requer algumas adaptações, entretanto numa avaliação geral de forma equilibrada.	

Fonte: Pesquisa de Campo (GALVÃO, 2012)

4.7 POTENCIALIDADES E VOCAÇÕES/ FRAGILIDADES E PROBLEMAS DO PROJETO

Numa análise que engloba os diversos itens referentes à oferta e à demanda turística na Região Turística do Brejo Paraibano, pode-se estabelecer um quadro descritivo acerca das potencialidades e dificuldades registradas a partir dos elementos levantados através da pesquisa direta e levantamento de dados secundários.

A região, conforme foi apresentado em seções anteriores que compõem este trabalho, apresenta potencialidades relativas ao desenvolvimento do turismo em diferentes vertentes ou modalidades turísticas. Dentre as potencialidades observadas, revela-se como uma oportunidade de investimento o fortalecimento do turismo pedagógico e a inclusão de um roteiro turístico especialmente voltado para atender os turistas da terceira idade, o que também é denominado "turismo para a melhor idade". Essas duas modalidades se apresentam como favoráveis para aplicação, em especial, nos municípios de Alagoa Grande e Areia, tendo em vista o seu patrimônio histórico- arquitetônico e seu acervo histórico-cultural.

O desenvolvimento dessas modalidades turísticas possibilita que a infraestrutura turística dessas cidades seja plenamente utilizada durante períodos em que não estejam se realizando eventos de massa ou eventos referentes a roteiros integrados, aquecendo assim o mercado turístico local nos momentos de menor fluxo, possibilitando uma constante demanda por bens, produtos e serviços turísticos nos dois municípios.

O turismo de agronegócios é outra vertente que pode ser desenvolvida de forma mais racional e econômica na região, visto que a mesma é grande produtora de frutas (banana e laranja) e de produtos derivados da cana-de-açúcar (mel, rapadura e, sobretudo, cachaça). Vale destacar que alguns meios de hospedagem que formam o *trade* turístico já despertaram para essa possibilidade, visto que estão adequando e ampliando seus espaços no sentido de construir uma estrutura de suporte a realização de eventos, reuniões, seminários, simpósios e oficinas, a exemplo do que já ocorre no município de Bananeiras no Serra Golf.

Considerando a proximidade dos municípios produtores de frutas e de produtos derivados da cana-de-açúcar na região, apresenta-se como uma proposta viável a integração desses municípios em um mesmo encontro: Festival das Frutas e Cachaças do Brejo que, durante um período máximo de três dias, possibilitaria o comprimento de agendas com eventos itinerantes voltados para o aprimoramento da produção, fabricação e comercialização desses produtos como objeto principal desses encontros, de forma a agregar também

expressivos itens da oferta turística, tais como o artesanato e a cultura material e imaterial da região.

Ainda com relação ao turismo de agronegócios, a cidade Pilões apresenta condições favoráveis para a realização eventos que estimulem investimentos para a cultura e comercialização de flores, considerando que essa cidade, devido ao seu clima serrano, é a maior produtora de flores do Estado da Paraíba.

Referente aos aspectos sociais, embora este trabalho não tenha como objetivo remeter o processo de desenvolvimento à um olhar mais sociológico (no sentido de identificar com profundidade as nuances negativas e positivas que o processo de desenvolvimento turístico trouxe a região), é impossível realizar uma observação direta do fenômeno sem observar a alguns impasses ou problemas que tal turistificação da região poderia causar ou acentuar. Desta forma, a pesquisadora pôs-se a observar a área, mesmo que, em alguns pontos, superficialmente, na busca de identificar os mais conhecidos problemas advindos do turismo.

Através do modelo de observação interacional (A4) foi possível observar que não foram detectadas alterações significativas de ordem social em nenhum dos itens durante o circuito, em nenhum dos municípios envolvidos, como a expulsão de autóctones, o aumento da violência, marginalização da população local, exploração sexual/ prostituição e uso de drogas decorrente da atividade turística. Não houve ocorrência de questões de cunho ambiental como o desmatamento das áreas naturais para construção de infraestrutura turística como hotéis e outros equipamentos, em geral, quanto ao uso indevido de áreas naturais, provocando o consequente desequilíbrio dos ecossistemas, mudanças climáticas, migração da fauna nativa, contaminação de lençóis freáticos e demais problemas advindos deste mau uso do meio ambiente.

Também não foram identificados impasses quanto à saturação da infraestrutura urbana trazendo problemas como trafego congestionado, problemas no abastecimento de água e energia elétrica, coleta ineficiente do lixo que resultaria em proliferação de insetos e odores, elevação dos preços dos insumos básicos, especulação mobiliaria, dentre outros problemas comuns no processo de roteirização turística.

Como resultado a esta observação, avaliou-se também aspectos de ordem cultural que afetam diretamente a comunidade como aculturação, xenofobia, servilismo, perda de identidade, teatralização, descaracterização, artificialização e banalização da paisagem natural e da cultura e seus derivados como os produtos artesanais ou criação de cenários para agradar

ao olhar do turista como a transformação da cultura local para entretenimento dos turistas e estes também não foram detectados no circuito.

Um aspecto advindo da observação direta e de conversas informais nos municípios refere-se à compra de casas dos moradores locais por parte do empresariado, incorrendo em mudança dos nativos para a periferia, o que percebe-se que não ocorre na região, ou seja, não há o reposicionamento ou expulsão da comunidade para áreas periféricas devido à especulação turística, o que é muito comum em localidade com grande fluxo de turistas e aumento de divisas, a exemplo de Pipa, no Rio Grande do Norte, que o foco turístico hoje está concentrado nas mãos de estrangeiros e os nativos mudaram-se para a periferia.

Embora apresentando significativas potencialidades de crescimento, a atividade turística desenvolvida atualmente na Região Turística do Brejo apresenta dificuldades que, caso não sejam solucionadas, podem vir a se constitui como pontos de entrave e estrangulamento para o desenvolvimento da atividade.

O primeiro desses pontos compreende o numero insuficiente de meios de hospedagem e equipamentos turísticos caso a atividade seja ampliada para dar menção as estas novas atividades sugeridas. Os dados da pesquisa direta apontam que a oferta da região, de um modo geral, revela-se insuficiente quando da realização de eventos de massa, porém a taxa de ocupação é mínima, tendendo a zero, nos períodos em que não se verifica a realização de eventos na região. Isso acontece principalmente nas menores cidades, locais onde as atividades do comércio e serviços não garantem a presença de fluxos permanentes.

É importante ressaltar que o acesso a alguns municípios e a conservação e inexistência de sinalização no trecho que os liga também é um empecilho para o desenvolvimento turístico. Este é o principal problema relatado pelos gestores nas entrevistas realizadas. Eles afirmam que “é o gargalo” do circuito. Nesta última edição houve uma melhoria, pois o Governo do Estado realizou uma grande obra de construção e recuperação de estradas na Paraíba e o percurso foi incluído, todavia este ainda não está completamente contemplado, principalmente entre as estradas que ligam os 6 municípios, nas quais algumas ainda são de barro e muito estreitas e em época de chuva alagam e assim atolam os carros e impossibilitam que transitem por ali, fazendo-os percorrer uma distância muito maior para a chegada por outros caminhos, além do fato de não passarem ônibus e outros veículos de maior porte, mesmo em época de estiagem.

No que diz respeito à capacitação de mão-de-obra voltada para atender demandas da atividade turística, os dados da pesquisa indicaram que não existem políticas desenvolvidas, tanto no setor público como na esfera privada, visando capacitar profissionais de maneira contínua. Essas ações podem ser consideradas apenas como pontuais e esporádicas, o que resulta numa lacuna, ou seja, a atividade fica duplamente prejudicada pelo número insuficiente de profissionais que possam atuar no setor e, de forma qualitativa, comprometendo os serviços oferecidos na região e, por conseguinte, o nível de satisfação do turista. Atualmente, apenas o SEBRAE, instituição que estimula ao investidor/proprietário de pequenas empresas realizarem sistemáticos acompanhamentos na busca de atingir um padrão de qualidade para esses serviços, desenvolve estas ações de qualificação de mão-de-obra, identificando quais as maiores demandas especificas para os roteiros turísticos que estão em andamento como o Caminhos do Frio e o Caminhos dos Engenhos. Isto afeta diretamente a qualidade da prestação dos serviços turísticos da região.

Ainda no que se refere à qualidade, observou-se que o órgão responsável pela Vigilância Sanitária nos municípios que compõem a Região Turística do Brejo Paraibano não cumpre efetivamente o seu papel, deixando de realizar visitas sistemáticas aos meios de hospedagem, bares e restaurantes. Esse fato foi registrado, através da pesquisa direta, em municípios onde o turismo já desempenha um papel econômico de destaque, como é o caso de Areia.

Outro significativo problema que apresenta-se como empecilho para o desenvolvimento adequado da atividade turística na localidade é em relação ao planejamento pois nem todos os municípios tem o inventario da oferta turística e aqueles que têm não realizaram diagnóstico turístico. Não utilizam-se de dados estatísticos de demanda e oferta turística no seu planejamento, pois há falta de pesquisas de monitoramento e avaliação, pelos quais poderiam ser conhecidas as características e dimensões da oferta, mostrando quais as iniciativas devem ser tomadas e o que deve ser adequado, melhorado ou aperfeiçoado, aumentando assim a qualidade do produto turístico, a satisfação do turista e consequentemente a qualidade de vida da população local. Assim como, muitos não tem Plano Diretor, muito menos Plano de Turismo e em certos municípios nem mesmo Secretaria de Turismo ou Fórum Municipal de Turismo, o que acarreta na inexistência de planos e ações governamentais direcionados a atividade turística. Apenas o SEBRAE vem desenvolvendo uma pesquisa inicial sobre demanda turística no período do “Caminhos do Frio’, com expectativa de publicação em 2012.

Sabe-se que todo centro turístico deve contar com um sistema estatístico próprio que registre a informação sobre a oferta e a demanda, o resultado econômico das operações direta ou indiretamente vinculadas ao turismo e as caraterísticas do mercado turístico obtido na região. Estes dados devem ser os mais exatos possíveis e abranger todos os serviços oferecidos aos turistas assim como todas as suas necessidades. Neste sentido, a região tem uma significativa lacuna, por não dispor destes dados, o que impossibilita a continuidade de um planejamento adequado à dimensão do Projeto.

Com isso, constata-se que o impacto negativo sofrido no referido circuito advindo da atividade turística é considerado como muito baixo e isso não quer dizer que não há ou não haverá impacto negativos decorrente do turismo, apenas ratifica-se a ideia de Brown (1998) que demonstra que as decisões tomadas pelo destino turístico é que será, em grande medida, responsável pela definição da propensão da atividade em gerar impactos bons ou ruins. Mas também não pode-se deixar de colocar que a falta de dados estatísticos para o planejamento pode tornar-se um vilão no desenvolvimento da região.

4.8 RESULTADOS E RECOMENDAÇÕES

O turismo de sol e mar ainda é um dos mais procurados em todo o mundo e o nordeste brasileiro tem um significativo destaque ao nicho. Entretanto, é a singularidade da cultura brasileira seu principal diferencial de outros países, pois belas praias encontram-se também em outros países, mas cultura miscigenada como a nossa é ímpar aos olhos do turista, fazendo crescer a cada ano o interesse pelo turismo cultural em nosso país.

Diante deste mundo globalizado e dinâmico, que tendencia à padronização de costumes, preferências e gostos, no qual procura-se por uma homogeneização e a confunde-se com qualidade, a cultura apresenta-se como incentivador da preservação da identidade de um povo, ao mesmo tempo que mostra-se como um diferencial na atração dos turistas, que buscam por experiências únicas e autênticas que seguem uma dinâmica própria e não padronizada ao modelo internacional. Neste contexto, a discussão sobre turismo em uma localidade/ região não pode abster-se à inclusão do termo cultura como um pilar base no desenvolvimento da atividade, pois em toda e qualquer atividade turística - mesmo que não seja necessariamente classificada como turismo cultural - envolve as relações antropológicas e sociais banhadas em cultura, ou caso contrário a atividade passa a ser vista com uma visão reducionista do fenômeno turístico apenas como prestação de serviços e não como um transformador sociocultural.

A relação entre cultura e turismo é uma realidade tão concreta que fica cada vez mais difícil dissociá-las e caso esteja trabalhando a atividade turística visando ao desenvolvimento esta dissociação torna-se impossível.

Assim, o turismo cultural apresenta-se como o acesso à história, à cultura e ao modo de vida de uma comunidade e seu produto quando bem planejado, pode trazer vantagens para uma localidade, como o resgate da cultura local e sua valorização, a preservação dos bens materiais, assim como a melhoria na infraestrutura, geração de emprego e renda, efeito multiplicador e finalmente o desenvolvimento de toda uma região, pois o patrocínio cultural tem a capacidade de estimular a memórias das pessoas vinculadas a comunidade, garantindo uma identidade cultural e proporcionando uma melhoria na qualidade de vida, como nenhum outro recurso tem. No projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural é revelada uma realidade viva através da cultura, na qual o modo de vida do povo é ressaltado e esta ação, estimulada através do turismo, traz um olhar diferenciado, que tanto apresenta-se como atrativo turístico mas antes de tudo é a vivencia daquele povo sendo destacada no período da realização do evento.

As discussões teóricas e a análise dos dados e das informações provenientes das pesquisas bibliográficas e de campo possibilitaram estabelecer algumas relações sobre a situação da produção cultural e turística e de seu desenvolvimento na região do Brejo (PB). Também foi possível recolher elementos que pudessem fornecer elementos que comprovem que o turismo e a cultura estão contribuindo para o desenvolvimento regional na Paraíba. No projeto em análise, foi possível ratificar a inquestionável vocação do turismo cultural da região em questão, já sendo desenvolvidos outros projetos com a utilização dos recursos culturais tendo uma forte influência nas políticas do turismo regional, e especificamente falando do Projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural, este foi originado pelo intuito de fomentar, preservar e valorizar a cultura local, levando ao desenvolvimento econômico, social e cultural da região.

Quanto aos elementos culturais utilizados no roteiro e que exercem influências socioculturais na região, foi observada uma valorização dos costumes e tradições locais/ regionais a partir da implementação do projeto, que através de suas ações pontuais direcionadas à população, incentivou o resgate da cultura. Trazendo exemplos à tona vale ressaltar a demanda da população por oficinas culturais nas escolas e demais centros de referências e ações sociais como danças tradicionais (coco de roda, xaxado, baião, xote, capoeira, etc), literatura de cordel, gastronomia, artesanato, entre outros. Um benefício social que não pode deixar de ser citado é a participação mais que ativa dos jovens neste processo,

que diferentemente de muitos projetos culturais em que a participação maior é de idosos, os jovens visualizam no Caminhos do Frio uma renovação de sua cultura e uma utilização da mesma em seu cotidiano, inclusive produtivo, com a venda de símbolos materiais e imateriais de seu legado cultural.

A Gastronomia brejeira destaca-se com um dos elementos mais importantes dentro do circuito já que a comida típica é um elemento diferencial para o turismo cultural, que traz toda a força e reconhecimento das raízes da população nativa criando um produto com elevado valor simbólico da cultura brejeira, sendo assim um veículo de resgate e divulgação da cultura regional.

Desta forma, ficaram explícitos os resultados econômicos, sociais e culturais advindos da implementação do Projeto Caminhos do Frio- Rota Cultural para a região, através da valorização da cultura e outros atributos étnicos e populares; favorecimento da memória histórico-cultural da região; discreto melhoramento das condições sociais; ampliação da consciência de conservação do patrimônio histórico-cultural; resgate da identidade cultural; intercambio cultural com os municípios componentes do projeto; maior aceitação dos produtos artesanais da região; fortalecimentos dos APLs (redes cooperativas e associações dos moradores e comerciantes locais); aumento no grau de conscientização cultural dos jovens e crianças, entre outros.

Outro resultado importantíssimo do projeto é o resgate, retomada e valorização de danças, musicas s costumes tradicionais, antes esquecidos ou adormecidos pelo tempo e que agora ganham, principalmente nos jovens, uma força tremenda, que pode ser interpretada como orgulho e confirmação da identidade daquele povo.

A base social de um Projeto Turístico deve ser forta**l**ecida através da participação efetiva da comunidade local, desde sua fase inicial. Neste projeto, diversos atores/agentes produtores do turismo foram incluídos no planejamento da atividade turística da microrregião do Brejo, onde outros projetos são estudados e executados, incentivando o turismo através do uso de seus bens naturais e culturais como a revitalização dos engenhos de cachaça e de rapadura, além da realização de trilhas que levam aos engenhos existentes desde o período colonial, ou seja, dá-se aos seus bens um uso turístico devido ao seu valor singular, resultando em retorno nem mesmo esperados.

Como sugestão para a melhoria da divulgação da imagem da região sugere-se a veiculação da região como destino turístico em meios de comunicação de massa, tais como rádio, televisão, jornal e internet. Além disso, uma parceria público-privada entre agências de turismo localizadas nos principais centros emissores - João Pessoa, Campina Grande e cidades

mais próximas à região localizadas nos Estados do Rio Grande do Norte e Pernambuco – seria uma possível ação para o aumento da comercialização do roteiro.

Ainda nessa perspectiva, aponta-se a necessidade da realização de eventos temáticos na região como forma de atrair maiores fluxos turísticos. Esses eventos devem receber atenção especial por parte dos poder público, de modo que seja feita uma ampla divulgação dos mesmos nos veículos de comunicação de massa com um alcance que ultrapasse as fronteiras do Estado da Paraíba.

Sugerem-se melhorias na infraestrutura básica da região, especialmente no que diz respeito a acesso, sinalização, urbanização e aspectos paisagísticos da cidade, com um grande investimento em limpeza, boa iluminação, além da existência de logradouros públicos bem cuidados, a exemplo de praças que possam motivar o turista através da divulgação da imagem da cidade. Além de, é claro uma ampliação da oferta de equipamentos turísticos na região, especialmente o número de meios de hospedagem e restaurantes, operadores e agências de turismo, locadoras de veículos e locais de entretenimento e lazer como clubes, casas de show, entre outros.

Resumidamente, sugere-se como melhoria e continuidade do projeto, a implementação de novos projetos agregados ao mesmo, como um projeto de infraestrutura turística, como a criação de centros de apoio ao turista e quiosques de informações turísticas, assim como a implantação da sinalização turística e a melhoria dos terminais de transporte. Projetos de incentivo ao investimento na ampliação dos equipamentos de hospedagem e restauração e entretenimentos nas localidades da região. Também associados projetos de qualificação dos serviços turísticos, como a capacitação contínua ao recebimento de turistas tanto dos agentes privados, como públicos, especialmente da comunidade receptora, além de projetos direcionados à comercialização e divulgação do produto, que atualmente pouco é destinado a tal função, tendo na ultima edição avançado consideravelmente por ter ganho um destaque significativo em rede regional através de uma rede emissora televisiva local, mas que ainda é insuficiente para a divulgação do destino conforme sua dimensão e resultados esperados.

Não menos importantes e também requisitados para a região seriam projetos de gestão dos atrativos naturais e culturais, assim como maior poder e criação de novas instâncias de poder público direcionadas ao turismo em cada município do projeto, a exemplo de secretarias, conselhos e associações municipais de turismo. Levantamento de novas fontes de recursos e parcerias ao projeto caminhos do frio, sendo essencial para o plano de recursos e orçamentos direcionados a somar esforços e recursos para a ampliação das ações das edições

futuras, com foco maior no turismo, tendo cuidado para não descaracterizar o projeto como projeto cultural e não turístico.

Assim, como principal resultado vê-se que o desenvolvimento regional desencadeou um processo de refuncionalização/ reapropriação do espaço que acabou reconstruindo uma nova ordenação territorial através do desenvolvimento de uma autonomia regional de gestão, de uma capacidade de apropriação e uso coletivo do excedente econômico, de um processo espontâneo de inclusão social, assim como de conscientização e mobilização turística (mesmo que inicial e tímido), de uma valorização dos bens naturais e culturais por todos os agentes envolvidos e principalmente de uma identificação da população com sua região e sua cultura, pois para se atingir o desenvolvimento regional não basta apenas o incremento econômico, mas, sobretudo a promoção dos fatores sociais endógenos como a mudança nos valores sociais e culturais e a integração dos atores sociais neste processo.

São as mudanças advindas desta promoção que resultam nas diferentes dinâmicas do desenvolvimento regional que cada região possui em função de suas diferenças culturais, históricas, sociais, ambientais e econômicas, então é como se cada região desenvolvesse seu modelo de desenvolvimento regional decorrente de sua capacidade acumulada e de seus agentes sociais, para constituir assim seu próprio padrão de desenvolvimento.

A efetivação do processo de regionalização turística ocorrida no Brejo Paraibano exigiu um relacionamento muito próximo entre os agentes envolvidos, levando à construção e ao fortalecimento de uma cultural regional diferenciada, ou seja, um produtivo turístico competitivo diferenciado dentro do Estado e para isso foi preciso que os municípios trabalhassem de forma integrada, com base na articulação, cooperação e sinergia de decisões. Ela representa uma estratégia que ampliou a oferta e a atratividade turística de toda a região, desenvolvendo o turismo de forma integrada nos 6 municípios, mesmo alguns estando em um nível de maturação mais avançado do que outros, como é o caso de Areia e Bananeiras. O que ocorre é que a atratividade de cada município é potencializada pelo trabalho em grupo, mas seu nível de maturação depende de outros fatores, como por exemplo, o interesse político da gestão municipal em investir no turismo.

4.9 RELAÇÃO TEORIA E RESULTADOS ALCANÇADOS

Este projeto chamou especial atenção a desenvolver uma pesquisa devido a seu potencial como modelo de projeto desenvolvimentista através da produção da cultura no espaço turístico, apresentando a participação de todos os agentes produtores do turismo, levando-os na busca pelo desenvolvimento de toda uma região a partir de suas peculiaridades singulares. Modelos internacionais exitosos trazem instruções e diretrizes ao desenvolvimento de um turismo sustentável, entretanto as peculiaridades de cada país, em especial o Brasil, com dimensão especial continental e regionalidade diversificada, exigem um planejamento adequado à realidade local, com a participação diferenciada dos diversos agente participantes do processo de desenvolvimento, saindo de uma simples teoria de aplicação de modelo para um desafio de gestão contínua.

> A inclusão no turismo é resultado da formulação de políticas de geração de emprego e renda, pela busca de um modelo de desenvolvimento baseado na realidade local para, então, estabelecer as principais linhas de ação; e da atitude de estimular a comunidade a exercer sua cidadania através da participação popular, pois se assim for feito, mais do que criar os canais para este exercício, estará definindo e esclarecendo os papéis e competências dos diversos atores envolvidos. (SALES; VICENTE; CAETANO; NETO; COSTA, 2004 *apud* BRANDÃO, 2006, p. 49).

Quanto à apropriação do espaço do Brejo, a turistificação ocorreu de acordo com o interesse dos envolvidos de forma consensual, sendo o principal agente indutor o poder público, através das prefeituras municipais dos 6 municípios, através das secretaria de turismo ou demais órgãos competentes, naquelas que não têm secretaria de turismo. Assim, a lógica imposta pelos agentes de mercado, detentores do capital, que, em geral, sobressai-se às demais, não tem grande influência neste projeto, ou seja, o reordenamento ou refuncionalização dos espaços em função do turismo não ocorreu em função dos interesses dos detentores de capital. O que se destaca é a lógica da governança democrática, onde os interesses, responsabilidades e resultados são compartilhados de acordo com suas necessidades e anseios. Assim percebe-se que a gestão de um projeto exitoso depende do conjunto de ações e decisões dos diversos atores ou agentes produtores definindo adequadamente suas atuações.

O processo de regionalização do turismo é complexo de se realizar, exigindo-se um elevado grau de comprometimento com o planejamento e a gestão turística, baseados em

políticas de turismo bem definidas, que ultrapassem as questões econômicas, dando um olhar amplo e completo no processo de desenvolvimento e em tudo aquilo que advêm com ele. Já é inerente à atividade turística dar este olhar que ultrapassa as fronteiras espaciais e organizacionais, que vislumbra um desenvolvimento que contemple as dimensões ambientais, econômicas, políticas, culturais e sociais. Conclui-se que a regionalização pode ser vista como alternativa para o desenvolvimento do turismo com a grande contribuição de envolver todos os agentes em seu processo, tornando todos responsáveis pelo turismo que desenvolver em sua região.

Apesar da crescente perda de autenticidade que marca um significante numero de projetos turísticos culturais, há quem procure conhecer e respeitar a cultura do outro, o que se reflete em projetos autênticos, que fujam da espetacularização armada para a atração de turistas, este é o caso do Projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural, projeto cultural que encontra no turismo seu maior suporte e acaba criando um modelo de desenvolvimento na região do Brejo Paraibano, diante das suas singularidades e forças unidas nos municípios estudados.

Verifica-se desta forma, que a estratégia-chave do projeto Caminhos do Frio é o envolvimento e a participação de todos os agentes do desenvolvimento turístico visualizada em uma gestão participativa, em especial a comunidade, todos trabalhando no intuito de fortalecer a identidade local, através do resgate e conservação dos costumes e tradições, trazendo ao uso do espaço uma funcionalidade turística positiva a região, preservando suas relações, mas adicionando uma inter-relação, agora com os visitantes e turistas, enriquecendo a cultura local e não aculturando-se.

Seabra (2002) fala que a cultura paraibana mostra-se estrelada através de diversas manifestações culturais. Além dos ciclos natalino, junino e carnavalesco, considerados fortes em suas tradições, pode-se afirmar que as festas religiosas estão espalhadas em todos os recantos do Estado, confirmando a fé e a devoção do povo Paraibano. É neste sentido que este trabalho busca nos aspectos empíricos, embasados nos teóricos, traçar um estudo que mostre ser possível desenvolver na realidade aquilo que se vem estudando na teoria.

O processo de desenvolvimento exige o planejamento, a mobilização e o envolvimento de todos os atores representativos de uma comunidade. O presente trabalho apresenta a relação entre turismo e a cultura para a promoção do desenvolvimento descrevendo os principais conceitos de cultura e como esta pode ser utilizada pela atividade turística, assim como os de desenvolvimento, dando uma visão sobre a relação do turismo com a cultura resultando no desenvolvimento.

A partir da bibliografia consultada ficou evidenciado que a cultura local e o turismo podem caminhar na mesma direção. A identidade cultural de um povo pode ser ampliada e renovada com a expansão do turismo levando os indivíduos a valorizarem seu modo de vida tradicional e ainda ter sua cultura preservada.

> A teoria possibilita uma auto-reflexão profissional e intelectual. Ela tenta compreender aspetos aparentemente contraditórios e não relacionados do desenvolvimento urbano e cria um sistema racional pelo qual se pode comparar e avaliar os méritos de diferentes conceitos e estratégias de planejamento. Ela também possibilita aos planejadores traduzir seus problemas específicos para uma linguagem de teoria social mais geral de modo que o planejamento possa trocar ideias com outras disciplinas. (CAMPBELL; FAINSTEIN, 1996, apud HALL, 2004 p.69)

Em suma, num misto de pesquisa teórica e prática, notou-se que a região do Brejo Paraibano descobriu um nicho de destaque atualmente e através das políticas públicas de incentivo ao fomento da cultura e turismo, desenvolveu um roteiro no qual se utilizou dos elementos culturais para desenvolver o turismo na região. O aprofundamento desta pesquisa, pautada nos aspectos de gestão de destinos na região do Brejo Paraibano, fez-se crucial para entender o processo de desenvolvimento do turismo da região Brejo e os dados alcançados deram visualização do cenário e realidade atual possibilitando uma prospecção e novas reflexões que levaram a uma proposta de pesquisa de doutorado que visa investigar o estágio de desenvolvimento do Brejo Paraibano como um modelo de desenvolvimento regional turístico, que pretende elucidar como se estabelecem às relações entre o desenvolvimento regional a partir do uso das singularidades dos aspectos regionais como produto turístico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma pesquisa aprofundada acerca dos elementos utilizados para a turistificação da região, apresentou-se as interfaces relacionadas que decorreram no processo de desenvolvimento regional no Brejo da Paraíba, na houve a inclusão das singularidades regionais como pilar no desenvolvimento da atividade turística. E assim, este trabalho atingiu seus objetivos ao apresentar uma análise do processo de regionalização do turismo no Brejo Paraibano, demostrando como as faces político, cultural e organizacional do projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural se entrelaçam resultando no desenvolvimento da região.

Os municípios partícipes do projeto utilizam-se dos elementos naturais e culturais (com ênfase neste segundo) na turistificação da região, e já apresentam resultados significantes quanto ao processo de desenvolvimento. Sua infraestrutura, seja básica, de apoio ou turística está em momento de adequação à atividade turística, longe de atingir um nível de maturação, mas em adequado nível de crescimento.

A roteirização do Brejo através do projeto caminhos do frio direcionou a atividade turística ao uso da cultura local e dos atrativos naturais com uma segmentação voltada para o turismo cultural, turismo rural e ecoturismo, pois a região possui elementos de destaque turístico como a história, a cultura, o modo de vida da comunidade e os aspectos rurais, que são fatores que revelam-se como potenciais turísticos. Sua tematização focada na tradição, nas manifestações folclóricas, no resgate cultural, na valorização do patrimônio histórico-cultural e na associação da temperatura com as emoções e sensações, trouxe a criação e consolidação de novos roteiros e possibilitou o aumento do fluxo turístico, da permanência e dos gastos médio do turista no destino, tendo como consequência imediata a geração e ampliação de postos de trabalho, assim como a inclusão da comunidade no processo de desenvolvimento turístico, com uma melhor distribuição de renda, visando também a redução das desigualdades sociais, conforme o turismo sustentável almeja prega.

Quantos aos aspectos políticos e organizacionais, as ações públicas de turismo na Paraíba são bastante recentes, mas é visto, através de projetos como a exemplo do Caminhos do Frio, que a política pública nacional está servindo como base para o desenvolvimento turístico regional, quando elas apresentam ferramentas para que o poder público, em âmbito municipal e estadual, possa desenvolver projetos que visem descobrir elementos peculiares locais/regionais e estabelecer diretrizes e planos de ações, que visualizem na cultura a chave para a inclusão dos diversos agentes envolvidos no desenvolvimento turístico através do

planejamento. Além disso, o atual estágio de articulação política e organizacional encontrada na região e os benefícios e resultados que os municípios partícipes têm gerado mostram que a vocação para a atividade turística pautada no segmento cultural é evidente, o que pode ser observado pela instituição e pela forma de gestão do Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano.

Referente à participação dos agentes produtores do turismo fica evidente que o desenvolvimento turístico da região do Brejo Paraibano é resultado da combinação da aplicação das diretrizes do PRT com a participação ativa dos mesmos, conforme apresentado nos resultados. Com o passar de cada edição os agentes foram se articulando e desenvolvendo o circuito de acordo com suas necessidades até chegar à situação atual, ainda não a ideal, mas encaminhando-se à desejada. A preocupação com uma gestão das atividades de desenvolvimento do turismo na região tem sido constante através de ações conjuntas dos diversos agentes envolvidos no processo, para garantir a integração e mobilização de todos os agentes envolvidos.

É neste momento que o projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural pode tornar-se um indutor ao desenvolvimento turístico regional, quando os destinos vizinhos possibilitam que estes turistas estendam-se às suas áreas, havendo uma articulação que extrapole os limites traçados inicialmente, ampliando a escala microrregional projetada a principio, criando uma nova escala, adotada pela identidade regional e não pela definição de território. A partir desta articulação pode surgir um complexo de relações regionais entre seus diversos agentes produtores interligando os destinos, levando ao desenvolvimento de toda região, paulatinamente.

Todavia, para que a vocação turística do Brejo seja evidenciada e para que o turismo possa se firmar como um vetor de desenvolvimento é importante que a infraestrutura local seja revista e seja priorizada pelas autoridades públicas, já que, no momento, há um processo de expansão imobiliária na área, recebendo alguns empreendimentos hoteleiros e residências. Além disso, muito há a ser feito em relação à organização do projeto, pois o atual nível organizacional, apesar de concernente à realidade local, ainda está engatinhando para que o mesmo possa ser considerado como um modelo de desenvolvimento regional. O patamar encontrado no tocante aos problemas ou impactos negativos advindos da atividade turística apresenta-se positivo, pois mesmo que instintivamente ou não intencionalmente, certos problemas comuns esperados não forma encontrados e como isto não quer dizer-se radicalmente que não há influencia negativa do turismo na região, mas levar a enxergar que às

vezes certos problemas podem ser evitados e às vezes alguns problemas do desenvolvimento local não são decorrentes do turismo.

Portanto, como conclusão final vê-se que a viabilidade da região ao desenvolvimento através do turismo cultural fica comprovada, pelos atrativos culturais significativos - efetivos ou potenciais - agregados a demais elementos de valor simbólicos, e potencializada através dos inúmeros projetos e de investimentos que veem surgindo a cada ano na região, o que motiva o deslocamento do turista para conhecê-los, sendo eles pertencentes à cultura erudita ou popular, de manifestações populares, lendas e costumes locais ou de gastronomia, literatura e música, e, assim, caracterizando o ideal para o turismo cultural, já que todos esses elementos constituem atrativos essenciais para o mesmo.

Desta feita, este estudo contribui com uma reflexão aprofundada sobre o processo de regionalização o turismo no Brejo Paraibano e pode subsidiar estímulo à pesquisa tanto de planejadores quanto de professores, por considerar a necessidade de se adotar critérios mais adequados à delimitação da área de acordo com suas características singulares, tanto em termos de atrativos como em termos organizacionais e políticos, através do fomento ao turismo como atividade econômica, mas acima de tudo como fenômeno social, não sendo pretensão esgotar o assunto e sim apontar a perspectivas de trabalhos futuros, todavia contribuir com ideias que possam intensificar o debate e melhorar o nível de conhecimento sobre o turismo e sua contribuição para o desenvolvimento regional.

Em termos de limitações do estudo, vale ressaltar que inusitadamente este estudo não teve as limitações esperadas. Ao contrário do esperado em trabalhos como estudo, não houve impedimento de acesso às informações necessárias de maneira alguma. Tanto ao procurar os gestores quanto a comunidade e os empresários teve-se uma boa recepção resultante na captação total das informações pretendidas. Frisa-se como relevante fato o acolhimento recebido pela pesquisadora por todos os gestores que providenciaram, na medida do possível, hospedagem, alimentação e acompanhamento aos locais estudados. A receptividade da comunidade e seu desprendimento em ceder todas as informações, até mesmo pessoais, foi acima do esperado, tendo a pesquisadora ido além da relação formal estabelecendo laços de amizade, o que permitiu uma abertura e consequente obtenção de dados mais fieis. O tempo foi bem dimensionado com o recorte citado na metodologia, de forma a não trazer qualquer perda na coleta das informações tencionadas. A única complexidade na obtenção de informações foi na coleta direcionada ao SEBRAE, que por ser um elemento de papel crucial no roteiro não poderia ter sido descartado e como o acesso formal a sua gestora, através de entrevista apresentou-se complexo devido a impossibilidade

de tempo e acesso da mesma, deu-se de maneira alternativa com encontros com ela durante o evento e através de conversas informais ou de questionamento aos demais gestores dos municípios pode-se chegar os dados apresentados nesta pesquisa. Neste momento, a perspicácia, os contatos na região, a objetividade na forma de abordagem aos entrevistados, a humildade e respeito na coleta/acesso as informações e a disposição e integração da pesquisadora com a localidade, foram cruciais a obtenção destes dados.

Através da abordagem de turismo como indutor do processo de desenvolvimento regional não se pode negar a transformação social advinda do fomento à atividade. Com o respeito e o estímulo às reais manifestações culturais locais foi possível desenvolver um turismo cultural autêntico, que visa antes de tudo, envolver a comunidade na preservação e valorização de seu legado cultural. Como demonstra o projeto, o desenvolvimento de uma região a partir do setor turístico como indutor do processo desenvolvimentista precisa incorporar esta noção de gestão compartilhada, incluindo todas as faces que o desenvolvimento envolve, ou seja, deve se atentar a uma gestão que priorize o social, o político, o cultural, tão quanto o econômico. A partir de ações e projetos, como este, que garantam a participação de todos os agentes sociais envolvidos pode-se caminhar a uma gestão democrática conforme a idealizada para as regiões.

Por fim, levando-se em conta as definições de sustentabilidade, não se pode afirmar que o modelo de desenvolvimento visto no Brejo Paraibano é sustentável, porém é um modelo de desenvolvimento regional baseado nas características singulares que cada município possui e que cria uma identidade regional e têm correspondido às expectativas/ resultados almejados. Claro, que assim como em outros projetos, tem suas imperfeições precisa de alterações para melhoria do mesmo, entretanto a cada edição acrescenta algo que agrega valor ao mesmo e corrige algumas falhas, procurando-se adaptar-se aos requisitos que a nova refuncionalização daquele espaço requer, de acordo com sua demanda e não tentando responder a padrões internacionais de modelos de desenvolvimento, o que corrobora mais uma vez com o conceito de que o modelo mais adequado de desenvolvimento é intrínseco ao que cada comunidade desejar realizar e muitas vezes não pode ser medido por índices quantitativos de crescimento.

REFERÊNCIAS

ACERENZA, M. A. **Administração do turismo.** Bauru, São Paulo – EDUSC, v.1, 2002.

AGUIAR, Geraldo Medeiros de. Turismo, desenvolvimento local e integração regional. In: SEABRA, Geovanni. **Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional**. João Pessoa: editora Universitária UFPB, 2007.

ALVAREZ, Marcelo. La cocina como patrimônio (in) tangible. In: MARONESE, Letícia. **Primeiras jornadas de patrimônio gastronômico**. Buenos Aires: CPPHC-Caba, 2002.

ÁVILA, Marco Aurélio. Política e planejamento em cultura e turismo: reflexões,conceitos e sustentabilidade. In: ÁVILA, Marco Aurélio (org). **Política e planejamento em cultura e turismo**. Ilhéus: Editus, 2009.

BAR DO CHIFRE. Disponível em: <http://www.godela.com.br/bregareia/bardochifre.php>. Acesso em: 20 jul, 2012.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de, LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de Pesquisa:** Propostas Metodológicas. Petrópolis: Vozes, 2000.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e identidade local**. Campinas: Papirus, 2000.

_____. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. 4.ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BENI, Mario Carlos. Política e estratégia de desenvolvimento regional. Planejamento integrado do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastreri. **Turismo e desenvolvimento local**. 2 ed. São Paulo: Hicitec, 1999.

_____. Planejamento estratégico e gestão local/ regional do turismo. In: SEABRA, Geovanni. **Turismo de base local:** identidade cultural e desenvolvimento regional. João Pessoa: editora Universitária UFPB, 2007.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época da reprodutividade técnica**. São Paulo: Abril Cultural, 1983

_____. **L'homme, le language et la culture**. Paris: Denoel, 1971.

BENTO, Leonardo Valles. **Governança e governabilidade na reforma do Estado**. São Paulo: Rica, 2003.

BIGNAMI, Rosana. **A Imagem do Brasil no Turismo**: construção, desafios e vantagem competitiva. São Paulo: Aleph, 2002.

BOFF, Vilmar A. **Turismo e desenvolvimento regional**: um estudo comparado de duas regiões turísticas do estado do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em desenvolvimento Regional). Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do Espaço Turístico**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BRANDÃO, Pamela de Medeiros. **Contribuições ao desenvolvimento turístico local sustentável:** a dimensão sócio-cultural na perspectiva da sociedade natalense. Natal/ RN: UFRN, 2006.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil**: Diretrizes Políticas. Brasília: Ministério do Turismo, 2004.

_____. **Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil:** Introdução à Regionalização do Turismo. Brasília, 2007a.

_____. **Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil:** Módulo Operacional 7: Roteirização Turística. Brasília, 2007b.

_____. **Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil:** Módulo Operacional 3 - Institucionalização da Instância de Governança Regional. Brasília: Mtur, 2007c.

_____. **Sustentabilidade Sociocultural:** princípio fundamental. Brasília: Mtur, 2006.

_____. **Turismo cultural**: orientações básicas. 2. ed. – Brasília: MTur, 2008.

BROWN, Francis. **Tourism Reassessed, blight or blessing?** Butterworth Heinemann: Oxford, 1998.

CAMARGO, Aspásia. Governança para o século XI. In: TRIGUEIRO, André. **Meio Ambiente no século XVI**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CARTA DO FOLCLORE. **XII Congresso Brasileiro de Folclore**. 19-22 out, 2004. Goiânia-GO.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 16.ed. São Paulo: Braziliense, 1996. (coleção primeiros passos)

CORIOLANO, Luzia Neide M. Teixeira; SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello e. **Turismo e Geografia**: abordagens críticas. Fortaleza: UECE, 2005.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000.

CRUZ, R.C; SANSOLO, D.G. Plano Nacional de Turismo: uma análise crítica. In: **Caderno Virtual do Turismo**. Vol. 3, nº 4. 2003. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/voewissue.php?id=11>. Acesso em: 26 abr, 2010.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DALLABRIDA, Valdir R. Sustentabilidade e endogeinização: novos paradigmas para o desenvolvimento regional. In: BECKER, Dinizar; BANDEIRA, Pedro (orgs). **Determinantes e desafios contemporâneos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo, Contraponto, 1997.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

EGLER, Claudio A; RIO, Gisela A. Pires do. Turismo e Desenvolvimento Local no Estado do Rio de Janeiro**. VIII ENTBL – Encontro Nacional de Turismo com Base Local e Planejamento do turismo para o desenvolvimento local**. 2004. Disponível em: <http://www.laget.igeo.ufrj.br/egler/pdf/Turismo%20local_1.pdf>. Acesso em: 31 Jan. 2011.

FÉRIAS. TUR. BR. **Serraria.** 2011. Disponível em: <http://www.ferias.tur.br/cidade/5108/serraria-pb.html:>. Acesso em: 02 fev, 2011.

FISHER, Tânia. **Poderes locais, desenvolvimento e gestão**. 2004. Disponível em: <http://www.lead.org.br/article/articleview/389/1/81/>. Acesso em: 26 mar, 2010.

FRATUCCI, A. C. A **dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo:** as possibilidades das redes regionais de turismo. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal Fluminense, Niterói: [s.n], 2008.

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. **Caminhos do Frio revela a beleza e a cultura do Brejo Paraibano**. 2007. Disponível em: <http://www.paraiba.pb.gov.br>. Acesso em: 22 out. 2009.

HALL, Colin Michael. **Planejamento turístico**: políticas, processos e relacionamentos. Trad. Edite Sciulli. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004 – (Coleção Turismo Contexto).

ISAAC, Rami. **Understanding the behavior of cultural tourists:** towards a classification of Dutch cultural tourists. Netherlands: NHTV International Higher Education Breda, 2008.

IBGE. **Brejo Paraibano**. 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 31 jan. 2011.

_____. **CIDADES.** 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 31 jan. 2011.

_____. **CENSO 2007 – BANANEIRAS**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades>. Acesso em: 20 nov 2010.

JENKINS, C.L. Tourism polices in developing countries: a critique. **International Journal of Tourism Management**. V. 1(1), 1980.

JUNG, Carlos Fernando. **Metodologia científica**: ênfase em pesquisa tecnológica. 3 ed. 2003. Disponível em: <http://www.jung.pro.br>. Acesso em: 25 Jun, 2010.

KELLER, P. **Future-Oriented Tourism Policy** – Synthesis of the 49th AIEST Congress,. The Tourism Review. V 54 (3), 1999.

KNAFOU, Remy. Turismo e Território. Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). **Turismo e Geografia**. Reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: HUCITEC, 1996, p.62-74.

LAGE, BEATRIZ H. G.; MILONE, P. C. Bases para a elaboração de um trabalho científico no turismo. In: Idem. **Turismo:** teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Les structures elémentares de la parenté**. Paris: PUF, 1949.

LIMA, Valéria Maria de Souza. **Turismo em espaço rural no estado do Rio de Janeiro**: olhares sobre a experiência da região do Vale do Café. (Monografia de pós-graduação lato sensu). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2004.

LIMA & OLIVEIRA. **Elementos endógenos do desenvolvimento regional:** considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento. Revista FAE, Curitiba, v.6, n.2, maio/dez. 2003.

MAIA, Lerson Fernando dos Santos. Políticas públicas e identidade cultural: um binômio significativo na construção de uma intervenção no turismo local. In: BARBOSA, Andreia Dantas et al (orgs). **Turismo:** cultura, lazer e possibilidades de intervenções. Natal: [s.n], 2004

MAMEDE, Vera Sylvia de Matos Dourado. Participação e desenvolvimento do turismo local. In: MARTINS, José Clerton (org). **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MARTINS, Clerton. Identidade: percepção e contexto. In: MARTINS, José Clerton de Oliveira (org). **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MEGALE, Nilza B. **Folclore brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1999.

MELO NETO, F. P. **Criatividade em eventos**. São Paulo: Contexto, 2001

MENDES, M. C.G. **Na senda estética e na poética dos itinerários turísticos e literários**: o vale do lima. Tese de doutorado da Universidade de Aveiro, Aveiro/Portugal, 2007.

MESSNER; NEYER-STAMER. **Políticas públicas de apoio aos APLs**. 2006. Disponível em: <http://www.drgroups.org/groups/worldbank/APL>. Acesso em: 18 abr, 2010.

MOLINA, Sergio. **Turismo:** metodologia e planejamento. Bauru, SP: Educs, 2005.

MOORE, Barrington Jr. **Poder Político e Teoria Social**. São Paulo: Cultrix, 1972

MYANAKI, Jacqueline et al. **Cultura e Turismo**. São Paulo: IPSIS, 2007.

NASCIMENTO, Joselito do. **A cultura da cana-de-açúcar e a (re) produção do espaço agrário do município de Areia/PB**. Campina Grande. Monografia de Graduação. Curso de Licenciatura Plena em Geografia – UEPB, 2007.

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e desenvolvimento**: planejamento e organização. 4.ed.São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Gilson Batista de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Revista FAE**, Curitiba, v.5, nº 2, p.41-48, mai/ago 2002.

OMT. **Introdution al turismo**. Madrid: OMT, 1998

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PAULA, Juarez de. Desenvolvimento e gestão compartilhada. In: SILVEIRA, Caio; REIS, Liliane (Orgs.). **Desenvolvimento local: dinâmica e estratégias**. Rio de Janeiro: DLIS, 2001

PONTIER, Ricci; BOURDON. **Droit de la culture**. 2 ed. Northyork – Canadá: Dalloz, 1996.

PORTER, M. E. **Vantagem competitiva**: criando e sustentando um desenvolvimento superior. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp; LEBRETON, Max. (Orgs). **Interfaces:** cultura, comunicação e turismo. Caxias do Sul, RS: Educs, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALAGOA NOVA. **História e Turismo em Alagoa Nova**. Disponível em: <http://www.pmalagoanova.com.br/page_3.html>. Acesso em: 02 fev, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PILÕES. **História de Pilões**. Disponível em: <http://piloes.pb.gov.br/piloes/historia.php>. Acesso em: 02 fev, 2011.

REJOWSKI, Miriam. **Turismo e pesquisa científica**: pensamento internacional X situação brasileira. 7. ed. Campinas: Papirus,1996. (coleção turismo)

REMY, Fábio. **Cidade de Areia – Patrimônio Histórico Nacional.** Disponível em: <http://fabioremy.blogspot.com.br/2010/12/areia-pb-cidade-tombada-pelo-patrimonio.html>. Acesso em: 30 Jun, 2012.

REVISTA BANANEIRAS. Bananeiras – A mais brejeira das cidades paraibanas. **Revista Bananeiras.** Paraíba, n.II, março 2002.

RICHARDS, Greg. Turismo cultural: padrões e implicações. In: CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da. **Turismo cultural:** estratégias, sustentabilidade e tendências. Ilhéus: Editus, 2009.

ROTEIROS DO BRASIL. **Programa de Regionalização do Turismo**. Ministério do Turismo Roteiros do Brasil, 2011.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. 13. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

RUSCHMANN, D; WIDMER, G. Planejamento turístico. In: ANSARAH, M. **Turismo**: como aprender como ensinar v.2. São Paulo: SENAC, 2000.

SANT'ANNA, D.; OLIVEIRA, M.; BERENSTEIN, S. **Gestão participativa para um turismo sustentável**: o caso da costa do descobrimento. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2001.

SANTOS, Carlos Honorato; BASSANESI, Magda Reginato**. Turismo e Redes**: um novo caminho para a organização no início do século XXI. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Milton. **O espaço e o cidadão**. São Paulo: Nobel, 1998

SEBRAE. **Manual de elaboração e gestão de projetos orientados para resultados.** V.5. Brasília, 2006

_____. **Metodologia de desenvolvimento de arranjos produtivos locais.** Disponível em: <http://www.sebrae.com.br>. Acesso em: 25 jun, 2010.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEABRA, Giovanni de Farias. **O Turismo sertanejo como alternativa econômica para o semi-árido**. João Pessoa: Editora UFPB, 2002. Disponível em: <http://www.estudosturisticos.com.br>. Acesso em: 10 abr. 2009.

SILVEIRA, M. A. T. Política de turismo: oportunidades ao desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo rural**. São Paulo: Contexto, 2001.

THOMAZI, Silvia Maria. **Cluster de turismo**: introdução aos estudos de arranjo produtivo local. São Paulo: Aleph, 2006. (serie turismo)

UNESCO. **Políticas culturais para o desenvolvimento:** uma base de dados para a cultura. Brasília: UNESCO, 2003.

URRY, John. **O olhar do turista:** lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Nobel: SESC, 1996.

VARGAS, Ricardo Viana. **Gerenciamento de projetos**: estabelecendo diferenciais competitivos. 7. ed. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 1998.

WIKIPEDIA. **ALAGOA NOVA**. 2011. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alagoa_Nova>. Acesso em: 31 jan, 2011.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar:** turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ZAGHENIA, E. S. da S. **Logística da cadeia produtiva do turismo de Joinville – SC (**Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

ZAPATA, Tânia. Instâncias de representação da sociedade civil e gestão pública. IN: **3º Salão do Turismo Roteiros do Brasil**. Ministério do Turismo. Disponível em: <http://www.salao.turismo.gov.br>. Acesso em: 15 jun, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIROS DE OBSERVAÇÃO DIRETA

A1 - Modelo observacional adaptado do modelo para observação de cluster de Thomazi (2006, p. 126-127).

OBSTÁCULOS COMUNS	**INTENSIDADE**			
	ALTA	MÉDIA	BAIXA	NENHUMA
Benefícios aos provedores locais e externos				
Qualidade da prestação de serviços				
Consciência local a respeito do turismo				
Disponibilidade de matéria- prima				
Cultura local				
Representação de órgãos públicos				
Integração governo/empresariado				
União da classe empresarial no setor de turismo				
Representatividade política				
Planos governamentais				
Condições logísticas				
Grau de relacionamento interno				
Verticalidade da cadeia produtiva				
Acessibilidade ao local				
Mudança nos costumes locais e datas de eventos em função do turismo				
ATRAÇÕES				
Adequação dos meios de produção e divulgação				
Ações voltadas à proteção/ manutenção do patrimônio				
Orientação da formatação e venda do destino turístico				
Diversidade de atrativos para atingir os segmentos				
Atendimento do comércio quanto a produtos e horários				
Articulação e cooperação da venda e formatação				
EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS				
Investimento privado em renovação e modernização				
Investimentos em capacitação pessoal				
Oferta de serviço especializado pelo mercado				
Empresariado individualista				
Visão imediatista				

Presença de concorrentes de bandeira internacional				
Concentração de PMEs				
Concentração de empresas familiares				
Controle de preços e qualidade				
PROMOÇÃO E INFORMAÇÃO RECEPTIVA				
Adequação dos postos de informações				
Divulgação da cidade e dos atrativos (interno)				
Distribuição de material de apoio				
Sinalização nos corredores turísticos				
Atuação dos agentes receptivos				
Integração dos prestadores de serviços e comunidade				
INSTITUIÇÕES DE APOIO				
Continuidade nas ações públicas				
Política de incentivo de atração de investidores				
Regulamentação do setor				
Integração/ acompanhamento do planejamento turístico				
Acesso de disseminação de informação				
Ação institucional correspondente à necessidade local				
Apoio para pequenas, médias e grande empresas				
MÃO-DE-OBRA				
Capacitação dos empregados para o atendimento ao mercado				
Oferta disponível de mão-de-obra qualificada				
Nível dos salários de modo a causar interesse pela área				
Rotatividade de comprometimento no setor				
Empregos temporários e subempregos				
Qualidade do atendimento pelos empregados				
OUTROS SERVIÇOS				
Diferenciais na prestação de serviços				

receptivos				
Sistemas de transporte ao usuário turístico				
Infra-estrutura básica adequada a demanda turística				
Presença de fornecedores e insumos na região				
DEMANDA				
Exigência com relação ao produto caminhos do frio				
Nível/ qualidade do serviço oferecido pelo produto				
Segmentação da demanda do produto				
AÇÕES GOVERNAMENTAIS				
Secretarias, Conselhos ou Fórum Municipal				
Plano Diretor				
Planos de Turismo				

A2 Modelo interacional de observação direta (organização)

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS
EVENTOS E ESPETÁCULOS
GASTRONOMIA/ FESTIVAL GASTRONÔMICO
OFICINAS
PROGRAMAÇÃO DO ROTEIRO
PASSEIOS E VISITAS
ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE (PLANEJAMENTO, GERENCIAMENTO, EXECUÇÃO DO PROJETO)

A3 Modelo interacional de observação direta (estrutura)

INFRAESTRUTURA BÁSICA (ACESSO - TRÁFEGO, SINALIZAÇÃO E ESTRADAS, SEGURANÇA, MEIOS DE TRANSPORTE, ABASTECIMENTO DE ÁGUA E ENERGIA)
INFRAESTRUTURA DE APOIO (FARMÁCIAS, HOSPITAIS, BANCOS E SERVIÇOS FINANCEIROS)
INFRAESTRUTURA TURÍSTICA (RESTAURAÇÃO, HOSPEDAGEM, POSTOS DE INFORMAÇÃO TURÍSTICA, ENTRETENIMENTO)
FLUXO DE TURISTAS E DE DIVISAS
INVESTIMENTOS NAS LOCALIDADES E ATRATIVOS

A4 - Modelo interacional de observação direta (impasses e problemas)

DIFERENCIAÇÃO DA PAISAGEM, DEGRADAÇÃO DO MEIO AMBIENTE, USO INDEVIDO DE ÁREAS NATURAIS.
EXPLORAÇÃO SEXUAL/ PROSTITUIÇÃO, AUMENTO DA VIOLÊNCIA MARGINALIDADE, DROGAS, INSEGURANÇA, RACISMO, XENOFOBIA, EXPULSÃO DE AUTÓCTONES, ELEVAÇÃO DOS PREÇOS DOS INSUMOS BÁSICOS, ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA.
ACULTURAÇÃO, BANALIZAÇÃO DA CULTURA E DOS PRODUTOS ARTESANAIS, PERDA DE IDENTIDADE, TEATRALIZAÇÃO DOS COSTUMES, TRANSFORMAÇÃO DA CULTURA LOCAL PARA ENTRETENIMENTO DOS TURISTAS,

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA GESTORES DOS MUNICÍPIOS – FASE I (JULHO/AGOSTO DE 2010)

- PERFIL DO GESTOR
  - NOME
  -CARGO
  -SEXO
  -FORMAÇÃO ESCOLAR
  -EXPERIENCIA PROFISSIONAL
  -ATUAÇÃO COMO GESTOR/ TEMPO/ ATIVIDADES

- CONCEPÇÃO DO PROJETO
  - ESTEVE ENVOLVIDO NA CONCEPÇÃO DO PROJETO?
  -POR QUE DECIDIU ENTRAR E O QUE VISAVAM COM O PROJETO?
  -A PARTIR DE QUE IDEIA O MUNICÍPIO DECIDIU INVESTIR NO TURISMO ATRAVÉS DA CULTURA E NÃO DE OUTROS ATRIBUTOS?
  - COMO DECIDIRAM SE UNIR EM UM ROTEIRO AO INVES DE FAZER CADA MUNICIPIO SEU RITEIRO SEPARADAMENTE?

- FINALIDADE DO PROJETO
  -QUAL O INTUITO DO PROJETO PARA ESTE MUNICIPIO?
  -O QUE SE ESPERAVA ALCANÇAR COM ELE?

- ORGANIZAÇÃO DO PROJETO
  -QUAIS AS INSTITUIÇÕES DESTE MUNICÍPIO ENVOLVIDOS NO PROJETO
  - QUAL A METODOLOGIA EMPREGADA NA ORGANIZAÇÃO? REUNIÕES? OFICINAS? WORKSHOPS? COM QUE FREQUENCIA?
  -QUEM FINANCIA AS AÇÕES DO PROJETO NESTE MUNICIPIO?

- IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

  - COMO, QUANDO E ONDE INICIOU A EXECUÇÃO DO PROJETO?
  -QUEM PARTICIPOU DA IMPLEMENTAÇÃO?
  -O QUE EVOLIUI/ MODIFICOU DURANTE ESTES ANOS? O QUE FOI ACRESCENTADO EM CADA EDIÇÃO?

- GOVERNANÇA DO PROJETO
  - QUEM É O REPRESENTANTE QUE FAZ PARTE DA GOVERNANÇA DO BREJO? COMO É FOI DECIDIDO?
  -QUAIS AS LIMITAÇÕES/ DIFICULDADES ENCONTRADAS COM A EXECUÇÃO DO PROJETO?
  -DE QUE FORMA PRETENDEM SUPERAR ESTAS LIMITAÇÕES? HÁ ALGO SENDO REALIZADO PARA AMENIZAR OU ALTERAR A SITUAÇÃO?
  -COMO OCORRE O GERENCIAMENTO DO PROJETO A CADA EDIÇAO NESTE MUNICIPIO?

- RESULTADO

  -QUAIS OS RESULTADOS ALCANÇADOS AO LONGO DOS ANOS?
  - HÁ ALGUM RESULTADO ESPERADO QUE NÃO FOI CONCRETIZADO?
  - QUAIS OS RESULTADOS DESTINADOS A COMUNIDADE LOCAL?
  - QUAIS OS RESULTADOS DESTINADOS AO TRADE?
  - COMO O GOVERNO SE BENEFICIOU COM O PROJETO?
  -QUAIS OS REFLEXOS DO PROJETO PARA A ATIVIDADE TURISTICA DO MUNICIPIO? E DA REGIÃO?
  -DADOS SOBRE O AUMENTO NO NUMERO DE VISITANTES E DIVIDAS NO MUNICÍPIO APÓS A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

- PARTICIPAÇÃO DO SEBRAE

  - COMO SE DÁ A PARTICIPAÇÃO DO SEBRAE NESTE MUNICIPIO

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA AO FÓRUM REGIONAL DE TURISMO SUSTENTÁVEL DO BREJO PARAIBANO

- PERFIL DA PRESIDENTE DO FÓRUM
  - NOME
  -CARGO
  -SEXO
  -FORMAÇÃO ESCOLAR
  -EXPERIENCIA PROFISSIONAL
  -ATUAÇÃO COMO GESTOR/ TEMPO/ ATIVIDADES

- CONCEPÇÃO DO PROJETO
  -QUEM ESTEVE ENVOLVIDO NA CONCEPÇÃO DO PROJETO?
  - QUANDO ACONTECEU?
  -POR QUÊ? O QUE VISAVAM COM O PROJETO?
  -A PARTIR DE QUE IDEIA?
  -A PARTIR DE QUE IDEIA OS MUNICÍPIOS DECIDIU INVESTIR NO TURISMO ATRAVÉS DA CULTURA E NÃO DE OUTROS ATRIBUTOS?
  - COMO DECIDIRAM SE UNIR EM UM ROTEIRO AO INVES DE FAZER CADA MUNICIPIO SEU RITEIRO SEPARADAMENTE?
  -EM QUE POLITICA OU PROGRAMA FOI BASEADO?
  - O PROJETO FOI BASEADO EM ALGUM MODELO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL?

- FINALIDADE DO PROJETO
  -QUAL O INTUITO INICIAL DO PROJETO?
  -O QUE SE ESPERAVA ALCANÇAR COM ELE?

- ORGANIZAÇÃO DO PROJETO
  -QUAIS AS INSTITUIÇÕES E MUNICÍPIOS ENVOLVIDOS NA CONCEPÇÃO DO PROJETO
  - QUAL A METODOLOGIA EMPREGADA NA ORGANIZAÇÃO? REUNIÕES? OFICINAS? WORKSHOPS? COM QUE FREQUENCIA?
  -QUEM FINANCIOU A ORGANIZAÇÃO DO PROJETO?

- IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

  - COMO, QUANDO E ONDE INICIOU A EXECUÇÃO DO PROJETO?
  -QUEM PARTICIPOU DA IMPLEMENTAÇÃO?
  -O QUE EVOLIUI/ MODIFICOU DURANTE ESTES ANOS? O QUE FOI ACRESCENTADO EM CADA EDIÇÃO?
  -ALGUM MUNICÍPIO ADERIU POSTERIORMENTE? HOUVE INTERESSE POR PARTE DE OUTROS MUNICÍPIOS? QUAIS E POR QUE NÃO FORAM INCLUIDOS?
  -HOUVE ALGUMA ALTERAÇÃO NO PROJETO APÓS SUA IMPLEMENTAÇÃO? QUAL? POR QUE?

- GOVERNANÇA DO PROJETO

  - HÁ UMA GOVERNANÇA FIXA? QUEM É ELA? COMO ELA FOI DECIDIDA?
  -QUAIS AS LIMITAÇÕES/ DIFICULDADES ENCONTRADAS COM A EXECUÇÃO DO PROJETO?
  -DE QUE FORMA PRETENDEM SUPERAR ESTAS LIMITAÇÕES? HÁ ALGO SENDO REALIZADO PARA AMENIZAR OU ALTERAR A SITUAÇÃO?
  -COMO OCORRE O GERENCIAMENTO DO PROJETO? O GERENCIAMENTO É BASEADO EM ALGUMA METODOLOGIA DE "PROJECT MANAGEMENT"?

- RESULTADO

  -QUAIS OS RESULTADOS ALCANÇADOS PELO FORUM AO LONGO DOS ANOS?
  - HÁ ALGUM RESULTADO ESPERADO QUE NÃO FOI CONCRETIZADO?
  - QUAIS OS RESULTADOS DESTINADOS A REGIÃOW
  - COMO O GOVERNO PARTICIPA DO PROJETO?
  -QUAIS OS REFLEXOS DO PROJETO PARA A ATIVIDADE TURISTICA NA REGIÃO APÓS A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO?

- PARTICIPAÇÃO DO SEBRAE

  - O SEBRAE PARTICIPOU DA CONCEPÇÃO DO PROJETO? QUAL O SEU PAPEL?
  - O SEBRAE PARTICIPA ATUALMENTE? QUAL A SUA COLABORAÇÃO? AUXILIA NA GOVERNANÇA?
  - QUAL A PRETENSÃO DO SEBRAE A CERCA DO PROJETO?

APÊNDICE D – CATEGORIAS DE ANÁLISE

Analisar as interfaces cultural, política e organizacional do projeto "Caminhos do Frio - Rota Cultural" no contexto da regionalização do Brejo Paraibano.

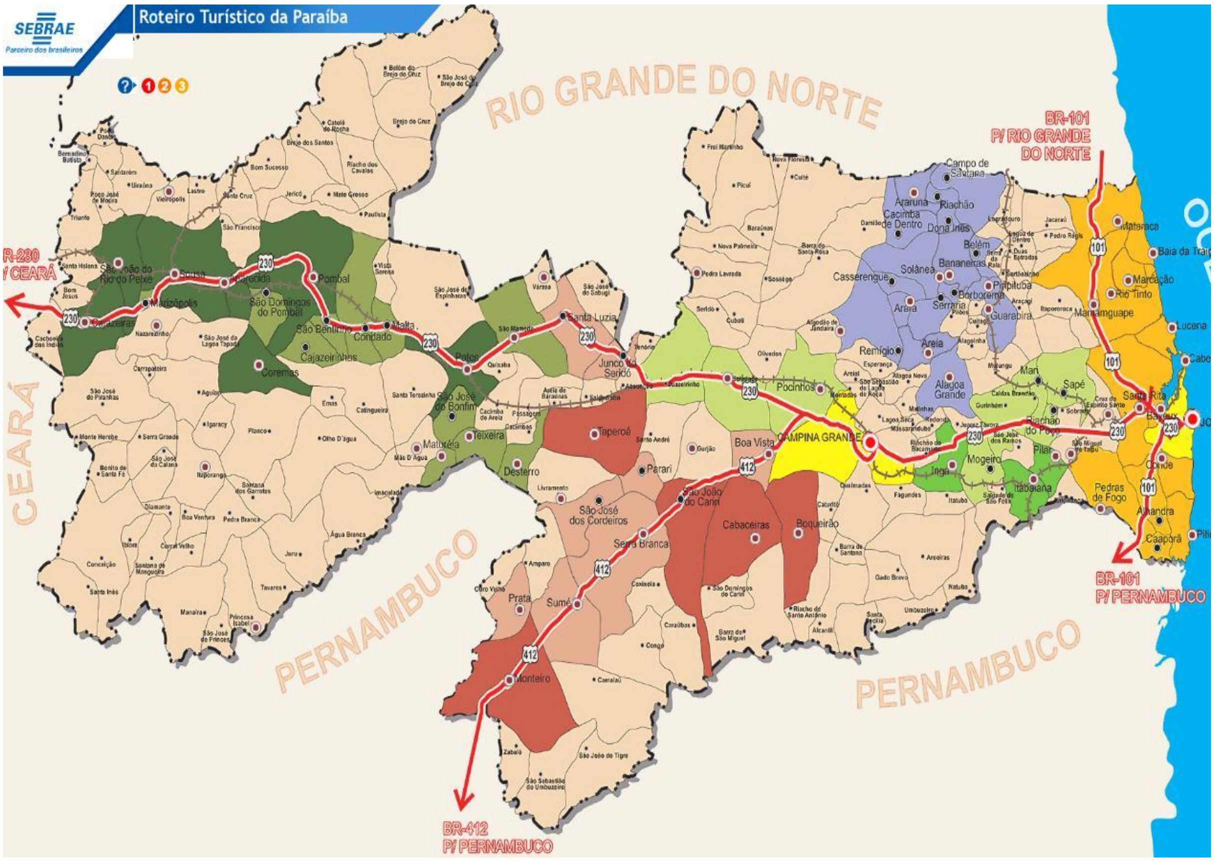
OBJETIVOS	**CATEGORIAS DE ANÁLISE**	**TÉCNICAS DE COLETA**	**TÉCNICAS DE ANÁLISE**
a) Caracterizar os municípios componentes do projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural;	**1.** Aspectos históricos-, culturais, demográficos, políticos, naturais. Geográficos, etc.	Pesquisa Bibliográfica; Pesquisa Documental; Observação Direta e Entrevista	Análise descritiva
b) Inventariar e analisar a infraestrutura básica, turística e de apoio dos municípios incluídos no projeto;	2. Saúde, saneamento, vias de acesso, abastecimento de água e energia, etc 3. Apoio (bancos, correio, transporte, etc) 4. Restauração, hospedagem e lazer.	Pesquisa Bibliográfica; Pesquisa Documental; Observação Direta e Entrevista	Análise descritiva
c) Mostrar a roteirização turística dos municípios partícipes do Projeto;	5. Roteirização 6. Tematização 7. Cenarização 8. Produtos e Serviços Turísticos	Pesquisa Documental; Observação Direta e Entrevista	Análise descritiva
d) Identificar os elementos culturais de uso turístico utilizados na roteirização do Brejo	9. Conceituação de cultura 10. Circuitos, corredores e roteiros e rotas culturais 11. Preservação/valorização cultural 12. Atrações culturais/produção cultural 13. Patrimônio, valores e identidade cultural 14. Bens culturais de uso turístico 15. Manifestações culturais eruditas e populares 16. Gastronomia	Pesquisa Documental; Observação Direta e Entrevista	Análise descritiva
e) Investigar a articulação política e os aspectos organizacionais (concepção, finalidade, objetivos, execução) no gerenciamento do projeto	17. Política cultural 18. Intervenção estatal e papel do governo 19. Participação da comunidade 20. Gestão 21. Coordenação e governança 22. Redes e cooperativismo 23. Projetos e programas 24. Financiamento 25. Idealização e concepção do projeto 26. Finalidades e objetivos 27. Planejamento e execução 28. Metodologia de gerenciamento de projetos 29. Influência do modelo de Regionalização MTUR	Pesquisa Documental; Observação Direta e Entrevista	Análise descritiva
f) Verificar a participação de cada agente produtor do turismo do Brejo Paraibano	30. Agentes envolvidos 31. Papel dos agentes no processo de desenvolvimento turístico	Observação Direta e Entrevista	Análise descritiva
g) Levantar os resultados e impasses/ problemas encontrados no projeto	32. Resultados do projeto 33. Problemas e impasses (sócias, ambientais, econômicos e culturais)	Observação Direta e Entrevista	Análise descritiva

ANEXOS

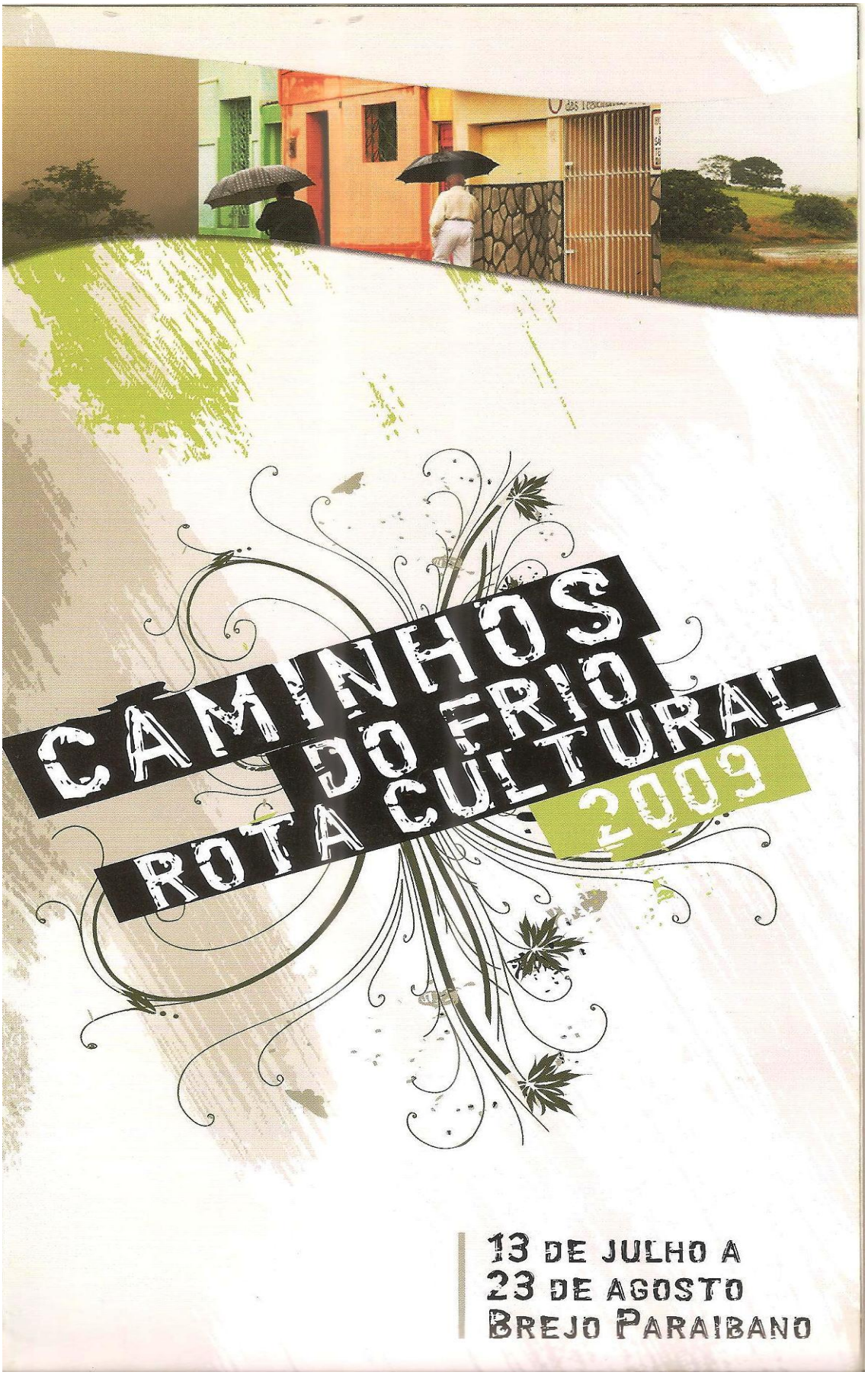
ANEXO A- Logomarca do Caminhos do Frio- Rota Cultural

ANEXO B- Folder do pacote turístico Caminhos do Frio 2010 – Operadora Tambaú

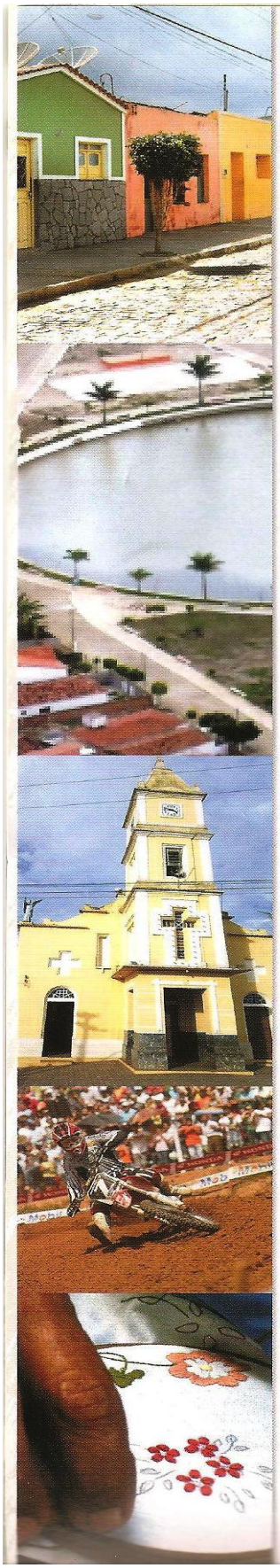
ANEXO C- Folder do pacote turístico Caminhos do Frio 2011 – Operadora Tambaú



ANEXO D- Roteiro Turístico da Paraíba



Anexo E- Programação Caminhos do Frio - Rota Cultural 2009



ALAGOA NOVA

FESTA DA GALINHA E DA CACHAÇA | 13 a 19.JULHO

PERÍODO: 13 a 17
08h00 Curso: Fabricação de cachaça - SENAR
Local: Centro Artesanal Dep. Raimundo Asfora (Sítio Bonito)

PERÍODO: 14 a 16
08h00 Curso: Produção de Galinha e Ovos Caipira - SENAR
Local: Casa Familiar Rural Sítio Pau D'arco

PERÍODO: 15 a 17
08h00 Curso: Turismo Rural e Oportunidades de Negócios
Local: Centro Artesanal Dep. Raimundo Asfora

DIA 16 (quinta-feira)
18h00 Abertura Solene do Roteiro Caminhos dos Frio, da Festa da Galinha e da Cachaça, da Feira do Artesanato e produtos da terra, e da Vila Gastronômica - apresentação da Escola de Música Maestro José Gomes de Aquino - Local: O Moraesão

18h30 Apresentação do Grupo de Dança "Os Bultrins"

19h00 Cia. de dança Nalva Barbosa, espetáculo Bonecas de Pano, quadrilhas Arraial Fonte da Juventude e Raio de Luz

21h00 Forró pé-de-serra

23h00 Show Baile: Sirano e Sirino, Banda Encantus e Banda Fio Dental
Local: Parque da Lagoa

DIA 17 (sexta-feira)
09h00 Abertura da Feira de Artesanato e Produtos da Terra, da Vila Gastronômica e Cachaças da Paraíba - Local: O Moraesão

10h00 às 20h00
Eventos Culturais: forró Pé-de-serra, danças regionais, e da quadrilha "Mistura que eu Gosto"

23h00 Show baile: Mastruz com Leite, Dezmantelados do Forró e Naninha dos Teclados - Local: Parque da Lagoa

DIA 18 (sábado)
07h00 Caminhada Ecológica - saída: Igreja Matriz Santa Ana

09h00 Abertura da Vila Gastronômica e Cachaçaria da Paraíba, Feira de artesanato e produtos da terra - Local: O Moraesão

10h00 Forró da Moenda - Local: Engenho Serra Preta

10h30 ás 20h00
Shows Culturais: Forró Pé-de-serra, danças regionais e da quadrilha Arraial Nobre - Local: O Moraesão

23h00 Show baile: Forró do Muído, J. Gomes e os Brothers do Forró e Forró Pegado - Local: Parque da Lagoa

DIA 19 (domingo)
07h00 Feira Agroecológica, Apresentação de Coco de roda e encontro da viola e do repente - Local: O Moraesão

10h00 Gincana Cocoricó

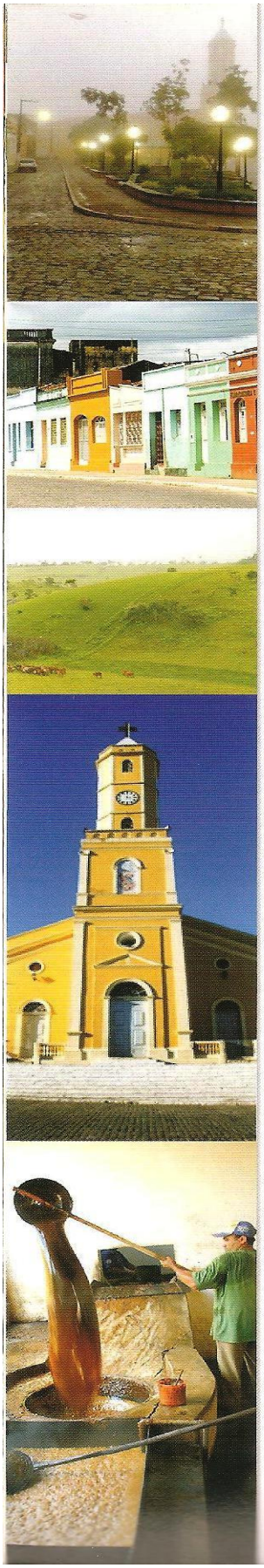
12h00 Forró Pé-de-serra

15h00 Bloco Cocoricó - saída: Av. São Sebastião

20h00 Show baile: As Bastianas e forró pé-de-serra - Local: O Moraesão

CONTATO:
Vânia (83) 8105.5169

Anexo F- Programação Alagoa Nova 2009



AREIA

FRIO, CACHAÇAS E ARTE | 20 a 26 de julho

OFICINAS CULTURAIS

PERÍODO: 20 a 24
- Capoeira
- Energia corporal para atores
- Danças regionais
- Mãos na massa: moda e gastronomia
- Olhos abertos: patrimônio, fotografia e desenho

DIA 25 (sábado)
Expedição fotográfica

EXPOSIÇÕES

PERÍODO: 20 a 26 (09h00 às 21h00)
- Artesanato associado ao turismo
- Flores de Areia
- Artistas Areienses
- Cachaças da Paraíba
  Local: Espaço da Arte e Cultura Horácio de Almeida
- Exposição fotográfica Mel e Sal - Gustavo Moura
  Local: Solar José Rufino

VISITAS E PASSEIOS

PERÍODO: 20 a 26 (08h00 às 18h00)
- Engenhos com degustação de cachaça
- Museu do Brejo Paraibano
- Parque Estadual Mata do Pau Ferro
  Saída: Solar José Rufino

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

DIA 20 (segunda-feira)
14h00 Minerva Didático - Escola de Música da Prefeitura Municipal de Areia
Grupo Brassil de Metais - prof. Radegundes - Local: Teatro Minerva

DIA 22 (quarta-feira)
09h00 2º Seminário de Conscientização Turística Ambiental e Cultural
20h00 O Mundo Fantástico de Zing - Grupo Gameleira
Local: Teatro Minerva

DIA 23 (quinta-feira)
17h00 Roda de Capoeira - Local: Praça João Pessoa
19h00 Lançamento do Livro Poesias "Solidão" - Adjair Ribeiro da Silva
Local: Solar José Rufino
20h00 Cinema com Rapadura - Local: Praça Pedro Américo

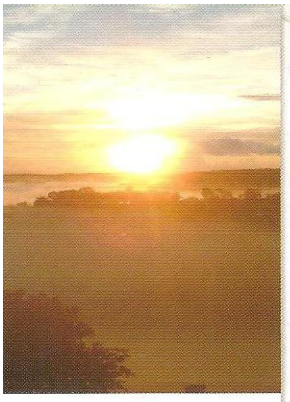
DIA 24 (sexta-feira)
13h00 Roda de conversa com a diretora do Museu Nacional de Belas Artes Mônica Xexéo - Local: Solar José Rufino
15h00 Peça infantil: Cinderela – João Pessoa - Sindifisco (atividade para escolas públicas) - Local: Teatro Minerva
17h00 Retreta com a Filarmônica Municipal Abdon Milanez
Local: Coreto da Praça - João Pessoa
20h30 Peça Teatral: Família é uma desgraça - grupo Recreio Dramático
Local: Teatro Minerva

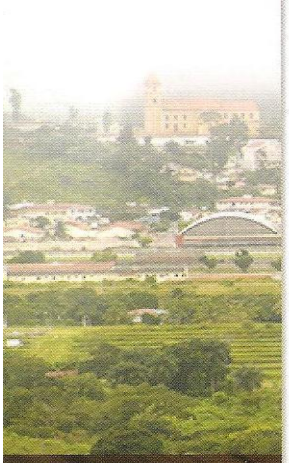
DIA 25 (sábado)
15h00 Orquestra Infanto-juvenil da UFPB - Local: Teatro Minerva
17h00 Apresentação do Festival Gastronômico Regional e Expedição Fotográfica - Local: Solar José Rufino
21h00 Show: Os Três do Nordeste - Local: Praça João Pessoa
22h00 Os 3 do Chamego

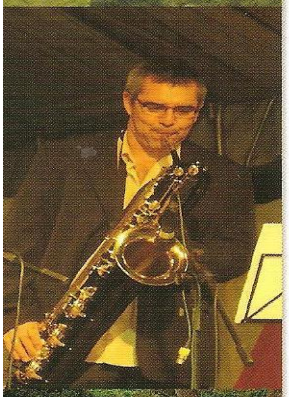
DIA 26 (domingo)
20h30 Orquestra Sinfônica Sivuca de Campina Grande
Local: Teatro Minerva

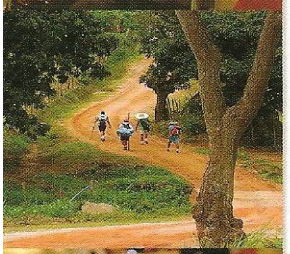
Contato:
Ney Vital: (83) 8650.6782
Lúcia Giovana: (83) 8811.3139

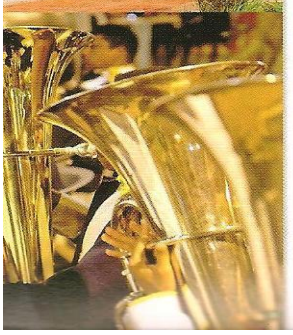
Anexo G- Programação Areia 2009











BANANEIRAS

AVENTURA E ARTE NA SERRA | 27 de JULHO a 01 de AGOSTO

PERÍODO: 27 a 31
08h00 às 12h00 e 14h00 às 18h00

OFICINAS CULTURAIS
- Teatro (maquiagem)
- Energia corporal para atores
- Confecção e manipulação de bonecos (mamulengo)
- Artesanato com bambu e papel da bananeira
  Local: Espaço Cultural Municipal e antigo Carmelo

Cinema na Escola
Local: Escolas municipais, Peti, AABB, Comunidade e Casa do Idoso

DIA 30 (quinta)
19h00 Abertura oficial do evento
Abertura da exposição de artes
Abertura do Festival Gastronômico: banana, tilápia e cachaça
Apresentação da Filarmônica Lira dos Artistas
Local: Espaço Cultural Municipal

21h00 Peça: Como nasce um cabra da peste - Agitada Gang-João Pessoa
Local: Teatro do Espaço Cultural

DIA 31 (sexta-feira)
10h00 Teatro de Mamulengo de Mestre Maestro

20h30 Peça Teatral: A Feira (Lourdes Ramalho)
Local: feria livre

22hoo Orquestra de Violões da Paraíba - João Pessoa

23h00 SPTU

00h30 Banda Chico Correa Eletronic Band - João Pessoa

DIA 01 (sábado)
07h30 Trilha Ecológica do Roncador

10h00 Trilha de 4x4

16h00 Apresentação dos resultados das oficinas
Local: Espaço Cultural Municipal

20h30 Apresentação da Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba
Local: Igreja Matriz

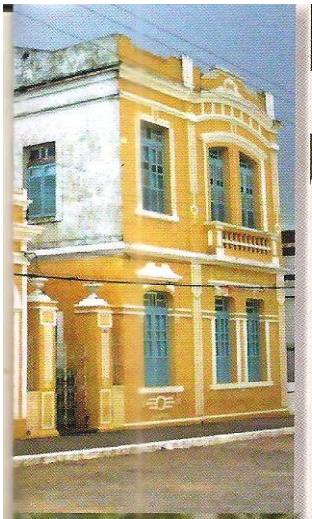
21h30 Ciranda e Coco de Roda - Local: Praça Epitácio Pessoa

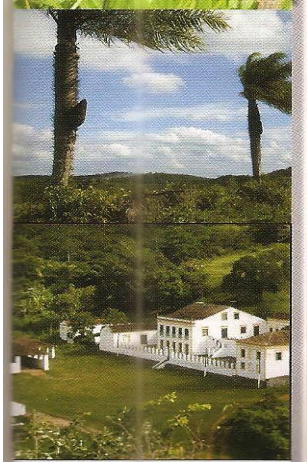
22h30 Big Band Alma Latina

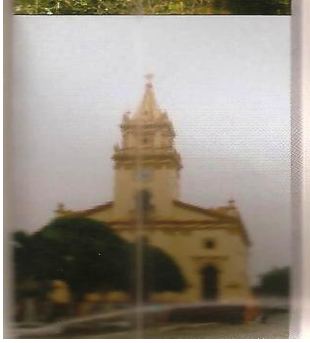
00h00 Banda Antares

CONTATO:
Ana Gondim
Telefone: (83) 9984.6457

Anexo H- Programação Bananeiras 2009







SERRARIA

SERESTA, FRIO e ENGENHOS | 03 a 08 AGOSTO

Dia 03 (segunda-feira)
07h00 Abertura da Semana Cultural com alvorada, percorrendo as principais ruas da cidade com guarda de honra que acompanhá o cortejo com "Acorda Serraria".

PERÍODO: 3 a 6 de agosto

OFICINAS CULTURAIS
08h00 Oficina de artesanato – chita e fibras de Bananeiras
Local: Salão da Prefeitura

Oficina de violão - Wellington Farias
Local: Casa da Cultura Roberto Luna

Dia 04 (terça-feira)
08h00 Oficina de pintura
Tema: Pintando no Engenho - Local: Engenho Laranjeiras

Dia 05 (quarta-feira)
08h00 Cinema na escola – Filmes educativos nas Escolas municipais

08h00 Oficina de pintura
Tema: Pintando no Engenho - Local: Engenho Baixa Verde

14h00 Oficina de Pintura
Tema: Pintando no Engenho - Local: Engenho Martiniano

Dia 06 (quinta-feira)
08h00 Cinema na Escola - Filmes Educativos nas Escolas municipais

Dia 07 (sexta-feira)
08h00 Seminário de avaliação das oficinas

18h00 Inauguração do pátio dos festejos e cultura dos "Caminhos do Frio". Tendas da rezadeira, de artesanato, comidas regionais, exposições de fotografias e de quadros.
Local: Praça Antônio Bento

20h00 Apresentação de grupo Folclórico e quadrilhas juninas

21h00 Show: Grupo de Forró "Os Cabras de Mateus"
Local: Praça Antônio Bento - Pátio dos festejos

23h00 Grupo de forró Mambembe

Dia 08 (sábado)
07h00 Alvorada Anunciando abertura do III Encontro dos Filhos e Amigos de Serraria.

08h00 Recepção da cavalgada da fé que sairá do condomínio Mirante da Serra - Sítio Macaiba, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida que será conduzida pelos cavaleiros precedidos por guarda de honra com bandeira do Brasil, do Estado e do município de Serraria.
Na chegada de Nossa Senhora haverá uma Missa campal com todos os cavaleiros, filhos e amigos de Serraria.

10h00 Homenagem aos filhos e amigos ilustres de Serraria

11h00 Lançamento de Livro – Autor Dr. Manoel Batista

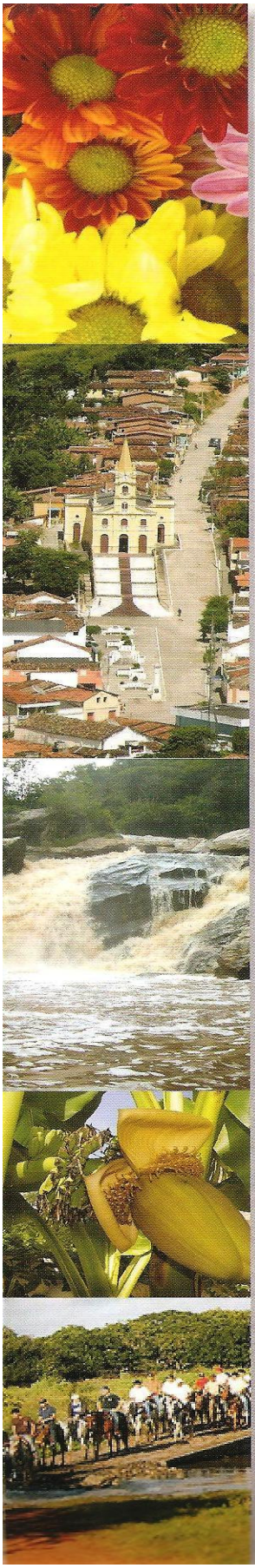
11h30 Apresentação do grupo de Lapinha e do grupo Boi do Rei - resgate da Cultura local

13h00 Almoço com forró pé-de-serra organizado pela Associação dos Filhos e Amigos de Serraria (taxa de adesão)

19h00 Festival de Seresta: Seresteiros Elpídio e Hélio, Clube do Chorinho.
Apresentação do seresteiro filho de Serraria – Roberto Luna, que será homenageado pelos seus conterrâneos e amigos.

CONTATO:
Ricardo Duarte: (83) 9984.6457

Anexo I- Programação Serraria 2009



PILÕES

FESTA DAS FLORES | 10 a 16 de AGOSTO

OFICINAS CULTURAIS

PERÍODO: 10 a 13
- Dança Regional
- Beneficiamento da Banana (pratos criativos)
- Arranjos Florais
- Pintura em Tela

Local: Clube Social Padre Mateus

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

DIA: 14 (sexta)

05h30 Alvorada com a Banda de música municipal prof. Antônio Pinto

07h30 Hasteamento dos pavilhões, municipal, estadual e nacional

08h00 Abertura da Exposição de Artesanato e Artes
Local: Vila Antonieta

14h00 Sessão cinema paraibano - SESC
Local: Centro Social Padre Mateus

20h00 Abertura oficial - Local: Praça João Pessoa

21h00 Gestival Gastronômico da Banana

21h30 Show: Baile - Banda Vôo Livre
Local: Centro Social Padre Mateus

DIA: 15 (sábado)

05h30 Alvorada com a Banda de Música Municipal Prof.º Antônio Pinto

08h00 Caminhada: Trilha Ecológica para a Cachoeira de Ouricuri
Saída: Praça João Pessoa

14h00 Sessão de cinema paraibano - SESC
Local: Centro Social Padre Mateus

14h00 Caminhada: Engenho Boa Fé
Saída: Praça João Pessoa

16h00 Concurso de Arranjo de Flores Naturais

19h30 Apresentação: Artistas locais, Grupo de Dança Antonieta, Concerto Juvenil de Flauta e demonstração do Teatro Padre Mateus
Local: Praça João Pessoa

21h30 Show: Baile das Flores com a escolha da rainha das flores
Banda Big Brother e Nélio Torres (Boi dos cajueiros)
Traje com motivos florais

DIA 16 (Domingo)

05h30 Alvorada com Banda de Música Municipal Prof.º Antônio Pinto

07h00 Visita a feira com apresentação de artistas locais
Local: Pátio da Feira

08h00 Trilha Ecológica para a Floricultura com transportes alternativos

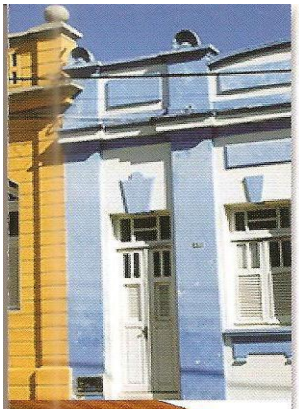
14h00 Cavalgada e Argolinha com destino ao Mirante do Espinho
Local: Pátio da Feira (concentração)

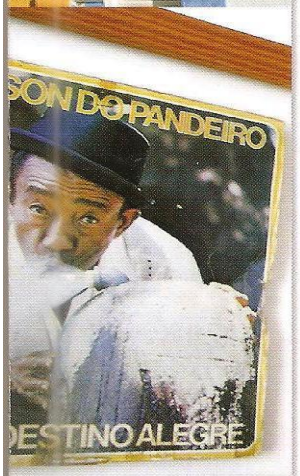
19h00 Missa em Ação de Graças
Local: Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus

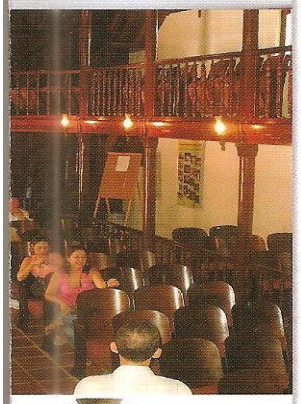
20h30 Encerramento com a retreta na praça com a Banda de Música Municipal "Professor Antônio Pinto"

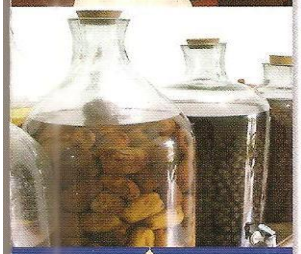
Contato:
Guilhardo Castro: (83) 3276.1016
Iacy Ramalho: (83) 3276.1144

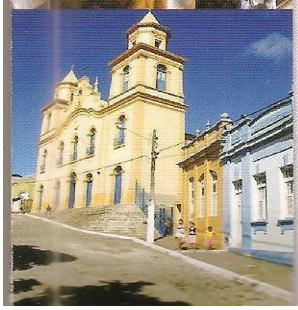
Anexo J- Programação Pilões 2009











ALAGOA GRANDE

FESTIVAL DE ARTES JACKSON DO PANDEIRO
17 a 23 de AGOSTO

ESPAÇO "CANTIGA DO SAPO" – TEATRO SANTA IGNÊZ

OFICINA CULTURAL
17 a 21 de 14h00 às 17h00
Caracterização Artística - Sérgio Lucena

ABERTURA OFICIAL
DIA 17
20h00 Abertura Oficial – Coral Voz e Canto
20h30 Tributo a Jackson - Cia. Oxênte de Atividades Culturais

TEATRO (20h00)
DIA 18 Dança Afro – Caiana dos Criolos
DIA 19 As Malditas - Cia. Paraibana de Comédia
DIA 20 Rotina/Concêntrico (dança) – Ana Marques e Arthur Marques
DIA 21 Enquanto o Tempo Chega, Apolo e Dança do Ventre - Ballet Jovem
DIA 22 O Casamento de Branco - PIOLLIN
Papangu (dança) – Ballet Popular da UFPB
DIA 23 Como Nasce um Cabra da Peste - AGITADA GANG

ESPAÇO "CABEÇA FEITA" – Antigo Instituto Des. Severino Montenegro
DIA 18 às 09h00 1ª Conferência Municipal de Cultura
DIA 23 às 09h00 Palestra: A Obra Musical de Jackson do Pandeiro

ESPAÇO " SINA DE CIGARRA" – SEDE PAROQUIAL
PERÍODO: 17 a 23
09h00 I Salão do Artesão de Alagoa Grande
16h00 Exposição de Cachaças da Paraíba – Largo do Teatro Santa Ignês
DIA 23
09h00 Exposição Motos Raridade – Praça do BNB

ESPAÇO "SEBASTIANA" – Antigo Instituto Des. Severino Montenegro-
OFICINAS CULTURAIS
PERÍODO: 17 a 21
08h00 às 11h00 Grafitagem - Gigabrow
14h00 às 17h00 Cenografia e Adereços - Nelson Alexandre

APRESENTAÇÃO DANÇA
DIA 18 à 21h00 Danças Folclóricas - Cariris da Serra
DIA 19 à 21h00 Dança de Rua Hip Hop - Close Dancing
DIA 20 à 21h00 Danças Regionais Rei do Ritmo

ESPAÇO "CHICLETE COM BANANA" – PRAÇA DO CORETO
PERÍODO: 22 e 23
17h às 19h Forró na Praça
PERÍODO: 18 a 21
18h00 Cinema: Telão no Coreto
DIA 23
09h às 16h Encontro Estadual de Capoeira
10h às 14h Oficina Circo na Praça - PIOLLIN
16h00 Peça: O Circo do Amanhã - PIOLLIM

ESPAÇO "COMO TEM ZÉ" – PÁTIO DA FEIRA
DIA 22 de 09 às 11 Show de Embolada

ATIVIDADES PARALELAS
DIA 23
05h00 Alvorada Musical Banda Filarmônica e Banda Marcial
08h30 Trilha dos Engenhos - Motociclistas
09h00 City Tour – Condutores Locais
09h00 Eco trilhas – Engenho Lagoa Verde – Cachaça Volúpia
12h00 Almoço com forró Pé-de-serra – Engenho Lagoa Verde

O Festival de Artes Jackson do Pandeiro continua sua programação apresentando mostra municipal de teatro e dança e com outras atrações musicais até o dia 31 de agosto.

CONTATO
Bibiu: (83) 9903.2392
Javancy: (83) 9123.2932

Anexo K- Programação Alagoa Grande 2009

Anexo L- Programação Caminhos do Frio - Rota Cultural 2010

Anexo M- Programação Areia 2010

BANANEIRAS
AVENTURA E ARTE NA SERRA

26 de julho a **01** de agosto

OFICINAS CULTURAIS

ATIVIDADE	PERÍODO	LOCAL
Violão Saxofone Educação Patrimonial Interpretação para cinema Contadores de Histórias Como Elaborar Projetos Culturais Oficina de Máscaras de Papel Maché	26 a 30 de julho	Espaço Cultural Oscar de Castro

OFICINAS CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA	HORÁRIO	LOCAL
Cinema com Pipoca	26 de julho	Tarde	Centro do Idoso
Serenata ao Luar da Serra		22h30	Ruas da cidade
Cinema na escola	27 de julho	Manhã	Escolas Públicas Municipais
Cinema com Pipoca		Tarde	Centro do Idoso
Apresentação do Lesô		20h00	Gruta de Antonia Luzia – zona rural
Cinema na Escola	28 de julho	Manhã	Escolas Públicas Municipais
Mostra de Cinema		Tarde e Noite	Teatro Ivaldo Lucena Espaço Cultural Oscar de Castro
Cinema na Escola	29 de julho	Manhã	Escolas Públicas Municipais
Abertura Oficial		19h30	Espaço Cultural Oscar de Castro Teatro Ivaldo Lucena
Abertura da Exposição de Fotografias: Memória Imaterial de Bananeiras		20h00	Galeria de Arte Pintor Alexandre Filho
Abertura do Festival Gastronômico, banana, tilápia e cachaça		20h00	
Balet Popular da UFPB - Espetáculo Papangús		21h00	Espaço Cultural Oscar de Castro
Espetáculo Papangús		21h30	Praça Epitácio Pessoa
Rogério (voz e violão)		22h30	
SPTU (chorinho e pagode)		23h30	
Peça de Teatro - Zélins, o Pássaro Poeta	30 de julho	17h30	Teatro Ivaldo Lucena (Espaço Cultural Oscar de Castro)
Peça de Teatro - A Farsa do Poder		20h00	
Coral da UFPB		21h30	
Big Band Toque de Vida		22h30	Praça Epitácio Pessoa
Jackson Envenenado		00h00	
Trilha ecológica para Goiamunduba	31 de julho	09h00	Saída do Pátio da Igreja Matriz
Camerata Arte Mulher		20h00	Matriz de N. Senhora do Livramento
Boi de Reis - PETI/Bananeiras		21h30	Praça Epitácio Pessoa
Grupo de Pau e Cordas		22h30	
Caronas do Opala		00h00	
Cavalgada de Sant'ana	01 de agosto	08h00	Zona Rural e ruas da cidade

Anexo N- Programação Bananeiras 2010

SERRARIA
EVENTO, NATUREZA, ENGENHOS E SERESTA

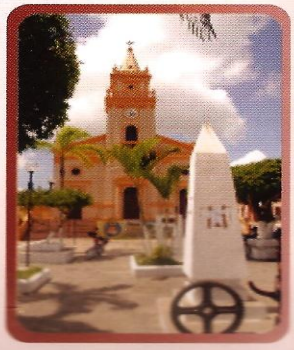
02 a **08** de agosto

OFICINAS CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA	HORÁRIO	LOCAL
Alvorada com cortejo alusivo aos Caminhos do Frio	2 de agosto	06h00	Pelas ruas de Serraria
Inicio da Oficina de Artesanato	2 de agosto	08h00 às 12h00	Salão da Prefeitura
Oficina de Artesanato	2 de agosto	14h00 às 17h00	
Oficina de Teatro	3 de agosto	08h00 às 12h00	
Oficina de Teatro	3 de agosto	14h00 às 17h00	
Oficina Gastronomia da Casa Grande a Senzala	4 de agosto	08h00 às 12h00	
Oficina Gastronomia da Casa Grande a Senzala	4 de agosto	14h00 às 17h00	
Oficina de Grupo Foclorico	5 de agosto	08h00 às 12h00	
Oficina de Grupo Foclorico	5 de agosto	14h00 às 17h00	

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

ATIVIDADE	DIA	HORÁRIO	LOCAL
Apresentação de Grupos Folclórico das cidades de Bananeiras, Alagoinha e Serraria	5 de agosto	19h00	Praça Antônio Bento
Desfile de grupos folclóricos; apresentação da banda marcial das cidades de Serraria e Alagoinha (banda marcial Geraldo Bertrão); após, cortejo alusivo às tradições locais.	6 de agosto	18h00	Pelas ruas da cidade
Inauguração da praça do evento com barracas típicas, tendas gastronômicas	6 de agosto	20h00	Praça do Evento
Apresentação do Boi de Folia	6 de agosto	21h00	Praça Antônio Bento
Banda As Bastianas	6 de agosto	22h00	Praça Antônio Bento
Banda Forró-pé-serra - Os Três do Xamego	6 de agosto	00h00	Praça Antônio Bento
Tarde Cultural Infanto-juvenil - Banda infanto-juvenil de Areia	7 de agosto	16h00	Praça Antônio Bento
Orquestra Sinfônica Infantil na Igreja Matriz - UFPB	7 de agosto	19 horas	Praça do Evento
Seresta com Elpídio e banda	7 de agosto	21 horas	Praça Antônio Bento
Banda de Forró do Paredão - forró pé-de-serra	7 de agosto	23 horas	Praça Antônio Bento
Rota dos engenhos dos Engenhos e Civilização do Açúcar, para os Engenhos Baixa Verde e Martiniano acompanhado com o Trio da Alegria - Forró pé de serra	8 de agosto	10 horas	Saída: Praça Antônio Bento
Encerramento dos Caminhos do Frio	8 de agosto	12 horas	



Anexo O- Programação Serraria 2010

PILÕES
FESTA COM FLORES

09 a **15** de agosto

OFICINAS CULTURAIS

ATIVIDADE	PERÍODO	MINISTRANTE
Oficina da Beleza	09 a 12 de agosto	Alberto Black (Maestro do Mamulengo - SEBRAE)
Dança Regional		
Oficina de Mamulengo		
Oficina de Teatro		

Serão Realizados Movimentos Culturais nas Escolas Municipais e Estaduais, com Resgate de Elementos da Cultura de Pilões

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

ATIVIDADE	DIA	HORÁRIO	LOCAL
Hasteamento dos Pavilhões Municipal, Estadual e Nacional	13 agosto	08h00	Sede da Prefeitura Municipal Praça João Pessoa, 40
Sessão de cinema – Filme "A Bagaceira" e imagens do passado recente de Pilões. Público alvo: Estudantes do Município e visitantes		09h00	Centro Social Padre Mateus
Sessão de cinema – Filme "A Bagaceira" e imagens do passado recente de Pilões. Público alvo: Estudantes do Município e visitantes.		14h00	Centro Social Padre Mateus
Concurso de arranjos de Flores		17h00	Praça João Pessoa
Abertura da Vila do Artesanato		19h00	Praça João Pessoa
Abertura Oficial na Vila Cultural Padre Matheus Com apresentação de danças culturais e artistas locais e regionais		19h30	Praça João Pessoa
Festival Gastronômico da Banana		21h00	CRAS – Centro de Referência de Assistência Social - Praça João Pessoa
Show com o Grupo Paraíba Sim Senhor		22h00	Praça João Pessoa
Caminhada: Trilha Ecológica para a Floricultura (*12km + 2 km de caminhada)	14 de agosto	08h00	Saída: Praça João Pessoa *Parte do percurso em transporte alternativo
Apresentação de Grupo de Dança Grupo de Capoeira		15h00	Vila Padre Matheus
Apresentação do Teatro Pe. Matheus		19h00	Escadaria da Igreja Sagrado Coração de Jesus
Apresentação: Orquestra Sinfônica da URPB		20h00	Igreja Sagrado Coração de Jesus – Centro
Apresentação de grupos de dança e escolha da Rainha das Flores		21h00	Vila Padre Matheus
Show com AS BASTIANAS Escolha da Rainha das Flores 2010 – Show com OS TRÊS DO "XAMEGO"		22h00	Palco da Vila Padre Matheus
Visita a feira livre, com apresentação de Sanfoneiros	15 de agosto	07h00	Pátio da Feira
Trilha Ecológica para a Cachoeira de Ouricuri (*8 km + 2 km de caminhada)		08h00	Praça João Pessoa, a partir das 7h00 *Parte do percurso em transporte alternativo
Chegada do Passeio Ciclístico na Vila Padre Matheus Forró Pé de Serra com o Grupo Asa Branca		10h00	Saída: Concentração no Posto Frei Damião a partir das 7h00h – Guarabira – PB
Missa em Ação de Graças		19h00	Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus
Encerramento com retreta na praça, com a Banda Municipal de Música "Professor Antônio Pinto.		20h30	Praça João Pessoa

Anexo P- Programação Pilões 2010

ALAGOA NOVA
MÚSICA, ARTE E GASTRONOMIA

16 a **22** de agosto

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

ATIVIDADE	PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Amostra do Grupo de Teatro EJC - Alagoa Nova	16 de agosto	19h30	Teatro Municipal Otávio Lima Leite
Amostra de Dança Grupo Os Bultrins - Alagoa Nova/PB Cia. Corpus - Dança - Alagoa Grande-PB	17 de agosto	19h30	
Amostra de Teatro - Casa Caiada - Alagoa Grande-PB	18 de agosto	19h30	
Geração Break Hip Hop – Alagoa Grande Hip Hop – Alagoa Nova	19 de agosto	19h30	
Abertura Solene do Festival de Musica, Arte e Gastronomia. "Orquestra Sanfonica do Cariri" Salão de Artesanato Praça Gastronômica Regional Festival de Gastronomia	20 de agosto	20h00	O MORAESÃO
Show: Sussa de Monteiro e Banda Chapeu de Palha	20 de agosto	22h00	
Praça Gastronômica Regional Salão de Artesanato	21de agosto	10h00	
Forró Pé de Serra		12h00	
Apresentação do grupo cultural Cavalo Marinho da Paraíba		19h00	
Show: Forró da Mãe Joana e Três do Nordeste		22h00	
Praça Gastronômica Regional		10h00	
Praça Gastronômica Regional Salão de Artesanato Marieiza Forró Pé de Serra Show: As Bastianas e Trio de Forró	22 de agosto	19h00	

EVENTOS PARALELOS

ATIVIDADE	PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Trilha da Cachoeira da Boa Bista	21 de agosto	07h00	Saída e chegada: Igreja Matriz de Santa Ana - Alagoa Nova - PB
Forró da Moenda e Banca Chapéu de Palha		11h00	Engenho Serra Preta
Trilha da Barragem de Camará	22 de agosto	09h00	Saída: Igreja Matriz Santa Ana Chegada: Engenho Vitória
Festival da Tilápia Forró Pé de Serra		10h00	Pesque Pague Restaurante São João – Sítio São Tome Alagoa Nova/PB

Anexo Q- Programação Alagoa Nova 2010

ALAGOA GRANDE
FESTIVAL DE ARTES JACKSON DO PANDEIRO

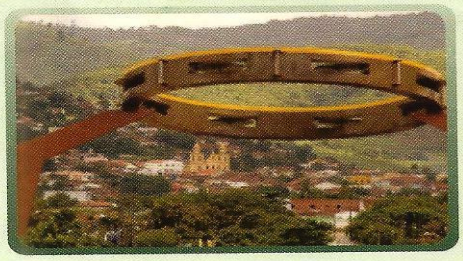
23 a **29** de agosto

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

ATIVIDADE	PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Filarmônica Cônego Firmino Cavalcante	23 de agosto	19h00	Ruas da Cidade
Abertura do Caminhos do Frio 2010		20h00	Teatro Santa Ignêz
Coral - CAIC MUSICART		20h30	
Peça: Os Pecados de Eva - Grupo JUTAG		22h30	
Abertura da II Mostra Municipal de Teatro e Dança	24 de agosto	08h00	Teatro Santa Ignêz
Apresentação cênica das Escolas do Município		14h00	
Dança - Narciso - Cia Korpus		20h00	
AS BRUXINHAS DA POLUIÇÃO - Grupo Os Outros		20h40	
Apresentação cênica do PETI e do PRO-JOVEM	25 de agosto	08h00	Teatro Santa Ignêz
Apresentação cênica das Escolas do Município		14h00	
Edvan Lima - Turuca - Palestra Musical		20h40	
"Esquentai Vossos Pandeiros" - Teatro Voluntário		20h40	
Apresentação cênica do PETI e do PRO-JOVEM	26 de agosto	08h00	Teatro Santa Ignêz
Apresentação cênica das Escolas do Município		14h00	
Dança - Baby Boy - Grupo Os Outros		20h00	
Peça: Voces viram o meu Cachorro? - Grupo JUTAG		20h40	
Resultado das Oficinas - Filme com Marcélia Cartaxo	27 de agosto	14h00	Teatro Santa Ignêz
Danças Regionais - Grupo Rei do Ritmo		20h00	
Peça: O Casamento de Carol - Grupo Gameleira		20h40	
Cine-debate - Festival de curtas - roda de conversa	28 de agosto	14h00	Teatro Santa Ignêz
Show musical - Edvan Lima e Artistas da Terra		20h00	Palco Central
Show musical - Quinteto Violado		22h00	
Show baile - Banda Forró Cultura (regional)		00h00	
Show musical - Banda Mister Murphy	29 de agosto	20h00	Palco Central
Banda Jackson Envenenado		22h00	

OFICINAS CULTURAIS

Pandeiro e Percussão - com percussionistas da cidade
Artes no Barro - com Edmilson Quaresma
Formação de Atores e Atrizes - com Marcelia Cartaxo
Fonoaudiologia – Dicção - com Márcio Miranda
Dança Regional e de Salão - George pai Geu. (grupo Rei do Ritmo)
Pintura em Tela – Carlos Santos - Artista Plástico

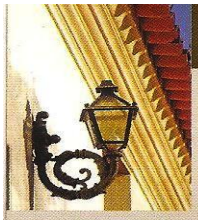


ATIVIDADES CULTURAIS DIVERSAS

ATIVIDADE	PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Mototrilhas - Caminhos dos Engenhos	22 de agosto	08h00	CAIC
I Mostra de Cinema nas Escolas - Grupo Cine Alagoa Grande	23 a 27 de agosto		
Horário de funcionamento do Teatro Santa Ignez, O Museu Casa de Margarida, O Memorial Jackson do Pandeiro e o Salão do Artesanato	23 a 29 de agosto	08h30 às 2200	
II Salão do Artesanato e das Artes Plásticas de Alagoa Grande		09h00 às 22h00	Salão do Artesanato Municipal
É Hora da Cultura na Praça" - Cirandeiras de Caiana dos Crioulos - Repentistas Violeiros - Côco de Embolada Roda de Capoeira - Forró Pró-JACKSON Artistas da terra e convidados diversos	24 a 29	14h30 às 18h00	Coreto – Palco Alternativo
4º Encontro de Dança de Rua de Alagoa Grande - Klose Dancers	28 e 29		
Forró do Turista - Almoço com forró regional	29 de agosto		Restaurante Banguê - Cachaça Volúpia
Lançamento do Cordel - Jackson do Pandeiro Autor: Feliciano Junior		15h00	Memorial Jackson do Pandeiro
I Corrida de Rua Jackson do Pandeiro		08h00	
I Ecotrilha dos Engenhos			

Anexo R- Programação Alagoa Grande 2010

Anexo S- Programação Caminhos do Frio - Rota Cultural 2011



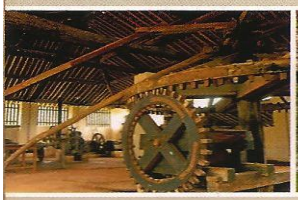
AREIA
FRIO, CACHAÇA E ARTE
18 A 24 DE JULHO
CAMINHOS DO FRIO - ROTA CULTURAL

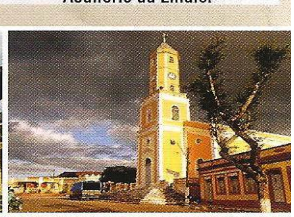
ABERTURA

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Retreta com a Filarmônica Abdón Milanez	18	17h00	Adro do Solar José Rufino
Abertura: Presença de Chico César - Secretário de Cultura da Paraíba Grupo Suave Metal (Areia) - Trio Baião de Três (João Pessoa)		20h00	Teatro Minerva

OFICINAS CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Dança de Rua	19 a 23	09h00	No coreto
Construção de Instrumentos de Percussão (Fernando Maracatu)	19 a 22	14h00	Pátio Interno do Solar José Rufino
Educação Musical com foco na promoção da cidadania (Adolescentes do PETI e do CRAS)			Mercado Central
Escrita Poética			Auditório Emater
Construção do Corpo e do Movimento Cia de dança Contexto (João Pessoa)	22	09h00	PIO XII
Capoeira Angola (DEPA) e Penteado Afro (PMA)	23 e 24	14h30	Solar José Rufino
Maculelê	23		No coreto
Temática Identidade, Negritude e Cidadania	23		Auditório da Emater





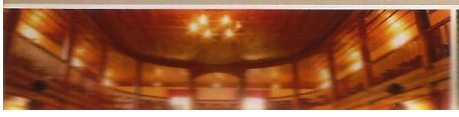
PROGRAMAÇÃO CULTURAL

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Grupo de Tradições Folclóricas Moenda (Areia) Grupo de Stand-up Comedy - Os ideais da Comédia	19	20h00	Teatro Minerva
Apresentação: Grupo Capoeira Angola dos Palmares (Areia)	20	17h00	Em frente ao Solar José Rufino
Espetáculo Teatral: A Feira (Bananeira)		20h00	Teatro Minerva
Comedia: O Casamento de Carol e Grupo de teatro Gameleira (Areia)	21	20h00	
Espetáculo Infantil: O bode e onça (RN) - Entrada: Um Brinquedo (Novo ou usado) para doar às crianças assistidas pelos programas sociais do município	21 e 22	15h00	
Intervenção urbana Espaço, com o grupo de dança Contemporânea	22 e 23	15h00	Praça Central
Festival Regional de Gastronomia	22	17h00	Espaço Arte Horácio de Almeida
Espetáculo: Ensaio Aberto: Me conta que eu faço de conta (grupo recreio Dramático, Areia) Adro da Matriz-Filarmônica Abdon Milanez		20h00	Teatro Minerva
Filarmônica Abdon Milanez		20h00	Adro da Matriz
Apresentação: Tribos Etnos (João Pessoa)	23	17h00	Em frente ao Solar José Rufino
Vivência com o Mestre Nô - Capoeira		17h40	Espaço da Arte Horácio de Almeida
Espetáculo: Fragmentos MUVEE, 3 pontos Grupo Cia de Dança Contexto (João Pessoa)		20h00	Teatro Minerva
Tinho e Banda (Areia)		22h00	Palco Central
Show: Renata Arruda (Paraíba)		23h00	
Banda Jackson Envenenado (Alagoa Grande)		24h00	
Vivência com idosos Berimbau Terapia (DEPA)	24	09h00	Academia de Capoeira
I Encontro de Hip Hop- entrega de Graduações e Trocas de Cordéis		14h00	Quadra do Colégio Estadual
Filarmônica Abdon Milanez		17h00	Ruas da cidade

OUTRAS ATIVIDADES

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Festival de Foundie	19 a 24	19h00 às 23h00	Pousada Villa Real
Roteiro Civilizações do Açúcar/Caminhos dos Engenhos (Degustação: Cachaça do Brejo)	19	18h00	Espaço da Arte Horácio de Almeida
Comercialização e Exposição A Cachaça como Patrimônio Histórico Degustação de Cachaça	20 a 24	09h00	
Amostra: Flores de Areia (Associação Desenvolvimento Sustentável Macacos e Furnas)	20 a 24	09h00	
Visita à Fazenda Pirauá. (Tomar leite no curral) Contato: Trajetos Turismo (3362.2540 ou 8800.0040)	22 e 23	16h30	Solar José Rufino

CONTATO: SECRETARIA DE CULTURA - JANAINA AZEVEDO (83) 8829-6916



Anexo T- Programação Areia 2011(programação fixada antes das chuvas)

ABERTURA

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Retreta com a Filarmônica Abdón Milanez	29	17:00	Adro do Solar José Rufino
Abertura: Presença de Chico César – Secretário de Cultura da Paraíba Grupo Suave Metal (Areia) – Trio Baião de Três (João Pessoa)	29	20:00	Teatro Minerva

OFICINAS CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Oficina de Dança de Rua	29 a 02	09:00	No Coreto
Oficina de Percussão (Fernando Maracatu)	29 a 02	14:00	Pátio Interno do Solar José Rufino
Oficina de Educação Musical com foco na promoção da cidadania (Adolescentes do PETI e do CRAS).	29 a 02	14:00	Mercado Central
Oficina Escrita Poética	19 a 02	14:00	Auditório da Emater
Construção do Corpo e do Movimento Cia de Dança Contexto (João Pessoa)	02	09:00	PIO XII
DEPA: Oficina de Capoeira Angola PMA: Oficina de Penteado Afro	02 e 03	14:30	Solar José Rufino
Oficina de Maculelê	03	14:30	No Coreto

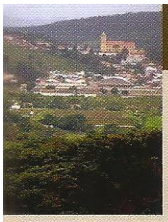
PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Exposição "Tem planta que virou bicho", Cácio Murilo	29	A partir das 9h	Pousada Vila Real
Grupo de Tradições Folclóricas Moenda (Areia) Grupo Stand Up Comedy – Os ideais da Comédia	30	20:00	Teatro Minerva
Apresentação do Grupo Capoeira Angola dos Palmares (Areia)	31	17:00	Em frente ao Solar José Rufino
Espetáculo Teatral: A Feira (Bananeiras)	31	20:00	Teatro Minerva
Comédia: O casamento de Carol Grupo de Teatro Gameleira/ Areia	01	20:00	Teatro Minerva
Espetáculo Infantil: O bode e a onça (RN)- Entrada: Um brinquedo (novo ou usado) para doar às crianças assistidas pelos programas sociais do município.	02 e 03	15:00	Teatro Minerva
Intervenção urbana Espaço, com grupo de dança Contemporânea	02 e 03	15:00	Praça Central
Festival Regional de Gastronomia	02	17:00	Espaço de Arte Horácio de Almeida
Espetáculo: Ensaio Aberto: Me conta que eu faço de conta (grupo recreio dramático, Areia)	02	20:00	Teatro Minerva
Apresentação da Tribos Etnos (João Pessoa)	03	17:00	Em frente ao Solar José Rufino
Vivência com o mestre Nô - Capoeira	03	17:40	Espaço da Arte Horácio de Almeida
Espetáculo: Fragmentos MUVEE, 3 pontos Grupo Cia de Dança Contexto (João Pessoa)	03	20:00	Teatro Minerva
Tinho e Banda (Areia)	03	22:00	Palco Central
Show Renata Arruda (PB)	03	23:00	Palco Central
Banda Jackson Envenenado (Alagoa Grande)	03	24:00	Palco Central
DEPA: Vivencia com idosos Berimbau Terapia	04	09:00	Academia de Capoeira
I Encontro de Hip Hop – Entrega de Graduações e Trocas de Cordéis	04	14:00	Quadra do Colégio Estadual Ministro José Américo de Almeida
Filarmônica Abdon Milanez	04	17:00	Ruas da cidade

OUTRAS ATIVIDADES

Roteiro Civilizações do Açúcar/ Caminhos dos Engenhos (Degustação: Cachaça do Brejo)	29	18:00	Espaço de Arte Horácio de Almeida
Comercialização e Exposição A Cachaça como Patrimônio Histórico Degustação da Cachaça	30 a 04	09:00	Espaço Cultural Horácio de Almeida
Amostra: Flores de Areia (Associação Desenvolvimento Sustentável Macacos e Furnas)	30 a 04	09:00	Espaço Cultural Horácio de Almeida
Visita à Fazenda Pirauá. (Tomar leite no curral). Contato: Trajetos Turismo (3362.2540 ou 8800.0040).	02 e 03	16:30	Solar José Rufino
Festival de Founde	29 a 04	20:00	Restaurante da Pousada Vila Real

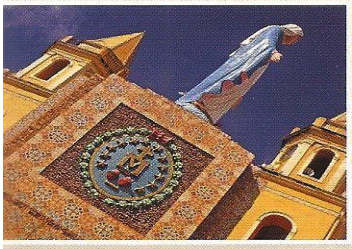
Anexo U- Programação Areia 2011(reprogramada após as chuvas)

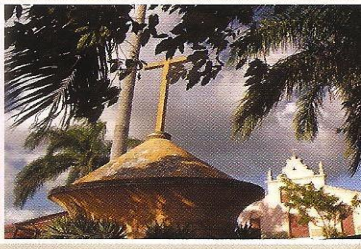


BANANEIRAS
AVENTURA E ARTE NA SERRA
25 A 31 DE JULHO
CAMINHOS DO FRIO - ROTA CULTURAL

OFICINAS CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Percussão - Chiquinho Mino	25 a 28	09h às 12h e 15h às 18h00	Anexo do Museu da Cidade
Fotografia documental (Gustavo Moura) e tratamento de imagem (Wênio)	25 a 28	09h às 12h e14h as 17h30	Espaço Cultural. O. de Castro
Como Elaborar Projetos Culturais - Fernando Abath	25 a 28	09h00 às 12h00	
História e Linguagem do cinema (Bertrand Lira)	26	15h00 às 17h00	
Velas Artesanais - Flávio Soares	26 a 28	14h00 às 18h00	
Circo Recreativo (Trupe Arlequin)	29	10h00 às 12h00	Bananeiras Clube

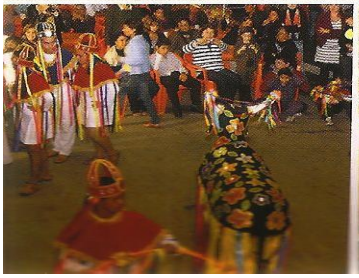




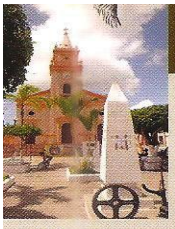
ATIVIDADES CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Cinema com Pipoca	25	Tarde	Centro do Idoso
Cinema na Escola	26	Manhã e tarde	Escolas Públicas Municipais (distritos)
Mostra de curtas (cinema) Fest Aruanda		20h00	Teatro Ivaldo Lucena
Cinema na Escola	27	Manhã e tarde	Escolas Públicas Municipais (distritos)
Apresentação: Lesô e Iapinha		18h00	Gruta de Antônia Luzia (zona rural)
Espetáculo Encantados - Ballet Popular da UFPB		20h30	Teatro Ivaldo Lucena
Serenata ao Luar da Serra		22h00	Ladeiras da cidade
Abertura Oficial	28	19h30	Espaço Cultural Oscar de Castro
Entrega da Medalha de Mérito Cultural de Bananeiras		19h30	Teatro Ivaldo Lucena
Abertura: Exposição de Fotografias Mel do Sal (Gustavo Moura)		21h00	Espaço Cultural Oscar de Castro
Abertura: Festival Gastronômico, banana,tilápia e cachaça		21h30	Espaço Cultural Oscar de Castro
Duduta e seu Regional		22h30	Praça Epitácio Pessoa
Quarteto Antares		23h30	
Teatro: "O casamento de Branco" Grupo AJAC/BN	29	10h00	Feira Livre
Espetáculo de circo (trupe Arlequin)		17h00	Praça Epitácio Pessoa
Teatro: "A várzea da Mula Manca" Cia Alegria de Espetáculo		20h00	Teatro Ivaldo Lucena Espaço Cultural Oscar de Castro
Camerata Arte Mulher		21h30	Praça Epitácio Pessoa
Paraíba Dixieland Jazz		23h00	Praça Epitácio Pessoa
Orquestra Paraíba Pop		00h30	Praça Epitácio Pessoa
Cavalgada de Sant'ana	30	08h00	Zona Rural e ruas da cidade
Trilha ecológica da Cachoeira do Roncador		08h00	Saída: Adro da Igreja Matriz
Conversa Literária com o escritor, dramaturgo e diretor de teatro, Tarcisio Pereira e lançamento de livros de sua autoria		17h00	Museu Municipal
Orquestra Sinfônica da Paraíba		20h00	Matriz de Nossa Senhora do Livramento
Tambores de Bananeiras		21h30	Praça Epitácio Pessoa
Paraíba Jazz com Erick Von Shosten - Participação especial: Cida Lobo		22h30	Praça Epitácio Pessoa
Diana Miranda e banda		00h30	Praça Epitácio Pessoa
Trilha e Visita a Arie de Goiamunduba (Contação de Histórias) D. Terezinha e ao engenho Goiamunduba (Cachaça Rainha)	31	08h00	Saída: Adro da Igreja Matriz

CONTATOS:
ANA GONDIM – 83 9928 1288, 9191 0235, annagondim@yahoo.com.br
MARINA CARLA – 83 9129 7203, marinaeletrica@yahoo.com.br
JANAINA – 83 9302 3858



Anexo V- Programação Bananeiras 2011



SERRARIA

NATUREZA, SERESTA E ENGENHOS

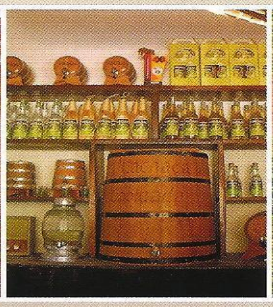
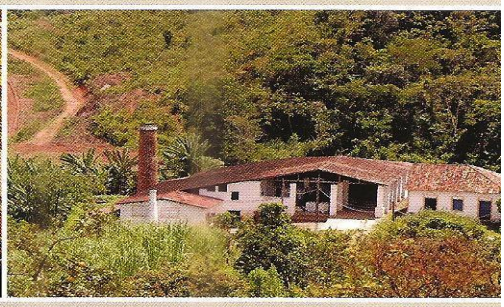
01 A 07 DE AGOSTO

CAMINHOS DO FRIO - ROTA CULTURAL

OFICINAS CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Interpretação Teatral	01 a 03	08h00 às 17h00	Salão da Prefeitura
Coreografia Grupo Folclórico			Clube Recreativo de Serraria
Banda Marcial			Colégio Estadual
Gastronomia Civilização do açúcar			Salão da Associação
Circo Recreativo (Trupe Arlequin)	05	14h00 às 17h00	Escola Francisco Duarte

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Quadrilhas da Escola Local: Escola Profº. Clóvis Lima	04	15h30	Praça Antônio Bento
Quadrilhas da Escola Local: Grupo da Terceira Idade		16h00	
Quadrilhas da Escola Local: Escola Francisco Duarte		16h30	
Quadrilhas da Escola Local: Grupo Folclórico Local		17h00	
Quadrilhas da Escola Local: Escola Antonio Bento		17h30	
Grupos Pró Jovem/PETI		18h00	
Boi de Rei		19h00	
Grupo de Lapinha		20h00	
Abertura: Festival de Gastronomia		20h00	
Apresentação: Seresteira Naninha		22h00	
Apresentação: Sanfoneiros da Região		00h00	
Apresentação: Espetáculo do Circo Arlequin	05	19h30	Praça Antônio Bento
Show Regional: Paraíba Sim Sinhô		21h30	
Show Regional: Inaldo e Paulo Rubéns		23h00	
Show Regional: Chico Ribeiro e Os Cabras de Mateus		00h30	
Tarde Infanto Juvenil: Mini Trio com Fernando Show	06	15h00	Praça Antônio Bento
Apresentação: Banda Sinfônica da Universidade Federal da Paraíba		20h30	
Show Regional: Grupo Chorinho		22h00	
Clã Brasil		23h30	
Os Três do Chamego		01h00	

OUTRAS ATIVIDADES:

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Cavalgada da Fé	07	07h00	Saída: Fazenda Tapuio
		14h00	Chegada: Praça Antônio Bento
Visita aos Engenhos da Cidade		08h00	Saída: Fazenda Tapuio
		14h00	Chegada: Praça Antônio Bento
		14h30	Missa: Igreja Sagrado Coração
Forró Pé-de-Serra		15h30	Praça Antônio Bento

EXPOSIÇÕES

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Mel do Sol de Gustavo Moura	04	20h00	Salão da Prefeitura
Grãos de Prata - Memória Fotográfica	05	18h00	Assoc. dos Filhos de Serraria
Exposição: Lançamento de Livros	06	20h00	Salão da Prefeitura

Anexo W- Programação Serraria 2011

PILÕES

FESTA DAS FLORES, BANANA E ARTES

08 A 14 DE AGOSTO

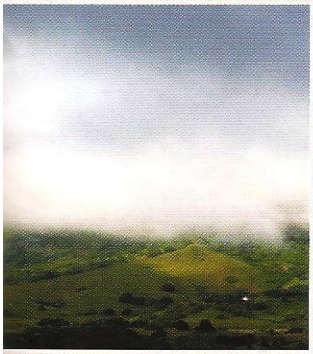
CAMINHOS DO FRIO - ROTA CULTURAL

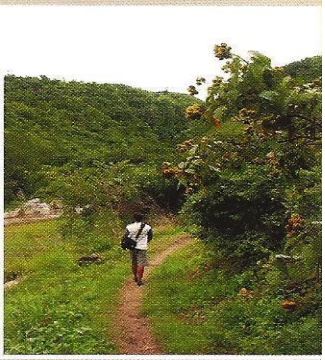
OFICINAS CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Artes com palha da bananeira	08 a 11	8h00 às 11h30 e 13h00 às 16h30	CRAS
Velas artesanais			PETI
Música e canto			Clube Pe. Mateus
Oficina: bonecas de pano			PETI
Oficina: Patrimônio Histórico	08 e 09	13h00 às 17h00	Clube Social Hermes Lira
Circo Recreativo (Trupe Arlequin)	13		

ESPETÁCULOS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Alvorada, Banda Professor Antônio Pinto	11	05h00	Principais ruas da cidade
Coral Luz em Canto do Colégio Nossa Senhora da Luz		15h00	Centro Social Padre Mateus
Grupo de Capoeira		18h00	Praça Pública
Abertura Oficial: Banda do PROJOVEM		20h00	
Show: Os Três do Xamego		21h00	Praça Pública palco principal
Grupo de danças do Peti	12	19h00	Praça Pública
Coral da Assembléia Legislativa da Paraíba		20h00	Igreja Matriz
Festival Gastronômico		21h00	CRAS
Orquestra de Violão da UEPB Campus VIII- Araruna		22h00	Praça Pública
Show: Aleijadinho de Pombal		23h00	Praça Pública - Palco Central
Circo Alerquim	13	19h00	Praça Pública
Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba		20h00	
Quadrilhas do PROJOVEM		21h00	Igreja Matriz
Show: Assisão		22h00	Praça Pública
Missa	14	19h00	Igreja Matriz
Forró Pé-de-Serra (Grupos Locais)		21h00	Praça Pública





OUTRAS ATIVIDADES CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Exposição da história do município	10 e 11	Manhã e Tarde	Clube Social Padre Mateus
Café Cultural Subindo a serra do Espinho (Dra. Marlene Baracuhy) A música encanta a nossa cultura (Cantor e compositor Chico César) A comunicação e expressão cultural (Jornalista e Escritor Abelardo Jurema) A cultura e educação - Diretor da UEPB Campus III- Dr. Belarmino Mariano	12	Manhã	Câmara Municipal
Exposição das artes locais e das oficinas		Tarde	Secretaria de Ação Social
Visita a floricultura	13	07h00	Engenho Avarzeado
Trilha as Cachoeiras de Poço Escuro e Ouricuri		09h00	Sítios Poço Escuro e Ouricuri
Passeio ciclístico	14	08h00	Nas principais ruas
Mostra do Clube Guarafuxa		15h00	Principais ruas da cidade

Anexo X- Programação Pilões 2011

ALAGOA NOVA

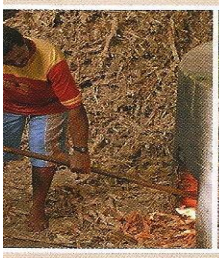
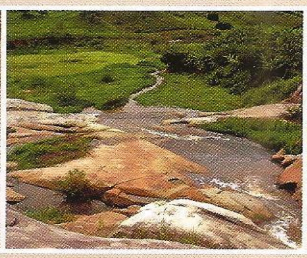
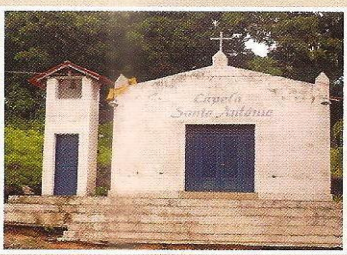
FESTA DA CIVILIZAÇÃO DO AÇÚCAR

15 A 21 DE AGOSTO

CAMINHOS DO FRIO - ROTA CULTURAL

OFICINAS/CURSOS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Curso: Criação de Abelhas e Produção de mel	15 a 19	08h00 às 12h00 e 14h00 às 17h00	Casa do Mel - Sitio Pau D'arco
Curso: Artesanato com Recursos Turísticos no Meio Ambiente	15 a 19	08h00 às 12h00 e 14h00 às 17h00	Sitio Gameleira
Curso de Gastronomia - Comida de Boteco	15 a 19	08h00 às 12h00 e 14h00 às 17h00	O Moraesão
Oficina de Circo	19	08h00 ás 11h00	

APRESENTAÇÕES CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Cinema na Rua: O Alto da Compadecida	16	19h30	O Moraesão
Cinema na Rua: O Bem Amado	17		
Cinema na Rua: A Bagaceira	18		
Espetáculo de Circo: Circo Teatro Itinerante Trio Pirathiny	19	15h00	
Hip Hop - Cultura Art'Boys		18h00	
Shows: Caras do Forró e Forró da Mãe Joana		22h30	
Forró Quentão Banda Forró Chiqui	20	11h00	Engenho Serra Preta
Ciranda do Idoso - Grupo Xaxado do PETI		16h00	O Moraesão
Grupo Arraial de Luzia (Santa Luzia-PB)		20h00	
Shows: Sussa de Monteiro e Os Três do Nordeste		22h30	
Grupo Capoeira Angola Palmares	21	15h00 às 17h00	
Forró do Gonzagão		17h00	
Show: As Bastianas e J. Gomes		20h00	

OUTRAS ATIVIDADES

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Barragem de Câmara - Atividade Esporte de Aventura: Trilha e Rappel	20	07h00	Saída: Igreja Matriz de Santa Ana
Caminhada e Trilha para Cachoeira da Boa Vista	21		
Festival da Tilápia - Trio Canarinho		11h00	Pesque e Paque - Rest. São João
6º Salão de Artesanato Maria Alice - Vila dos Botecos - Trio de Forró	19 a 21	13h00	O Moraesão
Festival Regional de Gastronomia	19	20h00	

CONTATOS: VÂNIA FERREIRA (83) 3365.1058/8105.5169/9919.1432 | vaniafgaldino@yahoo.com.br

Anexo Y- Programação Alagoa Nova 2011

ALAGOA GRANDE

FESTIVAL DE ARTES JACKSON DO PANDEIRO

22 A 28 DE AGOSTO

CAMINHOS DO FRIO - ROTA CULTURAL

OFICINAS CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Pandeiro	22 a 23	08h00 ás 11h00 e 14h00 ás 17h00	Memorial Jackson do Pandeiro
Música e Violino	22 a 24	08h00 ás 12h00	Teatro Santa Ignêz
Maquiagem	23	14h30	Sede Paroquial
Percussão (Tambores)	22 a 26	08h00 ás 11h00 e 14h00 ás 17h00	Salão do Estrela F. C.
Grafitagem	23 e 27	14h00 ás 18h00	Anexo da Biblioteca
Canto	24 e 25	08h00 ás 11h00 e 14h00 ás 17h00	Sede Paroquial
Dança	25 e 26	08h00 ás 12h00	Teatro Santa Ignêz

APRESENTAÇÕES CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Abertura Oficial	22	19h30	Teatro Santa Ignêz
Recital com o Maestro Paulo Barreto		20h00	
Banda de Musica do Exército - 15 RI de João Pessoa		21h00	Largo do Teatro Santa Ignêz
Cinema: Exibição de curta metragem	23	19h30	Teatro Santa Ignêz
Apresentação: Grupo Teatral (Areia)		20h00	
Grupo Musical Baluarte (João Pessoa)		21h00	
Cinema: Exibição de curta metragem	24	19h30	
Dança de Rua: Grupo Close Dancers		20h00	
Apresentação: Grupo Teatral (Bananeiras)		21h00	
Apresentação: Capoeira	25	19h30	
Grupo África Brasil		20h00	
Apresentação Teatral: Grupo Os Outros (Alagoa Grande)		21h00	
Apresentação: Cirandeiras de Caiana	26	20h00	Largo do Teatro Santa Ignêz
Danças Regionais: Grupo Rei do Ritmo (Alagoa Grande)		20h40	
Banca Evoé		21h00	Palco Central - Praça Pública
Show: Banda Jackson Envenenedo		22h00	
Show: Banda Cabrueira		23h30	
Show: Banda Brasis	27	21h00	
Show: Cantor pernambucano Arlindo Mota		22h30	
Os Nonatos		00h00	

OUTRAS ATIVIDADES CULTURAIS

ATIVIDADE	DIA/PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
Lançamento de Livro: Memoria do Tempo - Jornalista Gonzaga Rodrigues - Membro da Academia Paraibana de Letras	20	16h00	Teatro Santa Ignez
5ª Trilha dos Engenhos - Moto	21	08h00	CAIC
Inauguração do Busto de Oswaldo Trigueiro	27	16h00	Praça 27 de março
11ª Cavalgada de Alagoa Grande	28	08h00	BNB Clube
II Passeio Ecológico de Jegues		15h30	Vila São João
V Encontro de Dança de Rua	27 e 28	15h30	Largo do Teatro Santa Ignêz
Tribuna da Música: Espaço para performances musicais	22 e 28	15h00 às 20h00	No Coreto

Anexo Z- Programação Alagoa Grande 2011

Release de Bananeiras para o “Caminhos do Frio – Rota Cultural”

Bananeiras / Paraíba/ Brasil

Cidade das Ladeiras, dos sobrados.
E dos Chalés.
Das Trilhas ecológicas que cruzam a
Cachoeira do Roncador, a reserva.
Florestal de Goiamunduba e as inscrições rupestres de Umarí.
Caminhos do Padre Ibiapina.
Parada obrigatória no Cruzeiro de Roma.
Passagem pelo Túnel Ferroviário
E até a Pousada da Estação.
E ainda um clima frio que só esquenta com
Uma visita aos Caminhos dos Engenhos ou
Com sua presença no Maior São João
Pé de Serra do Mundo.
E, pra completar aqui nasceu o CAMINHOS DO FRIO – ROTA CULTURAL, onde você vai alimentar a alma como uma boa dosagem da cultura brejeira.
Esta é Bananeiras, cidade centenária,
Saudando o Turista que vem nos visitar.